

---

**Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada**

**Programa de Doutoramento em História Contemporânea**

Tese de Doutoramento

**SIMILARIDADES E DIFERENÇAS NAS TRAJETÓRIAS DE  
VIDA DOS INTELECTUAIS BRASILEIROS JOÃO RIBEIRO  
E CLODOMIR SILVA: UMA BIOGRAFIA COMPARADA**

**Renaldo Ribeiro Rocha**

Orientador(es) | Fernando Martins  
Antonio Lindvaldo Sousa

Évora 2026

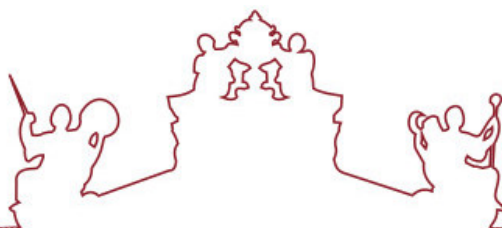
---

---

---

---

---



---

**Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada**

**Programa de Doutoramento em História Contemporânea**

Tese de Doutoramento

**SIMILARIDADES E DIFERENÇAS NAS TRAJETÓRIAS DE  
VIDA DOS INTELECTUAIS BRASILEIROS JOÃO RIBEIRO  
E CLODOMIR SILVA: UMA BIOGRAFIA COMPARADA**

**Renaldo Ribeiro Rocha**

Orientador(es) | Fernando Martins  
Antonio Lindvaldo Sousa

Évora 2026

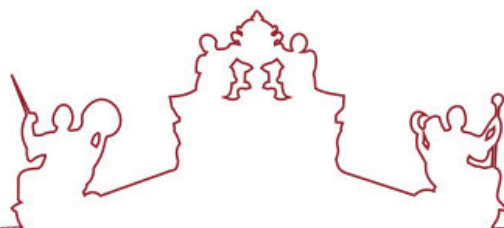
---

---

---

---

---



A tese de doutoramento foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor do Instituto de Investigação e Formação Avançada:

Presidente | Paulo Eduardo Guimarães (Universidade de Évora)

Vogais | António Cândido Franco (Universidade de Évora)  
Fernando Martins (Universidade de Évora) (Orientador)  
Maria Isabel Carvalho Corrêa da Silva (Universidade de Lisboa)  
Rogério Rosa Rodrigues (Universidade do Estado de Santa Catarina)  
Rui Manuel Monteiro Lopes Ramos (Universidade de Lisboa)

*Para minha mãe, Terezinha Ribeiro Rocha, e para o meu pai, Antônio Luiz da Rocha (In memoriam).*

Para a profissão de jornalista muito mais precisos se impõem conhecimentos, educação, delicadeza e sinceridade. (...) Escrever é fácil; ser jornalista é difícil. falar a verdade ao povo, ser leal, encarar o jornal como “uma janela aberta para a vida”, poucos o fazem.

**Clodomir de Souza e Silva.** Quem não sabe a arte... A República, n. ° 80, 14 de abril de 1932, p. 1.

O santo de hoje, do meu agiologio, não é, porém, nenhum daquelles quarenta arrolados oficialmente pela Igreja. O meu santo de 24 de junho é S. João Ribeiro, o grammatico, S. João Ribeiro, o escritor, S. João Ribeiro, o sábio, em summa o S. João Ribeiro das Letras brasileiras, que hoje completa 73 anos e tem, adquiridos no estudo e na vida o saber a experiência de 73 séculos.

**Humberto de Campos(Ribeiro, 1934)**

# **SIMILARIDADES E DIFERENÇAS NAS TRAJETÓRIAS DE VIDA DOS INTELLECTUAIS BRASILEIROS JOÃO RIBEIRO E CLODOMIR SILVA: UMA BIOGRAFIA COMPARADA**

## **Resumo**

Esta tese apresenta a trajetória de vida de dois intelectuais sergipanos que percorreram caminhos distintos e ao mesmo tempo, encontraram-se em muitos aspectos constitutivos em suas carreiras profissionais. A pluralidade de atuações em áreas como o jornalismo, o magistério, a direção e elaboração de almanaques, além da publicação de livros, demonstra o quão plural tinha que ser um intelectual no final do século XIX e primeiras décadas do XX. Suas vidas foram marcadas por modelos de compreensão e explicação de uma brasilidade com aspectos peculiares. O objetivo de compor uma nacionalidade cultural, era amparada por conceitos teóricos germânicos, tão ao gosto de João Ribeiro. A busca de uma autêntica expressão da cultura popular sergipana, ancorada nos estudos de Silvio Romero, deram a Clodomir Silva, um propósito de valoração e divulgação das manifestações folclóricas sergipanas, como expressão legítima do que ele denominou de povismo.

Palavras-chave: Biografia, História dos Intelectuais, João Ribeiro, Clodomir Silva.

# **SIMILARITIES AND DIFFERENCES IN THE LIFE TRAJECTORIES OF BRAZILIAN INTELLECTUALS JOÃO RIBEIRO AND CLODOMIR SILVA: A COMPARATIVE BIOGRAPHY**

## **Abstract**

This thesis presents the life trajectories of two intellectuals from Sergipe who followed distinct paths and, at the same time, found common ground in many constitutive aspects of their professional careers. Their plural activities in fields such as journalism, teaching, editing and producing almanacs, as well as publishing books, demonstrate how multifaceted an intellectual had to be at the end of the 19th century and the first decades of the 20th century. Their lives were shaped by models for understanding and explaining a sense of Brazilian identity with unique characteristics. The goal of shaping a cultural nationality was supported by German theoretical concepts, much appreciated by João Ribeiro. The pursuit of an authentic expression of Sergipe's popular culture, anchored in the studies of Silvio Romero, gave Clodomir Silva a purpose to value and promote Sergipe's folkloric manifestations as a legitimate expression of what he called "povismo" (people-ism).

Keywords: Biography, History of Intellectuals, João Ribeiro, Clodomir Silva.

## Lista de figuras

|                                                                                                                                                                                                                                                                                      |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Rua da Aurora na cidade de Aracaju, em princípio do século XX. Disponível em: <a href="https://images.app.goo.gl/hrHhxYMW38PPVA3z8">https://images.app.goo.gl/hrHhxYMW38PPVA3z8</a> .....                                                                                 | 27 |
| Figura 2 – Delimitação oficial do perímetro urbano da cidade de Laranjeiras tombado nos níveis municipal, estadual e federal. Fonte: Lícia Contrin Carneiro Leão, O espaço livre público e a visão cotidiana da paisagem: o caso do centro histórico de Laranjeiras – SE, 2011. .... | 27 |
| Figura3 – Planta da Praça Samuel de Oliveira, área comercial de Laranjeiras. Fonte: Lícia Contrin Carneiro Leão, O espaço livre público e a visão cotidiana da paisagem: o caso do centro histórico de Laranjeiras – SE, 2011.....                                                   | 28 |
| Figura 4 – Fachada da casa da família do avô de João Ribeiro, onde viveu sua infância e juventude, na cidade de Laranjeiras. Fonte: Acervo da prefeitura da cidade de Laranjeiras.                                                                                                   | 31 |
| Figura 5 – Prédio do Colégio Atheneu Sergipense, por volta do ano de 1910. Fonte: João Emílio Gontijo, Carlos Cornejo. <i>Lembranças do Brasil: as capitais brasileiras nos cartões postais e álbuns de Lembranças</i> . São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2004, p158.....       | 34 |
| Figura 6 – Inscrição nos Exames de Álgebra e Língua Inglesa - 1875, de João Ribeiro. Fonte: Livro de Atas do Atheneu Sergipense, depositado no CEMAS. ....                                                                                                                           | 35 |
| Figura 7 – Primeiro prédio do Colégio Atheneu Sergipense – Década de 1870. Hoje o prédio abriga a Câmara de Vereadores de Aracaju. Fonte: Álbum Atheneu Sergipense. ....                                                                                                             | 38 |
| Figura 8 – Anúncio no <i>Jornal de Sergipe</i> , de 15 de janeiro de 1881, edição 02, ano XV, p. 04. Fonte: Hemeroteca Digital Biblioteca Nacional.....                                                                                                                              | 40 |
| Figura 9 – João Ribeiro e sua esposa Dona Maria Luíza da Fonseca Ramos. Fonte: Acervo da Casa de Cultura João Ribeiro, em Laranjeiras. Caixa 25, Doc: 00139, Fundo Iconográfico. ....                                                                                                | 45 |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 10 – Fachada da Livraria Garnier, na Rua do Ouvidor, na cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Ubiratan Machado. <i>História das Livrarias Cariocas</i> . (São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2012): 120. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | 61 |
| Figura 11 – Fachada da Livraria Francisco Alves, na Rua do Ouvidor, na cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Ubiratan Machado. <i>História das Livrarias Cariocas</i> . (São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2012): 120. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | 62 |
| Figura 12 – Paisagem atribuída a João Ribeiro. Fonte: Acervo Permanente da Casa Cultura João Ribeiro em Laranjeiras. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 66 |
| Figura 13 – Paisagem atribuída a João Ribeiro. Fonte: Acervo Permanente da Casa de Cultura João Ribeiro em Laranjeiras. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | 66 |
| Figura 14 – Requerimento de provisão de Clodomir Silva para atuar como advogado. Fonte: Arquivo Geral do Judiciário. Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | 84 |
| Figura 15 – Foto de reunião informal de homens de letras e artistas plásticos em 1901. De pé: Rodolfo Amoedo, Artur Azevedo, Inglês de Sousa, Bilac, Veríssimo, Bandeira, Filinto de Almeida, Guimarães Passos, Valentim Magalhães, Rodolfo Bernardelli, Rodrigo Octavio, Heitor Peixoto; sentados: João Ribeiro, Machado, Lúcio de Mendonça e Silva Ramos. Disponível em: <a href="https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:A_Panelinha.jpg">https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:A_Panelinha.jpg</a> . Acesso em: 31 ago 2025. .... | 88 |
| Figura 16 – Francisco Alves de Oliveira, livreiro e autor. Fonte: NEVES, Fernão. <i>A Academia Brasileira de Letras: notas e documentos para a sua história, 1896-1940</i> . Rio de Janeiro: ABL, 2008. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | 92 |
| Figura 17 – Quadro de Florentino Teles de Menezes. Acervo do IHGSE. Pintura de Arthur Sant’Ana. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 96 |
| Figura 18 – Sede do IHGSE inaugurada em 1939 - Rua Itabaianinha, 41. Foto: José de Oliveira B. Filho. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | 97 |

|                                                                                                                                                                                                                                                      |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 19 – Fundadores das 18 cadeiras iniciais da Academia Sergipana de Letras. Salão nobre do Edifício da Assembleia Legislativa. Da esquerda para a direita, temos Clodomir na quinta posição. Fonte: Acervo da Revista da ASL, n.º 1, 1931. .... | 100 |
| Figura 20 – Chegada da vanguarda da Coluna Juraci Magalhães a Propriá, sob o comando de Agildo Barata, às margens do rio São Francisco, em 1930. ....                                                                                                | 106 |
| Figura 21 – Em destaque, a casa de Clodomir Silva, na cidade de Aracaju. Fonte: Clodomir de Souza e Silva. Álbum de Sergipe (1820-1920). São Paulo, 1920, p. 115. ....                                                                               | 108 |
| Figura 22 – Cemitério Santa Isabel, em Aracaju. À esquerda, imagens do cemitério e jazigo à época em que Clodomir Silva foi sepultado. À direita, imagem atual do cemitério. ....                                                                    | 108 |
| Figura 23 – Primeira edição do Almanaque Brasileiro Garnier, 1903. ....                                                                                                                                                                              | 113 |
| Figura 24 – Capa do <i>Almanack de Sergipe</i> , 1927. ....                                                                                                                                                                                          | 121 |
| Figura 25 – Homenagem do <i>Almanack de Sergipe</i> ao seu diretor e intelectual. ....                                                                                                                                                               | 121 |
| Figura 26 – Capa e folha de rosto do <i>Almanack de Sergipe</i> , números 3 e 4, anos de 1929 e 1930. ....                                                                                                                                           | 122 |
| Figura 27 – Ponte do Imperador, na avenida Rio Branco. ....                                                                                                                                                                                          | 123 |
| Figura 28 – Residência da tradicional família Dantas em Aracaju, na rua de Estância. <i>Almanack de Sergipe</i> , 1927, p. 68. ....                                                                                                                  | 123 |
| Figura 29 - Propaganda do Cine Universal. Divulgação do filme Palácio de Coral, no <i>Almanack de Sergipe</i> , 1927, p. 105. ....                                                                                                                   | 124 |
| Figura 30 – Capa da primeira edição da Revista Brasileira. ....                                                                                                                                                                                      | 126 |
| Figura 31 – Contracapa da primeira edição da Revista Brasileira. ....                                                                                                                                                                                | 127 |
| Figura 32 – Revista Kosmos. Capa da segunda edição de fevereiro de 1904, ano 1. ....                                                                                                                                                                 | 130 |
| Figura 33 – Capa da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Disponível em: <a href="https://periodicos.ufs.br/rihgse/issue/view/869">https://periodicos.ufs.br/rihgse/issue/view/869</a> . Acesso em: 6 ago. 2025. ....              | 131 |
| Figura 34 – Construção da Avenida Central, em 1912, foi denominada Avenida Rio Branco. ....                                                                                                                                                          | 136 |

|                                                                                                                                                                                                                                                  |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 35 – Rua da Carioca (1905), demolições na reforma Pereira Passos. ....                                                                                                                                                                    | 137 |
| Figura 36 – João Ribeiro. Disponível em:<br><a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/da/Jo%C3%A3o_Ribeiro.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/da/Jo%C3%A3o_Ribeiro.jpg</a> .<br>Acesso em: 12 set. 2025. .... | 150 |
| Figura 37 – Túmulo de João Ribeiro, S. João Batista. Fonte: Acervo fotográfico da Casa João<br>Ribeiro em Laranjeiras, Sergipe.....                                                                                                              | 151 |
| Figura 38 – Palacete do Tribunal da Relação no cruzamento das ruas Itaporanga com a rua<br>Araúá. Em destaque um bonde à tração animal. ....                                                                                                     | 153 |
| Figura 39 – Instituto Parreiras Horta em Aracaju- SE, 1931. ....                                                                                                                                                                                 | 155 |
| Figura 40 – Penitenciária Modelo na cidade de Aracaju. ....                                                                                                                                                                                      | 156 |
| Figura 41 – Sílvia Romero. Disponível em: <a href="http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/145">http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/145</a> .<br>Acesso em: 30 set. 2025. ....                                                         | 164 |
| Figura 42 – Tobias Barreto. Disponível em: <a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/Tobias_Barreto">https://pt.wikipedia.org/wiki/Tobias_Barreto</a> .<br>Acesso em: 30 set. 2025. ....                                                            | 164 |

## Agradecimentos

Agradecer é um ato de generosidade, mas acima de tudo um reconhecimento aos que te reservaram alguns minutos para te ouvir num momento de angústia, emprestaram livros, oportunizaram sites, realizaram tarefas técnicas diante da limitação do conhecimento tecnológico, dentre tantas outras colaborações. Por isso mesmo a tarefa de agradecer a todos e todas que deram a sua colaboração para a finalização desta tese, se faz necessário, apesar das injustiças que serão provavelmente cometidas pelo esquecimento, afirmo que não é proposital.

Começo agradecendo a Minha Família, de modo particular a minha mãe, Terezinha Ribeiro Rocha, ao meu pai, Antônio Luiz da Rocha (*In memoriam*), a minha tia Telma, a José Carlos seu esposo, ao meu irmão José Robson Ribeiro Rocha, José Remerson Ribeiro Rocha e demais componentes dessa família amada.

Aos meus orientadores, Fernando Manuel Santos Martins, Antônio Lindvaldo Sousa, por tantos momentos de trocas produtivas e crescimento na compreensão do tema tratado. Por estar na mesma cidade e por fazer parte do grupo de Pesquisa “Culturas, Identidades e Religiosidades” liderado por Antônio Lindvaldo (GPCIR), pude ampliar os horizontes da tese. A gratidão é uma palavra que não comporta todo o meu reconhecimento diante da generosa contribuição para a conclusão desta cansativa jornada.

A Universidade de Évora pelo alto nível do doutoramento em História Contemporânea levado a cabo por uma equipe de professores e professoras de muita competência.

Aos amigos, Nsambo Vicente de Angola e Maria do Rosário, Portugal, pelos inúmeros momentos de pacientes explicações sobre os trâmites burocráticos, próprios de cada instituição, além dos prazerosos momentos em sala de aula em Évora.

As instituições de guarda da memória, seja no Rio de Janeiro no Arquivo da Academia Brasileira de Letras, seja em Aracaju na Biblioteca Pública Epifânio Dória (BPED), o Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES), o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), a Casa de Cultura João Ribeiro (Laranjeiras -SE), o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS). Em todas essas instituições pude contar com a presteza de seus dirigentes e dos funcionários, que se desdobravam em conseguir as inúmeras solicitações documentais. Muito obrigado a todos e todas por tornarem a vida do pesquisador menos penosa.

Agradecer de modo particular aos demais componentes do Grupo de Pesquisas “Culturas, Identidades e Religiosidade” (GPCIR) os diversos debates, análises e construções de momentos ricos de troca, amizade e muita música.

Agradeço também ao amigo Gilfrancisco dos Santos, por sua generosidade em partilhar fontes, e discutir ideias acerca dos biografados.

Gostaria de agradecer de modo especial ao amigo Cledivaldo Pereira Pinto, responsável por todo o processo de diagramação, correção e, em muitos momentos, um fino revisor. A você, Cledivaldo, o meu reconhecimento por tantas horas de trabalho nesse processo de construção dessa tese, sem a sua ajuda, ousar dizer que não teria chegado ao bom termo desta jornada.

Agradecer aos amigos de longos anos de vida, Denison Santos Silva, Wilembergue Oliveira, Juscicleidia Gameleira, Mônica Dantas, Carlos Marcelo, Josival Bezerra, Tadeu Teixeira, dentre outros.

Por fim, aos que acreditaram na finalização desta tese e torceram para o bom andamento nas pesquisas, escrita e conclusão desta experiência acadêmica enriquecedora.

## Sumário

|     |                                                                                                                                                 |     |
|-----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1   | INTRODUÇÃO .....                                                                                                                                | 13  |
| 2   | A AÇÃO DE JOÃO RIBEIRO ENTRE A INTELLECTUALIDADE NO RIO DE JANEIRO NO PERÍODO DE 1881 A 1910 .....                                              | 22  |
| 2.1 | Primeiros passos de uma trajetória.....                                                                                                         | 22  |
| 2.2 | A ação dos intelectuais por meio dos jornais .....                                                                                              | 46  |
| 2.3 | Os homens de letras e sua relação com a capital federal .....                                                                                   | 56  |
| 3   | JOÃO RIBEIRO E CLODOMIR SILVA: O DESENVOLVIMENTO DOS ESPAÇOS DA <i>INTELLIGENTIA</i> BRASILEIRA EM MEIO AOS EMBATES DA PRIMEIRA REPÚBLICA ..... | 67  |
| 3.1 | A busca pela legitimação do “poder” de uma categoria .....                                                                                      | 67  |
| 3.2 | A Academia Brasileira de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como <i>locus</i> de nacionalismo .....                         | 85  |
| 3.3 | O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a Academia Sergipana de Letras: a busca da sergipanidade .....                                  | 94  |
| 4   | O PAPEL DOS PERIÓDICOS NA DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO E DE UMA NACIONALIDADE NAS TRÊS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX .....                       | 109 |
| 4.1 | Em busca de uma nacionalidade por meio dos jornais .....                                                                                        | 109 |
| 4.2 | Os almanaques e suas lições.....                                                                                                                | 112 |
| 4.3 | As revistas e seus múltiplos formatos e objetivos.....                                                                                          | 124 |
| 5   | OS INTELLECTUAIS JOÃO RIBEIRO E CLODOMIR SILVA E SEUS CAMPOS DE ATUAÇÃO: UMA ABORDAGEM COMPARADA.....                                           | 133 |

|     |                                                                                               |     |
|-----|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 5.1 | Aspectos da biografia de João Ribeiro e Clodomir Silva em tempos de mudança (1900-1932) ..... | 133 |
| 5.2 | João Ribeiro e Clodomir Silva: similaridades .....                                            | 157 |
| 5.3 | João Ribeiro, o germanófilo X Clodomir Silva, o regionalista .....                            | 162 |
| 6   | CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                                     | 168 |
|     | FONTES .....                                                                                  | 170 |
|     | BIBLIOGRAFIA .....                                                                            | 173 |
|     | ANEXOS .....                                                                                  | 185 |
|     | Anexo 1 – Textos publicados em periódicos por João Ribeiro .....                              | 185 |
|     | Anexo 2 – Textos publicados em periódicos por Clodomir Silva .....                            | 215 |
|     | Anexo 3 – Certidão de óbito de João Ribeiro .....                                             | 258 |
|     | Anexo 4 – Certidão de óbito de Clodomir de Souza e Silva .....                                | 260 |

## 1 Introdução

Ao nos debruçarmos sobre os autores que primeiro trataram das questões relativas ao ambiente político-cultural do Rio de Janeiro e de Aracaju com suas especificidades nas primeiras décadas do século XX, verificamos que algumas obras merecem um olhar mais acurado. É importante o seu contributo para a análise da relação entre os intelectuais e a produção nos periódicos que circularam de 1881 até 1934, assim como a qualidade das reflexões veiculadas por essas publicações e as trajetórias de vida dos personagens em foco nesta tese.

Duas biografias merecem algumas considerações. Dado o seu pioneirismo, a primeira tem um viés de proximidade e conhecimento com o biografado, pois é um relato confessional de um filho sobre o pai que havia morrido há pouco tempo. Referimo-nos a Joaquim Ribeiro, filho e cultor da memória do pai e de sua obra: *9 Mil dias com João Ribeiro* (1934). Essa obra é apresentada como não sendo uma biografia no sentido estrito do termo; porém, é exatamente a isso a que ela se presta, na medida em que nos apresenta o intelectual no seu aspecto mais íntimo e familiar. Essa forma de apresentar seu pai não desmerece o trabalho em si, porém deixa a referida biografia com uma visão plena de tendenciosidade, por ter o biógrafo uma missão: construir um altar onde a figura insigne de João Ribeiro deveria ser entronizada. Mesmo diante dessa característica, não se pode deixar de perceber os elementos históricos contidos naquela narrativa plena de nuances que nem todos tiveram a oportunidade de vislumbrar, e que demonstram o lado humano daquele que muitos viam apenas como homem dotado de talentos múltiplos, um verdadeiro polígrafo, que soube transitar no seu tempo pleno de mudanças (Rodrigues, 2015).

No artigo de Rogério Rosa Rodrigues, *Traços biográficos de João Ribeiro ou as muitas faces de João Viva a São João* (2013), fica evidente o estilo de Joaquim Ribeiro. Nele, “a narrativa aparece em primeira pessoa e flui como obra de memória, sem preocupação com o

encadeamento cronológico, embora com certa precisão no registro das fontes, tais como data e local ou qual crônica ou texto publicado por algum amigo ou crítico sobre João Ribeiro”<sup>1</sup>.

No artigo, o autor se reporta a Joaquim Ribeiro:

Este livro não é romance. Nem biografia. Não é retrato. Nem caricatura de João Ribeiro. É apenas um pouco do ceticismo voltairiano, de sua maliciosa jovialidade, de sua vida íntima e anedótica, enfim de suas virtudes defeituosas e de seus defeitos virtuosos (Ribeiro, 1934, p. 7).

A segunda obra, *João Ribeiro: Estudos críticos* (1934), é fruto de um discípulo dileto do biografado: Mucio Leão<sup>2</sup>. Nela o autor nos apresenta o homem que, na sua opinião, foi um dos maiores intelectuais que o Brasil gerou naquela fase transitória do século XIX para o XX. A relação de admiração e reverência do pernambucano pelo sergipano ilustre se deu ao longo da permanência do jovem Mucio no Rio de Janeiro até a morte do mestre em 1934. A relação estabelecida entre ambos se consolidou no campo literário e na lida constante na atividade jornalística.

O estudo realizado demonstra, pela sua estruturação em 15 capítulos, o conhecimento e a intimidade do autor com os “textos jornalísticos, correspondências e depoimentos de e sobre João Ribeiro”. Leão busca evidenciar o escritor e os seus múltiplos campos de atuação, destacando dois aspectos que, na visão do biógrafo, constituem a essência do biografado, ou seja, a atuação de João Ribeiro como crítico literário e “precursor do modernismo”. Embora contendo uma multiplicidade de temas autônomos entre si, o mérito da obra é sugerir possibilidades interpretativas acerca do intelectual em foco, cuja produção multifacetada nos dá a condição de formular “novos retratos de João Ribeiro”. Rodrigues (2013: 387) nos apresenta os silêncios que a referida biografia encerra: “a filiação

---

<sup>1</sup> Rogerio Rosa Rodrigues, *Traços biográficos de João Ribeiro ou as muitas faces de João Viva a São João* (São Paulo. V. 32, n. 1, jan/jun, 2013): 382.

<sup>2</sup> Para uma melhor compreensão do autor verificar a seguinte obra: Murilo Melo Filho, *Mucio Leão: Centenário*. (Rio de Janeiro Academia Brasileira de Letras, 2001); e Rogerio Rosa Rodrigues, *Traços biográficos de João Ribeiro ou as muitas faces de João Viva a São João* (São Paulo. V. 32, n. 1, jan/jun, 2013): 377-400.

político-partidária de João Ribeiro, assim como as dificuldades financeiras enfrentadas em seu ingresso na capital do Brasil”.

Na tese de João Fabio Bittencourt, *A vida literária no Brasil – Época Modernista: um projeto de Brito Broca e Alexandre Eulálio* (2017), encontramos uma densa pesquisa acerca da obra de Britto Broca, em que o autor nos revela o manancial de pesquisador de Broca, quando afirma que “pôde criar um estilo próprio de cronista literário, gênero no qual concentrava toda sua erudição.” Antônio Candido chama a atenção para o vasto conhecimento literário e a habilidade em levantar documentos relevantes a uma época. E é assim que Broca dispersou pelos jornais grande parte de sua obra (Candido, “Prefácio”, p. 17 apud: Broca 1981).

No campo da biografia, é crucial observarmos a obra de François Dosse: *O Desafio Biográfico* (2015). Sua relevância está numa reflexão acurada dos desafios pertinentes ao ato de narrar e compreender uma vida. Segundo Dosse (2015: 11), “A biografia, como a história, escreve-se no presente, numa relação de implicação ainda mais forte quando há empatia por parte do autor. [...] A biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias”. Na referida obra, o autor nos apresenta os métodos, as dificuldades e as contribuições do gênero biográfico na escrita histórica, observando as modalidades disponíveis e os caminhos que devem ser percorridos no ato de recompor uma trajetória de vida. Dosse comenta e destaca as mudanças experimentadas pelo gênero biográfico ao longo dos séculos e diferencia três importantes categorias de abordagens biográficas: a idade heroica, a idade modal e, por fim, a idade hermenêutica. O autor enfatiza que a passagem de uma para a outra não corresponderá ao seu desaparecimento, mas a uma convivência, na qual haveria coexistência de modelos, ainda que cerceados pela hegemonia de uns sobre os outros.

Quando o Dr. Helder Adegar Fonseca publicou o artigo “*Agostinho Neto e a Historiografia Biográfica*” (2018), na Revista de Teoria da História, da Universidade Federal de

Goiás, apresentou-nos um panorama pormenorizado das modalidades de escritas biográficas, acerca de um personagem emblemático da História de Angola e que desempenhou um papel de importância crucial no processo de independência de seu país, no contexto das descolonizações dos anos 60 e 70 do século passado. Nesse abrangente artigo, o autor faz uma apresentação do biografado de modo a que o leitor, mesmo desconhecendo o tema em questão, tenha condições de vislumbrar essa personagem e seu tempo, além de poder perceber como esse tema foi amplamente trabalhado, pois explora o caráter transnacional do personagem. Lembremos que Agostinho Neto experimentou, ao longo de sua trajetória de vida, inúmeras mudanças territoriais, pessoais, culturais e política, o que tornou sua existência suscetível a múltiplas narrativas.

Diante de um campo tão amplo e complexo quanto o da pesquisa biográfica, Fonseca (2018) nos conduz a uma série de medidas essenciais no trato com as biografias relativas à vida de Agostinho Neto, estabelecendo um verdadeiro corolário de práticas epistemológicas necessárias à análise que o autor propôs produzir. As referidas medidas começam com a revisão da literatura sobre o tema, notadamente as de caráter enciclopédico. Com o avanço das pesquisas, nota-se uma “perspectiva interpretativa mais essencialista, subjetivamente orientada e claramente paralela” (2018: 142). Segundo Barman (2010), as biografias podem ser classificadas nas seguintes categorias: celebratória, psicobiografia, narrativa, contextual e construtivista, esta última categoria realçada pelo autor, devido ao seu grau de exigência:

Nos planos teóricos, metodológicos e empíricos; organiza-se a partir da reconstrução da vida vivida dos biografados; é dotada de uma estrutura temática multifacetada, integradora das controvérsias e relacional com o texto, que combina descrição da vida, acontecimentos literários e análise histórica, cujo potencial reside nesta natureza multifacetada, permitindo a convivência dos tipos cartesianos” (2010, p. 144).

O fascínio exercido pela riqueza que as trajetórias individuais despertam no historiador deve servir de combustível nesse intrincado e complexo campo da elaboração de

uma biografia, e é exatamente por esse desejo de construir algo potencialmente rico na sua abordagem epistêmica que Fonseca (2018) nos brinda com a seguinte proposição:

Biografia histórica está na capacidade de compatibilizar a dicotomia entre o indivíduo e a sociedade, entre o processo e o contexto, e renovar as perspectivas históricas sobre o passado, integrando o fator individual. Para tanto é preciso problematizar, integrar na narrativa o debate e as intercessões entre a vida vivida e narrada do biografado e procurar respostas para esses problemas numa investigação sólida, construída como processo (2018, p. 172).

Um outro relevante texto sobre as singularidades da escrita biográfica é do autor francês Philippe Levillain, que nos apresenta no artigo *Os Protagonistas: da Biografia* (2003) um conjunto de reflexões sobre o ato de realizar uma narrativa biográfica e as implicações decorrentes desse processo. O autor constata que, na atualidade, há uma certa unanimidade no meio dos historiadores, sobre as agruras do ato de reconstruir a trajetória de um indivíduo, alicerçando-o no contexto em que residiu, as experiências que vivenciou, as facetas que demonstrou, ou seja, o ato de existir e trocar, além de deixar registrado no meio social onde viveu as características que marcaram uma existência. Essa tarefa, na opinião de Levillain (2003), em nada é simples, pois essa revalorização se processou em meio a um cenário onde a “importância atribuída à biografia demonstrava que seu status continuava impreciso e sua inserção na historiografia era discutível” (2003, p. 162).

O que não podia deixar de ser notado era o progressivo aumento da produção biográfica na França e posteriormente em outros países da Europa e Estados Unidos. Em grande medida por duas razões primordiais: a primeira diz respeito à crise experimentada pelo Socialismo nos anos 70 e 80; a segunda é de caráter epistêmico, ou seja, a “libertação de uma história quantitativa e serial que havia subjugado a história factual” (2003, p. 162). Tais mudanças implementaram uma revalorização da História Política e, por extensão, de uma narrativa cuja virtude está atrelada à possibilidade de narrar a “liberdade dos homens, a liberdade dos Estados” (2003, p. 164). Assim, Levillain (2003) assevera:

A biografia reassume uma função a meio caminho entre o particular e o coletivo, exercício apropriado para identificar uma figura num meio, examinar o sentido adquirido por uma educação distribuída a outros segundo os mesmos modelos, analisar as relações entre desígnio pessoal e forças convergentes ou concorrentes, fazer o balanço entre o herdado e o adquirido em todos os domínios (2003, p. 165).

Assim, o autor francês nos convida a refletir sobre as mudanças pelas quais a biografia passou nas últimas décadas e as possibilidades decorrentes dessa ressignificação, na medida em que

A biografia histórica hoje reabilitada não tem como vocação esgotar o absoluto do ‘eu’ de um personagem, como já o pretendeu e ainda hoje o pretende mais do que devia. E se a simbologia de seus fatos e gestos podem servir de representação da história coletiva através de um homem, tal como o retrato, ela não esgota a diversidade humana. Ela tampouco tem que criar tipos. Ela é o melhor meio, em compensação, de mostrar as ligações entre passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade, e de experimentar o tempo como prova da vida. Seu método como seu sucesso, devem-se à insinuação da singularidade nas ciências humanas, que durante muito tempo não souberam o que fazer dela” (Levillain, 2003, p. 176).

Uma outra referência para a elaboração desta tese é a obra de Eliana de Freitas Dutra: *Rebeldes Literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier* (1903-1914). Nesse trabalho de fôlego acadêmico, a reconstituição da trajetória da Livraria Garnier, no Rio de Janeiro, de 1844 até as primeiras décadas do século XX, vislumbramos as variadas fases desse empreendimento comercial que exerceu um relevante serviço de divulgação do conhecimento no Brasil. Tal serviço se materializou quer através da publicação e venda de livros didáticos, quer pela publicação do seu icônico Almanaque Brasileiro Garnier, dirigido nos seus primeiros anos por Ramiz Galvão e, a partir de 1907, por João Ribeiro, responsável por sua ampliação e diversificação temática. A modalidade periódica do almanaque não era algo novo e já representava na Europa uma tradição que a família Garnier perpetuou. Dutra afirma que esse mecanismo de conhecimento se adequava ao modelo comercial da livraria, pois era uma forma de veiculação de conteúdo para um maior número de pessoas, constituindo um modelo consagrado de conhecimento, geralmente resumido e de fácil acesso

para muitos leitores ou de folheadores. O almanaque disponibilizava informações de intelectuais consagrados, além de ter possibilitado a propagação do nome Garnier em boa parte do Brasil além-fronteiras.

Essas questões e tantas outras são abordadas pela análise criteriosa da autora, dando-nos subsídios para entendermos o universo livreiro no Brasil<sup>3</sup> e suas idiossincrasias na lida com autores, sendo o alvo de nosso interesse a atuação de João Ribeiro como redator. Em função dessa abordagem sincrônica do *Almanaque Garnier* e o *Almanack de Sergipe*, podemos estabelecer semelhanças e diferenças encontradas em seu congênere, editado por Clodomir Silva, em ambiente e abrangência distintas.

Uma tese que constituiu uma experiência enriquecedora com a produção historiográfica e seus rigores investigativos foi a obra de Shayenne Schneider Silva (2022), cuja análise de um João Ribeiro viajante e conectado com a cultura germânica a partir de suas viagens a Europa (1895-1897; 1901), coloca-nos diante de uma bem elaborada pesquisa e os seus resultados bem estabelecidos. Além de trazer elementos que só superficialmente outros pesquisadores haviam suscitado.

Esta pesquisa foi realizada em grande parte nos arquivos sergipanos, notadamente no Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES), a Biblioteca Pública Epifânio Dorea (BPED), o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), o Arquivo do Judiciário (AJ), o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS), Casa de Cultura João Ribeiro (Laranjeiras-SE). Em se tratando dos arquivos em âmbito nacional, a pesquisa também foi realizada na Biblioteca Nacional - Seção Hemeroteca Digital (BN), o Arquivo da Academia Brasileira de Letras (ABL). Em todas as instituições mencionadas o levantamento das fontes primárias constituíram a base fundamental para o bom andamento da tese. As fontes utilizadas, majoritariamente jornais, revistas e almanaque, apresentaram possibilidades

---

<sup>3</sup> Sobre a história das livrarias cariocas, consultar Ubiratan Machado, *História das Livrarias Cariocas* (São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2012).

nos caminhos trilhados pelos biografados, na busca de elementos formadores das ideias defendidas por João Ribeiro e Clodomir Silva. Uma outra instância relevante de pesquisa foram as correspondências trocadas entre João Ribeiro e seus amigos, no processo que o conduziu até a Alemanha (1895-1897).

A limitação de determinadas fontes em um período específico da trajetória dos biografados obriga o pesquisador a trilhar caminhos que se assemelham a indícios sutis, frequentemente conduzindo a resultados inconclusos, mas com potencial para descobertas relevantes. O método indiciário, conforme proposto por Ginzburg (1989, pp.143-181), mostra-se valioso na elaboração de teses cujo objeto de pesquisa é fragmentado, uma vez que o historiador, à semelhança de um investigador, deve estar atento aos vestígios e sinais disponíveis.

A estrutura da tese compreende quatro capítulos. O primeiro capítulo, denominado “A ação de João Ribeiro entre a intelectualidade no Rio de Janeiro no período de 1881 a 1910: Primeiros passos de uma trajetória”, examina os fatores determinantes para a formação de João Ribeiro desde sua infância até o início da vida adulta. É analisada a evolução temporal por meio de eventos relevantes, como sua chegada ao Rio de Janeiro em 1881 e a inserção no cenário jornalístico da cidade. São igualmente destacados o ingresso na Biblioteca Nacional como servidor público em 1885, o casamento em 1889 e o início de sua atuação no magistério público pelo Colégio Nacional (antigo Pedro II) em 1890. O capítulo também aborda o papel de João Ribeiro enquanto jornalista, explorando as relações dos intelectuais com a imprensa e as dinâmicas de sociabilidade estabelecidas entre os homens de letras daquele período.

Após a constituição do intelectual nos seus primeiros anos no Rio de Janeiro, seguimos no segundo capítulo, “João Ribeiro e Clodomir Silva: o desenvolvimento dos espaços da *intelligentia* brasileira em meio aos embates da Primeira República”: A busca pela legitimação do “poder” de uma categoria. Neste capítulo a presença de Clodomir Silva e seu

percurso como jovem aprendiz no jornal *Necydalus*, do Colégio Atheneu Sergipense e posteriormente no *Correio de Aracaju*, delineiam a marca do jovem e posteriormente homem da imprensa sergipana. Em seguida seguimos demonstrando a relevância do ingresso na ABL para João Ribeiro e o ingresso de Clodomir Silva no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e sua participação na Academia Sergipana de Letras.

Desde o capítulo anterior e nos posteriores o balizamento entre João Ribeiro e Clodomir Silva se faz presente. No terceiro capítulo os meios de comunicação como os jornais, revistas e almanaques são abordados como formas de divulgação de uma brasilidade em construção nas três primeiras décadas do século XX. Cada biografado atuando na sua localidade, propondo uma compreensão do Brasil enquanto um corpo diverso e rico de significados.

No capítulo quarto “Os intelectuais João Ribeiro e Clodomir Silva e seus campos de atuação: uma abordagem comparada”, nesta última parte da tese os dois biografados aparecem num período em que as mudanças de ordem urbanistas se apresentam em perspectivas distintas. Os dois sergipanos são colocados um diante do outro, ao buscarmos as similaridades entre eles, não negando peculiaridades e assumindo que havia um intelectual relevante na vida de João Ribeiro e Clodomir Silva, o também sergipano Silvio Romero.

A investigação, que por hora se encerra, buscou ampliar e contribuir para uma melhor compreensão destes homens polimorfos na sua constituição intelectual e suas contribuições para uma brasilidade mais plural.

## 2 A ação de João Ribeiro entre a intelectualidade no rio de janeiro no período de 1881 a 1910

### 2.1 Primeiros passos de uma trajetória

A palavra mudança poderia definir com alguma precisão a sensação dos moradores da cidade do Rio de Janeiro passavam na virada do século XIX para o XX. Foi precisamente nesse ambiente de efervescência política e cultural que iremos perceber o nosso intelectual alcançando voos maiores no mundo da escrita jornalística e posteriormente no ambiente consagrado aos doutos do conhecimento, a Academia Brasileira de Letras. Referimo-nos a João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes, neófito na capital federal, postulante a uma vaga no universo restrito aos homens de letras, naquele momento de profundo fervor abolicionista e republicano, nos idos de 1880. Porém, precisamos entender a dimensão desse homem na sua origem, para termos o vislumbre da jornada iniciada por ele, assim como o surgimento daqueles elementos formadores da sua mente curiosa, aberta ao novo, ávida por conhecimento; tais características forjaram naquele jovem um futuro homem das letras. João Ribeiro era natural de uma localidade bem mais modesta em termos culturais, como era a cidade de Laranjeiras em 24 de junho de 1860, quando nasceu, se comparada ao Rio de Janeiro, onde passou a maior parte de sua vida. Era filho de Manoel Joaquim Fernandes e de D. Guilhermina Ribeiro Fernandes (Guaraná, 1925, p. 271).

A cidade de Laranjeiras, onde João Batista viveu seus primeiros anos, apresentava um relativo desenvolvimento cultural se a compararmos com as outras cidades sergipanas entre as décadas de 1840 a 1890. A partir do momento em que Laranjeiras é alçada a condição de cidade (1848), os sinais de seu desenvolvimento econômico tornaram-se visíveis, como foi o caso do surgimento dos jornais que circularam naquela localidade: *O Monarquista Constitucional*, 1841; *O Triunfo*, 1844; *Pedro II*, 1844; *O Guarany*, 1847/48; *O Telegrapho*, 1848; *O*

*Observador*, 1851/53; *Voç da Razão*, 1851/53; *A Columna do Trono*, 1864/65<sup>4</sup>, dentre outros periódicos. Esse número de jornais e sua brevidade atestam um certo dinamismo naquele ambiente cultural, visível também pelo número de escolas ali existentes: o Colégio do Coração de Jesus (1841), o Internato Masculino (1854), o Colégio Nossa Senhora Santana (1848), da Professora Possidônia Maria de Santa Cruz Bragança<sup>5</sup> (particular), além da existência de um Gabinete Literário, com obras de conhecidos autores da língua inglesa e francesa<sup>6</sup>. Podemos elencar também a presença de teatros (São Pedro e Santo Antônio) e a apresentação de grupos teatrais brasileiros e estrangeiros<sup>7</sup> que circularam por aquele município, geralmente aproveitando a sua localização, pois, à época encontrava-se entre os centros de maior relevância do norte do país: Salvador e Recife. Ao analisar a cena teatral laranjeirense no século XIX, Menezes (1986:14) relata: “E quem fosse assistir a uma peça de teatro, veria também danças, cantorias, poetas declamando seus mais novos poemas...Além dos conhecidos “entremeses”, característica principal do teatro português”.

Tais elementos de ordem cultural compunha um ambiente que não era desprovido de informação, e que se tornou possível graças ao desenvolvimento econômico consolidado

---

<sup>4</sup> Clodomir de Souza e Silva, *Álbum de Sergipe – 1820/1920* (São Paulo, 1920):100.

<sup>5</sup> Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas. Ester Fraga Vilas-Boas do Nascimento. Jorge Carvalho Nascimento. Pernambuco, Sergipe, São Paulo: Os caminhos do Colégio Inglês na educação feminina (Horizontes, Bragança Paulista, v. 20, jan/dez. 2002):1-8. D. Possidônia Maria de Santa Cruz, nasceu em 3 de maio de 1827, filha de D. Teresa Maria de Jesus e João José de Almeida, proprietários do engenho Ibura, de terras férteis de massapê no Vale do Cotinguiba. Foi proprietária de um renomado colégio para moças em Laranjeiras na segunda metade do século XIX. Acerca dessa professora verificar: AZEVEDO, Camerino Bragança de. Doutor Bragança, esse varão laranjeirense. Rio de Janeiro: Pongetti, 1971.

<sup>6</sup> Maria Thétis Nunes, *Sergipe Provincial II* (Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Aracaju, Banco do Estado de Sergipe, 2006): 222.

<sup>7</sup> Nos jornais laranjeirenses do século XIX, encontram-se notas sobre as apresentações teatrais, as companhias que por ali passaram, seus propósitos, repercussão das apresentações, nomes das peças, além de mencionar os atores e atrizes que se apresentaram no Teatro São Pedro e Santo Antônio. Entre os periódicos que noticiavam tais eventos destacaram-se: *O Triunfo* (1846), *O Horizonte* (1886), *O Laranjeirense* (1887), *Cotinguiba* (1889).

pela produção e exportação do açúcar, devido aos seus mais de 70 engenhos<sup>8</sup>, além de um porto fluvial movimentado que servia para abastecer a região do Cotinguiba<sup>9</sup>.

A cidade de Laranjeiras foi progressivamente ganhando força econômica na primeira metade do século XIX, atingindo o seu ápice nas décadas de 1870 até os anos 1890, quando é possível averiguar por meio dos jornais da época e relatos memorialísticos a melhoria na estrutura urbana daquele município<sup>10</sup>. Uma das conquistas materiais verificadas no período em que João Ribeiro ainda morava em terras sergipanas foi a inauguração da estação telegráfica em Laranjeiras. Esse evento representou um avanço no campo da comunicação, percebido e destacado pelo jovem laranjeirense, cujo discurso proferido no dia da inauguração, demonstrou o quanto a modernidade através das suas conquistas materiais estava na ordem do dia. Essa constatação é mais evidente naqueles que tinham contato com a educação e com os avanços técnicos experimentados na segunda metade do século XIX. Assim, João Ribeiro se referiu àquele momento:

Sublime é a ideia que hoje aqui nos congrega. Os fenômenos, quer do mundo physico estão sujeitos as leis da mecânica universal. Nestes, como aqueles, existe a stática e existe, a dinâmica. A stática, é a ordem, a dinâmica, é o progresso. Do equilíbrio das primeiras vem a matéria, do equilíbrio das outras vem a civilização. No primeiro caso a força, no segundo, Deus. Vejamos a outra face. Olhemos. Foi no período de transição do século passado para o nosso. Estado social: A América torna-se livre; na França a revolução esmaga o feudo, - o proletariado está em luta com o principio theocratico, - o burguez funde-se ao aristocrata e rebenta 89. Estado intelectual: O abade Chappe faz experiencias elétricas: o mundo scientifico estremece. É quem vae reinar uma nova ordem de cousas; vae renovar-se o mundo. Mas o que será... Ninguém sabe, quer dizer: todos presentem. É a eletricidade. Mas como tudo que vae dar no progresso, deve fatalmente começar pela ordem, a eletricidade devia começar pela stática. Grandes fatores são: Chappe, Padre Nolet, Volta,

---

<sup>8</sup> Maria da Glória Santana de Almeida, *Nordeste açucareiro: Desafios num Processo de vir- a -ser capitalista* (Aracaju, Universidade Federal de Sergipe; Secretaria de Estado de Planejamento; Banco do Estado de Sergipe, 1993).

<sup>9</sup> Sobre a região do Cotinguiba verificar: Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Geografia, *Atlas Escolar de Sergipe: Nossa Terra Nossa Gente* (Aracaju, Departamento de Geografia e Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 1982). Francisco José Alves, Itamar Freitas (Orgs.), *Dicionário da Província de Sergipe* (São Cristóvão, Editora da UFS; Aracaju, Fundação Oviêdo Teixeira, 2000):41.

<sup>10</sup> Sobre a imprensa em Sergipe durante o século XIX, verificar os seguintes autores: Manoel A. C. Guaraná. *Jornais, revistas e outras publicações periódicas de 1832 a 1908*. (Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro Rio de Janeiro, 1908, p. 775-817). Manoel A. C. Guaraná. *Dicionário bio-bibliographico sergipano*. (Rio de Janeiro: Pongetti & C, 1925). Acrísio Torres. *Imprensa em Sergipe*. Vol. 1. (Brasília, DF, 1993).

Richmann, Hauksbee, Franklin. Começa a evolução. Trava-se a luta. O homem com a natureza. O talento com a matéria. D'esta vez, O Deus biblico perdeu o mais formidável de seus látegos – o raio: e a victoria foi, por fim, dos homens. Tinha chegado o mundo ao estado superior de disciplina mental – a positividade. Até ahi o elemento de força predominante foi a ordem. A ordem, mas como? Não foi uma luta? Engano! A luta da sciencia é a paz! No tirocínio da intelligência não se derrama sangue, mas derrama-se suor que é muito mais! Não se veste couraça, mas veste-se paciência, que é a coragem dos sábios. Mas volvamos a ideia principal. A electrologia entra no estudo dynamico. É o ponto culminante. Oersted, Galvani e Ampère descobrem o electromagnetismo. Arago imantilisa uma barra de ferro. D'ahi partem as investigações scientificas. Sublime coincidência! Aquella pátria da liberdade que havia roubado o raio ao céu, e o *sceptro antyrannos, fulmem calo, sceptrumque tyrannis*, foi a mesma que roubou a distancia ao espaço. A pátria de Franklin, foi a mesma do Samoel Morse. Inventou ele o telegrapho. Alguns no parlamento até escarneceram-no, tripudiaram-no, desprezaram-no. Nada mais injusto, e tambem nada mais explicável que a velhice nos velhos, que a reação nos retrógrados. Por fim, a ideia vence...porque a victoria vem sempre pela ideia, da mesma sorte que uma derrota vem sempre por um facto... e ei-la, a ideia realizada entre nós. Sabeis porque? Vêde. V. Hugo disse de um livro em relação á catedral: *Isto há de matar aquillo*. Pois bem: isto matando aquilo quer dizer a victoria da luz sobre a treva, quer dizer o triunfo da Ideia Nova e da Civilização sobre as theorias do obscurantismo, em que pese á cólera intransigente do passado! (Jornal de Sergipe. Ano XV, nº 10, 1880: 4).

A crença nos avanços tecnológicos vivenciados pelos ocidentais nas últimas décadas do século XIX fica evidente nesse discurso, no qual João Ribeiro exorta a necessidade de estar aberto, ao que o novo sempre traz, deixando de lado visões e modos de perceber o mundo, calcados no conservadorismo de setores da sociedade fechados aos avanços da ciência. O relato dos nomes associados aos últimos avanços daquele período, evidencia que o jovem laranjeirense percebia as conquistas tecnológicas como fruto da razão humana, aplicadas ao desenvolvimento material, eram resultado de muita pesquisa, acertos e erros da ciência daquele período.

Podemos também observar nos relatos do Plano Urbanístico de Laranjeiras (1975), outros aspectos daquele município no período em que João Ribeiro ali viveu, como a construção da sede da Câmara Municipal, prédio adquirido do Dr. Francisco Alberto de Bragança, médico baiano que fixou residência no município em 1850. Ali, a família Bragança construiu uma casa de dimensões confortáveis que seria posteriormente vendida e

transformada na Câmara Municipal. A referida obra segue apontando as conquistas de ordem estrutural pela qual a cidade passou, dentre elas, a construção da Ponte do Açougue ou Ponte Nova<sup>11</sup>. Essa obra a partir da “sua conclusão passou a desempenhar importante papel, seja aliviando em muito o trânsito de carros pelas ruas da cidade, sobretudo a Rua do Comércio, à qual causava grandes danos, seja porque, por ela iria passar a maior parte dos açúcares dos engenhos do termo, em seu trajeto para os grandes trapiches e posterior embarque para o destino final<sup>12</sup>”.

Outras construções podem ser mencionadas: A grande Capela de Nossa Senhora da Conceição (1866), melhoria nas construções particulares, sejam residenciais ou comerciais, a construção do Hospital São João de Deus da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia (1866), dentre outras melhorias urbanísticas verificadas com maior regularidade até a década de 1890. A partir desse período, o município entra num processo gradual de esvaziamento dos seus moradores mais aquinhoados, preferiram mudar-se para a capital Aracaju, em franco processo de crescimento e desenvolvimento econômico. Como podemos observar na fotografia da rua da Aurora, centro comercial da capital sergipana.

---

<sup>11</sup> Sobre a construção da Ponte do Açougue ou Nova, o artigo de Amâncio Cardoso. “A estrada nova do açúcar: Notas histórico-toponímicas sobre um projeto viário na Cotíngiba sergipana no século XIX”. Revista Geonordeste, São Cristóvão, Ano XXXIV, nº 1. Janeiro-junho, 2023. P. 225-243. Demonstra como o processo de construção naquele período era complexo, dada as limitações financeiras e vontade política, tornaram-se obstáculos para um maior desenvolvimento econômico daquele município.

<sup>12</sup> O Plano Urbanístico de Laranjeiras, obra em quatro volumes, um grande levantamento histórico, arquitetônico e geográfico foi realizado na década de 1970, como parte do projeto de valorização das cidades históricas de Sergipe, realizada pelo governo Federal em conjunto com a Universidade Federal da Bahia e pesquisadores sergipanos.



Tais aspectos constitutivos na estrutura urbana de Laranjeiras, coloca-nos de algum modo no cenário em que João Ribeiro deu seus primeiros passos, seja como criança, seja como jovem estudante em busca dos seus sonhos ainda em fase de experimentação.



Figura3 – Planta da Praça Samuel de Oliveira, área comercial de Laranjeiras. Fonte: Lícia Contrin Carneiro Leão, O espaço livre público e a visão cotidiana da paisagem: o caso do centro histórico de Laranjeiras – SE, 2011.

Para melhor entendermos os primeiros anos de vida do nosso biografado, a forma mais eficaz é dar voz a ele mesmo. Em um jornal da década de 1930, um artigo em homenagem a um velho amigo de João Ribeiro, fica evidente aspectos da infância daquele menino vivendo em Laranjeiras, quando aquele município atingia sua potencialidade econômica. A narrativa feita em tom de saudosismo nos apresenta um menino típico do seu tempo, brincalhão, dado a refregas com outras crianças, além do hábito usual de tomar banho no rio Cotinguiba com seus amigos, de modo particular o Antônio Bragança e o Botelho. Assim João Ribeiro rememora aspectos da sua infância:

Chegando ontem à Academia encontrei um pacote de seis jornais da minha terra: *O Sergipe Jornal*, *O Tempo*, *O Estado de Sergipe*, *O Diário Oficial*, *O Republicano* que todos em uníssono relembram o glorioso jubileu clínico do doutor Antonio Militão de Bragança, o meu amigo de infância, companheiro de escola. “Coração de ouro” como uma vez dele escrevi. Fomos colegas estreitamente unidos na quadra mais risonha da vida. Uma

vez brigamos não sei que futilidade mas reatamos a amizade que devia ser longa até a extrema velhice em que nos achamos, porque aí de nós! Somos setuagenários, mas sem nenhuma vontade talvez sem a coragem de morrer. Que recordações as desse tempo! Costumávamos tomar banho no rio, nas águas murmurosas do Cotinguiba, numa volta da corrente no stilo que chamam de bom gosto. Iamos todos e éramos numerosos, cada um com uma toalha ao ombro, para refrescarmos-nos na água que corria á sombra das ingazeiras que margeavam a corrente. Praticávamos um jogo infantil que, se me lembra, se chamava um coice. Consistia o coice em mergulhar e fazer a cambalhota já á tona e a flor dagua. Não tinha consequencias graves porque nagua o peso diminue mais da metade e todos os golpes são inócuos. Outros jogos eram comuns. “como o de tirar tainhas” habilidade, que consistia em lançar uma pedra tangenciando a superfície dagua por onde caia aos poucos repinicando, até perder toda a força inicial. Naquela altura do nosso tropico o banho era a maior alegria dos rapazes. Tudo isto me faz lembrar o nome desse companheiro da infância de estudos e de convívio constante e fraternal. O doutor Bragança tem já netos como eu já os tenho. Vivemos na lembrança e na recordação dos nossos companheiros que são já muitos poucos e raros. Passamos já o limite da morte ordinária, mas não ficaremos para semente. Os que chegaram agora valem muito mais do que nós que deixamos saudades por pouco tempo. Até a vista meu nobre amigo! (Jornal do Brasil. Ano XLIV, nº 10, 1880, p. 4).

Nesse pequeno trecho rememorado da sua infância, João Ribeiro confirma aquilo que seu filho Joaquim Ribeiro já havia escrito sobre a relação de seu pai com Sergipe, que era eminentemente de valorização de um tempo marcado por brincadeiras, histórias fantásticas, tipos humanos peculiares e a uma vida cheia de encantamentos infantis. Em *9 Mil Dias com João Ribeiro* (1934, p. 77), o filho afirma: “Ama a terra sergipana na simplicidade roqueira de sua vida bucólica e ingênua, frugal e atrasada, que ele recorda através de seu folclore meio selvagem, mas cheio de um encanto indizível”

Um outro recurso com o qual podemos trabalhar a experiência vivida por aquele menino e aquilo que marcou a sua trajetória enquanto homem das letras na segunda metade do século XIX e início do XX, é um conjunto de perguntas e respostas propostas por João do Rio (1907)<sup>13</sup>. Ao ser questionado sobre a possibilidade de fazer parte daquele inquérito proposto pelo jornalista, o laranjeirense declina o convite. A abordagem foi realizada ao

---

<sup>13</sup> João do Rio, *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional (Departamento Nacional do Livro, 1994). Nessa obra, João Paulo Alberto Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (O João do Rio - 1881/1921) elabora um conjunto de perguntas que deveriam ser respondidas pelos intelectuais de maior proeminência no Rio de Janeiro na primeira década do século XX.

entrar na Livraria Garnier, como costumeiramente ele fazia aos fins de tarde. Apesar da rispidez inicial com que tratou o colega da ABL, algum tempo depois, o intelectual sergipano envia por carta as respostas àqueles questionamentos feitos a um conjunto de intelectuais renomados no Rio de Janeiro (Rio 1994, Machado 2008).

A primeira pergunta do referido inquérito dizia respeito à formação literária e quais os autores que mais contribuíram para a formação do inquerido ao longo dos anos. A resposta não poderia ser mais espontânea. Na Laranjeiras, da infância de João Ribeiro, o acervo do seu avô materno, com quem ele morou ainda criança, devido à morte do seu pai, propiciou ao jovem aprendiz das letras a lida cotidiana com os livros, característica que o acompanharia por toda uma vida. Ele afirmou que o seu maior “deslumbramento se dava por uma coleção do *Panorama* e o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, e o *Manual Enciclopédico* de Emílio Aquiles Monteverde” (Rio 1994).

A leitura tornar-se-ia uma das suas obsessões e o seu avô materno acabou exercendo a função de pai e de algum modo um mentor na sua educação. Um senhor liberal, não muito afeito ao clero ou as imposições da Igreja daquele tempo. Porém, viver numa cidade do interior de Sergipe no século XIX, exigia uma sociabilidade que perpassava diferentes visões de mundo e demandava o convívio com pessoas eminentemente católicas, além da relação com grupos ou entidades de ajuda municipais. O senhor Joaquim José Ribeiro, avô de João Ribeiro, participou da Irmandade do Sacramento e Coração de Jesus (Oliveira 2005a). Ele atuou decisivamente nas comissões que combateram a epidemia do Cólera-morbo, que atingiu Laranjeiras pela segunda vez em 1863, exigindo dos cidadãos todo o empenho no combate àquela enfermidade. Segundo Oliveira (2005b: 129),

Estas Comissões escolheram o Cemitério em Taboquinhas para os coléricos e receberam do governo as seguintes ambulâncias: Dez sacos de farinha, cinco barricas de bolachas, duas de trigo, quatro sacos de arroz, um saco de araruta, cem pares de tamancos, cem carapuças, duas peças de baetas, cinquenta calças, cinquenta camisas, 500\$000 (Quintos mil reis em dinheiro).

A outra fonte relevante para compreendermos essa fase inicial de sua vida, se encontra no último capítulo do livro de Joaquim Ribeiro (1934), em que a mãe de João Ribeiro, uma senhora nonagenária à época, apresenta-nos algumas das características da personalidade daquela criança, que se potencializou com o passar dos anos: “João foi um menino exemplar e desde pequeno manifestava paixão pelos livros. Chegava do colégio e metia-se no quarto para estudar” (Ribeiro 1934: 151). Contar com um acervo que alimentou aquela incipiente vocação para as letras foi um privilégio do qual João Ribeiro soube usufruir. Foi nessa residência na rua do Cangaleixo, quase vizinha ao teatro Santo Antônio, que o menino João passava horas a desenhar, ler, tocar flauta e brincar com seus amigos de infância, numa vida com algum privilégio, pois a grande maioria das crianças daquele período não frequentavam a escola.

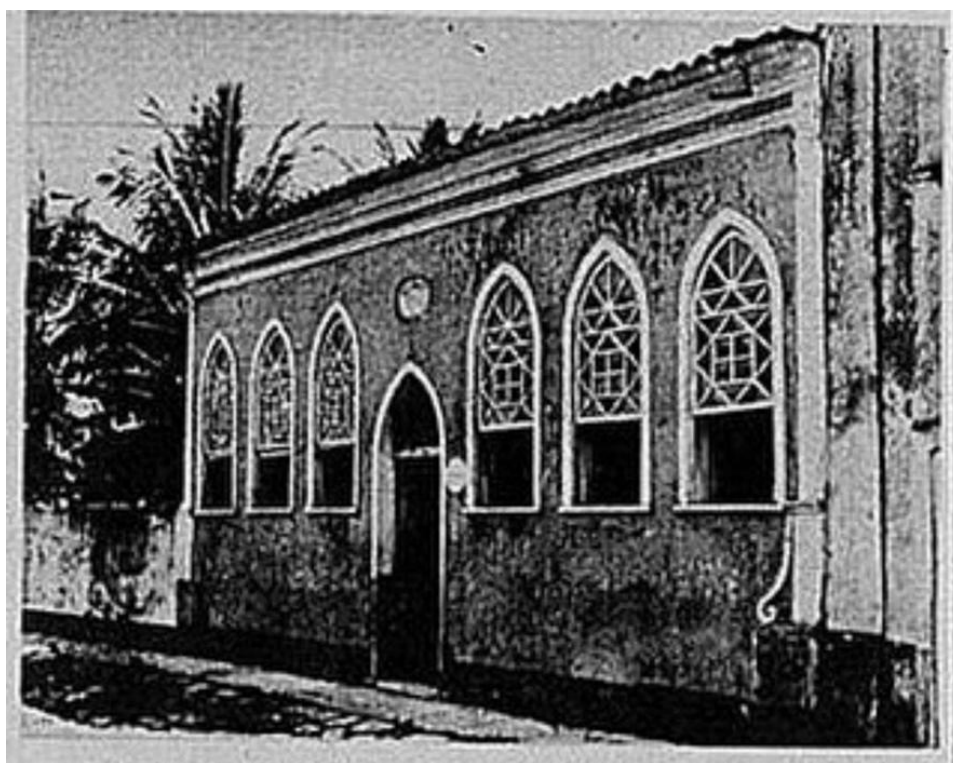


Figura 4 – Fachada da casa da família do avô de João Ribeiro, onde viveu sua infância e juventude, na cidade de Laranjeiras. Fonte: Acervo da prefeitura da cidade de Laranjeiras.



Figura 1 – À esquerda, Joaquim José Ribeiro, avô materno de João Ribeiro; à direita, D. Guilhermina Rosa Ribeiro Fernandes, mãe de João Ribeiro. Fonte: Oliveira, M. (1934, 28 de janeiro). A infância do mais completo escritor brasileiro. In: *O Jornal*. p. 19. Hemeroteca digital, Biblioteca Nacional.



Figura 2 – Na primeira imagem, João Ribeiro, aos 34 anos de idade; na segunda, da direita para a esquerda: D. Guilhermina Rosa Ribeiro Fernandes, João Ribeiro, A filha Betty Ribeiro Xavier e a neta Regina Maria. Fonte: Oliveira, M. (1934, 28 de janeiro). A infância do mais completo escritor brasileiro. In: *O Jornal*. p. 19. Hemeroteca digital, Biblioteca Nacional.

Tais narrativas nos colocam diante de fatos verídicos, mas também carregados de subjetividades, seja pela visão amorosa de uma mãe idosa, ou mesmo pelo distanciamento no tempo daquelas lembranças vividas por João Ribeiro. Seja como for, essas reminiscências nos conectam de algum modo com aquela criança e jovem que tiveram a oportunidade de seguir os seus estudos, primeiro em Laranjeiras no curso primário do professor Justino Gomes (Azevedo, 1971), e no secundário seguiu para a capital Aracaju, onde cursou o ensino

preparatório no Colégio Atheneu Sergipense, referência no ensino secundário em Sergipe.

Segundo Eva Maria Siqueira Alves (2005, p. 53),

O Atheneu Sergipense, estabelecimento público criado a 24 de outubro de 1870 com dois cursos – um de Humanidades e outro Normal – tinha como finalidade proporcionar à mocidade a instrução secundária necessária para o acesso aos cursos superiores, bem como para o desempenho das variadas funções na sociedade, além de habilitar profissionalmente para o magistério primário.

O surgimento de uma instituição de ensino de caráter secundário em Aracaju no início da década de 1870, está inserido no contexto de algumas melhorias na estrutura político-social esboçadas na capital do país, chegando tais mudanças também nas províncias.

Por não possuir um prédio que pudesse abrigar o colégio, as aulas foram iniciadas no espaço cedido pela Câmara Municipal, cuja estrutura física não propiciava um bom rendimento educacional (Nunes, 1984). Por determinação do Presidente da Província, um prédio foi construído para abrigar o Atheneu Sergipense, segundo Lapa (2021):

Inaugurado em 1872, situado na antiga praça da Conceição, atual Almirante Barroso, era edifício de bloco único, com soluções arquitetônicas com vista a atender função específica: ministração de educação pública baseada em modelos arquitetônicos desenvolvidos na Inglaterra e nos Estados Unidos e divulgados através de publicações específicas. A arquitetura deste edifício e dos demais construídos nesse período teve como premissas projetuais proporção, simetria, variedade, harmonia e unidade, criando a identidade estética e funcional dessas escolas.



Figura 5 – Prédio do Colégio Atheneu Sergipense, por volta do ano de 1910. Fonte: João Emílio Gontijo, Carlos Cornejo. *Lembranças do Brasil: as capitais brasileiras nos cartões postais e álbuns de Lembranças*. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2004, p158.

Além de contar com uma estrutura que dava um bom suporte físico ao ensino secundário em Aracaju naquele momento, o corpo docente constituía uma referência na sua composição, dado os nomes qualificados para compor aquela instituição educacional. Tal quadro da primeira Congregação de professores era composto por Antônio Diniz Barreto – Latim; Geminiano Pais de Azevedo – Francês; Justiniano de Melo e Silva – Inglês; Rafael Araujo de Moura Matos – Geografia e História; Sancho de Barros Pimentel – Filosofia; Dr. Tomás Diogo Leopoldo – Gramática Filosófica, Retórica e Poética; Tito Augusto Souto de Andrade – Geometria e Filosofia; Inácio de Souza Valadão – Pedagogia. (Nunes, 1984).

Preparar os jovens para concorrerem em cursos superiores Brasil afora, ou mesmo, assumirem funções enquanto professores ou funcionários públicos, constituiu a missão do Atheneu Sergipense ao longo das décadas posteriores. De fato, os filhos da elite local passaram a frequentar essa instituição, dada a qualidade dos seus docentes e bons resultados dos alunos em faculdades brasileiras nos mais diversos cursos. Desse modo, o Atheneu

Sergipense acompanha aquela fase de relativo desenvolvimento pelo qual a província sergipana atravessou. (Alves, 2005; Franco, 2015).

Algumas características arquitetônicas do prédio construído para abrigar o Atheneu Sergipense foram assim definidas por Porto (2003, p. 29)

Edifício térreo, de porão alto, tinha em sua entrada, voltada para a Praça da Matriz, um pórtico de quatro colunas e frontão, sendo assim, o único a se aproximar das regras, digamos ortodoxas, do classicismo carioca. Se a intenção foi boa, a realização não foi feliz. O acesso ao edifício fazia-se por duas escadas paralelas e coladas à fachada, que terminavam num patamar diante da porta de entrada. Escadas e patamar eram limitados por um parapeito de alvenaria, cheio, e sobre ele levantavam-se quatro colunas que sustentavam o frontão triangular. Baixas e grossas, as colunas davam ao pórtico um aspecto atarracado, além do conjunto parecer uma excrescência na fachada. Os contemporâneos, também não gostaram do pórtico, e no fim do século, ele já fora demolido, o parapeito substituído por uma grade de ferro e o pórtico por uma pequena cobertura, sustentada por colunas mais finas, correspondendo à porta de entrada. Quando foi adicionado um andar, em 1913-1914, suprimiu-se a cobertura e passou a ser sede da Biblioteca Pública.

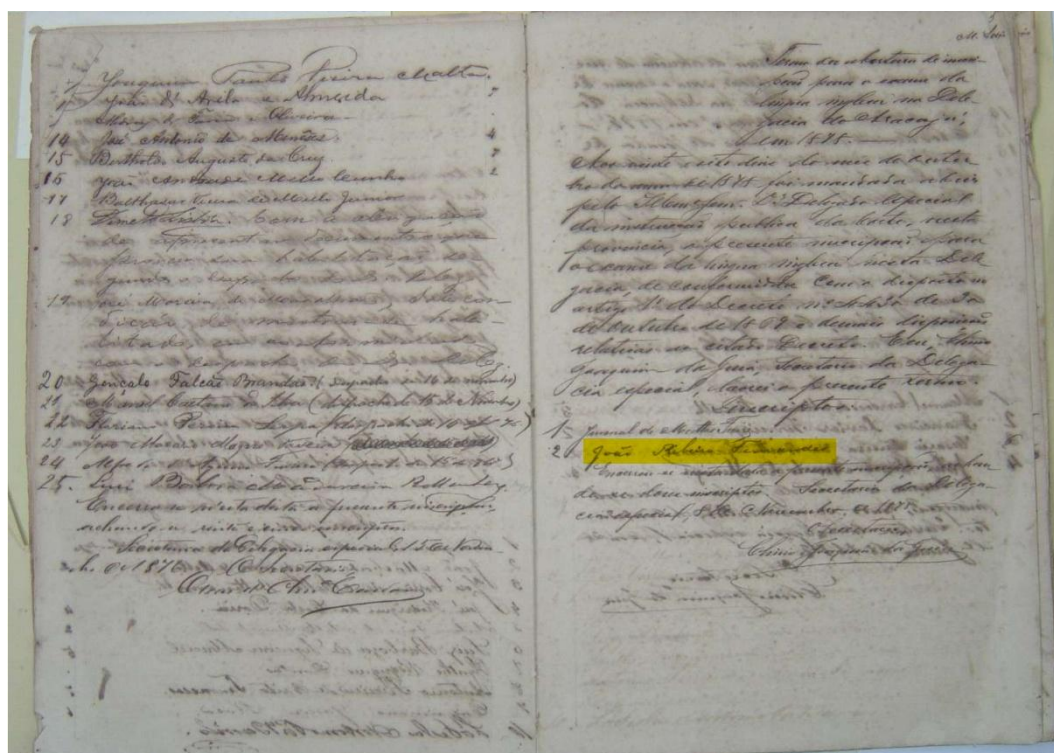


Figura 6 – Inscrição nos Exames de Álgebra e Língua Inglesa - 1875, de João Ribeiro. Fonte: Livro de Atas do Atheneu Sergipense, depositado no CEMAS.

Em Sergipe, a situação econômico-financeira, ao iniciar-se a década de 1870, apresentava sinais de desenvolvimento “decorrente não só da produção açucareira dos 646

engenhos em funcionamento, dos quais mais de 40 a vapor, favorecido pela alta dos preços dos produtos no mercado internacional, como da exportação algodoeira pelo agreste<sup>14</sup>.”

Segundo Maria Thetis Nunes (1984, p. 111).

Conforme o Censo de 1872, a população sergipana alcançava 234.613 habitantes, dos quais somente 29.134 sabiam ler. Embora a quase totalidade da população ativa estivesse voltada para o setor primário da economia, eram registradas 1.809 pessoas ligadas às profissões liberais. Crescia o número de portadores de diploma de nível superior, como bem reflete a composição das bancadas da Assembleia Legislativa Provincial. No biênio 1870-71, dos 24 deputados, 17 eram bacharéis, além de 3 sacerdotes. Já a bancada de 1874-75 compunha-se de 20 bacharéis, sendo, porém, definida como unanimemente conservadora.

A cidade de Aracaju que João Ribeiro vai experienciar nos seus anos de estudo no Atheneu Sergipense era uma capital em pleno processo de construção, dado que a transferência da outrora capital colonial, São Cristóvão, para a recém-planejada cidade, em 1855, se deu em grande medida por razões de ordem econômica. A elite política atendeu às demandas dos senhores de engenhos da região do Cotinguiba, grande produtora de açúcar e motor do desenvolvimento sergipano na segunda metade do século XIX.

No período entre 1875 e 1880, esse jovem aprendiz destacou-se pela sua capacidade intelectual, sendo sucessivamente agraciado com o título de “Imperador”, dispensado aos alunos que obtinham as melhores notas durante os anos de estudo no preparatório; naquela instituição de ensino secundário. (Leão, 1934, p. 16).

Na capital sergipana, João Ribeiro iniciou uma fecunda e longa trajetória no jornalismo, na medida em que escreveu alguns artigos para os jornais de maior circulação em Aracaju naquela época, dentre eles *Jornal do Aracaju* (“Mario e as ruínas de Cartago”, 1877),

---

<sup>14</sup> Para uma melhor compreensão do quadro econômico e social de Sergipe nas três últimas décadas do século XIX, verificar as seguintes obras: Maria da Glória Santana de Almeida, *Nordeste açucareiro: desafios num processo de vir- a -ser capitalista* (Aracaju, Universidade Federal de Sergipe; Secretaria de Estado de Planejamento; Banco do Estado de Sergipe, 1993). Nilton de Araújo Fontes, Maria Auxiliadora Bravo, *Algodão em Sergipe: apogeu e crises* (Aracaju, Gráfica Editora J. Andrade, 1984). Josué Modesto dos Passos Subrinho, *Reordenamento do trabalho: trabalho escravo e trabalho livre no nordeste açucareiro; Sergipe 1850-1930* (Aracaju, Funcaju, 2000). Renaldo Ribeiro Rocha, *O engenho sergipano na sua materialidade: Escorial, um estudo de caso (1850-1930)*. (São Cristóvão, Dissertação - Núcleo e Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Sergipe, 2004).

*Diário de Sergipe* (Perdidas- Versos - 1877), *Jornal do Commercio* (“Deus o artista e a liberdade”, 1877), *Jornal do Commercio* (“Lágrimas - A memória de Francisco Alberto”, 1877), *Jornal do Commercio* (“Dedicatória a Virgem de Lamartine”, tradução, 1877), *Jornal do Commercio* (“Carta a Manuel dos Passos de Oliveira Teles sobre a poesia ‘Tiradentes’”, 1877), *Jornal de Sergipe* (“Discurso pronunciado na cidade de Laranjeiras”, por ocasião da inauguração da estação telegráfica nessa cidade, 1880)” (Doria, 1960, p. 28). Enfim, textos que versavam sobre acontecimentos de Laranjeiras, homenagem póstuma e algumas poesias, em conformidade com as aspirações de muitos jovens daquele período. Viver da poesia foi algo realisticamente abandonado por João Ribeiro, após chegar ao Rio de Janeiro e perceber que deveria buscar outro trabalho para garantir seu sustento, constatando que a sua produção poética era de pouco valor estético.

Começava dessa forma um tanto quanto modesta aquela que vai ser uma das suas marcas mais expressivas: a frequente participação em colunas de jornais, escrevendo sobre literatura, história, filologia, física, sociologia, filosofia, folclore e tantos outros temas abordados por ele em seus artigos. Desse modo, demonstrava a sua veia de polígrafo, construída ao longo de anos dedicados à pesquisa e à leitura constantes. Segundo Bosi (2017, p. 336), “João Ribeiro representa em sua longa parábola, que vai de poeta parnasiano a crítico literário, de filólogo a historiador, o tipo exemplar de humanista moderno, a quem não falta nunca o grão de sal da heresia”.

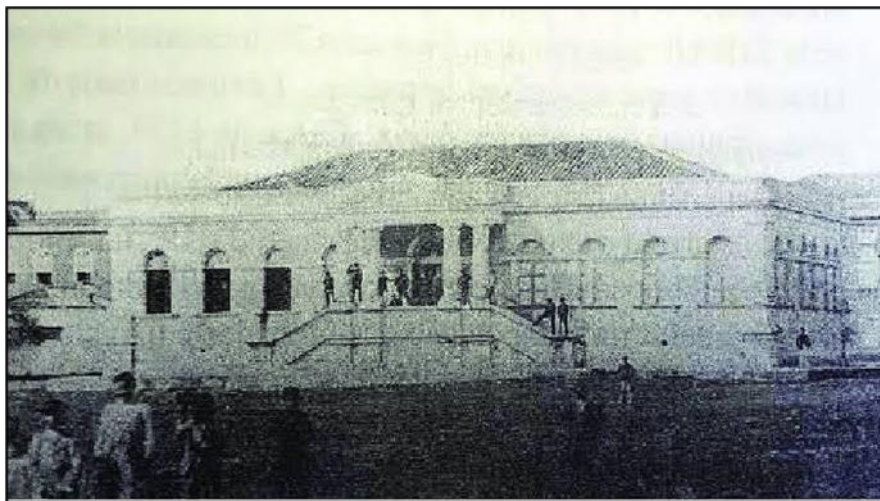


Figura 7 – Primeiro prédio do Colégio Atheneu Sergipense – Década de 1870. Hoje o prédio abriga a Câmara de Vereadores de Aracaju. Fonte: Álbum Atheneu Sergipense.

Ainda em Aracaju, essas colaborações nos periódicos locais tanto serviram para colocar João Ribeiro diante do meio jornalístico como lhe garantiram alguma renda, somadas à ministração de aulas particulares e como professor do Colégio Phartenon Sergipense<sup>15</sup>, assim que concluiu o curso preparatório. Tais atividades serviram para ajudar seu sustento na capital sergipana, devido às condições financeiras da família não serem as mais afortunadas. Enquanto terminava o curso preparatório, essas atividades lhe renderam algum dinheiro e possibilitaram o enamoramento com o jornalismo e o magistério, duas áreas do conhecimento que se tornaram o seu meio de sustento quando chegou ao Rio de Janeiro em 1881. Tais atuações eram comuns aos homens de letras no final do século XIX e primeiras décadas do XX, engrossar essas fileiras foi apenas uma questão de pouco tempo.

Embora hoje não existam documentos que comprovem a breve passagem de João Ribeiro pela antiga Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), pesquisas indicam que, após concluir o curso preparatório no Atheneu Sergipense, ele deu continuidade aos estudos em

---

<sup>15</sup> Colégio inaugurado em 09 de fevereiro de 1879 em Aracaju, propondo-se a funcionar como internato e externato, composto por professores renomados em Sergipe, incluindo em seus quadros professores que lecionavam no Atheneu Sergipense, assim como, nomes da nova geração docente como o jovem João Ribeiro, recém formando, que apresentava um potencial cultural capaz de figurar nos quadros de uma instituição particular e fixar-se no cenário educacional sergipano. Jornal de Sergipe (15 de janeiro de 1881, nº 02, ano XV, p. 04). Hemeroteca Digital- Biblioteca Nacional.

Salvador. Na capital baiana, teria estudado Medicina por um período muito curto antes de retornar a Sergipe. A ausência de registros de sua matrícula na Faculdade de Medicina da Bahia pode ser explicada por um acontecimento histórico marcante: o incêndio devastador ocorrido em 2 de março de 1905, durante as festividades de Carnaval, que destruiu parte significativa da documentação da instituição.

De volta ao estado, João Ribeiro assumiu a função de professor de Inglês no Colégio Parthenon Sergipense. Após permanecer menos de um ano em Aracaju, entre 1880 e 1881, atuando como professor, a falta de perspectivas profissionais e intelectuais provavelmente o motivou a buscar horizontes mais amplos. Assim, João Ribeiro dirigiu-se ao Rio de Janeiro, onde pretendia seguir carreira na Engenharia e ingressou na Escola Politécnica. No entanto, não permaneceu no curso, pois não encontrou aptidão no ambiente das ciências exatas. Encontrar a vocação e ao mesmo tempo manter-se com o fruto desse trabalho, foi uma questão de oportunidade que se apresentou ao chegar à capital do Brasil, devido as amizades ameadas e ao conhecimento prévio já experimentado quando era aluno concludente no Atheneu Sergipense e, posteriormente, professor da rede privada de ensino em Aracaju, conforme podemos comprovar em anúncio publicado no Jornal de Sergipe, de 15 de janeiro de 1881 (Leão, 1934).

**COLLEGIO**  
**PARTHENON SERGIPENSE**  
**INTERNATO E EXTERNATO**  
**NO ARACAJU'**  
**DIRECTOR--DR. ASCENDINO A. DOS REIS**

Estabelecimento collocado em um dos melhores pontos da cidade, e offerecendo a seus alumnos todas as commodidades, e condições hygienicas.

Ensino proficuo de todos os preparatorios exigidos para a matricula nas academias do Imperio.

Aulas de primeiras letras. Conhecimentos indispensaveis para a vida commercial ou agricola e outras industrias.—Classes extralimarias de musica, dança e gymnastica.

Pessoal docente, composto d'entre o mais habilitado da provincia.

Em dous annos de trabalhos lectivos, os exames feitos perante a delegacia especial pelos alumnos deste estabelecimento, deram o seguinte resultado :

As aulas que devem funcionar no corrente anno e os respectivos professores constam do quadro seguinte :

|                           |                            |
|---------------------------|----------------------------|
| Primeiras letras          | Balthazar de Araujo Góes   |
| Portuguez                 | Dr. Jovino Pereira da Luz  |
| Latim { Classe superior   | Prof. Manoel F. d'Oliveira |
| { Classe inferior         | João Alves de G. Lima      |
| Francúz { Classe superior | Geminiano P. d'Azevedo     |
| { Classe media            | Balthazar de A. Góes       |
| { Classe inferior         | João R. da Costa Dorea     |
| Inglez { Classe superior  | Dr. Luiz Antonio de Faria  |
| { Classe inferior         | João Ribeiro Fernandes     |
| Italiano                  | João A. de Gouveia Lima    |
| Geographia                | Dr. Thomaz D. Leopoldo     |
| Historia Universal        | O Director.                |
| Philosophia               | Dr. Jovino Pereira da Luz  |
| Arithmetica               | O Director.                |
| Algebra Repetidor         | João R. da Costa Dorea     |
| Geometria Repetidor       | O Director.                |
| Rhetorica Repetidor       | João Ribeiro Fernandes     |
|                           | Eug. Pedro P. de Andrada   |
|                           | João R. da Costa Dorea     |
|                           | Manoel F. d'Oliveira       |

O director pretende instituir o curso elemental de sciencias physicas e naturaes, e contratar um professor de lingua allemã, acompanhando assim cabalmente todas as exigencias do governo geral em seu ultimo decreto reformando o plano da instrucção secundaria, e aviso recente estabelecendo a necessidade d'esses preparatorios, bem como de italiano, para a matricula nas academias de 1883 em diante, devendo elles, portanto, ser estudados com antecedencia.

Desligando-se de alguns encargos que lhe sobrepesavam, extranhos ao estabelecimento, e até diminuindo consideravelmente o numero das aulas que leccionava, o director acha-se consagrado o mais possivel ao progresso de seus alumnos, e marcha regular da instituição que fundou, e que continuará merecendo-lhe todos os esforços.

Os trabalhos lectivos principiarão em 3 de fevereiro proximo vinjouro.

Aracajú, 3 de janeiro de 1881.

Figura 8 – Anúncio no *Jornal de Sergipe*, de 15 de janeiro de 1881, edição 02, ano XV, p. 04. Fonte: Hemeroteca Digital Biblioteca Nacional.

Por meio da atividade jornalística, em que atuou desde os primeiros anos no Rio, assim como pelo desempenho no magistério nos Colégios D. Pedro de Alcântara e Alberto Brandão<sup>16</sup>, onde travou conhecimento e provavelmente recebeu o influxo do renomado

<sup>16</sup> Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, “*João Ribeiro*”. Edição Especial, nº 24, vol. XIX, 1960.

filólogo Boaventura Plácido Lameira de Andrade<sup>17</sup>, colega que lhe inspirou o aprimoramento nesse campo do saber, em que logrou uma exitosa carreira enquanto autor de gramáticas. Nos anos vindouros, acabou tornando-se uma das mais conceituadas autoridades no estudo e na escrita sobre a filologia. O crítico literário Sílvio Romero (1949, p. 319) assim definiu o seu potencial, numa apreciação do livro *Dias de sol* (1884):

O moço filólogo é uma organização literária e científica de muito boa seiva. Amor ao estudo, facilidade de exposição, ausência de reuma pedantesca e, acima de tudo, intuição pronta e segura, eis o que se descobre no pequeno livro, de cujo conteúdo pretendo dar uma ideia<sup>18</sup>.

Contar com o apoio e críticas favoráveis ao seu trabalho foi sem dúvida algo que deu ao neófito João Ribeiro, em terras cariocas, uma disposição para dar início a sua trajetória intelectual e inserir-se nos ambientes frequentados pelos homens de letras. Granjeou uma prolífica colaboração nos jornais e periódicos de vieses abolicionista e republicano, como na *Gazeta da Tarde* de José do Patrocínio, em *O Globo* de Quintino Bocaiúva, no *Correio do Povo* de Sampaio Ferraz, que nos dão o perfil político-ideológico do jovem periodista. Após algum tempo, trabalhou também para *A Época*, de propriedade de Zeferino Cândido, *A Semana*, de Valentim Magalhães, *O País*, também pertencente a Quintino Bocaiúva, a *Revista Ilustrada*, de Angelo Agostini e Paul Théodore Robin; *A Semana*, de Paul Robin; *A Revista Sul Americana*,

---

<sup>17</sup> Boaventura Plácido Lameira de Andrade nasceu no Rio de Janeiro, em 17 de setembro de 1839, sendo filho de Antônio Lameira de Andrade, de nacionalidade portuguesa, e de Fortunata de Andrade. Lameira de Andrade transfere sua residência de Nova Friburgo para Cantagalo, onde cria o Instituto Collegial de Cantagallo, em 1879, transferiu seu colégio para o Rio de Janeiro. Associando-se ao Prof. Alberto Brandão, leva seu estabelecimento de ensino para Vassouras, no sul fluminense. Todavia, a epidemia de febre amarela obriga sua volta ao Rio de Janeiro. Na capital, Lameira de Andrade presta concurso para professor de português da Escola Normal do Rio de Janeiro, em parceria com Manuel Pacheco da Silva Junior (1842-1899) escreveu a *Gramática da Língua Portuguesa para uso dos gymnasios, liceos e escola normaes* (1894). Escreveu inúmeros artigos sobre língua portuguesa, geografia, história e filologia. Em 1895, aos 56 anos, em plena atividade intelectual, faleceu Lameira de Andrade. Júlio Carvalho. *Jornal da Região*. “Lameira de Andrade”. Terça-feira, 05 de abril de 2022: 1. Ana Beatriz Simões da Matta, Allan Philip Conceição de Oliveira. *A constituição da “Philologia” em “O Vulgarizador”*: Uma análise discursiva. In: Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Vol. XV, n 5, t.2. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2011: 1105-1114.

<sup>18</sup> Acerca dos primeiros anos de experiência de João Ribeiro na capital do Brasil e suas primeiras incursões no mundo literário, verificar: Núbia Marques, *João Ribeiro Sempre* (Aracaju, UFS, 1996). Sílvio Romero, *História da Literatura Brasileira*. 4ª Ed. Tomo V (Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio, 1949). Alessandra Ramos, “Arranjos Possíveis de uma vida privada: João Ribeiro e os desafios de compor sua trajetória pessoal”. In Rogério Rosa Rodrigues, *Nos desvãos da história* (Jundiaí, Paco Editorial, 2015). Patrícia Santos Hansen, *Feições e Fisionomia: a História do Brasil de João Ribeiro* (Rio de Janeiro: Access, 2000).

formada por uma tríade sergipana de renome: Silvio Romero, João Ribeiro e Felisbello Freire (Leão 1960; Martins 2020). Alguns desses periódicos tiveram uma relevante função em divulgar os ideais abolicionistas e republicanos, sendo em alguma medida responsáveis por algum desgaste da Monarquia, dada a constante campanha realizada para desacreditar e inviabilizar a continuidade do regime monárquico no Brasil. Campanhas que ganharam corpo com a Questão Religiosa e a Questão Militar, ambas colaboradoras para esse enfraquecimento aludido.

Como era usual na Família Imperial, em momentos de maior tensão política, buscavam distanciar-se do Rio de Janeiro, subindo a serra para a cidade de Petrópolis, distante dos burburinhos da corte e das evidentes articulações dos militares em promover o fim da monarquia. Tais recuos não alteraram o quadro de vulnerabilidade a que o Imperador estava exposto, era patente que a monarquia estava cada vez mais isolada (Schwarcz 1998).

É digno de nota a possibilidade de livre expressão que esses homens de letras tiveram ao manifestarem suas opiniões contrárias ao regime em vigor. Geralmente não sofrendo maiores sanções de ordem repressiva, como se verificou nos primeiros anos da República, quando o empastelamento de jornais, prisão, deportação e até assassinato de jornalistas tornaram-se acontecimentos corriqueiros naqueles sombrios anos de implantação do “novo regime” político.

A jornada de João Ribeiro no campo jornalístico se soma a tantos outros homens de letras que viam na aurora republicana as inovações ansiadas por muitos deles, com a inserção do Brasil no “mundo civilizado”, superando as mazelas do regime monárquico, como a escravidão, a falta de autonomia das províncias, a precariedade na estrutura urbana das capitais nas províncias e, principalmente do Rio de Janeiro, porta de entrada do Brasil, vista como atrasada e inadequada para as demandas de um país que pretendia modernizar-se.

O jovem João Ribeiro estava apenas dando seus passos iniciais no Rio de Janeiro, enquanto periodista no início da década de 1880, tendo em vista, os diversos veículos

jornalísticos em que ele atuou. Preponderantemente como crítico literário, construiu a sua imagem de intelectual conectado com as demandas republicanas. Em uma das diversas publicações que advogavam a causa de um Brasil republicano, João Ribeiro, já ambientado com a realidade política da capital brasileira em 1889, vaticinou na *Revista Sul-Americana*, naquele 15 de janeiro:

Estamos sob o regime de 1889. É o ano da liquidação política, e o que se diz o último da monarquia americana. Há um fermento revolucionário por toda a parte: a república triunfa e apenas deve-se registrar a existência de um único partido monárquico, o dos que esperam lugubrememente a certidão de óbito de S. Majestade. A força não se aniquila, transforma-se. E a força republicana atual é uma caudal soberana que resulta de várias convergências: da antiga e tradicional ideia republicana; da autonomia da lavoura, já não precisando da proteção imperial; dos desesperos das classes em crise econômica; do ódio contra a imoralidade dos governos; da miséria das províncias; do abolicionismo que trabalhou pela liberdade e não ficou monárquico. O republicanismo esperava apenas a reação armada e essa já deploravelmente se manifestou, mascarada ainda que iniludível.<sup>19</sup>

Muitos homens de letras aderiram àquele desejo de mudança do regime político, presente nos meses que antecederam o golpe. Os intelectuais estavam convictos das transformações que o novo regime traria, dentre elas, vislumbraram alterações do quadro educacional brasileiro, marcado pelo analfabetismo da maior parte de sua população, como também a diversificação da economia brasileira, além da dinamização na política, marcada fortemente pela presença de prepostos nomeados pelo Imperador para administrar as províncias. Grande parte desses anseios ficaram nas ideias daqueles intelectuais republicanos, pois as “mudanças” efetivadas com a República foram de caráter superficial e não alteraram a dimensão da profunda desigualdade social que marcou decisivamente o Brasil no final do século XIX e primeiras décadas do XX.

O engajamento de João Ribeiro aos quadros jornalísticos republicanos se deu de forma espontânea, tendo em vista a sua aproximação com alguns expoentes do movimento

---

<sup>19</sup> *Revista Sul-Americana*. Bibliografia Brasileira – Ciências, Letras e Artes. Ano 1, nº 1. 15 de janeiro de 1889. Rio de Janeiro: Publicado pelo Centro Bibliográfico Vulgarizador.

aboliconista e republicano, redatores e donos de alguns jornais que defendiam tais causas. O início da década de 1880 também foi marcado pelo desenvolvimento técnico empregado na elaboração dos periódicos naquele decênio, favorecendo a aceleração da produção e melhoria na qualidade da impressão, além da utilização dos recursos imagéticos como a caricatura e a fotografia, que dinamizaram os meios de comunicação no final do século XIX (Martins & Regina de Luca 2020)

Em meio a esse conjunto de transformações de ordem política em curso nos idos de 1880, um acontecimento significativo para aquele jovem de 25 anos foi a conquista do seu primeiro emprego público no ano de 1885 por meio de concurso para oficial na Secretaria da Biblioteca Nacional. Já no ano de 1887, prestou concurso público para o Colégio Pedro II, assumindo efetivamente a função de professor em 1890.

João Ribeiro casou-se com Maria Luiza de Fonseca Ramos, filha do major Luiz Ramos, professor da Escola Normal. Desse casamento nasceram 16 filhos, dos quais oito permaneceram vivos. A prolífica família tornou-se um elemento de realização e ao mesmo tempo de preocupação, tendo em vista os constantes momentos de profunda tristeza vivenciados pelo patriarca e pela matriarca dos Ribeiro, diante das inúmeras mortes daquelas crianças em tenra idade. O cotidiano marcado por alguns abortos espontâneos e morte prematura de alguns dos seus filhos e filhas vivenciados ao longo dos anos, marcou decisivamente aquele casal. Tais acontecimentos no século XIX, não eram fatos extraordinários, devido ao “limitado conhecimento de doenças contagiosas e as condições de higiene pouco favoráveis, deixavam as crianças à mercê de doenças variadas, entre as mais letais: a tuberculose, a febre amarela, a febre palustre, a meningite, a congestão pulmonar, a pneumonia.” (Mauad, 2018, p.158).



Figura 9 – João Ribeiro e sua esposa Dona Maria Luíza da Fonseca Ramos. Fonte: Acervo da Casa de Cultura João Ribeiro, em Laranjeiras. Caixa 25, Doc: 00139, Fundo Iconográfico.

Um outro fator considerável para aqueles números elevados de morte era a forma de lidar com os recém-nascidos, que gerava um percentual de “mortalidade infantojuvenil entre 350 em mil meninos e meninas na faixa de zero a sete anos de idade”<sup>20</sup>. Mesmo havendo literatura que versava sobre as práticas cotidianas e os cuidados com as crianças recém-nascidas, o que vigorava no Brasil oitocentista era a “tradição das avós que, por sua vez, aprenderam de suas avós: crianças no interior da casa, bem enroladinhas, protegidas do ar frio e mamando de uma negra saudável e bem alimentada.”<sup>21</sup>

Tais práticas constituíam os elementos essenciais para a saúde de um novo membro em uma família, seja no Rio de Janeiro ou em outros centros urbanos do Brasil. No caso da família Ribeiro, verificamos por meio de uma carta enviada ao amigo José Lino a regularidade

---

<sup>20</sup> Renato Pinto Venâncio. Maternidade negada. In *História das mulheres no Brasil*. Mary Del Priore (Org), Carla Bassanezi (Coord. de textos). 8 ed. (São Paulo: Contexto, 2006: 212).

<sup>21</sup> Ana Maria Mauad, 2018:161.

da amamentação dos filhos feita pela própria mãe, não delegando essa função a uma ama de leite<sup>22</sup>. Essa prática pode ter sido realizada por uma questão afetiva ou meramente a limitação dos recursos financeiros, para contratar uma auxiliar nessa tarefa, dado o número de filhos gerados por esta matriarca.

Mesmo com os infortúnios das perdas familiares, um acontecimento auspicioso deu alguma tranquilidade no orçamento dos Ribeiros: a partir de 1890, João Ribeiro foi convocado para assumir a função de professor de História Universal no Colégio Nacional. Graças ao concurso que prestou em 1887, e, só com o advento da República, pôde exercer uma função que lhe assegurou melhor condição financeira<sup>23</sup>, graças também aos trabalhos realizados nos jornais *O Paiz* e *Correio do Povo*.

## 2.2 A ação dos intelectuais por meio dos jornais

Com o advento da República, no final do século XIX, verificou-se que o grupo conhecido como “intelectuais”<sup>24</sup>, notadamente no Rio de Janeiro, capital do Brasil naquele momento, exercia grande influência nos jornais. Nesse plano, os seus membros atuavam como arautos na divulgação do conhecimento, como formadores de opinião, críticos literários, analistas da realidade cotidiana nas suas manifestações políticas e culturais. Tais

---

<sup>22</sup> Carta de João Ribeiro ao compadre José Lino, onde convida o casal de amigos para visitá-los no Rio de Janeiro, pois D. Nhan Nhan (Apelido da esposa de João Ribeiro), estava amamentando um dos seus filhos recém-nascidos (sete dias), não podendo ausentar-se do Rio de Janeiro. Incentiva o convite ao amigo ao afirmar: “o verão está magnífico”. João Ribeiro. Carta, 01 de janeiro de 1891. Arquivo da ABL.

<sup>23</sup> Idem, 1891.

<sup>24</sup> Segundo o Novo Dicionário Aurélio: “INTELECTUAL: Relativo ao intelecto; que possui dotes de espírito, de inteligência; pessoa que tem gosto predominante ou inclinação pelas coisas do espírito, da inteligência”. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Aurélio XXI: o dicionário da língua portuguesa* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999):1122. Sobre o conceito de intelectual verificar também André Burguière, *Dicionário das ciências históricas* (Rio de Janeiro. Imago Ed., 1993): 446-452. Noberto Bobbio, *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. (São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997). Manuela Tavares Ribeiro, “Intelectuais e ideia de Europa- Séculos XIX/XX”. In *Europa Globalização e Multiculturalismo*. (Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão – Museu Bernardino Machado. 2006), Jean-François Sirinelli, “Os intelectuais?”. In *Por uma história política* (Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003). Angela de Castro Gomes, Patricia Santos Hansen, *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*, Org. 1ª ed. (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016).

homens de letras formavam um campo múltiplo de ação, dado que muitos dos seus componentes apresentavam variados matizes ideológicos, provenientes tanto das hostes monarquistas como republicanas. Eram, em grande medida, responsáveis pela formulação de uma identidade nacional ou regional, cujos fundamentos serão encontrados numa cultura de cunho popular que expressava a essência de uma nação desejosa de perceber a sua identidade precípua.

A realidade cultural de alguns centros urbanos do Brasil, no final dos oitocentos, caracterizava-se pela diferenciação, de acordo com a localização e o grau de desenvolvimento de cada cidade. O Rio de Janeiro constituía o epicentro da produção e posterior propagação do que se entendia como cultura erudita. O modelo a ser seguido vinha preferencialmente de Paris, centro europeu de referência, onde a efervescência dos homens ligados à cultura e às conquistas de ordem tecnológica traziam para aquelas populações, na chamada *Belle Époque*<sup>25</sup>, um conjunto de novidades que despertavam um sentimento de esperança e credibilidade nos avanços científicos. Formulavam, desse modo, simultaneamente, tanto uma aprovação entusiástica do conceito do *novo* em voga, quanto críticas contundentes a essa ideia de modernidade que sacudia os costumes. As modernidades tornaram-se palpáveis com a implementação do sistema ferroviário, a eletrificação, o combate às epidemias, o surgimento do telégrafo e do telefone, da fotografia, do cinema, dos automóveis das exposições nacionais e internacionais. Dentre tantas outras conquistas de ordem técnica, com reflexo no cotidiano das pessoas, destacam-se as reformas urbanísticas, colocadas em curso em algumas capitais do Brasil. Nesses cenários em transformação dois sergipanos contribuíram para a valorização

---

<sup>25</sup> Sobre esse período, verificar as seguintes obras: Jeffrey D Needel, *Belle Époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século* (São Paulo, Companhia das Letras, 1993); Carmem Negreiro et alii, *Belle Époque: crítica, arte e cultura* (Rio de Janeiro, Labelle/São Paulo, Intermeios, Faperj, 2006). Eloisa Petti Pinheiro, *Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)*, (Salvador, EDUFBA, 2011), Nicolau Sevcenko (Org.), “A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio”. In *História da Vida Privada no Brasil*. (São Paulo, Companhia das Letras, 1988): 514-619.

daquilo que mais nos evidenciava enquanto nação: a nossa cultura nas suas múltiplas manifestações.

Pensar a atuação desses homens em seus respectivos ambientes, coloca-nos diante das alterações experimentadas nas estruturas da organização política, além da transformação cultural posta em curso no final do século XIX e durante as três primeiras décadas do século XX. Os dois personagens a que nos referimos são exemplos paradigmáticos de intelectuais em seus respectivos espaços de sociabilidade, consagrando-se enquanto “jornalistas”, editores de periódicos, cidadãos preocupados com os rumos que a cultura apresentava no Brasil naquele momento. Referimo-nos aos sergipanos João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes e Clodomir de Souza e Silva<sup>26</sup>, cujas vidas se aproximaram em muitos dos aspectos formativos e, ao mesmo tempo, distanciaram-se grandemente em função das diferentes opções, tomadas por cada um desses homens de letras, além do distanciamento temporal entre eles. Para compreendê-los de forma mais abrangente, a biografia comparada deu-nos as ferramentas apropriadas para entendermos suas respectivas contribuições na formação de um nacionalismo ou regionalismo em suas respectivas cidades. (Barros, 2014).

Compreender o surgimento de uma concepção de nação sob a ótica contemporânea remete-nos invariavelmente aos pensadores europeus do século XVIII, responsáveis por formular um conceito em que essa ideia de “preservar e aprofundar, em um território definido, a identidade de língua, religião, cultura e costumes a partir de experiências comuns, esse *Volksgeist* (espírito do povo) casou-se sem dificuldades com o ideário do liberalismo nascente”<sup>27</sup>. Tal assertiva encontrou eco nos mais variados países do Ocidente, cabendo a alguns segmentos da sociedade, como o dos intelectuais, o papel de referendar e legitimar

---

<sup>26</sup> Acerca da contribuição de Clodomir de Souza e Silva, enquanto um homem de letras e a sua trajetória de vida, serão devidamente exploradas a partir do capítulo II da tese, onde a temporalidade entre os dois biografados se aproximam.

<sup>27</sup> Assim, o verbete NACIONALISMO é definido por Ronaldo Vainfas. Dicionário do Brasil imperial. (Org). (Rio de Janeiro: Objetiva, 2002: 544).

um conceito responsável pela coesão de um todo complexo, a fim de gerar um sentimento de comunhão entre a população, mesmo apresentando variáveis culturais expressivas, dada a dimensão do seu território, como é o caso do Brasil.

O processo de construção da nacionalidade brasileira se deu ao longo de todo o século XIX, desde a fundação da Monarquia, enquanto forma de governo (1822), até a sua extinção e instalação do regime Republicano (1889). Verifica-se nesse período que houve um maior desejo de igualdade e de participação popular nos assuntos relativos às práticas político-econômicas daquela jovem República em 1889. Algumas instituições deram um significativo contributo a esse processo de construção identitária de nacionalidade. Podemos elencar o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB – 1838), o Arquivo Nacional (1838), o Colégio Pedro II (1837) e alguns outros. Os referidos órgãos culturais abrigaram e preservaram elementos da memória nacional e, do mesmo modo, coligiram os intelectuais de maior representatividade no cenário brasileiro. Assim, Vainfas (2002, p. 546) demonstra o contributo para essa nacionalidade em formação:

Não obstante, ao final do Segundo Reinado, o Brasil tinha adquirido uma *personalidade*. Os escritores românticos tinham-lhe emprestado uma língua literária. Varnagen e Joaquim Manuel de Macedo deram-lhe uma história. O IHGB guardava-lhe a memória. O Colégio Pedro II fornecia-lhe a elite homogeneizada.

Durante o final do século XIX, tentou-se estabelecer uma nacionalidade por meio de uma crítica literária, cujo objetivo principal era definir os elementos constitutivos de brasilidade e a relação dessa identidade com o que ocorria no cenário internacional, sobretudo, o europeu. Um dos intelectuais que se dedicaram a essa tarefa foi João Ribeiro, influenciado, sem dúvida, pela amizade que cultivou com Sílvio Romero<sup>28</sup>, “fundador dos

---

<sup>28</sup> Filho do português André Ramos Romero e D. Maria Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, nasceu na vila, hoje cidade do Lagarto a 21 de abril de 1851, e faleceu no Rio de Janeiro a 18 de julho de 1914. Intelectual prolífico e crítico literário afeito a embates rumorosos através dos jornais cariocas, onde atuou assiduamente.

mitos da identidade nacional e as ideologias do caráter e da cultura brasileira, baseados na fusão e integração de raças e culturas” (Ventura 1991, p. 65), e com Graça Aranha<sup>29</sup>. Dois exemplos de cultores das letras, de um pensamento voltado para uma visão de brasilidade, que pretendia estabelecer alguma originalidade na cultura local, mesmo que na época vigorasse uma postura consolidada de “inferioridade étnica” e “atraso cultural”.

Essa forma de perceber a cultura brasileira se dava pelos defensores das ideias evolucionistas e o arianismo em voga na Europa. Para superar essa forma preconceituosa de perceber e valorar a cultura nacional, urgia a inserção do Brasil nos quadros das nações consideradas “civilizadas”. Foi nesse contexto que João Ribeiro empreendeu sua cruzada rumo à valorização daquilo que considerava genuinamente nacional, mesmo que derivado de moldes portugueses, como foi o caso da língua e de alguns aspectos do folclore, além da produção histórica. Nesses domínios, verificamos a expressiva contribuição do intelectual sergipano, também responsável pela construção identitária da nação, em curso nas primeiras décadas do século XX.

Em Schnaiderman (1960, p. 76), verificamos a abrangência do universo mental de João Ribeiro ao afirmar:

Era defensor entusiasta da miscigenação racial e da importância da contribuição das diferentes raças para a formação brasileira. Quando, na década de 1930, os estudos afro-brasileiros entraram em grande voga, os trabalhos de João Ribeiro sobre o assunto foram reunidos em livro póstumo por Joaquim Ribeiro, com o nome de *O Elemento Negro*. No

---

“As polêmicas de Sílvio Romero se inserem no movimento crítico da Escola do Recife, participante da virada antirromântica a partir de 1870. Esse movimento correspondeu, em termos de crítica literária, à introdução do naturalismo, do evolucionismo e do cientificismo, e tomou as noções de *raça* e *natureza*, com o fim de dar fundamentos “objetivos” e “imparciais” ao estudo da literatura”. Roberto Ventura, *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914* (São Paulo, Companhia das Letras, 1991):11. Sobre Sílvio Romero e sua trajetória intelectual verificar Luiz Antônio Barreto, *Personalidades Sergipanas* (Aracaju, Typografia Editorial, 2007):15-34, e Armindo Guaraná, *Dicionário bio-bibliográfico sergipano* (Rio de Janeiro, Pongetti & C, 1925).

<sup>29</sup> O intelectual “José Pereira da Graça Aranha nasceu em São Luís do Maranhão, a 21 de junho de 1868. Estudou Direito no Recife. Formado (1886), ingressa na magistratura, indo servir no Estado natal, de onde se transfere para o Rio de Janeiro e de lá para o Espírito Santo. Passados três anos é nomeado Procurador Seccional da República, de que se exonera pouco depois, para abraçar a carreira diplomática, a partir de 1899. Em 1902 publica *Canaã*, em 1911, *Malazarte*, e, em 1920, *A Estética da Vida*. Participa dos acontecimentos em torno da Semana de Arte Moderna (1922) e rompe com a Academia Brasileira de Letras (1924)”. Massuad Moisés, *História da Literatura Brasileira*, v. II: “Do Realismo à Belle Époque” (São Paulo, Cultrix, 2016):464.

prefácio à obra, o filho do escritor lembra que Nina Rodrigues havia frisado a contribuição pioneira e eficaz, ainda que pouco numerosa, de João Ribeiro àqueles estudos. Num dos artigos em questão, o escritor afirma, contra a “nossa pudicice racial”, a necessidade do estudo das “antiguidades negras”, e da fundação de um museu dedicado às coisas africanas.

Diversos autores deram a sua contribuição para uma concepção mais abrangente acerca da pluralidade cultural brasileira e a necessidade de ampliar a formação educacional de um país diverso em seus aspectos étnicos e sociais. Seguramente, por mais de um século o que serviu de modelo cultural para a maioria da intelectualidade brasileira, até meados dos anos vinte, foi a matriz francesa. A busca por uma identidade nacional genuína foi um dos motores que impulsionaram homens de letras, como João Ribeiro e outros que foram seus contemporâneos e pósteros, a perceber e trabalhar com a diversidade cultural do Brasil, enquanto um dos elementos que nos caracteriza como nação.

Na obra de Brito Broca *A Vida Literária no Brasil - 1900* (1975), relevante reunião de temas ligados ao ambiente carioca que passava por transformações, o autor efetua um minucioso registro da formação cultural dos homens de letras do país, ou, quase sinonimamente, do Rio de Janeiro, no período da *Belle Époque*. Em um texto fluido e já consagrado na historiografia literária, deparamo-nos com “o poder da imprensa nos mecanismos de legitimação literária, a formação de grêmios e associações culturais e artísticas, a expansão do mercado editorial, as interseções entre política e literatura, as idiossincrasias dos escritores. Nesse particular, houve a recuperação da “pequena história”, feita de afetos e desafetos, no cotidiano das relações interpessoais” (Publicações ABL, 2005).

Um autor que dissecou a capital brasileira no início do século XX é Nicolau Sevcenko, no estudo *A Capital Irradiante: Técnica, ritmos e ritos do Rio* (1998). Nele o autor dá-nos o perfil de um cenário urbano complexo na sua lida cotidiana com as diferenças sociais, culturais e político econômicas que faziam desse centro urbano um ponto de referência para as demais capitais do país, tendo em vista as suas múltiplas facetas. No entanto, a faceta mais expressiva

no período em questão diz respeito à experimentação daquelas novidades vindas da Europa.

Segundo o autor,

No Brasil, no período estudado, esse papel de metrópole-modelo recai sem dúvida sobre o Rio de Janeiro, sede do governo, centro cultural, maior porto, maior cidade e cartão de visita do país, atraindo tanto estrangeiros quanto nacionais. [...] O Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima (Sevcenko 1998, p. 522).

No trabalho de Patrícia Santos Hanssen, *Feições e Fisionomia: a História do Brasil de João Ribeiro* (2000), verificamos uma análise pormenorizada do livro, cujo conteúdo e contextualização, em que ele foi escrito, oportunizam uma visão do historiador que se tornou João Ribeiro, a partir da publicação dessa obra. Foi a versão de *História do Brasil* (1900) utilizada por professores do ensino superior que o projetou como historiador e lhe deu destaque no campo da historiografia. O livro originalmente foi produzido para atender aos estudantes do terceiro ano do ensino médio do Colégio Nacional. No entanto, sua abrangência e profundidade o levaram a ser utilizado por outros intelectuais como referência de acurada pesquisa e inovação epistemológica. Segundo Hansen (2000, p. 9):

A recepção entusiasmada do livro entre a elite intelectual acabaria por promover a inclusão de João Ribeiro, por vários autores, no rol de nossos grandes historiadores, e sua consagração se daria pelas várias apropriações de seu texto, citado nas obras de alguns dos maiores intérpretes da sociedade brasileira como Euclides da Cunha e Gilberto Freire.

Verificamos nessa pesquisa uma série de dados essenciais para a elaboração da trajetória do referido intelectual, pois a sua fértil produção historiográfica, jornalística e cultural demanda um número expressivo de autores que se debruçaram em pesquisas acerca da sua vida e obra, dando-nos mais um relevante contributo na obtenção de uma fonte precisa e segura acerca do biografado.

No artigo de Monica Pimenta Velloso, *O Modernismo e a questão nacional* (2008), verificamos a relevância que os intelectuais adquiriram na formação de uma identidade

nacional, com sua tentativa de elaborar uma síntese cultural e escrita da história sob um viés mais abrangente da contribuição étnica dos povos formadores dessa nacionalidade. A autora toma como referência os dois centros de maior expressão econômica e cultural do país, respectivamente São Paulo e Rio de Janeiro, polos irradiadores de um modernismo que esboçava “caminhos, percepções conceituais e formas de apreensão da nacionalidade que serão retomadas mais adiante” (Velloso 2008, p. 358). Esse trabalho nos coloca diante da abrangência conceitual que um tema consagrado, como o de Modernismo, pode vir a ser reelaborado diante das amarras estabelecidas por décadas de uma visão unívoca.

Na obra de Ângela de Castro Gomes *A República, a História e o IHGB* (2009), constata-se com clareza a relevância que a produção de um conhecimento histórico com base em autores nacionais passa a ter. Objetivava-se a elaboração de uma identidade brasileira, a partir de uma produção historiográfica que começava a se delinear, sob um viés de valorização do elemento nacional com suas intrincadas especificidades. Esse processo ganha amplitude com a República, devido à “necessidade de uma cultura cívico-patriótica, capaz de produzir novos cidadãos” (2009, p. 85) que entendessem a “nova” forma de se fazer política e o papel de cada um nessa engrenagem que é o Estado Nacional. Para que houvesse um comprometimento por parte do povo com esse processo de construção identitária, verificou-se que a educação passa a desempenhar um relevante papel e os intelectuais começam a atuar como propagadores na construção de um projeto nacionalista em curso no final do século XIX e início do século XX.

A autora nos apresenta a Primeira República brasileira como um período rico e contraditório. Rico porque se tratava de um projeto a que muitos intelectuais prestaram a sua chancela, enquanto defensores ardorosos do regime que traria a “modernidade” e a “civilidade” para o Brasil; e contraditório porque legitimava apenas formas oligárquicas de mandonismo, não cumprindo aquele propósito. A referida obra tem grande importância para a tese já que descortina a atuação dos homens de letras no Instituto Histórico e Geográfico

Brasileiro (IHGB), uma instituição responsável pela guarda da memória nacional. O IHGB foi um dos centros aglutinadores da intelectualidade brasileira e, portanto, um locus por excelência da nacionalidade em processo de moldagem.

Em um ambiente pleno de mudanças, os intelectuais exerceram um papel destaque no âmbito do texto escrito, tendo em vista a multiplicidade de tarefas a que muitos se dedicavam, grandemente por razões pecuniárias. Atuar como redator, escritor, crítico literário ou mesmo como colunista não oportunizava uma vida tranquila, exigindo que se buscasse em outras profissões ligadas à vida pública ou na iniciativa privada, a base de sustentação familiar. A atividade lítero-jornalística acabou por fornecer um complemento que conferia aos literatos uma situação econômica razoável, condigna com o papel de produtores e fomentadores de ideias nas principais cidades do país.

A atividade remunerada nos jornais e revistas representou uma realidade que pode ser dimensionada pela constante presença dos mais destacados intelectuais na seara jornalística. Nomes como Machado de Assis, Sílvio Romero, Euclides da Cunha, João Ribeiro, Olavo Bilac, José Veríssimo, Medeiros e Albuquerque, Coelho Neto e Capistrano de Abreu<sup>30</sup>, dentre tantos outros, dão-nos uma dimensão da frequência desses literatos com o ato de escrever. Por atuarem regularmente na produção de periódicos, entendemos que eles são uma fonte privilegiada para a observação tanto do processo de modernização em curso nas primeiras décadas do século XX quanto dos embates que esses mesmos intelectuais promoviam nos veículos de comunicação em que trabalhavam.

A alardeada modernidade que se anunciava trazia no seu bojo alguns paradigmas de representatividade; dentre eles, a imprensa figurava como a difusora dos valores relacionados

---

<sup>30</sup> A respeito dos intelectuais e sua ação no ambiente jornalístico observar as seguintes obras: José Brito Broca, *A Vida literária no Brasil- 1900*. 3 ed. (Rio de Janeiro, José Olympio, 1975). James William Goodwin Junior, *Cidades de papel: imprensa, progresso e tradição: Diamantina e Juiz de Fora* (Belo Horizonte, Fino Traço, 2015). Sergio Miceli, *Intelectuais à brasileira*. (São Paulo, Companhia das Letras, 2001). Marta E. G. Scherer, *Imprensa e Belle Époque: Olavo Bilac, o jornalismo e suas histórias* (Palhoça, Ed. Unisul, 2012).

à chamada “civilização”. Esse meio de comunicação traduzia os anseios de civilidade, na forma de artigos que objetivavam uma espécie de esclarecimento para a população, conduzindo-a, divertindo-a, educando-a, fosse ela leitora ou meramente receptora das discussões propostas pelos jornais. Entender a relevância dessa fonte histórica e o seu significado como expressão de um contexto histórico constitui uma das tarefas desta tese.

Tratar o texto jornalístico “como produto é perceber a existência de grupos que o produzem, permeados por interesses pessoais e coletivos, movendo-se dentro de um conjunto de valores que vão além do próprio grupo, remetendo à sociedade que recebe o jornal” (Goodwin Jr., 2015, p. 102-103). Esse meio de comunicação era e ainda é uma construção que se caracteriza pela produção do texto, tornando-se uma reverberação do acontecimento social, logo, a produção da memória. Quem produz a memória influencia e tenta dar-lhe sentido. Segundo James William Goodwin Jr. (2015, p. 104),

Estudar a atuação da imprensa em um momento específico, num dado recorte espaço-temporal, é estudar as relações de poder dentro de uma sociedade, que molda a compreensão que esta sociedade tem de si, e do próprio momento que vive. Abordar a imprensa como campo de estudo é, para além da história da técnica jornalística, uma história social: nela estão presentes elementos do jogo de forças que atuam num momento histórico – com destaque para as elites que controlam a escrita e a produção do jornal e que pretendem ser as senhoras da memória no presente, garantindo assim, o controle sobre o futuro.

Portanto, a relevância dos homens de letras na construção de uma identidade nacional, por meio de suas práticas jornalísticas se davam graças ao poder de comunicação e influência que esses literatos possuíam, ao publicar em suas colunas ideias e valores considerados essenciais para a formação de um país com pretensões à modernidade. Tais periódicos constituem um campo fértil de observação daquilo que compunha uma dada sociedade, com seus costumes, valores, modismos, em um dado período histórico e as características que o compõem. E para melhor compreendê-los faz-se necessário observar o espaço onde circulou, os intelectuais que congregou, as redes de comunicação que

estabeleceram entre o público consumidor e a redação onde era elaborado, demonstrando, desse modo, sua relevância no tempo que circulou.

### **2.3 Os homens de letras e sua relação com a capital federal**

A cidade do Rio de Janeiro, desde que se tornou a segunda capital do Brasil (1763), ainda no período colonial, começou a atrair as atenções da Coroa Portuguesa, seja por razões de ordem econômica, seja por ter se tornado o centro irradiador de decisões políticas e culturais, em um vasto território diverso em todos os aspectos de sua constituição. A transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808, alterou de forma decisiva os rumos dessa capital, dadas as inúmeras transformações ocorridas até o processo de ruptura política com a metrópole. Pensar essa cidade como o palco das principais decisões orquestradas pelas autoridades constituídas, seja na Monarquia ou na República, coloca-nos diante de um cenário de liderança e relevância experimentados por esta cidade.

No final do século XIX e a primeira década do XX, o Rio de Janeiro experimentou a implementação do regime republicano, o aprimoramento e a profissionalização da sua imprensa, revoltas de caráter social, a reestruturação do seu velho centro histórico e áreas adjacentes, com a Reforma Pereira Passos (1903-1906). Tudo isso serviu como ambiente onde se processou o surgimento de novos estilos literários e a superação daqueles que vigoraram anteriormente, também, percebe-se o enobrecimento de novas áreas e o declínio de outras, além do aparecimento de novos intelectuais convivendo com nomes consagrados. Segundo Sevcenko (1995, p. 25):

Assinalando nitidamente um amplo processo de desestabilização e reajustamento social, o advento da ordem republicana foi marcado também por uma série contínua de crises políticas – 1889, 1891, 1893, 1897, 1904. Todas elas foram repontadas por grandes ondas de “deposições”, “degolas”, “exílios”, “deportações”, que atingiram principalmente e em primeiro lugar as elites tradicionais do Império e o seu vasto círculo de clientes; mas tendendo em seguida – sobretudo nos

seus dois últimos movimentos – a eliminar também da cena política os grupos comprometidos com os anseios populares mais latentes e envolvidos nas correntes mais férvidas do republicanismo.

Por essas e tantas outras razões o Rio de Janeiro era o grande polo de atração para jovens que ambicionavam tornar-se expressivos no mundo das letras, seja por meio da poesia, prosa, ou mesmo atuando no jornalismo, visto que era uma forma de comunicação mais próxima da população de uma maneira em geral, apesar do número pouco expressivo daqueles que sabiam ler no país. Os jornais, os almanaques, as revistas, as chamadas publicações mais “ligeiras”, atraíam um público maior se comparássemos com a prosa convencional. A cidade estava em um processo de efervescência em muitos dos seus aspectos constitutivos. Ainda segundo Sevcenko (1995, p. 27):

O próprio compasso frenético com que se definiram as mudanças sociais, políticas e econômicas nesse período concorreu para a aceleração em escala sem precedentes do ritmo de vida da sociedade carioca. A penetração incisiva de capital estrangeiro, ativando energicamente a cadência dos negócios e a oscilação das fortunas, vem corroborar e precipitar esse ritmo, alastrando-o numa amplitude que arrebatava a todos os setores da sociedade.

Diante dessas constatações, o jovem homem de letras, nos diversos estados do Brasil, tinha no seu horizonte o Rio de Janeiro como o lugar ideal para suas ambições, a Meca dos nomes consagrados da nossa literatura, vivendo e frequentando cafés, livrarias, sebos, festas, espaços de sociabilidade, onde esses personagens que povoavam a mente de um neófito na literatura poderiam ser vistos e, talvez com alguma sorte, interessar-se por algum artigo, livro ou poesia, que pudesse conferir ao jovem homem de letras algum reconhecimento. Era nessa cidade que os nomes eram feitos, as reputações construídas e, em muitos casos destruídas, mediante o sucesso ou fracasso de uma dada publicação, geralmente advinda de alguma crítica positiva ou negativa feita pelos seus pares, publicada em um dos muitos periódicos, que circulavam de forma corriqueira pela capital federal.

O sergipano João Ribeiro vivenciou esse ambiente de transformação na virada do século XIX para o XX. Nessa época, já contava com a experiência de ter vivido dois anos na

Europa (1895-1897), experimentado o burburinho de cidades como Paris, Milão, Berlim, Veneza, cidades que deixaram marcas profundas e um desejo quase obsessivo de retornar e morar definitivamente com sua família em alguma capital europeia. Em carta de João Ribeiro ao amigo Graça Aranha, solicitando uma segunda comissão que possibilitasse viajar mais uma vez para a Europa, levando consigo sua família, o sergipano expressa o desejo de sair do Brasil: “Aqui te estou invocando para ser meu patrono. Tenho vergonha de dizê-lo: eu desejo a Europa.” (Ribeiro, 1900, p. 3).

Algum tempo após seu retorno do Velho Mundo, João Ribeiro foi agraciado com a primeira indicação para ingressar na Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897. Nesse período, encontrava-se ausente do Brasil, não fazendo parte dos quarenta primeiros imortais a compor aquela instituição. Por essa razão, toma posse da “cadeira número 31, cujo patrono é Pedro Luís e cujo antecessor fora Luís Guimarães Júnior<sup>31</sup>” A cerimônia foi marcada para o dia 30 de novembro de 1898, com o ritual de discurso do recém-empossado e a resposta do intelectual José Veríssimo, dando-lhe as boas-vindas. Segundo Rodrigues (2001, p. 89),

Estes discursos são o lugar por excelência em que podemos avaliar se o que havia pregado em 1896-1897, se realizara. Ao mesmo tempo, é por meio deles que podemos enxergar a política se imiscuindo entre os literatos para além das questões institucionais, dos debates de partidos, numa série de contradições e ambiguidades. Os acadêmicos souberam mascarar as falhas na implantação do projeto debaixo de uma bem polida retórica. Mesmo que na maioria das vezes, não tenha havido defesas apaixonadas de escolas literárias ou de partidos políticos, ou então que os discursantes tenham tecido críticas virulentas uns aos outros, é possível ver exatamente naquilo que silenciam quanto estavam presentes os elementos que levaram à fundação da ABL, quanto a história política e literária recente do Brasil estava presente, compondo uma realidade com a qual dialogavam constantemente. As cerimônias de posse visavam a que os ingressantes demonstrassem afinidades com o projeto da Academia. Assim, a toda hora era preciso valorizar tal projeto de construção de nossa história literária, história essa afastada dos meandros da política institucional. O caminho encontrado por quase todos os discursantes era

---

<sup>31</sup> Sobre a Academia Brasileira de Letras e a posse de João Ribeiro como imortal nessa instituição, verificar: João Paulo de Souza Rodrigues. *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. (Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2001):90. “Discurso do Sr. João Ribeiro”, In.: Academia Brasileira de Letras: Discursos acadêmicos (1897-1919). Rio de Janeiro: Publicações da ABL, 2005, Tomo I, vols. I- II- III-IV, p. 29-45.

o da teorização sobre a poesia, a prosa, a oratória – enfim, o que muitos chamavam de Arte (com “A” maiúsculo, mesmo) - e a história nacional.

Essa indicação foi um reconhecimento dos seus pares à fecunda carreira intelectual de João Ribeiro, nomeadamente como gramático e autor de livros didáticos de história, poesia, filologia, além da carreira de jornalista como crítico literário, já consolidada naquele final do século XIX.

Apesar de viver na capital do Brasil, João Ribeiro não era um homem dado a um tipo de sociabilidade a que alguns intelectuais estavam acostumados. Nos anos em que a boêmia era associada de algum modo com a prática literária, e alguns jovens vivenciaram-na naquele fulgor inconsequente próprio do período, alguns desses homens de letras acabaram por superar essa constante presença em bares e cafés, espaços que não respaldavam o perfil de um intelectual que almejasse o ingresso na Academia Brasileira de Letras. Com a maturidade ou mesmo pelo casamento, ou algum emprego que exigisse um padrão de conduta distinto daqueles dos boêmios<sup>32</sup>, tais práticas acabaram progressivamente perdendo seu elã. Essa experiência juvenil de maior liberdade e pouco apego ao tradicionalismo foi uma prática que alguns literatos puderam vivenciar. Referimo-nos a nomes como Emílio de Menezes, Olavo Bilac, Guimarães Passos, Pardal Mallet, José do Patrocínio, Coelho Neto, Raul Pompéia, Paula Ney, Valentim Magalhães. Um dos integrantes mais jovens dessa “agremiação”, Martins Fontes (1908, pp. 9-10), nos apresenta um Rio de Janeiro vivamente pulsante, ao menos para esses boêmios: “Alegres, muito alegres nós o fomos, mas, ao lado dessa ridência contínua, quanto esforço pasmoso, excepcional no Brasil. Talento, talento, muito talento.

---

<sup>32</sup> Segundo o Dicionário etimológico da língua portuguesa: “BOÊMIO: que leva vida desregrada, vida alegre despreocupada.” Antônio Geraldo da Cunha. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4 ed. (Rio de Janeiro, Lexikon, 2010): 94. Sobre a boêmia carioca do início de século XX, verificar também: Marcelo Malaban. *Bastos Tigre: Instantâneos do Rio antigo*. (Campinas, SP: Mercado de Letras: Cecult: São Paulo: Fapesp, 2003) : 47.

Cada um de nós reproduzia a cidade, reflamejava”. Alguns desses homens de letras por volta de 1900, já se haviam aburguesado<sup>33</sup>.

Uma nova geração somou-se a essa que frequentava a Confeitaria Colombo e os cafés espalhados por toda a cidade<sup>34</sup>, dentre eles alguns estudantes da Escola Politécnica: Manoel Bastos Tigre, Lima Barreto, Olegário Mariano, Oscar Lopes, Gregório da Fonseca, Aníbal Teófilo, Alcides Maia, Leal de Souza, aspirantes ao convívio com nomes já consagrados da literatura brasileira e desejosos de serem reconhecidos como homens de letras (Tigre 2003).

Percebemos que nesse final do século XIX e primeira década do século XX, João Ribeiro era conhecido no ciclo dos literatos frequentadores dos sebos e das livrarias cariocas, notadamente a Livraria Francisco Alves, além da Livraria Garnier, onde, no final das tardes, os intelectuais de prestígio e aqueles aspirantes a alguma notoriedade encontravam-se. Essa frequência constante para alguns, se dava para ver alguém que admirava e talvez conversar com ele, buscando saber dos últimos burburinhos do mundo acadêmico. Assim, João Luzo em artigo para a *Revista Kosmos* (1908, p. 12-13) descreve o que representava aquele espaço de sociabilidade para os intelectuais e a cidade do Rio de Janeiro: *locus* de convivência e troca de pontos de vistas:

Ficar ali de pernas trançada, o ombro contra o batente, as duas mãos solidamente apoiadas no castão da bengala, eis a decisiva demonstração de talento ou de valor que a história exige para conscientemente se pronunciar. Para àquela soleira ilustre, é indicar aos séculos vindouros a atitude da própria estátua; é posar para a posteridade. A Academia por ser exclusivamente de letras, não pode dar no seu seio restrito, lugar a todos os imortalizáveis; além disso dispõe apenas de quarenta cadeiras, em cada uma das quais se pode sentar apenas um gênio; ao passo que a porta da Garnier, onde os vultos se podem continuamente revezar, corresponde a um espaço ilimitado, independente de eleições. A porta da Garnier amplia a Academia, ao mesmo tempo que repara as injustiças devidas a sua

---

<sup>33</sup> José Brito Broca. *A vida literária no Brasil -1900*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Departamento de Cultura da Guanabara, 1975:7.

<sup>34</sup> Sobre a Confeitaria Colombo e o seu papel enquanto espaço privilegiado para as reuniões de alguns grupos de homens de letras nos últimos anos do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, verificar: Alda Rosa Travassos, Elizabeth de Mattos Dias. *Confeitaria Colombo*. Coleção Retratos Cariocas, vol. 1. (Rio de Janeiro: E. de M. Dias, 2002). Acerca dos cafés cariocas e a frequência dos intelectuais a esses espaços de sociabilidade, consultar: Danilo Gomes. *Antigos cafés do Rio de Janeiro*. (Rio de Janeiro: Livraria Kosmos, 1989).

insuficiência. Se a porta desaparecesse, a Academia sucumbiria no dia seguinte, pela lei física de que nunca o conteúdo pode ser maior do que o continente. Rebentaria como uma bexiga na qual se sopra demasiadamente ou afundaria como um navio no qual se mete excessiva carga: em todo caso era uma vez a Academia... Por isso, a Academia estima e respeita a porta. Faz realmente mais do que isso: frequenta-a. Naquela moldura triunfal constantemente, no correr do dia – e sobretudo, depois de fechadas as repartições públicas. Ali vemos infalivelmente o Sr. José Veríssimo, o Sr. João Ribeiro, aplicando eternamente a arte da pintura os seus processos transcendentais de análise gramatical.



Figura 10 – Fachada da Livraria Garnier, na Rua do Ouvidor, na cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Ubiratan Machado. *História das Livrarias Cariocas*. (São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2012): 120.

Frequentar os espaços de sociabilidade, como a Livraria Garnier e tantas outras no Rio de Janeiro, era uma forma usual que os intelectuais encontraram desde a segunda metade do século XIX, para consolidarem a sua imagem, enquanto cultores do que havia de mais sofisticado na literatura nacional e estrangeira. Esses espaços serviam como vitrines para expor suas ideias, realizando debates, polemizando pontos de vistas, ou meramente se atualizando das “novidades” e mexericos do universo intelectual da capital (Costa 2012). Em

1901, a consolidada posição da Garnier, colocava-a como um lugar onde alguns grupos de intelectuais se destacavam:

Machado de Assis tornara-se uma das glórias da casa. Para ali se dirigia, todos os dias. Recebido respeitosamente, via-se logo cercado de atenções e de interesse. Tinha uma cadeira que lhe era reservada, e de pequena estatura, não se destacava no meio dos confrades e admiradores, entre os quais José Veríssimo e Mário de Alencar. (Broca, 1975, p. 42)



Figura 11 – Fachada da Livraria Francisco Alves, na Rua do Ouvidor, na cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Ubiratan Machado. História das Livrarias Cariocas. (São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2012): 120.

Alguns outros grupos frequentavam a referida livraria, dentre eles: “os simbolistas que se uniam aos anarquistas e socialistas, na mesma atitude de hostilidade ao autor de *Quincas Borba* e no qual se agrupavam João Ribeiro, Gustavo Santiago, Rocha Pombo, Múcio Teixeira, Pedro Couto, Fábio Luz, Curvelo de Mendonça, Nestor Vitor e outros” (Broca, 1975, p. 42). Assim, verificamos que mesmo um homem que não frequentava com regularidade os espaços de maior visibilidade social, tinha o seu ritual de ver e ser visto num ambiente de respeitabilidade e símbolo de representação da cultura erudita. Foi em grande

medida por essa fidelidade à Livraria Garnier, que João Ribeiro assumiu a função de diretor do *Almanaque Brasileiro Garnier*, a partir de 1907, até o seu último número em 1914. Sobre a sua atuação enquanto diretor e as ideias veiculadas através de um meio de comunicação como os almanaques, nos deteremos sobre tais questões no capítulo dois. Um outro elemento que atesta a proximidade do intelectual com a livraria, é o número de publicações das suas obras por esta casa, principalmente aquelas que não tinham um caráter didático: *Obras poéticas* de Claudio Manuel da Costa (1903); *Estudo Crítico e Anotações na “Arte de Furtar”* (1907); *Teatro* de Antônio José (O Judeu), (1910-1911); *Satíricos Portugueses* (1910); *O Fabordão* (1910).

Um outro acontecimento que compôs a trajetória intelectual do nosso biografado foi a conclusão do seu bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1894<sup>35</sup>. Mesmo que nunca tenha exercido a função de advogado, obter a formação superior foi de algum modo o fechamento de um ciclo e a confirmação para os seus pares daquele cabedal já demonstrado em tantos outros momentos de sua multifacetada produção livresca. Obter um título superior era para a sociedade bacharelesca daquele período, uma espécie de chancela para uma atuação efetiva no meio acadêmico, mesmo que o diploma não tenha sido resgatado por João Ribeiro, demonstrando a sua pouca relevância para aquela formalidade institucional.

Seguindo o percurso de acontecimentos relevantes na vida de João Ribeiro, não podemos prescindir do seu gosto pelas artes plásticas, na medida que esse desejo de aprender pintura o acompanhou por boa parte da sua trajetória enquanto homem múltiplo. Buscou desde a infância essa aproximação com a arte da pintura, quando brincava de desenhar nas calçadas de sua cidade natal juntamente com o amigo e futuro artista Horácio Hora (Leão 1934).

---

<sup>35</sup> Sobre essa fase da vida de João Ribeiro, consultar: Núbia Marques. João Ribeiro Sempre. (Aracaju: UFS, 1996: 51-72).

Inúmeros momentos da vida de João Ribeiro constituem espaços de indefinições pela falta de fontes que poderiam melhor esclarecer aspectos de sua jornada. Grande parte dos autores que se debruçaram sobre esse personagem, atestam a relevância do trabalho desenvolvido por Múcio Leão, ao coligir boa parte da produção de João Ribeiro e tentar publicar essas obras após a sua morte. Ele foi uma espécie de discípulo e de algum modo amigo, que privou do contato direto com a família Ribeiro. Desse modo teve condições de amear informações pessoais, fontes manuscritas, artigos de jornais, livros, depoimentos, e um sem-número de fatos relacionados a essa vida multifacetada do escritor sergipano.

Em artigo, Ana Cristina Humbert (2015) nos apresenta esse João Ribeiro que amava a pintura e desde que chegou ao Rio de Janeiro buscou ter aulas com o renomado paisagista e professor da Escola Imperial de Belas Artes João Batista da Costa<sup>36</sup>, discípulo do introdutor do estudo do paisagismo no Brasil, o alemão George Grim.<sup>37</sup> Observamos que o desejo de João Ribeiro em tornar-se pintor profissional o leva a tomar aulas também na Europa (1895-1897), quando buscou o professor Wildebold Winck, na tentativa de aprimorar o que já havia iniciado, sem contudo, obter um reconhecimento das suas obras. Assim Humbert (2015, p. 146) pontua o estilo preferido do artista:

---

<sup>36</sup> Professor da Academia Imperial de Belas Artes, responsável pela cadeira de paisagismo, razão pela qual João Ribeiro matriculou-se em suas aulas com o firme propósito de aprimorar a sua vocação, nutrida até o início do século XX. A participação em uma das Exposições de Belas Artes (1900), ocorridas no Rio de Janeiro, enquanto pintor, e a avaliação negativa daqueles artistas, apontando a baixa qualidade dos trabalhos e a não participação de nomes conhecidos da pintura nacional, o demoveu da possibilidade de continuar investindo tempo e recursos naquela vocação que ele mesmo passou a chamar de tentativas “erráticas e dispersivas”. Sobre João Ribeiro e o seu desejo de tornar-se pintor profissional, consultar: Ana Carolina Humbert. Abundância de Alma: As aventuras plásticas de João Ribeiro em seu contexto nacional. In. *Nos Desvãos da História: João Ribeiro*. (Jundiaí: Paco Editorial, 2015:137-166).

<sup>37</sup> Johann Georg Grimm, nasceu em localidade próxima à cidade de Immenstadt, Baviera, na Alemanha. Seu estilo figurativo e acadêmico ficou registrado em suas paisagens e marinhas, que foram os temas que mais pintou. Entre 1868 e 1870 frequentou a Academia de Belas Artes de Monique, onde provavelmente estudou com Karl von Piloty e Franz Adam e teve suas primeiras noções sobre pintura. De 1878 a 1882, já no Brasil realizou estudos especiais sobre paisagens e fazendas de café, nas regiões de Petrópolis e Valença, no Rio de Janeiro e em cidades paulistas e mineiras. Atuou também como professor interino na cadeira de paisagem, flores e animais da Academia Imperial de Belas Artes (Aiba), no Rio de Janeiro. Inovou no ensino da instituição, tradicionalmente realizado em ateliê, ao introduzir aulas ao ar livre. Faleceu em 24 de dezembro de 1887, na cidade de Palermo, na Itália, vítima de tuberculose. Constantino Cury. *Dicionário de artistas plásticos brasileiros*. 1 ed. (São Paulo: Cury Arte Brasil, 2005: 334)

É na pintura paisagista, portanto, que João Ribeiro encontra maior familiaridade e segurança. No contato com Batista da Costa e os professores europeus, ganha confiança a ponto de almejar ser um pintor paisagístico profissional, tal qual seu mestre. A pintura de paisagens foi durante muito tempo menosprezada pela Academia, que a preteria em função de gêneros como a narrativa histórica, a cena bíblica, ou romantizada. Até mesmo nas Exposições de Belas Artes promovidas pela academia as pinturas de paisagens eram preteridas na hierarquia quanto a posição em que estes quadros figuravam nas paredes da exposição.

O gosto pelo paisagismo em alguma medida fazia João Ribeiro enamorar-se das cenas bucólicas que remetiam a uma vida mais tranquila e mais ao gosto daquele homem avesso ao requinte dos salões e que nunca foi realmente dado a grandes badalações, mesmo vivendo em um centro urbano como o Rio de Janeiro. Esse estilo de vida mais acomodado e voltado para sua casa e família fica evidenciado até na escolha do local onde residia: o bairro de Santa Tereza, uma localidade próxima do centro, mas que mantinha um ar de tranquilidade quase campestre, em meio a uma cidade cada vez mais agitada.

A escolha pela pintura e o paisagismo como estilo preferencial o leva a duas participações em eventos ligados à exposição de trabalhos artísticos, como nas Exposições de Belas Artes 1899 e 1900, ambas com críticas negativas, afirmando que a participação daqueles artistas e suas obras, remetiam a um trabalho amadorístico e sem novidade. Grandemente em função dessas considerações, João Ribeiro desiste da ideia de se tornar um pintor profissional e segue realizando as suas pinturas de forma amadorística para o seu deleite.

Em visita ao Museu Casa de Cultura João Ribeiro (2022), observamos cinco pequenas telas atribuídas ao laranjeirense ilustre. As obras constam no acervo da instituição como doações feitas pela filha Emma Ribeiro (Oliveira, p. 23). As telas ficam na sala de exposição de longa duração, não havendo informações sobre o ano dos referidos quadros. São quatro paisagens e um retrato de mulher de perfil. O conjunto exposto é um bom exemplo do amadorismo a que os críticos fizeram menção no final do século XIX, dada a singeleza daquelas produções, sem dúvida, mesmo não sendo um *expert* em pintura paisagística, o que

nos salta aos olhos é uma técnica primária, uma composição tradicionalista e sem grande apelo ao estilo defendido pelo executor das obras. De fato, João Ribeiro representou com maior propriedade o seu papel de homem de letras, com gosto pela pintura, porém, sem o talento necessário para ingressar nesse universo como pintor profissional.

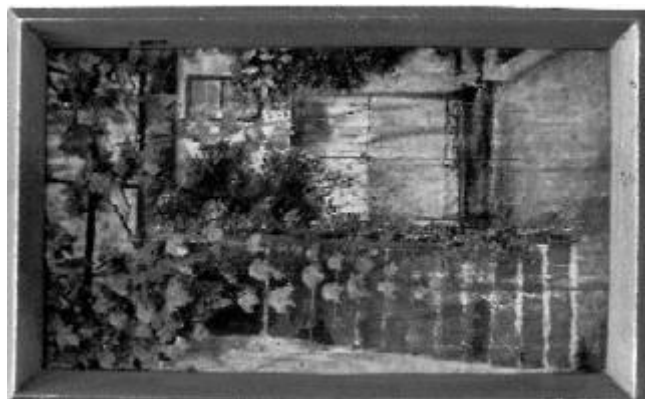


Figura 12 – Paisagem atribuída a João Ribeiro. Fonte: Acervo Permanente da Casa Cultura João Ribeiro em Laranjeiras.



Figura 13 – Paisagem atribuída a João Ribeiro. Fonte: Acervo Permanente da Casa de Cultura João Ribeiro em Laranjeiras.

### 3 João Ribeiro e Clodomir Silva: o desenvolvimento dos espaços da *intelligentia* brasileira em meio aos embates da Primeira República

#### 3.1 A busca pela legitimação do “poder” de uma categoria

Os homens de letras no Brasil, constituíram uma categoria profissional com uma expressão significativa, graças a sua constante atuação nos periódicos a que estavam vinculados. Realizaram um trabalho de convencimento, de esclarecimento, ou mesmo de manutenção do *status quo*, dada a relevância dos veículos de comunicação em que atuavam, mesmo circulando em uma sociedade predominantemente analfabeta.

Com o desenvolvimento tecnológico associado a produção crescente dos jornais no início do século XX, o que se convencionou chamar de “imprensa moderna,” passou a ser vista como um quarto poder, voltada prioritariamente para o sucesso comercial, mas sem perder de vista a influência que gerava sobre a sociedade (Broca, 1975; Schwarcz, 2021).

Os jornais tornaram-se um *locus* de desenvolvimento técnico, no qual os homens de letras buscaram, cada um a seu modo, legitimar os seus modos de agir e de defender suas ideias, perante as estruturas às quais estavam vinculados. Realizaram tais ações por meio da prestação de serviços esporádicos e principalmente por meio de um emprego remunerado mensalmente para produzir artigos, contos, folhetins, críticas literárias e crônicas. Estes profissionais do jornalismo deveriam se coadunar com a proposta editorial dos jornais onde publicavam, mesmo que, alguns deles tivessem a “liberdade” de tratar sobre temas considerados polêmicos e sensíveis para a sociedade carioca. Os acontecimentos ocorridos no Rio de Janeiro acabavam reverberando nos demais estados brasileiros, dada a sua relevância enquanto centro econômico, cultural e político do país.

Na sua análise sobre o papel que o jornalismo desempenhou como um segundo meio de renda para a maioria dos homens de letras atuantes nesse campo profissional, Brito Broca (1975, p. 216) afirma

Mas não se pode negar que os jornais, proporcionando trabalho aos intelectuais, mesmo quando se tratava de simples rotina de redação, sem nenhum cunho literário, facilitava a vida de muitos deles, dando-lhes um *second mitier* condigno, no qual podiam, certamente, criar ambientes para as atividades do escritor. Lembremo-nos de que a imprensa propiciara, como continua a propiciar, a mudança para a metrópole de grande número de intelectuais, que não conseguiriam realizar-se literariamente se permanecesse no recanto nativo da província.

Por mais que a atividade jornalística lidasse com questões cotidianas, alguns homens de letras puderam divulgar seus escritos por meio dos jornais, das revistas, e até mesmo nos almanaques, geralmente com uma periodicidade anual. Tais meios de comunicação eram acessíveis ao grande público se compararmos com a publicação de livros, cujas tiragens eram menores e os preços mais elevados. Alguns fatores propiciaram uma maior circulação dos periódicos, dentre eles a regularidade e a diversidade de suas publicações, a utilização de imagens em preto e branco e coloridas, o baixo preço desses meios de comunicação, graças à tecnologia empregada, a utilização de fotografias como elemento ilustrativo, responsável por dinamizar o acesso à informação por qualquer consumidor, seja ele alfabetizado ou não.

Verificamos que o meio jornalístico nas primeiras décadas do século XX, era bastante dinâmico quanto à composição de seus quadros, formados por nomes já consagrados na imprensa nacional, assim como novatos que pretendiam construir o seu legado, nesse que era o meio de comunicação por excelência tanto no Brasil, como nos demais países capitalistas.

Ter o seu nome consagrado como um homem de letras que atuava em algum grande jornal era sinônimo de uma trajetória bem-sucedida entre os intelectuais, devido à projeção que aquele meio de comunicação proporcionava. Era usual exercer tal ofício como uma atividade complementar em sua renda, exercendo muitas vezes atividades consideradas “seguras”, como o magistério, a engenharia, a medicina e o direito, de onde provinha a maior parte dos homens de letras que escreviam para os jornais. Sobre o ato de escrever para esses periódicos, João Ribeiro, assim o definiu para o inquérito proposto por João do Rio em 1907 (1994, p. 25):

Os nossos pensadores de hoje, no Rio, escrevem com gosto, clareza e não raro com perfeição de forma e outras excelências ainda há pouco tempo não sonhadas sequer; o mal estilo provinciano, condoreiro, asiático, sesquipedal, pedantesco, bombástico ou ridículo, aqui não acha quartel e cá se não vê mais no livro nem no jornal.

Essa afirmação, vinda de alguém com conhecimento da prática jornalística usual em seu tempo, dimensiona um certo modelo de escrita periódica em constante adaptação, pois a primeira década do século XX trouxe consigo a celeridade nas práticas cotidianas, e o jornalismo deveria refletir tais demandas, apresentando textos coesos, notícias breves e o uso de imagens, para comunicar de forma mais “eficaz”.

Assim como Clodomir Silva, um outro intelectual sergipano, na primeira década do século XX, deu seus primeiros passos enquanto “jornalista profissional”, trabalhando para o Jornal Correio de Aracaju, onde construiu uma carreira em seu estado, como alguém conhecedor da cultura na qual estava inserido. Essa função lhe propiciou o convívio com as figuras políticas mais proeminentes de Sergipe, território onde Clodomir de Souza e Silva, lançou raízes e colaborou no desenvolvimento do jornalismo regional. Trabalhou em diversos periódicos, nas mais variadas funções, dando vazão aos seus posicionamentos nem sempre em conformidade com as elites políticas estaduais.

Entender quem era esse homem que escrevia para os jornais, quais suas aspirações profissionais, qual seu campo de ação e qual a consciência de seu papel, enquanto propagador do conhecimento são indagações que podem configurar um perfil daquele intelectual, cuja pena estava a serviço de ideias veiculadas por meio dos periódicos existentes na capital sergipana. Como mencionado anteriormente, com a República, os espaços jornalísticos ampliaram-se, propiciando aos homens de letras um *locus* por excelência, onde os jovens poderiam demonstrar o seu potencial com a palavra escrita, enquanto observadores do seu tempo e defensores dos seus agrupamentos políticos, além de se tornarem figuras públicas.

A trajetória de Clodomir Silva se inicia de maneira singela, escrevendo uma poesia em homenagem a sua mãe, no jornal o *Riso* em 1906. Foi, porém, no jornal *Necydalus*, órgão

dos estudantes do Colégio Atheneu Sergipense, onde o jovem aprendiz experienciou a lida com a atividade jornalística, entre 1909 e 1911. Assim que o redator Gentil Tavares da Mota terminou seu curso preparatório passou a sua função para Clodomir Silva, que a exerceu até sua saída do ensino médio em 1911 (Vieira, 2004). O *Necydalus* foi um verdadeiro laboratório, onde o jovem estudante pôde construir uma rede de sociabilidade graças ao contato regular com as lideranças políticas da capital, além de membros do judiciário, intelectuais, comerciantes e toda sorte de componentes da sociedade aracajuana, quando realizava suas coberturas jornalísticas. A função de redator no *Necydalus* oportunizou a Clodomir Silva uma projeção que o conduziu à prática jornalística como um dos meios de sustento, quando terminou o curso preparatório no Atheneu Sergipense.

O *Necydalus* circulava aos domingos e nele eram publicados trabalhos de poesia, contos e crônicas sobre a sociedade e a política locais, assim como a vida estudantil e as ações administrativas do Atheneu Sergipense, por isso mesmo, quem colaborava para esse jornal eram os próprios alunos, com algumas participações de professores da instituição<sup>38</sup>. O trabalho desempenhado naquele periódico foi uma escola para aquele jovem, pois toda a sua vida futura estaria invariavelmente relacionada com a atividade jornalística, seja corroborando com os oligarcas que se encontravam no poder, seja fazendo severa oposição aos mandatários da política sergipana (Vieira, 2004; Alves, 2005; Vidal, 2009).

O fato é que não podemos subestimar na trajetória profissional de Clodomir Silva a sua ampla atuação enquanto homem de letras; pois esteve a serviço dos jornais locais, publicando seus artigos, crônicas, divulgando a identidade do território onde nasceu, por

---

<sup>38</sup> De modo particular um professor relevante na história do Atheneu Sergipense e de modo particular para o surgimento do Jornal *Necydalus*, foi o professor Brício Cardoso, nascido a 9 de julho de 1844, na cidade de Estância. Se transformaria numa das maiores personalidades no campo da educação, jornalismo e política. Era filho de Joaquim Maurício Cardoso – professor de Latim e Retórica e poética do ensino secundário, deputado provincial e advogado em Estância e fundador de uma escola prática de direito onde frequentavam formados e não formados – e de Joana Baptista de Azevedo Cardoso – irmã dos cônegos José Luiz de Azevedo, Antônio Luiz de Azevedo e de Manoel Luiz Azevedo, secretário da prefeitura de Aracaju. Foi sob a sua fecunda iniciativa que se instituíram as conferências literárias na capital da província. Cristianne Gally. Brício Cardoso no cenário das humanidades do Atheneu Sergipense (1870-1874). (Campinas, SP: Mercado de Letras, 2020).

meio das palestras proferidas nas mais diversas instituições sergipanas, buscando esclarecer, divertir, conclamar e intermediar uma ligação entre a cultura erudita e aquela de caráter popular.

Foi graças a essa experiência formadora no *Necydalus* que Clodomir Silva passou a trabalhar no jornal *Correio de Aracaju*, a partir de 1911, acontecimento que oportunizou um estreitamento dos laços com o periodismo, com o qual estabeleceu uma fecunda e duradoura união. A trajetória jornalística do nosso jovem aprendiz percorreu o caminho natural de alguém envolvido com a tarefa de elaborar um veículo de comunicação diário, começando nas funções mais elementares como tipógrafo e posteriormente chegando a ser redator. Na década de 1910, a imprensa aracajuana contava com um bom número de jornais, estes passaram a expressar em suas colunas um alinhamento político com os governantes dessa época e cada agrupamento contava com seus informativos. Segundo Dantas (1999, p. 65),

Se a imprensa da primeira década pode ser caracterizada pelas posições políticas divergentes, a da segunda foi marcada pelo acordo incondicional e pelo governismo. Enquanto até 1911 as práticas políticas eram discutidas e denunciadas em seus aspectos controvertidos, de 1911 a 1920 predominou o elogio fácil e estéril ou, quando muito, a indiferença tácita.

Em trabalho sobre um periódico estudantil do Atheneu Sergipense, Vidal (2009, p. 65), nos apresenta uma lista dos jornais que circularam em Aracaju entre 1909 e 1930, evidenciando aqueles que tiveram uma vida relativamente curta e aqueles com uma maior longevidade, atestando uma dinâmica na capital sergipana no campo da imprensa. Muitos desses periódicos tratavam de questões ligadas à cultura, ao entretenimento, além de tratarem de questões políticas e sociais de Aracaju. O traço em comum entre a maioria dessas publicações era o seu constante apelo aos assinantes para os prestigiarem, tornando, assim, viável a sua continuidade. Como visto no quadro abaixo, esses apelos não foram tão eficazes, se levarmos em conta a brevidade com que muitos deles deixaram de circular.

*Quadro 1 – Jornais que circulavam em Sergipe: 1909 a 1911.*

| <b>NOME DO JORNAL</b>      | <b>ANO DE CIRCULAÇÃO</b> | <b>CIDADE</b>    |
|----------------------------|--------------------------|------------------|
| <b>A COISA</b>             | 1910                     | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>A COLMEIA</b>           | 1909                     | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>A GAZETINHA</b>         | 1910                     | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>A GAZETA DE SERGIPE</b> | 1910-1930                | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>A LUZ</b>               | 1911                     | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>A NOTICIA</b>           | 1910-1929                | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>A ORDEM</b>             | 1910-1930                | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>A RAZÃO</b>             | 1902-1945                | <b>ESTÂNCIA</b>  |
| <b>A RUA</b>               | 1910-1917                | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>CHALEIRA</b>            | 1911                     | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>DEUS BACHO</b>          | 1905-1911                | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>DIARIO DA MANHÃ</b>     | 1911-1930                | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>FUZIL</b>               | 1911                     | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>GAZETA DA TARDE</b>     | 1911                     | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>O DEMOCRATA</b>         | 1910-1916                | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>O ESPIÃO</b>            | 1906-1911                | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>O ESTADO DE SERGIPE</b> | 1910-1930                | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>O IMPARCIAL</b>         | 1905-1909                | <b>MARUIM</b>    |
| <b>O OPERARIO</b>          | 1910-1916                | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>O PAPAGAIO</b>          | 1911                     | <b>VILA NOVA</b> |
| <b>O PALADINO</b>          | 1909-1914                | <b>MARUIM</b>    |
| <b>O PARCIAL</b>           | 1910-1918                | <b>ARACAJU</b>   |

|                    |             |                  |
|--------------------|-------------|------------------|
| <b>O PORVIR</b>    | 1910-1930   | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>O RAI0</b>      | 1910-1924   | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>O REBATE</b>    | 1911        | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>O TAGARELA</b>  | 1909-1917   | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>O TEMPO</b>     | 1910-1930   | <b>ARACAJU</b>   |
| <b>REGENERADOR</b> | <b>1911</b> | <b>VILA NOVA</b> |

FONTE: *Catálogo de Periódicos Sergipanos (1832-1999)*, Biblioteca Pública Epifânio Dória In Vidal, Valdevania Freitas dos Santos, *O Necydalus: um jornal estudantil do Atheneu Sergipense. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós- Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2009.*

Além dos jornais diários com um viés mais tradicional, observamos que entre os periódicos listados acima, alguns tinham caráter humorístico, literário e informativo, funcionando como um campo de teste para o aprimoramento dos jovens talentos sergipanos. Segundo Armindo Guaraná (1924, p. 103), títulos como *O Tagarella*, *A Rua*, *A Trombeta*, *O Espião*, *Vida Sergipana*, *Heliantho* e *A Semana* foram outras incursões jornalísticas realizadas por Clodomir Silva na década de 1910. Porém, o periódico mais expressivo na formação profissional daquele jovem aprendiz foi o *Correio de Aracaju*, publicação pertencente ao Partido Conservador de Sergipe, cujas características serão apresentadas devido à relevância para a compreensão do biografado nesse campo de atuação.

O jornal *Correio de Aracaju* veio a público em 24 de outubro de 1906, período marcado por acirradas disputas políticas que culminaram com a breve tomada do poder pelo Deputado Federal Fausto Cardoso e o trágico desfecho com seu assassinato em plena praça, que posteriormente receberia o seu nome (Souza, 1985; Rollemberg, 1988; Dantas, J. C. 1943).

O *Correio de Aracaju* foi uma representação dos interesses políticos de parte da elite sergipana, cujo líder era o experiente General Manoel Prisciliano Oliveira Valadão, chefe do Partido Republicano Conservador em Sergipe. Político de larga influência nos quadros da

República, foi duas vezes Presidente do Estado (1894 a 1896/1914 a 1918), Deputado Federal por Sergipe em duas legislaturas (1903 a 1904/1906 a 1908) e Senador (1907 a 1911/1912 a 1914) (Guaraná, 1925, p. 412). Também era o proprietário do referido jornal, instrumento de comunicação utilizado de forma corriqueira para defender os interesses do seu agrupamento político. Propunha, por meio das páginas e artigos, notícias e folhetins, os nomes para compor os quadros políticos locais e nacionais, o ideário conservador a que sempre foi filiado e demais mecanismos que robustecessem os seus intentos.

No primeiro número publicado, assim se apresentou ao público: “O jornal se propõe a ser leve, moderno, com um copioso serviço de informações telegráficas das ocorrências mais importantes do país e do estrangeiro, contratado em tempo oportuno” (*Correio de Aracaju*, 1906, p. 2). O *Correio de Aracaju* viabilizou para os jovens capacitados da capital a oportunidade de desenvolverem suas aptidões jornalísticas naquele meio de comunicação recém-lançado. Observemos o que propunha:

O *Correio de Aracaju* contará com a colaboração dos festejados homens de letras, para isso previamente convidados. Aos moços literatos que ora se iniciam no nosso jornalismo, franqueamos as colunas do *Correio de Aracaju*, ficando seus trabalhos sujeitos ao juízo da direção”. (João Menezes – Diretor) (*Correio de Aracaju* 1906, p. 1).

O Jornal trouxe nos seus números iniciais um conjunto de características que o definiria de forma assertiva: era publicado duas vezes por semana: às quintas-feiras e aos domingos. As assinaturas na capital custavam 1\$000 (réis) mensais e no interior, 2\$500 (réis), enquanto a unidade custava 100 réis. Contava com um conjunto de agentes nas principais cidades de Sergipe, a saber: Capela – o capitão Honorino Leal; Aquidabã – o farmacêutico Manoel Augusto de Figueiredo; Nossa Senhora das Dores – o capitão Francisco Porto; Itabaiana – o coronel José Sebrão; São Paulo – o major Conrado Tavares; Riachuelo – o Dr. Tobias Leite; Simão Dias – o major Antônio Alexandrino; e Japaratuba – o coronel Manoel de Aguiar Botto de Menezes (*Correio de Aracaju*, 1906, p. 1).

O periódico contou com a direção de João Menezes, alinhado aos ideais de seu proprietário e integrante do Partido Republicano Conservador de Sergipe. A trajetória desse diretor se inicia com uma educação ministrada por seu parente Coronel João Nepomuceno de Menezes e por seu padrinho de batismo, o Coronel José de Barros Acioly de Menezes. O jovem João Menezes começou sua vida como tipógrafo em Aracaju e ainda moço seguiu para a Bahia, onde estudou preparatórios. Interessado pelas letras, começou em 1887 a colaborar na Gazeta da Tarde daquela cidade, órgão republicano e abolicionista, publicando *O Bródio dos Estudantes*, em versos humorísticos muito apreciados pelos rapazes de seu tempo, com o pseudônimo de Lisandro. Em Sergipe, também atuou como diretor da Imprensa Oficial do Estado de Sergipe, experienciando mais uma área de atuação na esfera jornalística (Guaraná, 1925; Silva, 2018).

O *Correio de Aracaju* tornou-se efetivamente um jornal diário a partir de 1911, quando já havia incorporado a sua produção a tecnologia da impressora rotativa Marinoni. O equipamento é homônimo de seu inventor Hipólito Marinoni, que foi um francês célebre construtor de máquinas, de origem italiana, mas nascido em Paris em 1823 e aí falecido em 1904. Em 1867, constrói para o *Petit Journal* a primeira máquina rotativa francesa, capaz de tirar mais de 20.000 exemplares por hora, e aperfeiçoada com a adoção do papel em bobinas (Porta, 1958, p. 394). A impressora rotativa Marinoni foi a responsável por uma maior produção de jornais com melhor nitidez de impressão.

Parte do acervo do *Correio de Aracaju* encontra-se no acervo da hemeroteca da Biblioteca Epifânio Dória, em condições de ser consultado e num estado de conservação mediano e com alguns números inexistentes. O jornal *Correio de Aracaju* era composto de quatro folhas e estruturado em cinco colunas. A partir de 1911, passou a ter seis colunas, com artigos e notícias apresentando um teor de maior concisão. Verificamos também que a divulgação de anúncios comerciais se fez presente em todas as edições analisadas, contando com a divulgação dos estabelecimentos comerciais da capital e alguns poucos do interior.

Viver da atividade jornalística em Aracaju não era uma tarefa simples, daí muitos homens da imprensa buscarem outras atividades profissionais. Em função dessa necessidade, em 1916, Clodomir Silva prestou concurso para preencher a vaga de professor de Português na prestigiada Escola Normal. Esse concurso tornou-se emblemático devido às implicações relacionadas à classificação dos candidatos junto à equipe avaliadora.

O alinhamento político com o poder constituído e a regular participação no *Correio de Aracaju* renderam a Clodomir Silva um certo capital político nesses primeiros anos de jornalismo. A constante exposição tanto nos jornais quanto nas atividades culturais em Aracaju possibilitou alguns resultados práticos. Entre eles, a nomeação para o cargo de redator-secretário da Imprensa Oficial do Estado de Sergipe (1916) e posteriormente o cargo de diretor na mesma instituição (1917-1918). Outro desdobramento dessa carreira jornalístico-política foi a indicação pelo Partido Republicano Conservador para o cargo de Deputado Estadual, exercido nos mandatos de 1920-1922 e o de 1923-1925.

Um acontecimento na vida de Clodomir Silva serve como um exemplo da personalidade forte daquele homem, que conhecia os meandros da política local, marcada por relações de compadrio responsáveis por abrir portas na esfera pública, ou inviabilizar algum projeto pessoal que não contasse com o apoio de um dado chefe político. Referimo-nos a um concurso público no qual a Escola Normal, por determinação do Presidente Manoel Prisciliano Oliveira Valadão, abria uma vaga para o preenchimento da disciplina Português, em função do falecimento do professor Manoel Francisco Alves de Oliveira.

A notícia trazia as condições para que os candidatos fizessem a inscrição requerendo-a ao diretor, ou por procuração, apresentando os seguintes documentos: “Prova de que é brasileiro nato ou naturalizado; folha corrida; certidão de idade que prove ter o candidato mais de 21 anos; atestado médico comprovando vacinação, não sofrer moléstia contagiosa ou defeito físico ou moral” (*Correio de Aracaju*, 1916, p. 2a). Quem preenchesse os requisitos estaria apto para as provas seletivas, objetivando a ocupação da vaga.

Em 29 de abril de 1916, o periódico divulgou o encerramento das inscrições e os nomes dos candidatos ao concurso: Cecília Curvelo de Mendonça, Sylvia de Oliveira Ribeiro, Manoel José dos Santos Mello, Clodomir de Souza e Silva e Augusto de Carvalho Andrade. As provas ocorreram em 15 de maio na Escola Normal, com Clodomir Silva apresentando-se das 12h às 12h43min sobre "Vícios de Linguagens".

Os acontecimentos ocorridos durante as provas causaram no jovem Clodomir de Souza e Silva descontentamento com a banca examinadora e suspeição de isonomia no processo seletivo, e isso levou-o a denunciar as irregularidades desse concurso por meio de dois jornais aracajuano: *Correio de Aracaju* e o *Diário da Manhã*.

A banca examinadora era composta pela Professora Catedrática Etelvina Amália de Siqueira, O Cônego Francisco Lima e o Diretor da Instrução Pública Helvecio Ferreira de Andrade. O concorrente em questão escreveu cinco artigos denominados de UMA BELLA COMEDIA: I, II, III, IV, V. Nos referidos textos, Clodomir Silva expõe a sua descrença no processo seletivo, tendo em vista os costumes corriqueiros de apadrinhamento de um chefe político ao privilegiar algum candidato em detrimento de outro, até mais preparado para ocupar uma dada função. Assim, ele explicita o ambiente que precede as provas:

#### UMA BELLA COMEDIA – I

Não nos causou a menor surpresa o resultado do julgamento do concurso a primeira cadeira de Português da Escola Normal do nosso estado. A campanha surda que moveu o sr. Dr. Diretor da Instrução Pública; querendo ali, naquele estabelecimento de ensino, fazer entrar, a viva força, gente do peito, para poder movê-la a sua vontade e aprovar e reprovar ao sabor dos caprichos, não deixaria entrever outra solução (*Correio de Aracaju* 1916, p. 1b)

Após a divulgação do resultado, talvez tentando reverter as rupturas flagrantes nas regras estabelecidas e objetivando, assim, denunciar as irregularidades presenciadas pelos concorrentes e elencadas nos periódicos aracajuano, constatou-se o que de alguma forma já era esperado, dados os comentários prévios à realização do concurso e as práticas políticas vigentes em Sergipe naquele período. Assim, Clodomir Silva descreve o ocorrido:

## UMA BELLA COMEDIA – II

Sabíamos, desde antes da nossa inscrição, que algo de anormal surgiria deste certâmen, e não foi ignorada a elevação moral de muita gente que para ele entramos; tínhamos, porém, a ilusão que sempre anima os moços de que diante das provas de público produzidas, o julgamento seria mais ou menos imparcial. Assim não aconteceu, e tivemos, como todo o publico teve, o desprazer de ver o primeiro classificado ser justamente o candidato que falou oito minutos dentro do ponto da prova exposta (Correio de Aracaju 1916, p. 1c).

## UMA BELLA COMEDIA – III

Feito um breve exordio como apreciação do despacho denominado RESOLUCÇÃO em que mais uma vez ficou demonstrada, por uma forma que não admite defesa, a nenhuma capacidade do sr. Dr. Diretor interino da Instrução Publica, que é, ao mesmo tempo, lente de Physica e Chimica, diretor da Escola Normal e diretor do Grupo Modelo, cargos para cujo desempenho é indispensável saber ler e escrever (Correio de Aracaju 1916, p. 1d)

## UMA BELLA COMEDIA – IV

É sabido que cada sessão pública dum concurso, a exemplo do que se tem feito no Atheneu, deve começar pela sessão secreta da Congregação na qual – seja discutida e aprovada a acta da sessão anterior. E essas actas devem dar sciencia do movimento da véspera, cujo apanhamento acompanhará o curso dos acontecimentos. Isto posto, pergunta-se ao sr. dr. Diretor: Quantas actas foram feitas dos trabalhos parciais? Nenhuma (Correio de Aracaju 1916, p. 1e).

## UMA BELLA COMEDIA – V

É o fim da comedia.

As personagens que tomaram parte nella estão de certo cansadas das chufas do público e das batatas colhidas em vez de viridentes louros...

Ser livre em religião e sahir do fundo da typographia para fazer exame, eis dois grandes crimes para a volumosa e crassa figura chula do nosso heroe... É o cônego Francisco Lima (Correio de Aracaju 1916, p. 1f).

Após a publicação dos cinco artigos e a exposição das incongruências do processo seletivo, o concorrente não volta a esse assunto por meio dos periódicos em que tais questões foram suscitadas. O rebuliço provocado pelas denúncias foi de algum modo dirimido, quando Clodomir Silva foi incumbido de participar de uma comissão para inventariar e avaliar o estado em que se encontrava o jornal *Estado de Sergipe* (Silva, 2018, pp. 67-73). Essa medida de cunho administrativo não requereu a realização de concurso algum, mas, sim, de

uma indicação política que nos leva ao velho jogo das boas relações para chegar a desempenhar alguma atividade de notoriedade no serviço público. Posteriormente, foi nomeado para o cargo de Redator-Secretário e, em seguida, ocupou a função de Diretor Geral interino dessa mesma instituição entre 1917-1918 (Vieira, 2004; Silva, 2018).

A reparação da não aprovação sofrida por Clodomir de Souza e Silva no certame para a cadeira de professor de Língua Portuguesa na Escola Normal ocorreu somente em 30 de março de 1918. Nesse dia, um decreto assim definia sua nomeação para ocupar a mesma cadeira no Colégio Atheneu Sergipense:

O Presidente do Estado, de conformidade com o art. 10 combinado com o art. 91 do Regulamento de 17 de Junho de 1918 (Dec. n. 633), nomeia para exercer vitaliciamente o logar de professor adjunto das cadeiras de Português do Atheneu Sergipense, o cidadão Clodomir de Sousa e Silva, habilitado no concurso realizado em 19 de maio de 1916 para professor da dita matéria na Escola Normal. Palacio do Governo do Estado de Sergipe, Aracaju, 30 de março de 1918, 30º da Republica” (*Jornal Estado de Sergipe*, 1918, p. 1).

A partir de então, Clodomir Silva passa a incorporar ao seu dia a dia já bastante dinâmico mais uma atividade remunerada: a de professor do colégio mais prestigiado do estado à época. Desse modo constatamos como as relações de compadrio se davam naquelas primeiras décadas do século XX em Sergipe e por extensão no Brasil.

Mesmo em um ambiente culturalmente restrito, uma ação de caráter inovador e coadunada com as demandas estabelecidas no Rio de Janeiro prosperou em terras sergipanas. Referimo-nos à formação da Liga Brasileira Contra o Analfabetismo (1915) e sua congênere, a Liga Sergipense Contra o Analfabetismo (1916), movimento nacional que buscou junto aos intelectuais estaduais e aos jornais locais o apoio e a divulgação dos seus ideais:

Derrubar a escravidão branca, de povoar o país de gente culta e obter a libertação, eis a missão! Formar gente que vê, sente e age, capaz de protestar e aplaudir boas ações, de unificar a nação foi a missão que levou a fundação da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo. (Sousa, 2016, p. 32).

A participação de Clodomir Silva na Liga Sergipense Contra o Analfabetismo (LSCA) se deu principalmente por meio do seu talento enquanto orador, além de ser irmão de Itália Silva de Oliveira, professora da referida instituição. O seu convívio no meio social aracajuano, tornava-o uma figura constantemente solicitada a fazer parte dos eventos beneficentes em prol da arrecadação de fundos para a abertura de novas escolas, ou mesmo a manutenção da instituição com os seus custos usuais (Correio de Aracaju, 1920, p. 1). Os jornais de Aracaju foram colaboradores daquele projeto, cujo teor eminentemente nacionalista e patriótico era a erradicação do analfabetismo no Brasil até 1922, data em que se comemorou o Centenário da Independência, meta prioritária da LSCA.

Os periódicos considerados como sócios nesse desafiador empreendimento foram o *Correio de Aracaju*, *Diário da Manhã*, *Século XX*, *Imparcial* e *Jornal do Povo*. Cada um colaborou a seu modo com a divulgação dos eventos beneficentes, ofícios, homenagens recebidas, parcerias firmadas e ampliação das escolas no interior do estado. Tais ações foram periodicamente noticiadas, principalmente na primeira década de atuação da LSCA, momento em que as parcerias com algumas instituições socioculturais estiveram em pleno desenvolvimento, tais como o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a Loja Maçônica Cotinguiba, parceiras nesse projeto “civilizador”.

No ano de 1916, surge em Aracaju o jornal *Século XX*. Era um periódico que se anunciava como literário e noticioso, responsável por congregar em suas colunas a colaboração de jovens talentosos na escrita de artigos, poesias e análises da realidade local de forma crítica, mas sem fugir da prática comum em vigor naquele momento: o elogio fácil às autoridades constituídas. Clodomir Silva era um dos participantes desse *entourage*, responsável pela elaboração de artigos sobre Aracaju e seus problemas. O referido periódico durou nove anos. Conseguimos localizar no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe um número especial, todo dedicado a uma homenagem póstuma ao professor Alcebiades Paes. Não foram localizados números posteriores a essa publicação. A edição especial contém um texto

crítico de Clodomir Silva sobre a condição remuneratória de professor e suas pesadas atribuições, reflexão derivada de uma experiência pessoal de muitos anos no trato com o ensino público.

#### Um professor

Da ingrata e espinhosa tarefa de ensinar, resta sempre o cansaço e a desilusão.

De feito, nada pior que ensinar, quando a profissão rende apenas o parco recurso, que nem chega para a manutenção, que nem rende para as pequenas previsões.

Uma vida inteira empregada na tarefa imponente de que resulta o maior e o mais fecundo benefício para a grandeza da Patria e isso sem a recompensa pecuniária relativa á energia dispendida.

Na classe dos pobres o professor tem logar principal. Estorva-se-lhe a actividade, consome-se-lhe o tempo, especializa-se-lhe o trabalho e não se lhe dá o indispensavel para seu viver.

É inclemente ingratidão essa. O papel desempenhado pelo professor merece melhor atenção. Elle é que transmite a summa da experiencia: elle é que prepara os brasileiros do amanhã; elle é que lança e cultiva a semente prodigiosa da illustração. Não deve, pois, viver mesquinhamente como vive e morre sem conforto material que sua missão lhe deveria prestar.

Alcibiades Paes é bem um exemplo disso. Professor elle o foi como os que melhores o sejam.

Em Sergipe ninguem proficiente no mester glorioso seria mais capaz que elle: – nem mais illustrado nem mais cuidadoso.

De ensinar, - mestre esforçado e sabedor que diligenciava ser – os proventos foram-lhe ridiculos. E seguiu assim sempre até a morte.

É um triste exemplo que fica, o do abandono dos que preparam a mocidade: - é um formoso exemplo aos que ensinam sua vida de professor e de educador.

Honra lhe seja á memoria.

Clodomir Silva (Jornal Século XX, 1927)

Clodomir Silva, vindo de uma origem social pobre e ao mesmo tempo não enquadrado em um padrão religioso católico, trouxe-lhe alguma dificuldade social,

principalmente se levarmos em conta o grau de provincianismo experimentado em algumas áreas da sociabilidade sergipana nas três primeiras décadas do século XX.

Paralelamente aos cargos que ocupou, estava um profissional que forjou a sua participação na vida social da elite aracajuana, como também, nos estratos mais humildes da nossa capital, atuando como orador e advogado no Centro Operário Sergipano e no seu órgão de divulgação das causas trabalhistas, o jornal *Voz do Operário*, criado em 1920<sup>39</sup>.

A curta estada de Clodomir Silva em terras sergipanas foi marcada também por uma certa ambivalência: de um lado, um homem que defendia princípios rigorosos; do outro, um profissional que demonstrou algumas falhas enquanto renomado nas mais variadas áreas de atuação. Referimo-nos às constantes ausências no Atheneu Sergipense, como professor da cátedra de Português, a brevidade com que ocupava cargos de chefia, como o de Diretor da Imprensa Oficial e o de Diretor da Instrução Pública, onde deixou uma impressão de autoritarismo na condução do referido cargo (*Correio de Aracaju*, 1927, p. 1b). A atuação desse periodista exigiu uma maleabilidade que foi além da produção de artigos, pois atuou também como editor de almanaque, escritor de livros, além de ter sido frequentemente convidado para realizar palestras e conferências, desenvolvidas ao longo das décadas de 1910 e 1920 (*Correio de Aracaju*, 1927, p. 1c).

A trajetória profissional de Clodomir Silva no jornalismo o colocou em contato direto com as peculiaridades da sociedade aracajuana nas duas primeiras décadas do século XX. A partir dessas experiências, Clodomir Silva pôde perceber de maneira mais objetiva que o estudo superior conferia aos homens de letras uma legitimação no exercício não só do magistério como também no de suas atividades correlatas.

Os cursos de Direito das Faculdades de Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo eram os mais afamados do Brasil e obter o bacharelato era, em alguma medida, uma espécie

---

<sup>39</sup> Para uma melhor compreensão da atuação de Clodomir Silva junto ao Centro Operário Sergipano, consultar: Ibarê Dantas, *Imprensa Operária em Sergipe (1891-1930)* (Aracaju, Editora Criação, 2016).

de chancela de seus pares na inserção naquela sociedade, apegada aos sobrenomes tradicionais e à comprovação do grau de “Doutor”. Por razões econômicas e por uma tradição de algumas décadas dos estudantes sergipanos nos quadros da instituição recifense, Clodomir Silva escolheu a antiga Casa de Tobias Barreto para cursar Direito, local de consolidada tradição na formação de quadros que ocuparam cargos de relevância nos diversos estados do Brasil (Guaraná, 1925; Barreto, 2007).

Desse modo, Clodomir Silva, experimentado nas lides com a imprensa e já professor de Português no Atheneu Sergipense, parte rumo a essa empreitada acadêmica que lhe tomará mais tempo do que o esperado, tendo em vista as interrupções nos seus estudos devido a suas atribuições em Sergipe. Segundo o que apuramos nessa pesquisa, verificamos que há, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), documentos que atestam a sua participação como aluno do primeiro ano na Faculdade de Direito de Recife no ano de 1920. (Fundo Epifânio Dória: Cx. 459, Doc. 086).

Em Armindo Guaraná (1925, p. 103), há uma breve citação sobre Clodomir Silva ser aluno quartanista em 1924, demonstrando que a sua trajetória na obtenção do grau de bacharel não o impediu de trabalhar como advogado, pois, já em 1918, havia sido deferida a provisão para atuar como advogado (rábula) nas comarcas de “Aracaju, Maroim e Laranjeiras. O Relator, o sr. Desembargador João Maynard, concedeu-lhe a provisão por unanimidade de votos” (*Estado de Sergipe* 1918, p. 2a). Com esse dispositivo que lhe facultava o direito do exercício advocatício, veremos surgir uma das suas características mais emblemáticas: a prestação de suporte legal para as pessoas mais carentes, além de uma atuação decisiva no Centro Operário Sergipano, onde desenvolveu relevante serviço na intermediação dos interesses trabalhistas em relação às imposições da classe patronal (Dantas, I. C, 2016).

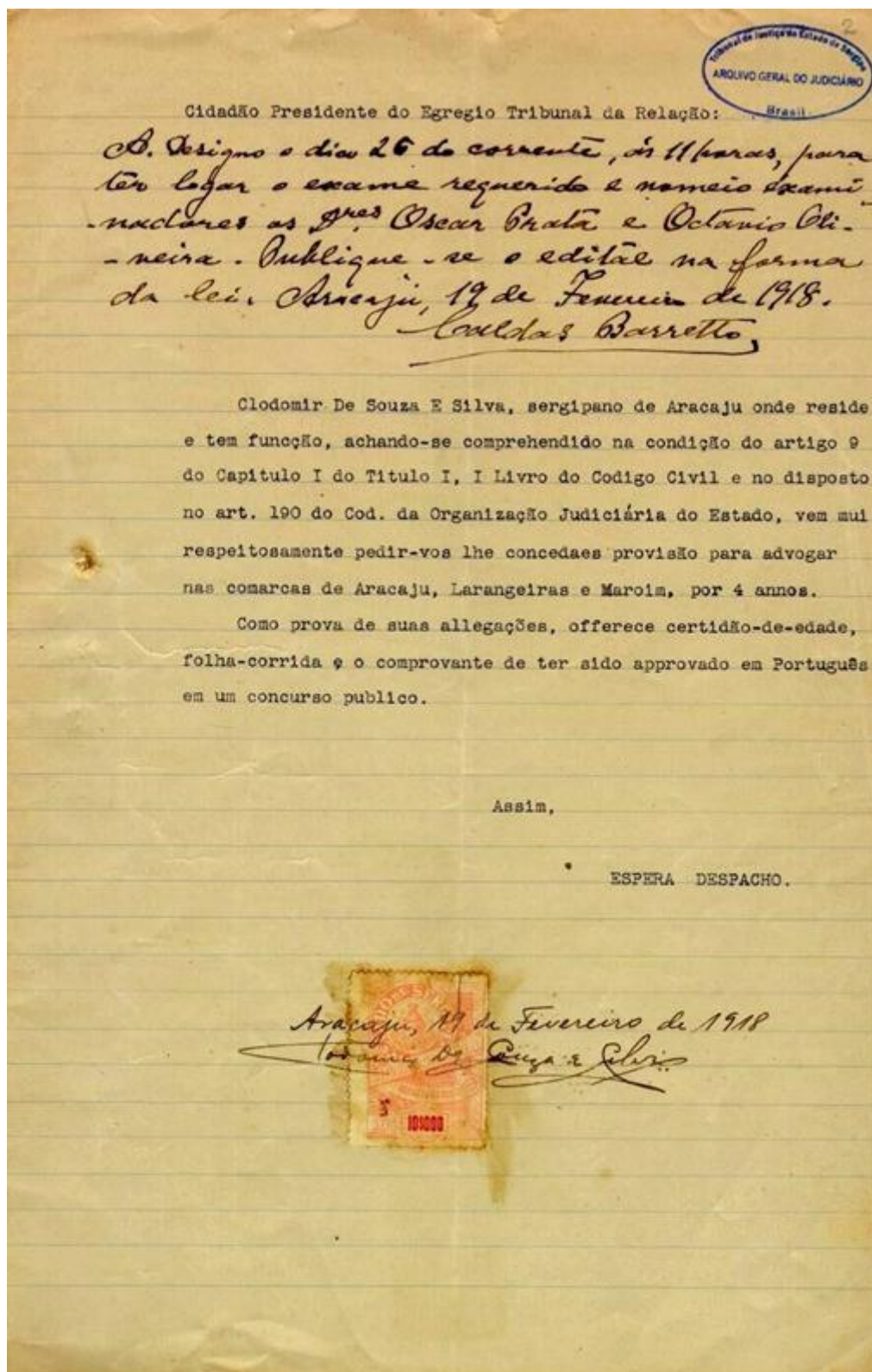


Figura 14 – Requerimento de provisão de Clodomir Silva para atuar como advogado. Fonte: Arquivo Geral do Judiciário. Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe.

Segundo Epifânio Dória, contemporâneo e amigo de Clodomir Silva, uma de suas peculiaridades era a disponibilidade em ajudar aqueles que o procuravam para dirimir

confusões jurídicas, muitas vezes sem receber pelos serviços prestados (Fundo Epifânio Dória, Doc. 12.887). Foi no dia 11 de março de 1926, que o estudante conseguiu o título de bacharel em Direito na Faculdade de Direito de Recife (Livro de Registro de Diplomas, 1925-1931, pp. 77-78), dando, assim, continuidade a sua atuação como advogado devidamente graduado.

Alguns dos atributos profissionais de Clodomir Silva, elencados anteriormente nos coloca diante de um homem de letras característico das primeiras décadas do século XX, ou seja: multifacetado, seja por necessidade financeira, seja pela ambivalência na execução das profissões escolhidas. Verificamos que tais atividades remuneratórias faziam parte dos cenários em que esses literatos buscavam o sustento de suas famílias, seja ensinando, advogando, atuando na política e no jornalismo. Todas essas atividades compunham um universo onde Clodomir Silva transitou com desenvoltura.

Verificaremos em seguida, alguns aspectos relevantes na trajetória profissional de João Ribeiro, no Rio de Janeiro. Nessa cidade, trilhou os caminhos do reconhecimento enquanto homem de letras, por suas publicações gramaticais, livros didáticos de história, artigos frequentes nos jornais cariocas, além da constante presença nas livrarias cariocas, notadamente a Garnier, espaço de sociabilidade dos literatos naquela cidade. Nesses ambientes frequentados pelos intelectuais, foram forjadas as condições para o surgimento de uma instituição responsável por congregar homens de letras destacados na cidade do Rio de Janeiro, berço da Academia Brasileira de Letras.

### **3.2 A Academia Brasileira de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como *locus* de nacionalismo**

Para que tenhamos uma compreensão do que foi a jornada para a implantação da Academia Brasileira de Letras e a participação efetiva de João Ribeiro nos seus quadros, se faz necessário uma breve contextualização do momento em que, um conjunto de intelectuais

alimentaram o desejo de uma instituição voltada para as especificidades da nossa língua e aspectos da cultura nacional. Com essa finalidade em mente, o respeitado ensaísta, escritor, romancista, jornalista e crítico literário Machado de Assis<sup>40</sup> congregou um grupo de homens de letras em uma instituição. A sua trajetória lhe conferia o status necessário para essa tarefa, que se apresentou complexa em muitos dos seus fundamentos, na medida em que o apoio financeiro governamental não se concretizou, além, da falta de um espaço físico para a sede da Academia Brasileira de Letras, assim como os limitados recursos para as despesas corriqueiras. (Montelo, 1997; Rodrigues, 2001; Henriques, 2001).

Uma das diretrizes estabelecidas pelos componentes daquela casa, cuja diversidade de seus membros deveria representar um conjunto múltiplo de ideias e valores, sem partidarismo político ou apego a um estilo literário. Para buscar a consolidação da recém-criada instituição literária, definiram a meta prioritária naqueles primeiros anos de funcionamento: “A Academia Brasileira de Letras, com sede no Rio de Janeiro, tem por fim

---

<sup>40</sup> Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Nasceu no Morro do Livramento, seu pai, Francisco de Assis, é mulato livre e pintor de paredes; a mãe, Maria Leopoldina da Câmara Machado, é portuguesa dos Açores e lavadeira. Quando tem 10 anos a mãe morre e seu pai casa-se com uma quituteira que mora em São Cristóvão. Quando se torna adolescente o rapaz encontra uma oportunidade de formação intelectual possível apenas nas cidades: frequentar a bibeca de Francisco de Paula Brito, mistura de tipografia, livraria e loja de conveniências, além de ponto de encontro de interessados em cultura do bairro. Com 17 é contratado como revisor e tipógrafo na Imprensa Nacional, iniciando a dupla carreira de homem de imprensa e funcionário público. Assim, vai misturando profissão e formação intelectual. Trabalha como jornalista para Quintino Bocaiúva e Saldanha Marinho, futuros líderes republicanos. Casa-se em 1869 com Carolina Xavier de Novais, imigrante portuguesa, culta e alfabetizada, ela é parceira intelectual, introdutora de novidades, comentadora e eventualmente revisora de textos. A partir de 1872 inaugura outra atividade e outra forma de renda: escrever romances. Apesar das limitações forma o seu público. A partir da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em 1881. Produz sucesso atrás de sucesso, impondo tanto a empatia com os leitores como o resultado econômico da produção – e tudo isso o leva a uma posição de grande prestígio social, tornando-se o primeiro profissional a imperar como juiz do gosto intelectual no Brasil. O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis. Em 15 de dezembro de 1896 funda, com outros escritores a Academia Brasileira de Letras, e torna-se seu primeiro presidente. Coroado de glória e admiração, experimenta a mágoa de perder Carolina a 2 de outubro de 1904. Falece, a 29 de setembro de 1908, cercado de amigos fiéis. No decurso de uma atividade literária ininterrupta, que durou de 1855, quando publicava os seus primeiros versos na Revista *Marmota*, até o aparecimento do seu último livro, *O Memorial de Aires*, em 1908, representa Machado de Assis, no Brasil, o primeiro e o mais acabado modelo do homem de letras autêntico. Afrânio Coutinho. *A Literatura no Brasil: era realista de transição*. (volume 4, 8. Ed. São Paulo: Global Editora, 2023). Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*. (52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017). Jorge Caldeira. 101 brasileiros que fizeram história. (Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2016). Massud Moisés. *História da literatura brasileira. V. II: do Realismo à Belle Époque*. (3. Ed. São Paulo: Cultrix, 2016).

a cultura da língua e da literatura nacional” (Estatuto e Regimento Interno da Academia Brasileira de Letras, art, 1, p 5).

Os primeiros movimentos para a concretização da ABL se deram pela iniciativa de José Veríssimo<sup>41</sup> ao promover o ressurgimento da Revista Brasileira (1895), cuja sede localizava-se na Travessa do Ouvidor, tornou-se um polo aglutinador de diversos intelectuais, com os mais variados perfis políticos e culturais. Naquele espaço, delineararam-se as propostas da instituição, que congregou 40 homens de letras, nos mais variados campos de atuação, porém, com um sentimento em comum: a valorização da cultura brasileira. Divergências ideológicas, e tudo que pudesse ofuscar aquele encontro de mentes, era proibido em nome da boa convivência e do compartilhamento de ideias e valores.

---

<sup>41</sup> José Veríssimo Dias de Matos era filho José Veríssimo de Matos e Ana Flora Dias de Matos, nasceu em Óbidos, Pará em 1857 e morreu no Rio de Janeiro em 1916. Passou a infância na província natal, dela saindo para o Rio de Janeiro onde fez preparatórios no Colégio Pedro II e frequentou por algum tempo a Escola Central, hoje politécnica. Adoecendo, deixa os estudos e retorna, em 1876, ao Pará. São operosos os seus anos de juventude: funda a *Gazeta do Norte* e a *Revista Amazônica*, órgãos progressistas; ocupa a Diretoria de Instrução Pública do Pará e pesquisa seriamente a história e os costumes dos indígenas e mestiços da região: os *Quadros Paraenses* (1878), as *Cenas da Vida Amazônica* (1886). De grande interesse para a história da nossa cultura é o seu ensaio *Educação Nacional* (1890). Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1891, aproximando-se dos melhores escritores da época, Machado, Nabuco e os parnasianos, renova a *Revista Brasileira* (3ª fase) e passa a viver definitivamente do magistério, lecionando Português e História no Colégio Pedro II. Foi membro Fundador da Academia Brasileira de Letras. Amigo de Machado de Assis, teve, no entanto, acuidade e independência para ser o primeiro crítico de sua obra. José Veríssimo não nasceu para as amizades fáceis. Natureza enfermiga reservado por temperamento, e até por precaução, não gostava de expandir-se nem mesmo com os amigos. Ele era o primeiro a denunciar seus parcos dons de sociabilidade, e o fazia sem o menor propósito de emendar-se. Sem restringir a plenitude do fenômeno literário, o que José Veríssimo pretendia de nossa literatura é que ela se erguesse, que se mantivesse fiel à memória de si mesma e com isso pudesse impor sua identidade. Afrânio Coutinho. *A Literatura no Brasil: era realista e era de transição*. (volume 4, 8. Ed. São Paulo: Global Editora, 2023):49-57. Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*. (52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017), p. 269.



Figura 15 – Foto de reunião informal de homens de letras e artistas plásticos em 1901. De pé: Rodolfo Amoedo, Artur Azevedo, Inglês de Sousa, Bilac, Veríssimo, Bandeira, Filinto de Almeida, Guimarães Passos, Valentim Magalhães, Rodolfo Bernardelli, Rodrigo Octavio, Heitor Peixoto; sentados: João Ribeiro, Machado, Lúcio de Mendonça e Silva Ramos. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:A\\_Panelinha.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:A_Panelinha.jpg). Acesso em: 31 ago 2025.

A política era um assunto pouco tratado, em função dos alinhamentos e conjunturas defendidas por aquele grupo heterodoxo de homens que compuseram em 20 de julho de 1897 a formação inicial da Academia Brasileira de Letras. O presidente da instituição assim definiu a sua fisionomia:

a Academia Brasileira de Letras tem de ser o que as associações análogas: uma torre de marfim, onde se acolham espíritos literários, e de onde, estendendo os olhos para todos os lados, vejam claro e quieto. Homens daqui podem escrever páginas de história, mas a história faz-se lá fora<sup>42</sup>.

O Presidente Machado de Assis proferiu o seguinte discurso de abertura da ABL em 20 de julho de 1897:

Senhores,

Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da forma de

---

<sup>42</sup> Discurso de encerramento da sessão de 7 de dezembro de 1897. In: Revista da Academia Brasileira de Letras: ABL, I a, 173, vol. Ia 66, 1910 a 1943.

uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança. Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço, e aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova, naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conversar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige, não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modela, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo de suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-nos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão<sup>43</sup>

O referido discurso coloca-nos diante das expectativas de Machado de Assis, diante daquela congregação de intelectuais, muitos ainda jovens e diversos outros experientes no trato com as letras. Como era de praxe nesse tipo de instituição, as cadeiras tinham os seus patronos, nomes consagrados da literatura brasileira de gerações anteriores. Notabilizados na prosa, poesia, jornalismo e escrita teatral. Apesar do discurso evocar amabilidade e respeito recíproco, os aspectos da vida política e cotidiana não deixaram de ser observados nos discursos de posse: “os acadêmicos souberam mascarar as falhas na implantação do projeto debaixo de uma polida retórica. Mesmo que, na maioria das vezes, não tenha havido defesas apaixonadas de escolas literárias ou de partidos políticos” (Rodrigues, 2001, p. 89).

João Ribeiro, naquele momento histórico para as letras, não se encontrava no Rio de Janeiro, em função de uma viagem de dois anos pela Europa, viagem prevista para durar de sete a oito meses, segundo carta enviada ao amigo José Lino: “Na Europa demorar-me-ei 7 mezes ou 8 e creio que estarei de volta em outubro ou novembro d’este anno ou talvez antes

---

<sup>43</sup> Sobre o discurso de Machado de Assis e os demais membros da Academia Brasileira de Letras, verificar as seguintes fontes: Claudio Cezar Henriques. *Atas da Academia Brasileira de Letras: Presidência Machado de Assis (1896-1908)*. (Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001): 197-198. Discursos Acadêmicos. Tomo I, vol. I, II, III, IV, (1897-1919). (Rio de Janeiro: Publicações da ABL, 2005).

d'isso.” (Carta de João Ribeiro a José Lino, Rio de Janeiro, 24/03/1895. Arquivo Pessoal – João Ribeiro, ABL).

Na cronologia que envolve esse acontecimento, podemos elencar: primeiro a solicitação de afastamento por motivo de saúde de João Ribeiro, do Colégio Nacional (15 de março de 1895); no segundo momento foi comissionado pelo governo brasileiro, por estar na Europa, desenvolver uma pesquisa *in loco* sobre os métodos empregados nos ensinos primário e secundário. Buscou realizar “investigações científicas ou estudar nos países estrangeiros os melhores métodos de ensino” (Silva, 2022, p. 49).

Em pesquisas realizadas por Silva (2022) e Barchi (2019), nenhuma produção de relatório posterior a viagem de João Ribeiro foi encontrada. Os autores em questão, demonstram a excepcionalidade do ocorrido com o intelectual sergipano. Tendo em vista a regularidade da prestação de contas na forma de um relatório. O professor licenciado percorreu inúmeros países, participou de alguns eventos de caráter literário, visitou escolas, sem, contudo, produzir no final da viagem, o usual relato aos órgãos oficiais do que fora experienciado e a contribuição dada pelo beneficiário. Aquela experiência europeia causou um redimensionamento de alguns valores em João Ribeiro, um deles foi o forte desejo de voltar para a Europa e lá viver com sua família, além do redimensionamento político, na medida em que passou a ser simpático a monarquia como forma de governo (Hansen, 2000).

O retorno ao Brasil em 1897, colocou aquele intelectual próximo outra vez da realidade política e cultural, para ele, tudo muito insípido e sem perspectiva de maiores alterações. O fato de ter sido o primeiro imortal a ser convidado para substituir o colega Luís Guimarães Junior, que havia falecido, demonstra o seu capital cultural, além da proximidade com muitos dos formadores daquela instituição. O convite e a eleição para compor o quadro da ABL, tornou os seus dias mais satisfatórios, na medida em que as sessões na Academia passaram a fazer parte do seu cotidiano. Fato perceptível no alto grau de comparecimento naquelas reuniões, num total de 69 presenças (Henriques, 2001). Os encontros serviam para

trocar ideias e realizar alguma sociabilidade. Com o passar dos anos e a fortuna deixada pelo livreiro Francisco Alves (1917) para a ABL, as reuniões passaram a ser remuneradas, e, segundo João Ribeiro: “Da noite para o dia, a Academia de Letras amanheceu rica. O maior dos nossos editores fê-la herdeira de toda a sua fortuna” (*O Imparcial*. Rio de Janeiro, ano VI, nº 1641, p. 4). Herança deixada por Francisco Alves de Oliveira,<sup>44</sup> cujo patrimônio foi “investido em um fundo para que, com as rendas a ABL distribuisse prêmios que estimulassem o desenvolvimento das letras nacionais” (Moniz, 2009, p. 19). A partir desse acontecimento, a ABL pôde contar com a tranquilidade financeira nos anos vindouros, dando continuidade às premiações nas diversas categorias literárias de acordo com o desejo expresso do seu maior benfeitor.

---

<sup>44</sup> Francisco Alves de Oliveira nasceu a 2 de agosto de 1848. Dois dias depois, era levado à Igreja de Santa Maria do Outeiro, conselho de Cabeceiras de Basto, Reino de Portugal, onde recebeu o batismo. Seu pai, Antônio José Alves e sua mãe D. Maria José de Oliveira. Na escola destacou-se entre os colegas, como dotado de várias qualidades. Era inteligente e aplicado em seus estudos. Aos 15 anos de idade, sentiu-se fascinado pela ideia de buscar o êxito e o triunfo no outro lado do oceano, isto é, no Brasil. Com pouco recurso empregou-se numa casa comercial, que fornecia materiais específicos à marinha de vela. Apesar da pouca idade, tornou-se o primeiro caixeiro da casa, conquistando estima e a confiança dos patrões e dos companheiros. Vivía de forma modesta, economizava o máximo que podia. De fato, em pouco tempo, Francisco Alves conseguiu juntar um conto e cento e vinte mil réis, quantia elevada para um simples caixeiro. Foi então que ele fundou por conta própria, uma pequena loja de livros usados. Foi a sua primeira livraria. Com o passar do tempo seu tio Nicolau Antônio Alves, estabelecido no Rio de Janeiro à frente da Livraria Clássica, convidou-o para participar em seus negócios, cuja inauguração se deu em 15 de agosto de 1854. Francisco Alves dentro de pouco tempo, comprou as partes dos sócios ficando exclusivamente à testa do negócio, assumindo uma alta quantia pela compra da livraria. Eram duzentos e cinquenta contos em prestações anuais de cinquenta contos. O negócio de Francisco Alves se desenvolveu e foram abertas filiais em São Paulo e Belo Horizonte e associou-se à Aillaud, de Paris, e à Bertrand, de Lisboa. A livraria passou a ser conhecida por Francisco Alves, tornou-se ponto de reunião literária, com a presença de muitos escritores importantes, a maioria deles editados pela casa: Olavo Bilac, Sílvio Romero, Guimarães Passos, João Ribeiro (compadre e amigo do Alves.). Enquanto adulava os escritores. Em 1917, morre Francisco Alves, a livraria mantém a sua importância na vida da cidade, mas sem se atualizar. Os intelectuais deixam de frequentá-la, aos poucos, vai se tornando uma relíquia do passado, perdendo sua eficiência, até fechar na década de 1990. Edmundo Moniz. *Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)*. (Rio de Janeiro: ABL (Coleção Afrânio Peixoto, 88): 24-30. Ubiratan Machado. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*. (São Paulo: Ateliê Editorial, 2008): 79-81. Ubiratan Machado. *História das Livrarias cariocas*. (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012): 138-144.



Figura 16 – Francisco Alves de Oliveira, livreiro e autor. Fonte: NEVES, Fernão. A Academia Brasileira de Letras: notas e documentos para a sua história, 1896-1940. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

A posse de João Ribeiro na ABL vale ser mencionada enquanto elemento peculiar na trajetória da instituição, por ter sido o primeiro a ser eleito após a sua fundação, com o total de 17 votos válidos e três em branco. Segundo Henrique (2001), a solenidade de posse se deu

Às 8 horas da noite, no salão de honra do Ministério do Interior, presentes os Srs. Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Rodrigo Octavio, Silva Ramos, Inglês de Sousa, José Veríssimo, Artur Azevedo, Barão de Loreto, Filinto de Almeida, Graça Aranha, Guimarães Passos, Lúcio de Mendonça, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Raimundo Correia, Salvador de Mendonça e Valentim Magalhães, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão informando que se achava presente o Sr. João Ribeiro

recentemente eleito para a cadeira Pedro Luís, vaga pelo falecimento de Luís Guimarães, o qual nesta sessão devia ser recebido, convidou os Srs. Lúcio de Mendonça e Graça Aranha a que o fossem buscar na ante-sala. Introduzido o Sr. João Ribeiro, o Sr. Presidente deu-lhe a palavra. Finda a leitura do discurso do Sr. João Ribeiro, teve a palavra o Sr. José Veríssimo, que fora designado para responder-lhe e que igualmente leu seu discurso. Terminada esta, o Sr. Presidente declara encerrada a sessão. Achavam-se presentes muitas senhoras e cavalheiros, o Dr. Thomas Cochrane, Secretário e representante do Presidente da República, e o Sr. Eptácio Pessoa, Ministro da Justiça e Negócios Interiores.

Os discursos proferidos pelos dois intelectuais continham elementos característicos daquelas solenidades, onde os aparentes elogios à obra do homenageado e a exaltação das suas qualidades revelam também “textos eivados de disputas, avaliações diferentes do passado literário e político do país, nos quais diferentes significados entravam em jogo, compondo um debate mais rico do que as aparências dos elogios querem deixar transparecer” (Rodrigues, 2001, p. 90). Em qualquer circunstância, os discursos realizados por João Ribeiro deveriam mencionar a obra do patrono da cadeira 31, que iria ocupar ou a do falecido poeta, que iria substituir. De todo modo, o neófito sergipano optou por fazer uma elocução sobre a natureza da poesia, teorizando-a e mencionando muito pouco a obra do seu antecessor. Dessa forma “retira qualquer referência à história ou à sociedade à qual tenha pertencido o poeta.” Um fragmento do discurso de João Ribeiro coloca-nos diante daquela reflexão realizada na noite da sua posse (Discursos Acadêmicos 1897-1919, p. 34):

Eu renuncio a tarefa de fazer a crítica do poeta, hoje que é o dia do seu louvor. Mas posso dizer que tão cedo não soará uma voz como a sua. O segredo dessas modulações d’agora em diante ficará eclipsado até um talvez remoto futuro. Virão outras vozes fortes; mais fortes e indispensáveis; mas a sua voz, ou uma voz como a sua, nunca mais! Ele foi o intérprete incorruptível e delicado dessa camada humana que precedeu a babel das raças novas; ele foi um dos últimos druidas da nossa autoctonia bárbara, agora caldeada entre homens adventícios, novos, fulvos e dominadores. Hoje não fazemos nós mais do que passar como eunucos tristemente, sem estirpe e sem pósteros.

José Veríssimo ficou encarregado de fazer o discurso de recepção ao novo membro da ABL. Para manter a sua marca de crítico literário, toma uma postura distinta, acerca da impossibilidade de alcançar as mensagens da obra poética de Luís Guimarães Júnior.

Veríssimo busca afirmar que “a literatura tem um fundo social, é mais do que expressão dos sentimentos humanos. Ela expressaria, entre outras coisas, a nacionalidade” (Rodrigues, 2001, p. 92). Após as considerações iniciais acerca das características da personalidade do novo membro da ABL, evidencia também, as suas obras poéticas e sua produção de gramáticas e livros de história, ao chegar no Rio de Janeiro. Veríssimo constata:

De todos nós sois talvez o nome mais popular no Brasil. Oh! Eu sei que a popularidade vos repugna, e conheço o vosso pensamento sobre ela. Mas, não há furtar-vos a ela. Um milhão de brasileiros conhecem o vosse nome, tanto o levaram a todos os recantos do país, ao caboclinho do Amazonas, como ao teuto-brasileiro do Rio Grande, ao cipira de Mato Grosso, como ao tabaréu de Pernambuco, as vossas gramáticas. Nós invejamos a vossa glória. Partilhai-a conosco pondo nas novas edições delas – pois continuam a ser novas – a menção: da Academia Brasileira. Caberia então a ABL, que com tanta satisfação vos recebe hoje, salvaguardar a língua em que cantou Luís Guimarães Júnior. Vós, gramático e artista, nos ajudaríeis nisso. E então veríamos se há uma nacionalidade algum órgão mais essencial que a literatura, que é a expressão, superior às contingências da política e da história da própria nacionalidade<sup>45</sup>

Nesse fragmento do discurso de Veríssimo, um elemento apresenta-se relevante na concepção do imortal sobre o papel da literatura, como um elemento fundamental na constituição da nacionalidade brasileira. Não foram poucos os intelectuais que defenderam tal posicionamento, seja na ABL ou mesmo no IHGB, instituições que buscaram salvaguardar e valorizar os elementos constitutivos da nossa identidade. Em função dessa demanda é oportuno constatar o ingresso e a colaboração de João Ribeiro enquanto historiador no IHGB na década de 1910 (Tema tratado posteriormente).

### **3.3 O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a Academia Sergipana de Letras: a busca da sergipanidade**

---

<sup>45</sup> Discurso de José Veríssimo no dia 30 de novembro de 1898, ao receber João Ribeiro como primeiro membro eleito para a ABL. In: Discursos Acadêmicos. (Academia Brasileira de Letras: Publicações da ABL, Tomo I, 1897-1919, 2005, pp. 37-45.)

A busca de uma identidade que refletisse os aspectos constitutivos do que seria denominado de sergipanidade<sup>46</sup> foi algo defendido por diversos intelectuais. Tal conceito trazia consigo elementos de um regionalismo que começou a se delinear no final do século XIX. Ganhou um espaço de legítima expressão quando, em 6 de agosto de 1912, foi criado, por iniciativa de Florentino Teles de Menezes<sup>47</sup>, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). “A Casa de Sergipe” como vai ficar conhecida a instituição congregadora da intelectualidade sergipana. O IHGSE tornou-se o centro de irradiação da produção histórica e geográfica no período entre 1912 e 1930. A instituição tinha por referência o IHGB do Rio de Janeiro, fundado no Império (1838), e que tinha, como um dos seus pressupostos, salvaguardar e coligir a história nacional. Por ter sido criado no período republicano o IHGSE trouxe consigo ideais ligados ao cientificismo em voga naquele momento, defendido por muitos componentes do IHGSE, em sua maioria egressos da Faculdade de Direito do Recife. Aquela instituição, onde Tobias Barreto e Silvio Romero deixaram suas marcas ao influenciarem diversos jovens sergipanos que por ali se formaram como bacharéis em

---

<sup>46</sup> Sobre a sergipanidade, um intelectual nascido em Aracaju a 3 de junho de 1865, denominado Joaquim do Prado Sampaio, dedicou alguns livros e diversos artigos jornalísticos sobre o que defendia ser as características do sergipano, no momento quando atuava como promotor, juiz, advogado, secretário de segurança pública ou como professor do Atheneu Sergipense. Nessas inúmeras funções que ocupou, seja em Sergipe ou Pernambuco, sempre buscou refletir sobre os aspectos constitutivos da identidade local. “O seu sergipanismo gestou-se sobre o paradigma dos vulgarizadores da biologia que atuaram entre a última década do século XIX e a primeira do XX. As ideias de sociedade (organismo), ciência (busca pela verdade), método (experimental), tempo (progressivo, linear), e motor da história (a evolução das espécies) apontam para uma mescla heterodoxa entre as teses dos pensadores Ernest Haeckel e Herbert Spencer. Essa fusão resultou numa teoria da identidade e sua imediata aplicação. A teoria prescrevia a unidade etno-psicológica sergipana sob o regime de duas leis: lei de hereditariedade e lei de adaptação. Os elementos hereditários (étnicos) eram estáticos e provinham da psicologia nacional. Assim os mitos e as lendas, importados do Brasil, Sergipe já os possuía com vantagem: o povo sergipano apresentava-se muito mais homogêneo do que o povo brasileiro, fato comprovado pela unicidade da língua local, já que a ação da imigração estrangeira no Estado fora quase insignificante. Quanto aos elementos dinâmicos – história, literatura, arte e ciência – que sofriam influxos dos rios, os problemas com a fertilidade do solo, as secas, a precariedade do porto, da relação homem-meio, enfim, estes já se encontravam em franca especialização, ou seja, era possível visualizar as singularidades da nossa experiência histórica e da nossa produção estética, quando postas em comparação com o trabalho de outros Estados”. In: Itamar Freitas. *Historiografia sergipana*. (São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2007): 177-178. Manoel Armindo C. Guaraná. *Dicionário bio-bibliográfico sergipano*. (Rio de Janeiro: Pongetti & C, 1925):288.

<sup>47</sup> Sobre Florentino Teles de Menezes, verifique: Manoel Armindo C. Guaraná. *Dicionário bio-bibliográfico sergipano*. (Rio de Janeiro: Pongetti & C, 1925). Ibarê Dantas. *História da Casa de Sergipe: 100 anos do IHGSE 1912-2012*. (Aracaju: IHGSE, 2012). Itamar Freitas. *A escrita da História na “Casa de Sergipe”*. (São Cristóvão: Editora UFS; Fundação Oviêdo Teixeira, 2002).

Direito. Esses mesmos sergipanos, ao retornarem para sua terra natal, apoiaram e compareceram na reunião que deu início ao IHGSE (Dantas, 2012; Freitas, 2007). Assim, Dantas (2012, pp. 30-31) menciona a formação da instituição:

Florentino Teles de Menezes (1886-1959), um jovem idealista de 26 anos, teve a ideia de criar o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Homem sensível e inquieto, havia interrompido os estudos superiores por questões financeiras e de saúde, mas continuava dedicado às leituras dos clássicos do seu tempo e tomando iniciativas meritórias. Consultou o pai, um médico de certo prestígio, que apoiou decididamente sua ideia, e convidou mais de quarenta pessoas para participarem do empreendimento, encontrando reações diversas. Houve quem dissesse que o meio não comportava tal instituição, outro convidado o qualificou de D. Quixote, mas Florentino Menezes persistiu no seu intento e encontrou acolhida entre os magistrados do Tribunal da Relação. Em combinação com os desembargadores, Florentino programou a cerimônia, anunciou nos jornais e, às 13 horas do dia 06.08.1912, na sede do Tribunal, numa sala onde funcionava o Clube Esperanto, reuniram-se 22 pessoas para participar do ato de fundação.



Figura 17 – Quadro de Florentino Teles de Menezes. Acervo do IHGSE. Pintura de Arthur Sant’Ana.

Constituir um instituto sem fins lucrativos e, inicialmente, sem um local próprio como sede e sem um aporte financeiro que lhe garantisse autonomia, fez com que o IHGSE buscasse uma aproximação com o poder executivo estadual, conferindo-lhe a presidência de honra da instituição ao governador. Essa estratégia assegurou ao longo dos anos uma dotação financeira capaz de efetivar a realização dos seus princípios norteadores: o “resgate do espaço

territorial sergipano, construção de uma memória e a invenção de uma identidade para o Estado” (Freitas, 2007, p. 180). Essa tarefa ganhou uma forma de expressão com a publicação da Revista do IHGSE, e com as reuniões semanais, nas quais foram traçadas as principais ações a serem colocadas em prática. Dar apoio ou mesmo realizar ações que mitigassem o estado de atraso educacional predominante na população sergipana tornou-se uma das metas da intelectualidade reunida no Instituto.



Figura 18 – Sede do IHGSE inaugurada em 1939 - Rua Itabaianinha, 41. Foto: José de Oliveira B. Filho.

Os homens de letras que se dispuseram a fazer parte daquele grupo eram em sua maioria bacharéis em Direito, com uma formação humanística, sintonizados com ideias

advindas de pensadores como Ratzel, Haeckel e Spencer<sup>48</sup>. Verificou-se, portanto, “que se buscava agora, no saber de Clio, o evoluir das ciências, das letras, das artes, das indústrias, as criações fundamentais da humanidade, em suma, os artefatos da civilização” (Freitas, 2007, pp. 176-177).

Em meio a esse processo de estruturação inicial, um jovem homem de letras, com uma boa experiência no mundo do jornalismo, palestrante atuante, uma espécie de fomentador cultural, ingressou no IHGSE. Fazer parte dessa instituição como sócio efetivo representava ser aceito entre seus pares. Na pesquisa realizada, localizamos a ata do dia 6 de junho de 1925 como sendo a data de ingresso de Clodomir Silva no instituto<sup>49</sup>. Podemos, contudo, supor, que a partir de 1919, quando foi constituída a comissão responsável pela execução dos festejos alusivos ao primeiro centenário da emancipação política de Sergipe, Clodomir Silva manteve algum contato com os membros daquela comissão. A sua colaboração naquela efeméride foi relevante, pois coube a ele a elaboração do Álbum de Sergipe (1920), tarefa designada diretamente pelo Presidente da Província (Governador), Manoel Joaquim Pereira Lobo (1918-1922). O referido álbum, constituiu uma obra pertinente na construção da identidade histórica e cultural do sergipano, elemento que será abordado posteriormente.

Participar ativamente das ações afirmativas no cenário cultural sergipano e, de modo particular, em Aracaju, credenciou-o a fazer parte desse grupo de homens de letras. Como mencionado anteriormente, o IHGSE constituiu um *locus* de sociabilidade e troca de ideias,

---

<sup>48</sup> Sobre a influência dos intelectuais citados, na produção de uma historiografia sergipana verificar: Prado Sampaio. *Sergipe, artístico, literário e científico*. (Aracaju: Imprensa Oficial, 1928). Jorge Carvalho do Nascimento. *A Cultura Ocultada: ou a influência alemã na cultura brasileira durante a segunda metade do século XIX*. (2 ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2020). Jurandir Malerba. *História & narrativa: A ciência e a arte da escrita histórica*. (Petrópolis, RJ: Vozes, 2016).

<sup>49</sup> Para atestar a entrada de Clodomir de Souza e Silva no IHGSE, o trecho da ata em que se deu tal acontecimento, estabelece: “Faltando um membro da comissão de história do Instituto, com a vaga aberta com a morte do saudoso e nunca esquecido Des. Armindo Guaraá, designou o Sr. Presidente para todos os efeitos, e de acordo com os estatutos, o professor Clodomir Silva para preencher a vaga existente e recomendou ao Sr. 1º Secretário a respectiva comunicação. E nada mais havendo, foi encerrada a sessão, escrevendo eu a presente ata por se achar doente o Sr. Dr. 2º Secretário.

capaz de congregar intelectuais que tinham opiniões e modos de entender a política local de forma distinta. Como em qualquer instituição multifacetada, os atritos existiam, mas não se davam na esfera pessoal, e sim no campo das ideias. No IHGSE, foi mais usual o elogio entre seus pares como forma de enaltecimento e valoração dos discursos, artigos ou livros publicados. Cristiane Vítório de Souza (2001, pp. 118-119), afirma:

Foram localizadas ao longo da pesquisa (1889-1930), cerca de duzentas referências a conferências e mais ou menos quatrocentas alusões a pronunciamentos de discursos. As conferências abordaram múltiplos assuntos. Palestrou-se sobre temas relativos à medicina, ao direito, à filosofia, à história, à geografia, à política, à economia, à educação, à literatura, à arte e à religião. Conforme um representante daquela instituição, o médico Helvécio de Andrade, as conferências podem ser classificadas em conferências científicas e conferências literárias.

Nesse contexto de participação nas atividades do IHGSE, Clodomir Silva deu sua colaboração ao fazer uma série de palestras ao longo de sua permanência no Instituto, notadamente no período em que o Almirante Amintas José Jorge<sup>50</sup>, seu amigo, ocupou a presidência daquela instituição (27/01/1925 a 06/08/1927). Sua participação na Revista do IHGSE foi pequena, sendo localizado um discurso de saudação<sup>51</sup> ao homenageado Augusto Gonçalves sobre a legitimidade da luta sergipana em relação aos limites de Sergipe com a Bahia. Além de um parecer<sup>52</sup> emitido por Clodomir Silva, afirmando ser o rio Sergipe que banha Aracaju e não o Cotinguiba, como foi denominado por muito tempo. O parecer é fundamentado em estudos sobre a condição geográfica, o valor fluvial, e a tradição histórica. A exiguidade da colaboração na Revista do IHGSE contrasta com a prolífica contribuição nos jornais aracajuanos nas três primeiras décadas do século XX (Freitas, 2002, p. 95). Além

---

<sup>50</sup> Sobre o Almirante Amintas José Jorge, verificar: Manoel Armino C. Guaraná. *Dicionário bio-bibliográfico sergipano*. (Rio de Janeiro: Pongetti & C, 1925):23. Joaquim dos Santos Pereira. *Dados biográficos do Almirante Amintas José Jorge*. In. Revista do IHGSE. Aracaju, v. 14, nº 19, 1948, p. 81-97. <https://www.arquivodamarinha.dphdm.mar.mil.br/index.php/jorge-amynthas-jose>. Acessado em 08 de setembro de 2025.

<sup>51</sup> Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Recepção do sócio correspondente Dr. Augusto César Lopes Gonçalves. Aracaju, 1925:18-30, nº 10, v 6.

<sup>52</sup> Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Parecer nº 2: a Cotinguiba. Aracaju, 1925:41-81, nº10, v 6.

das inúmeras palestras nas diversas instituições de caráter cultural e beneficente: Centro Operário Sergipano (1910), Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1912), Liga Sergipense Contra o Analfabetismo (1916), Centro Cívico Amintas Jorge (1918), Centro de Propaganda do Voto Secreto (1923), Club Esportivo Feminino (1923), Academia Sergipana de Letras (1929), dentre outras participações (Souza, 2001).

Diante das múltiplas colaborações de Clodomir Silva no universo beletrista, não podemos deixar de mencionar a sua contribuição para a formação da Academia Sergipana de Letras, que se deu oficialmente no dia 1º de junho de 1929, recém-separada da sua coirmã a Hora Literária Santo Antônio (1919). Clodomir foi um dos fundadores da ASL. Ocupou a cadeira de número 13, cujo patrono é o Frei José de Santa Cecília<sup>53</sup>.

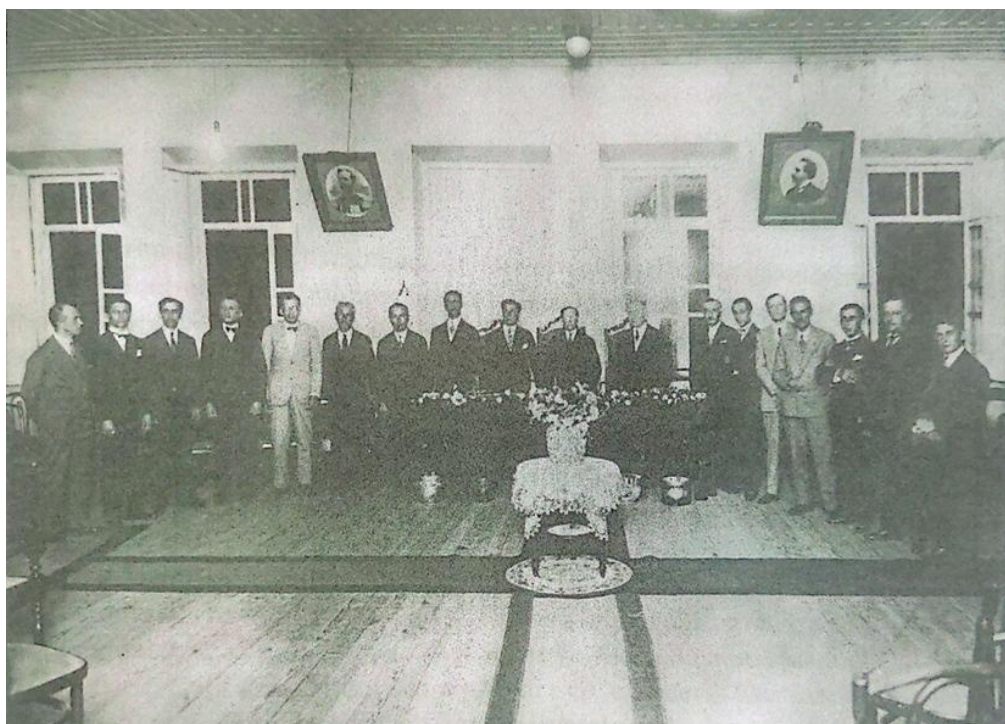


Figura 19 – Fundadores das 18 cadeiras iniciais da Academia Sergipana de Letras. Salão nobre do Edifício da Assembleia Legislativa. Da esquerda para a direita, temos Clodomir na quinta posição. Fonte: Acervo da Revista da ASL, n.º 1, 1931.

---

<sup>53</sup> Para uma compreensão de quem foi o Frei José de Santa Cecília, verificar: José Anderson Nascimento. *Perfis Acadêmicos*. (Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise, 2017): 255-257. Manoel Armino C. Guaraná. *Dicionário bio-bibliográfico sergipano*. Rio de Janeiro: Pongetti & C, 1925, pp. 347-348.

Um fato usual para a época, merece ser evidenciado, por mostrar o grau de sexismo presente na sociedade sergipana nas primeiras décadas do século XX. A participação feminina nas instituições de caráter cultural, eram por demais restritas naqueles longínquos anos 1920, com uma exceção digna de nota, a Hora Literária Santo Antônio. A referida instituição contava com algumas integrantes, que atuavam na vida educacional aracajuana, segundo Maria Thetis Nunes (1984, p. 255-256):

Na Hora Literária, sociedade com fins culturais que na época existia, encontra-se a presença feminina, destacando-se, entre outras, Etelvina Amália de Siqueira, veneranda poetisa e professora, e Leonor Teles de Menezes, emérita conhecedora do vernáculo que transmitia em suas aulas da Escola Normal. Já atuavam na vida sergipana portadoras de cursos superiores como a médica Ítala Silva de Oliveira (irmã de Clodomir Silva), a farmacêutica Cesartina Régis, as dentistas Guiomar Calazans e Melo<sup>54</sup>, Laura Amazonas, Ester Aranha, Mary Firpo, Maria Anita de Carvalho Leite, Dulce Menezes, Francisca Marsillac, as advogadas Alice Cardoso e, posteriormente, Maria Rita Soares de Andrade. No Magistério, impunha-se a professora Penélope Magalhães dos Santos, naquele momento a mulher mais culta de Sergipe. Educada no centro fértil e liberal que é a América do Norte, trouxe para o seu Estado um vasto cabedal, que aqui transfunde altruisticamente a quantos buscam ensinamentos em seu talento e sua cultura.

Este excerto nos coloca diante de um número razoável de mulheres atuantes em diversas áreas do conhecimento, ocupando alguns espaços tradicionalmente reservados aos homens. Denotando, portanto, que a exclusão da presença feminina nas instituições de saber em Sergipe era fruto de um pensamento patriarcal majoritário, no qual a mulher não deveria frequentar ambientes predominantemente masculinos, onde o saber era discutido ou elaborado. Circunscrever as potencialidades femininas constituiu uma estratégia eficaz de dominação e rebaixamento das reais possibilidades das mulheres. Esta prática se consolidava por meio da limitação do acesso aos meios de uma educação formal, e dos espaços de divulgação das conquistas intelectuais daquele meio cultural, por si só restrito.

---

<sup>54</sup> Foi a primeira mulher sergipana a concluir o curso superior. Em 1912, formou-se em Odontologia na Faculdade de Medicina da Bahia, após ter cursado os Preparatórios no Atheneu Sergipense. In: Maria Thetis Nunes. História da Educação em Sergipe. (Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 1984)

Dentre esse número razoável de mulheres atuantes em diversas áreas do conhecimento temos a irmã de Clodomir Silva: Ítala da Silva de Oliveira. Primeira médica sergipana, jornalista combativa e corajosa denunciava os desmandos da administração pública, como demonstra a série de artigos intitulada “Nos domínios da instrução”, publicados no Diário da Manhã de novembro de 1916. Num deles ela definia a independência que manteve na sociedade sergipana, sem se engajar na política de clientela dominante:

Como não sei adular, porque tenho a consciência do que sou, cinjo-me a dizer a verdade como ela é, isto é, sem preconceitos, nem maquiavelismos. Não será demais que um dia venha a tombar vítima dessa abnegação. Enquanto puder, falarei o quanto for preciso.

As ideias progressistas que defendeu se chocaram contra a hipocrisia da sociedade dominante. Percebendo o quanto a mulher era vítima do tipo de educação que lhe vinha sendo imposta por meio dos tempos, protestava com denodo ao escrever: “A educação, tal como se ministra hoje às moças, fá-las mais depositárias de fórmulas confusas, que seres pensantes, cuida mais de formar bonecas, que de educar obreiras do progresso social” (*Jornal Século XX* de 7/5/1919).

As poucas participantes da Hora Literária Santo Antônio foram excluídas quando houve uma separação efetiva entre essa instituição e aquela formada por um grupo divergente. Referimo-nos à Academia Sergipana de Letras (ASL), que será composta exclusivamente por intelectuais masculinos nos primeiros anos de funcionamento.

Apesar da predominância masculina nos ambientes de maior instrução, as mulheres estiveram ligadas à ministração de aulas nas instituições de caráter estadual ou federal. Um exemplo dessa mulher, que ocupava a função de esposa, mãe, professora, é a cônjuge de Clodomir Silva: Ana Araújo de Souza e Silva, nomeada a 3 de julho de 1913, natural de Itabaianinha, atuou como professora no Liceu Profissional Coelho e Campos, em Aracaju. Uma mulher que, além de gestar uma família numerosa, trabalhava como professora no curso noturno, como forma de complementar a renda familiar.

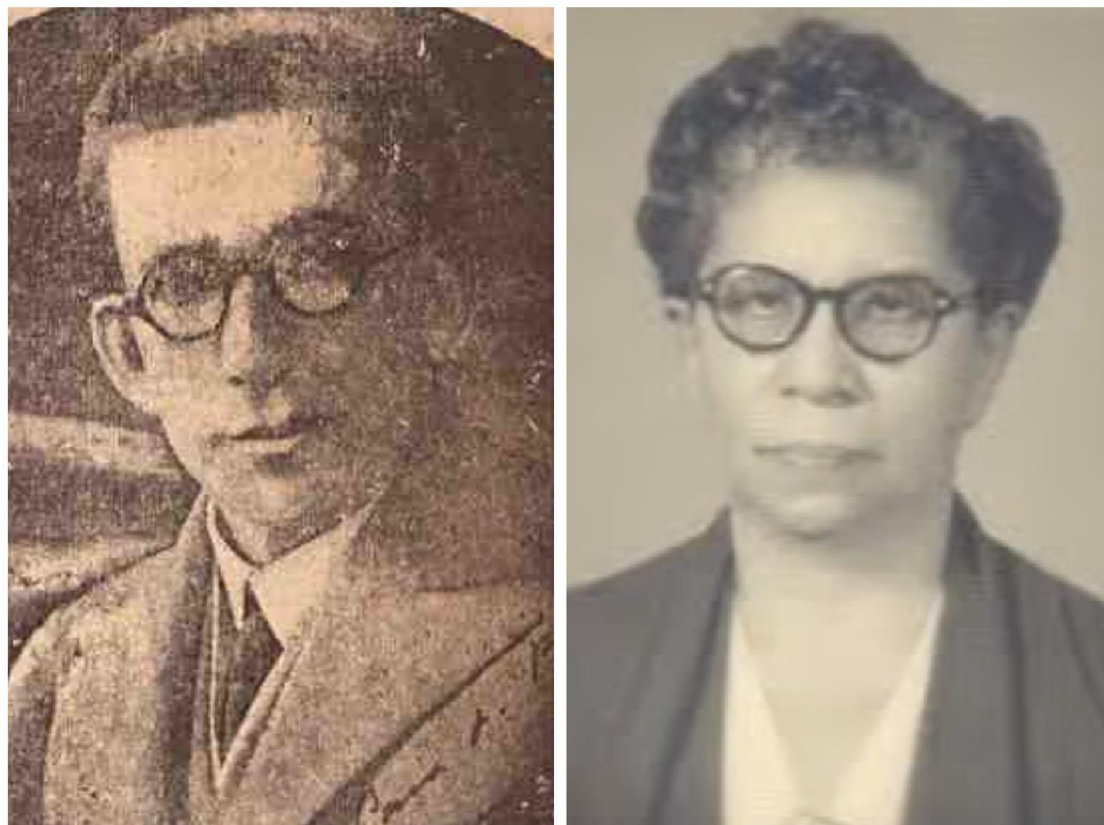


Figura 20 – Clodomir Silva e sua irmã Ítala Silva de Oliveira (1897-1984). Fontes: Acervo da Bibliotheca Gonçalo Moniz/Memória da Saúde Brasileira/UFBA, Sem autoria. S/D. Consultado em abril de 2014.

A colaboração de Clodomir Silva na ASL não foi tão pródiga quanto às outras instituições de que ele participou como membro efetivo, ou convidado, para proferir suas palestras. O final dos anos 1920, na vida desse aracajuano, foi marcado por um conjunto de atritos que repercutiu na sua trajetória profissional e pessoal: poderíamos iniciar com os percalços enquanto Diretor da Instrução Pública de Sergipe (1927), no governo de Manoel Corrêa Dantas (1927-1930). A sua gestão foi operosa e ao mesmo tempo evidenciada por alguns sinais de autoritarismo na conduta da fiscalização dos espaços educacionais na capital, e na observância do cumprimento das práticas docentes, criticadas por ele e rebatidas na imprensa local<sup>55</sup>. Uma outra marca significativa na vida de Clodomir Silva foi o seu

---

<sup>55</sup> Para melhor compreender essa querela entre a prática autoritária de Clodomir Silva enquanto diretor da Instrução Pública de Sergipe e seus subordinados, verificar o jornal: *Correio de Aracaju*: segunda-feira, 19 de setembro de 1927, p.2. Pelo Correio. *Correio de Aracaju*: quinta-feira, 29 de setembro de 1927, p. 1. Entrevista “SUCCO” Fala o Dr. Clodomir Silva.

alinhamento político com a Aliança Liberal<sup>56</sup> (1929), conduzindo-o para embates e enfrentamentos através do jornal que dirigiu: *O Liberal*. O periódico em questão surge em pleno processo de efervescência política, que varria o Brasil nos idos de 1920. No dia 3 de dezembro de 1929, a primeira edição é publicada e o seu editorial<sup>57</sup> exortava:

Na Peleja.

Em defesa de uma formosa ideia de civismo que procura implantar a liberdade de escolha dos públicos dirigentes dos nossos destinos políticos. É um alevantado propósito de civilização que visa colocar os brasileiros na ciência dos seus próprios interesses vitais. Acolhida em Sergipe, ela se fez de logo simpatizada pela corrente dos que não se ligam a institutos conservadores, desfraldou seu estandarte na terra generosa de tantos heróis, e hoje aparece nas lides da imprensa pela voz de O LIBERAL.

As demandas na política nacional reverberaram também em Sergipe. As disputas pelo controle do poder nas eleições de março de 1930 davam a tônica entre os grupos situacionista e aqueles que tentavam assumir as rédeas da governança estadual. No bojo desses embates, encontrava-se Clodomir Silva, com sua experiência jornalística e verve discursiva, utilizada nos comícios da Aliança Liberal<sup>58</sup>. O quadro de tensão era evidenciado pelas prisões dos

---

<sup>56</sup> Coligação partidária oposicionista que em 1929 lançou a candidatura de Getúlio Vargas à Presidência da República. Enquanto alguns dos que aderiram à Aliança Liberal faziam oposição sistemática ao regime (Em Sergipe era o caso de Clodomir Silva), outros ali ingressaram apenas por discordarem do encaminhamento dado pelo então presidente Washington Luís à sucessão presidencial. Conhecidos como “oligarcas dissidentes”, também participavam desse movimento os rebeldes “tenentes”, um grupo de jovens oficiais do Exército que, a partir do início dos anos 1920, tentava, através das armas, derrubar o regime em vigor desde 1889. A despeito da sua heterogeneidade, no ideário da Aliança Liberal estavam presentes temas relacionados com justiça social e liberdade política. Os aliancistas propunham reformas no sistema político, a adoção do voto secreto e o fim das fraudes eleitorais. Pregavam a jornada de oito horas de trabalho, férias, salário-mínimo, regulamentação do trabalho das mulheres e dos menores. Realizadas as eleições em março de 1930, o candidato da Aliança Liberal, Getúlio Vargas, foi derrotado. Enquanto alguns aliancistas reconheciam a derrota e davam a campanha por encerrada, outros decidiam preparar uma insurreição para chegar ao poder. A revolução eclodiu em outubro e, no dia 3 de novembro, Vargas assumiu a chefia do Governo Provisório da nação. In: Dulce Chaves Pandolfi. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2ª ed. (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007):16-17.

<sup>57</sup> O jornal *O Liberal*, surge em Aracaju, 3 de dezembro de 1929, ano 1, nº 1, p. 1.

<sup>58</sup> As notícias sobre os meses que antecederam a Revolução de 1930 em Sergipe foram marcados por hostilidades por parte do grupo dirigente, como atestam as informações do período. Clodomir Silva atuou como advogado impetrando *Habeas Corpus* para soltar dois membros da Aliança Liberal, presos nos comícios em Aracaju. Outra prova da animosidade presente na capital sergipana, foi a realização da solenidade de encerramento do ano letivo da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo, no salão da Loja Maçônica Cotínguiba, por ter sido negado o uso das instalações do IHGSE, onde tradicionalmente se realizavam tais eventos. In: *O Liberal*. Aracaju, 3 de dezembro de 1929, ano 1, nº 1, p.3.

opositores do governo de Manoel Corrêa Dantas, usineiro da cidade de Capela<sup>59</sup>. Em artigo contundente, o jornal *Diário da Manhã* publica uma série de críticas à administração do governador em exercício, fato que precipita agressões físicas realizadas em plena rua ao irmão de Clodomir Silva e a ele próprio. Diante dos atos de violência perpetrados pelos dirigentes do Estado, o alinhamento contrário a tais práticas coronelísticas tornou-se clara para o professor e jornalista Clodomir Silva.

Com a perda da eleição em 3 de março de 1930, os membros da Aliança Liberal decidiram colocar em marcha uma revolta que culminaria com a deposição do Presidente Washington Luís e a ascensão de Getúlio Vargas. Segundo Dantas (2004, p. 78), em Sergipe

Os sinais mais concretos da Revolução começaram a ser percebidos na manhã do dia 16.10.30, dando conta do avanço das forças revolucionárias, provenientes do Norte, em direção à capital. O Presidente do Estado (Governador) fugiu e o tenente-médico Eronides de Carvalho assumiu como governador provisório. Depois de atravessarem o rio São Francisco, de Penedo para Neópolis, onde houve alguns incidentes com mortes, as tropas partiram com destino a Aracaju, aonde chegaram entre a noite do dia 18 e a madrugada do dia 19.10.30, transformando a capital, por um curto período, num Quartel General das Forças de Operações no Norte do país. Na manhã do dia 20, já Juarez Távora comparecia ao Palácio e empossava o general José Calazans que fora o primeiro presidente constitucional de Sergipe, em 1892, e continuava com a mesma imagem de homem sério e honesto, zeloso dos bens públicos. O novo governante encontrou dívidas correspondentes à receita de quase 2 anos e passou a preocupar-se com a contenção financeira. Mas, quinze dias após a sua posse, o Diário Oficial noticiava sua renúncia e sua substituição pelo major Marcelino José Jorge. Este era também militar reformado, identificado com os movimentos liberais da campanha pró Rui Barbosa e com a Aliança Liberal. O novo governante prosseguiu o plano de contenção financeira de seu antecessor. Expediu decretos de exoneração e dissolveu a Assembleia Legislativa. Os intendentos foram cassados e substituídos por outros nomeados para exercer aí todas as funções executivas e legislativas. Pouco depois veio novamente a Sergipe o general Juarez Távora e persuadiu o general José Calazans a retornar ao governo, mas, seis dias depois, este entregou a direção do Executivo ao tenente Augusto Maynard Gomes.

---

<sup>59</sup> Sobre o governo de Manoel Corrêa Dantas, ver: Orlando Vieira Dantas. *A Vida Patriarcal de Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. João Pires Wynne. *História de Sergipe (1575-1930)*. (Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1970). Ibarê Dantas. *História de Sergipe República (1889-2000)*. (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004).



Figura 20 – Chegada da vanguarda da Coluna Juraci Magalhães a Propriá, sob o comando de Agildo Barata, às margens do rio São Francisco, em 1930.

Diante dos eventos políticos ocorridos em Sergipe e de modo particular em Aracaju, Clodomir Silva, um aliancista confesso, fez parte do governo que assumiu o poder com a Revolução de 1930. Foi nomeado como secretário geral “elemento destacado do partido Aliança Liberal, que, em nosso Estado, havia feito a propaganda das candidaturas Getúlio Vargas – João Pessoa”<sup>60</sup>. A brevidade dos dois governos do general José Calazans, ao mesmo tempo em que alçou Clodomir Silva a um cargo de relevância, deixou-o numa situação por demais complexa, na medida em que a renúncia do governador, levou ao poder um antigo desafeto, do outrora secretário geral: o tenente Augusto Maynard Gomes<sup>61</sup>. A relação entre esses dois políticos ao longo dos dois anos da década de 1930, não foi amistosa, na medida em que os jornais *A República* e o *Sergipe Jornal* foram usados como trincheiras, em que

<sup>60</sup> Em artigo no Catálogo Comercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe. *Administração Estadual: Histórico do Período Revolucionário*. Aracaju, 1933, p. 42. Configura-se o quadro administrativo de curta duração, do governo do general José Calazans, assim que os revolucionários “tenentes” assumiram o poder.

<sup>61</sup> Sobre as ações do tenete Augusto Maynard Gomes, verificar: Ibarê Dantas. 2ª ed. *O tenentismo em Sergipe: da revolta de 1924 à revolução de 1930*. (Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 1999).

Clodomir pôde exercer a sua verve crítica. Os seus artigos questionavam a falta de transparência das ações dos tenentes, seu autoritarismo ao lidar com a coisa pública, o infundável prazo para a convocação de uma Assembleia Constituinte, dentre outros temas suscitados.

No cenário nacional, segundo Pandolfi (2007, p. 17),

Cedo começaram os embates entre os diversos grupos que tinham participado da Aliança Liberal. Uma das principais divergências foi sobre o tempo de duração do Governo Provisório. Enquanto alguns desejavam a instalação imediata da democracia, outros afirmavam que o retorno a uma ordem democrática só deveria ocorrer após a promoção das reformas sociais. Para os tenentes e seus aliados civis, o processo revolucionário iniciado em 1930 ainda não havia conseguido dismantlar os alicerces do poder oligárquico, profundamente enraizados na sociedade brasileira. Portanto, num curto prazo, qualquer eleição seria permeada pelos mesmos desvios que marcaram o jogo político ao longo da República Velha.

Nos dois últimos anos da vida de Clodomir Silva (1930-1932), as suas marcas permaneceram contundentes: o jornalista combativo, o advogado comprometido com as causas sociais, o professor com bom trânsito entre seus alunos, o palestrante frequentemente solicitado, o maçom laureado como venerável<sup>62</sup> para a gestão de 1931 a 1932, tudo isso dava a dimensão daquele sergipano. A morte aos 40 anos de idade pareceu muito precoce aos contemporâneos de Clodomir Silva, que no dia 10 de agosto de 1932, faleceu em sua residência na Praça 24 de outubro, nº 3, às 23h. A causa da morte, segundo consta na certidão de óbito: inibição dos centros nervosos, intoxicação tífica (febre tifóide). Foi sepultado no Cemitério Santa Isabel em Aracaju, cidade que ele amou, no curto tempo em que nela viveu<sup>63</sup>.

---

<sup>62</sup> Para uma compreensão de Clodomir Silva enquanto maçom e os significados da ritualística daquela instituição, verificar: José Anderson Nascimento. *Clodomir Silva*. (Aracaju – SE: Loja Maçônica Cotinguiba; Criação, 2014). Rizzardo da Camino. *Dicionário maçônico*. 5 ed. (São Paulo: Madras, 2018).

<sup>63</sup> Sobre a repercussão da morte de Clodomir Silva nos jornais, verificar o anexo desta tese.

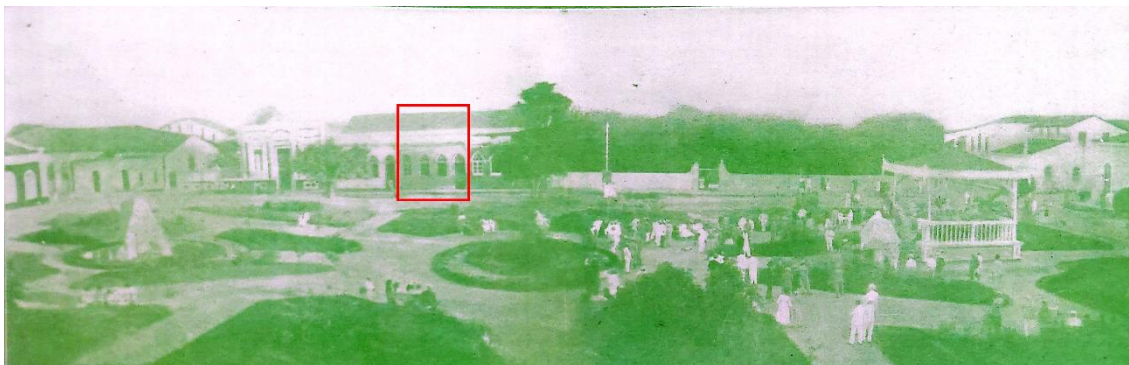


Figura 21 – Em destaque, a casa de Clodomir Silva, na cidade de Aracaju. Fonte: Clodomir de Souza e Silva. Álbum de Sergipe (1820-1920). São Paulo, 1920, p. 115.



Figura 22 – Cemitério Santa Isabel, em Aracaju. À esquerda, imagens do cemitério e jazigo à época em que Clodomir Silva foi sepultado. À direita, imagem atual do cemitério.

## 4 O papel dos periódicos na divulgação do conhecimento e de uma nacionalidade nas três primeiras décadas do século XX

### 4.1 Em busca de uma nacionalidade por meio dos jornais

As posições dos intelectuais durante a Primeira República geralmente apresentavam pouca autonomia em relação ao poder político, o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob suas diferentes modalidades vão depender quase que inteiramente das instituições e dos grupos que exerciam o trabalho de dominação. Grosso modo, a vida intelectual era dominada pela imprensa que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais. (Micelli, 1977).

Com a República o ambiente tornou-se propício para os homens de letras, e os jornais passaram a ser o *locus* por excelência, em que jovens talentos poderiam demonstrar o seu potencial com a palavra escrita, enquanto observadores do seu tempo e propagadores das ideias pertinentes aos seus enquadramentos políticos, além de se tornarem figuras públicas. Olavo Bilac resumiu de forma clara o lugar que o homem de imprensa principiava em ocupar:

O jornalista é um animal vaidoso, cuja grande vaidade só pode ser comparada a do ator. De fato, o ator e o jornalista, habituados a comunicar diferentemente, todos os dias, com o grande público, persuadem-se de que lhe são indispensáveis, e essa consciência da importância de seu papel social incha-lhes a alma, sufocando toda a modéstia. Não se lembram eles de que, acabada a peça, já o público não se recorda de quem a interpretou, como, acabado o artigo, já o público não se lembra de quem o escreveu<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup> Marta Scherer. Imprensa e Belle Époque: Olavo Bilac, o jornalismo e suas histórias. (Palhoça: Ed. Unisul, 2012): 84, apud BILAC, Olavo. Diário do Rio. O Estado de São Paulo, 04/03/1898 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional.

A dimensão da transitoriedade na escrita jornalística é algo muito presente nas publicações de João Ribeiro, em virtude dos muitos anos como jornalista nos mais variados e prestigiados periódicos do Rio de Janeiro: *O Globo* (1881), *Gazeta da Tarde* (1881), *A Época* (1887), *A Semana* (1888), *Correio do Povo* (1889), *O País* (1890), *Correio da Manhã* (1903), *Gazeta de Notícias* (1923), *O Imparcial* (1927), *Jornal do Brasil* (1925- 1934) e alguns em São Paulo: *Jornal do Comércio*, *O Dia*, *Comércio de São Paulo* (1895-1897) (Leão, 1960; Silva, 2022). Desse modo, ele pôde aquilatar a brevidade que o texto jornalístico possuía na vida dos seus leitores. Porém, mesmo diante da efemeridade daquele meio de comunicação, fica evidente, ao longo da primeira metade do século XX, o papel relevante desempenhado por eles na divulgação de ideias e defesa de propostas, por meio dos artigos, crônicas e folhetins. Se durante o século XIX, predominou nos jornais o texto opinativo, de caráter político, a partir do século XX, uma predileção por informações, favorece o surgimento de colunas leves, marcadas por acontecimentos da vida social, fatos policiais e esportivos. Segundo Motta (2002, pp. 24-25),

As colunas existentes em todos os jornais, sejam elas colunas sociais, políticas ou sobre qualquer outro tema, são espaços politicamente diferentes dos espaços “neutros” do noticiário. Nas colunas, os autores podem devanear, interpretar, opinar, solicitar, hostilizar ou cobrar livremente. Podem, portanto, tomar posição. Diferem também na linguagem porque, nas colunas, foge-se do formalismo linguístico da pirâmide invertida, procurando-se um texto mais alegre, mais solto, mais informal. Pode-se, portanto, fazer literatura. Mais ainda, nas colunas, entretanto, faria sucesso só por essas virtudes. Toda coluna, além do que já foi dito, precisa de humor e comicidade. Precisa revelar os fatos ou sugerir situações com graça, fazer rir. Os colunistas, por isso, abusam da paródia, dos trocadilhos, do exagero ou do excesso, da ausência ou da carência, da ironia, da maldade ou da maledicência. Esses espaços são intencionalmente reservados pelos jornais para se poder ali dizer o que não pode ser dito no espaço da notícia. São, portanto, um espaço político por excelência.

Diante do exposto, observa-se que intelectuais que atuavam simultaneamente como jornalistas e funcionários públicos encontravam na atividade jornalística um espaço propício para a disseminação de suas ideias. João Ribeiro exemplifica esse perfil, destacando-se por veicular conceitos, defender propostas inovadoras e fomentar debates relevantes. O acesso

a esse recurso era fundamental para indivíduos que buscavam promover uma visão de nacionalidade diferenciada do tradicional ufanismo predominante entre alguns pensadores das primeiras décadas do século XX. Nos textos de João Ribeiro, o nacionalismo manifesta-se pela valorização daquilo que ele considerava autêntica expressão da identidade brasileira: a língua, os contos populares, as manifestações folclóricas, bem como a história e a formação étnica do país. Conforme aponta João Ribeiro (1969, p. 27):

A linguagem, o direito, a moral, a religião, a literatura ou arte são fenômenos de coexistência, de inspiração e de limitação recíproca entre os homens. Desde logo, todas estas formações sociais começam, como continuam sendo sempre produtos mutuais da alma coletiva e acabam por criar em todo o curso da cultura um fundamento e um substratum antigo tornado inconsciente e instintivo. Fazemos a introspecção da consciência sobre um espelho, como os astrônomos com o telescópio, e cuidamos tocar diretamente a realidade. O que é verdadeiro, porém, é o Volksgeist (O espírito social), que nos dá a exegese de todas as coisas do espírito. Ora, estudar tradições, contos, e superstições populares é exatamente explorar o antigo nível d'alma já sobreexcedido pela civilização.

O pensamento desse intelectual, acerca da contribuição dos elementos formadores da brasilidade, tem um reflexo na forma como os europeus pensavam a sua nacionalidade e em consonância com as ideias predominantes no início do século XX. Mesmo que tais conceitos precisassem ser adaptações para a realidade brasileira. Um aspecto combatido por João Ribeiro foi a sua aversão ao patriotismo “que ele considerava um dos aspectos demoníacos da civilização. O que já fica claro, logo de início, é que ele não era nacionalista, principalmente considerando o sentido político militante e sectário do termo” (Silva, 2008, p.75).

Portanto, fazer uso da ferramenta que esteve em suas mãos por mais de 50 anos, favoreceu a propagação de valores relacionados a uma brasilidade em expansão nas três primeiras décadas do século XX. João Ribeiro soube lapidar e expor essa diversidade étnica, cultural e linguística, como marca essencial da definição do povo brasileiro. Assim como na capital federal, os homens de letras expandiam seu campo de atuação por meio dos jornais, também em Sergipe, tal fenômeno se deu.

Os intelectuais sergipanos, nas primeiras décadas do século XX, em grande medida influenciados pelas instituições onde se formaram, levaram para a terra natal um conjunto de ações, visando a participação desse território, no que se percebia à época como uma aproximação dos centros urbanos “civilizados”. Para tanto, buscaram intervir na realidade local, por meio da formação de um público leitor, da elevação do índice de alfabetização, da promoção do desenvolvimento moral da população, da conscientização da classe trabalhadora, da moralização da política e do cultivo das letras e das ciências. Nesse contexto, a ação de Clodomir Silva fez-se notar de forma expressiva, dando-nos um vislumbre desse agente difusor da cultura sergipana<sup>65</sup>. Mesmo que a sua existência tenha sido rápida, a sua colaboração nos jornais sergipanos nas três primeiras décadas do século XX legou uma farta participação nesse meio de comunicação. Com os mais variados temas abordados em seus artigos, Clodomir Silva colaborou no enriquecimento de valores associados à cultura popular, utilizando o termo *Povismo*, para definir as suas inserções na formação de um sentimento de sergipanidade (em anexo alguns textos publicados em jornais por João Ribeiro e Clodomir Silva, comporão uma mostra das suas trajetórias jornalísticas).

## 4.2 Os almanaques e suas lições

Uma outra contribuição significativa de João Ribeiro nessa primeira década do século XX foi a sua participação como diretor no *Almanaque Brasileiro Garnier* (1907-1914), cuja primeira fase de estruturação coube a Benjamim Franklin de Ramiz Galvão<sup>66</sup>, intelectual

---

<sup>65</sup> Para uma melhor compreensão do papel dos intelectuais sergipanos na República Velha, consultar: Cristiane Vitorio de Souza. *A "República das Letras" em Sergipe (1889-1930)*. In: (Revista de Aracaju. Ano LIX, nº 9. Aracaju: Funcaju. 2002).

<sup>66</sup> Era diplomado em medicina. Foi diretor da Biblioteca Nacional, bibliotecário chefe, cargo que ocupou durante os anos de 1870-1882, quando então dirigiu os Anais da Biblioteca Nacional. Foi professor interino de grego, retórica e literatura por vários anos no Colégio Pedro II. Com a República é nomeado, por Benjamim Constant, Inspetor Geral da Instrução Primária do Distrito Federal. Após o episódio de 06 de setembro de

contratado pelo gerente da nova livraria Garnier, Julien Lensac, a quem coube “presidir a fase de transição com a derrubada dos dois velhos prédios onde funcionava a livraria, e mais um do lado. Das ruínas da velha Garnier, surgiria a livraria mais moderna da cidade<sup>67</sup>”. O referido almanaque constituía um modelo já consagrado na Europa, porém trazia consigo os anseios e ideais característicos do começo do século XX.

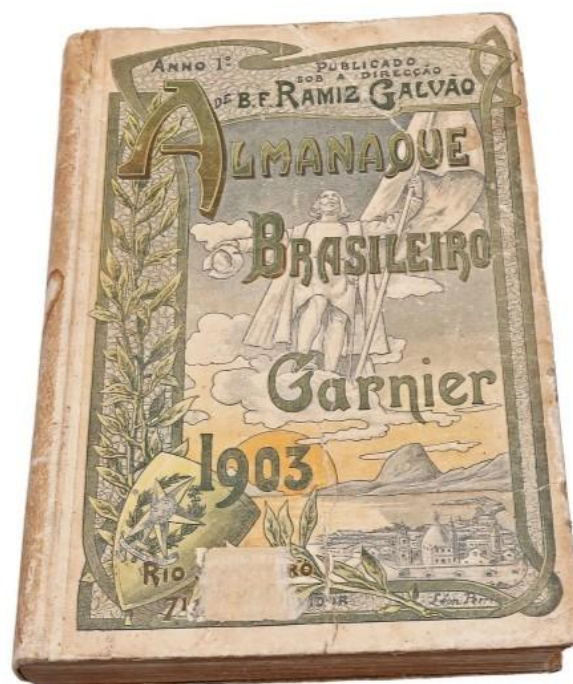


Figura 23 – Primeira edição do Almanaque Brasileiro Garnier, 1903.

Fonte: <https://share.google/images/ZKQY73lXda2N7l2AR>.  
Acesso em: 17 jul 2025.

O *Almanaque Brasileiro Garnier* era obra coletiva, variando os componentes ao longo da sua existência. Contou com dezenas de colaboradores de expressão regional e nacional, homens de letras que emprestaram seu conhecimento e reflexão acerca dos temas mais

---

1893, Revolta da Armada, é exonerado do cargo e passa a trabalhar como jornalista, tornando-se redator da Gazeta de Notícias. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e, em 1928, torna-se membro da Academia Brasileira de Letras. Eliana de Freitas Dutra. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. (Belo Horizonte, Humanitas, 2005): 67.

<sup>67</sup> Sobre a Livraria Garnier e as suas fases de funcionamento verificar: Ubiratan Machado. *História das Livrarias Cariocas*. (São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2012): 120.

variados e ligados às questões de ordem política, social, educacional e cultural prioritariamente do Brasil, mas também do exterior, notabilizando em seu conteúdo um programa de viés nacionalista. Segundo Dutra (2005, p. 26), “O almanaque foi um instrumento pedagógico que visava menos a ação política e mais a formação de uma comunidade especial, porquanto nacional, de leitores”. Dentre os colaboradores mais proeminentes temos: José Veríssimo, Sílvio Romero, Machado de Assis, Orville Derby, Pedro do Couto, Araripe Júnior, Graça Aranha, Clóvis Bevilacqua e o próprio João Ribeiro antes de se tornar o diretor do almanaque. Esses intelectuais propiciaram aos leitores uma visão da República almejada por eles, ou seja, uma Nação mais justa e equilibrada nos seus fundamentos democráticos, econômicos e educacionais.

A leitura desses periódicos buscava ensinar, ser útil e distrair. Os almanaques eram classificados em diversas categorias, como enciclopédicos, políticos, literários e técnicos, além de serem direcionados a diferentes públicos, geralmente pessoas alfabetizadas no Brasil e em países como Portugal.

A publicação de almanaques por livrarias era uma prática já existente no início do século XX, e a Livraria Garnier se destacava nesse cenário por sua atuação anterior. Antes do lançamento do *Almanaque Brasileiro Garnier*, a editora já havia publicado dois periódicos: a *Revista Popular* (1859-1861) e o *Jornal das Famílias* (1862). No entanto, esses primeiros periódicos não apresentavam a mesma abrangência de conteúdo e circulação que viria a ser característica marcante do *Almanaque Brasileiro Garnier*.

Entre 1903 e 1914, o *Almanaque Brasileiro Garnier* se destacou por dois fatores principais em relação aos seus antecessores: a amplitude do conteúdo abordado e o alcance geográfico de sua circulação. Enquanto as publicações anteriores se restringiam a temas mais específicos e a uma circulação limitada, o Almanaque Garnier ampliou o espectro de temas tratados e conseguiu atingir um público muito maior, espalhando-se por grande parte do

Brasil e até mesmo chegando a Portugal. Essa expansão consolidou o almanaque como um veículo de comunicação e divulgação cultural de grande relevância para o período.

O Almanaque Brasileiro Garnier destacou-se por sua abrangência como meio de comunicação, promovendo a valorização da identidade brasileira, na medida em que divulgava aspectos da cultura nacional, tanto populares quanto eruditos. Intelectuais colaboraram ativamente nesse periódico por meio de artigos, conferências, contos e poesias. Adicionalmente, o almanaque funcionava como instrumento estratégico para os interesses da Livraria Garnier, que priorizava o contato direto com os leitores mediante uma publicação diversificada e acessível a um público amplo, incentivando a participação e colaboração dos leitores. O fortalecimento do circuito comercial da editora também foi impulsionado pela atuação de agentes responsáveis pela comercialização de assinaturas, o que ampliava sua rede de contatos e atraía novos leitores, estimulados pelo interesse gerado na divulgação de lançamentos editoriais como romances, folhetins e almanaques estrangeiros. Outro aspecto relevante foi o aproveitamento das contribuições dos escritores publicados pela Garnier em diferentes tipos de publicações da própria livraria, sejam elas voltadas à divulgação, utilidade ou entretenimento (Dutra, 2005).

O Almanaque Garnier buscava unir moral e ensinamento prático ao saber e à diversão. O tripé utilidade, verdade e entretenimento levava os almanaques a misturarem temas diversos, geralmente apresentados de forma condensada. Por exemplo, ao lado de informações científicas sobre saúde, havia conselhos baseados em crenças populares. O texto do almanaque era compósito: conciliava saber laico e verdades quase sagradas, como dados científicos e dicas de simpatias, além de unir mito e realidade. Internamente, mantinha uma organização temática clara e um conteúdo padrão. Entre os elementos recorrentes estavam calendário, cronologia, biografias, necrológio, geografia, história, dados estatísticos, crítica literária, direito, ciências e preceitos morais. Também se destacavam a divulgação de publicações nacionais e estrangeiras e a propaganda da Livraria Garnier, com livros em vários

idiomas e outros almanaques. Cada um desses componentes reforçava o objetivo multifacetado do almanaque: informar, instruir, entreter e promover a cultura letrada do período (Casa Nova, 1996; Dutra, 2005).

O Almanaque Garnier, em seu aspecto físico, apresentava elementos característicos da Belle Époque e uma configuração voltada à valorização de aspectos considerados representativos da identidade nacional durante aquele período. Ao longo de sua publicação, o número de páginas variou entre 400 e 600, com foco principal na literatura, história e nas homenagens aos nomes de destaque da vida intelectual, política e cultural do Brasil, especialmente membros da sociedade carioca e da Academia Brasileira de Letras. As primeiras páginas destacavam a cronologia por meio de um calendário permanente, acompanhadas de uma presença constante de anúncios comerciais, distribuídos em página inteira ou meia página, abrangendo estabelecimentos da capital, outros estados brasileiros e de Portugal, evidenciando o amplo alcance do almanaque.

A atuação de João Ribeiro no campo da comunicação, durante as duas primeiras décadas do século XX, revela um intelectual reconhecido por seus colegas e consolidado após anos como professor do Colégio Nacional (antigo Pedro II) e como primeiro membro empossado na Academia Brasileira de Letras, em 1898. Apesar dos atributos que consolidaram sua reputação como homem de letras, João Ribeiro assumiu a direção do periódico voltado ao grande público, ou seja, uma forma de literatura considerada “ligeira”. Ao liderar o Almanaque Brasileiro Garnier, utilizou seu papel para difundir valores fundamentais, como a valorização da cultura nacional, incentivo ao conhecimento e sua disseminação, entendidos como elementos-chave para o progresso civilizatório. Empregou todos os recursos disponíveis em sua época para ampliar o acesso à informação, seja por meio de um farto material imagético, seja por concursos realizados por meio daquela publicação. Uma outra forma de valorização da identidade nacional era a constante participação dos leitores, ao enviarem materiais que pudessem ser utilizados na composição

do periódico. A aproximação e exposição dessa riqueza cultural foram suas principais metas nos sete anos em que esteve à frente do Almanaque Garnier. O almanaque foi encerrado quando João Ribeiro buscou, de maneira estruturada e independente, transferir-se para a Europa com sua família (Dutra, 2005).

No início do século XX, o almanaque já era uma publicação consolidada, amplamente difundida entre seu público consumidor/leitor. Em Sergipe, é possível identificar pelo menos dois períodos distintos referentes a esse tipo de obra. O primeiro corresponde à publicação do *Almanaque Sergipano* nos anos de 1892, 1897, 1898, 1899, 1901, 1902, 1904 e 1914, destinado ao comércio e às artes. Apesar de seu pequeno formato, semelhante a um caderno de notas, este periódico tinha as mesmas características de outros almanaques: “calendário, indicações sobre os santos do dia, os feriados nacionais, os dias propícios aos tratos em determinadas culturas, os dias nefastos para matrimônios, negócios e viagens” (Freitas, 2007 p.141). A publicação ainda contava com outros elementos constitutivos de caráter prático, “como listagem das autoridades, nomes e endereços e instituições civis, estabelecimentos comerciais, prestadores de serviços, uma recreativa ou literária, descrição de costumes e textos de crítica literária (Freitas, 2007, p. 142). A segunda fase refere-se ao *Almanack de Sergipe*, voltado para literatura, comércio, indústria e informação, publicado nos anos de 1927, 1928 e 1929-1930, sob a direção de Clodomir Silva.

Em 1927, o irrequieto intelectual sergipano vislumbrou uma outra ceara de atuação cuja elaboração daria margem para incursões nos mais variados temas e manifestações de caráter popular e científico. Tal empreitada reuniu os seguintes componentes: o próprio Clodomir Silva, como diretor intelectual; José Ludovice, como diretor comercial; Jeferson Silva de Oliveira, José Rodrigues de Novaes e Manoel Messias dos Santos, sendo estes os que deram viabilidade ao projeto “por muitos julgado irrealizável e menoscabado

impiedosamente, como se acontecer, em nossa terra, a todas as nobres iniciativas, é hoje uma realidade<sup>68</sup>.”

O almanaque constitui uma publicação tradicionalmente reconhecida por apresentar as seguintes características essenciais:

Pertencerem a um momento da vida cultural do ocidente, ligado ao projeto maior da ideia de civilização e progresso. Dessa forma são também, a um só tempo, grandes divulgadores culturais e sociais nos termos de um projeto civilizatório. Isto porque a literatura de almanaques vai disseminar estereótipos de modelos culturais de uma sociedade, a da segunda metade do século XIX, que definia por seus letrados o caminho da ciência, da moralidade e do comportamento público e privado<sup>69</sup>.

O *Almanack de Sergipe* pertence ao grupo de publicações similares, destacando-se pelo empenho dos idealizadores em promover maior diversidade temática, ampliar o volume de imagens fotográficas e aprimorar a qualidade, bem como a variedade na utilização dessas imagens nos exemplares analisados, referentes aos anos de 1927 a 1930. Tais avanços podem ser atribuídos ao aumento significativo de anunciantes presentes nas edições mencionadas. O primeiro exemplar, relativo ao ano de 1927, apresentou problemas significativos de diagramação, com desordem textual e comprometimento estético, decorrentes da baixa qualidade do serviço prestado pela empresa J. Pastor & C., localizada na rua D. Pedro I, nº 47, no Rio de Janeiro. Em razão disso, os editores emitiram um pedido formal de desculpas no exemplar publicado em 1928. Segundo o anuário:

Esta nota não poderia deixar de ser publicada, pois só assim desculpar-nos-íamos para com as distintas pessoas da nossa sociedade por um serviço desleixado de uma casa que não zela os seus créditos profissionais, faltando deslavadamente aos compromissos assumidos. Não censurem os nossos estimados leitores o azedume destas linhas. Dando esta nota visamos também precaver os que tenham necessidade de iguaes serviços,

---

<sup>68</sup> Fragmento do texto de apresentação do Almanack de Sergipe – Litterario- Commercial- Industrial-Informativo. Aracaju: Graphica Guttenberg, Anno 1, Número 1, 1927.

<sup>69</sup> Eliana Regina de Freitas Dutra. Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914). (Belo Horizonte: Editora Humanitas, 2005):18-19.

esperando que eles não tenham a desgraçada lembrança de se dirigir aos srs. J. Pastor & C. estabelecidos à rua Pedro I, n. 47, no Rio de Janeiro<sup>70</sup>.

O *Almanack de Sergipe* constituiu-se como uma obra coletiva, reunindo ao longo de sua trajetória diversos colaboradores provenientes de Sergipe e de outros estados. A interação entre editor e leitor era estimulada pela publicação de respostas a enigmas e charadas no exemplar subsequente, bem como pela realização de concursos literários em prosa e verso. Cartas e resenhas também assumiram papel de destaque ao longo do periódico, compondo seu conteúdo textual. Destinados simultaneamente a promover ensinamentos, utilidade e entretenimento, os almanaques apresentavam múltiplas classificações: enciclopédicos, políticos, literários, técnicos, informativos, históricos, recreativos, genealógicos, entre outros; além de serem direcionados a diferentes públicos, como famílias, senhoras, artistas e operários.

A combinação entre valores morais e ensinamentos práticos, aliada ao equilíbrio entre utilidade, verdade e entretenimento, faz com que os almanaques abordassem uma gama de temas. O texto dos almanaques caracteriza-se pela integração de conhecimentos laicos e tradições, conciliando elementos mitológicos e fatos. Independentemente do tipo de almanaque, observa-se uma estrutura temática consistente, reiterando conteúdos como calendário, cronologia, horóscopo, biografias, geografia, história, direito, ciências e preceitos morais, os quais promovem uma leitura intensiva (Casa Nova, 1996; Dutra, 1999).

Apresentando uma edição física elegante, com um número variável de páginas entre 208 e 310, o *Almanack de Sergipe* privilegiava temas relacionados à literatura, história e homenagens às figuras mais relevantes da sociedade sergipana. As primeiras páginas oferecem uma análise detalhada da cronologia e do calendário, seguidas por um expressivo volume de anúncios comerciais, tanto de estabelecimentos da capital quanto do interior,

---

<sup>70</sup> Nota reparatória sobre o serviço de “clichés” referente ao primeiro número do anuário, prestada pelos editores do *Almanack de Sergipe*. Anno II, 1928, p. 65.

distribuídos em páginas inteiras ou meias páginas. Destaca-se o extenso texto do sociólogo Florentino Teles de Menezes sobre a “Índia Phantastica”. O anuário inclui ainda seções com poesias, homenagens póstumas, saudações laudatórias, ciclos lunares, eclipses, festas nacionais e outras informações e curiosidades pertinentes aos temas abordados. As seções introdutórias e finais do *Almanack de Sergipe* induzem à leitura recorrente, principalmente devido à utilidade prática para o público adulto, fomentando consultas frequentes. Conforme Freitas (2007, p. 146), o Almanaque impresso se destaca como vetor de disseminação desse tipo de conhecimento, superando o jornal periódico em tiragem (atingindo milhares de exemplares), formato (livro, apto ao armazenamento em estantes) e alcance geográfico (abrangendo outros estados brasileiros).

Para aprimorar a compreensão do acervo visual presente no *Almanack de Sergipe*, recomenda-se a inserção de imagens extraídas desse periódico. Essas ilustrações permitem analisar a estética vigente à época, bem como identificar os elementos que eram considerados relevantes pelas pessoas daquele período, mesmo diante das limitações impostas pelo contexto sergipano.

Evidencia-se, portanto, que o meio de comunicação classificado como almanaque exerceu uma importante tarefa de levar aos mais distantes rincões do Brasil toda sorte de informação. Propondo um reconhecimento da diversidade cultural de um país de dimensões continentais, que se enxergava naquelas múltiplas representações de um Brasil plural. João Ribeiro conduziu um almanaque de alcance nacional, enquanto Clodomir Silva produziu para uma realidade regional, sem perder de vista o foco da comunicação entre o público leitor e aqueles que pretendiam levar conhecimento e diversão ao grande público.

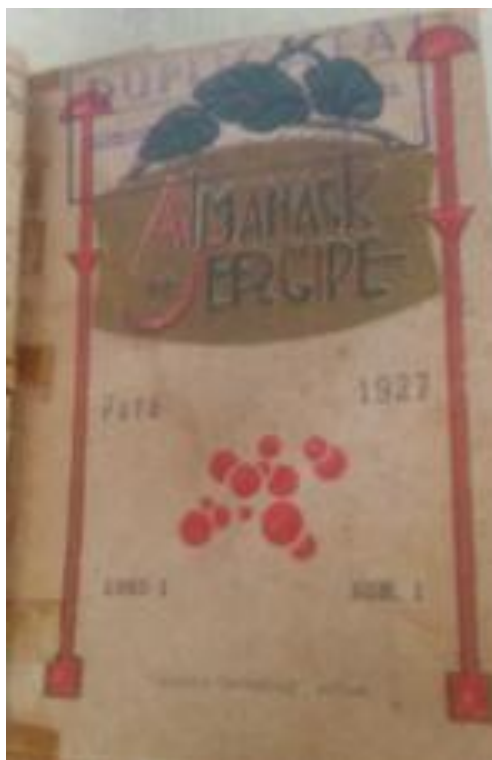


Figura 24 – Capa do *Almanack de Sergipe*, 1927.

Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Epifânio Dória.



Figura 25 – Homenagem do *Almanack de Sergipe* ao seu diretor e intelectual.

Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Epifânio Dória.

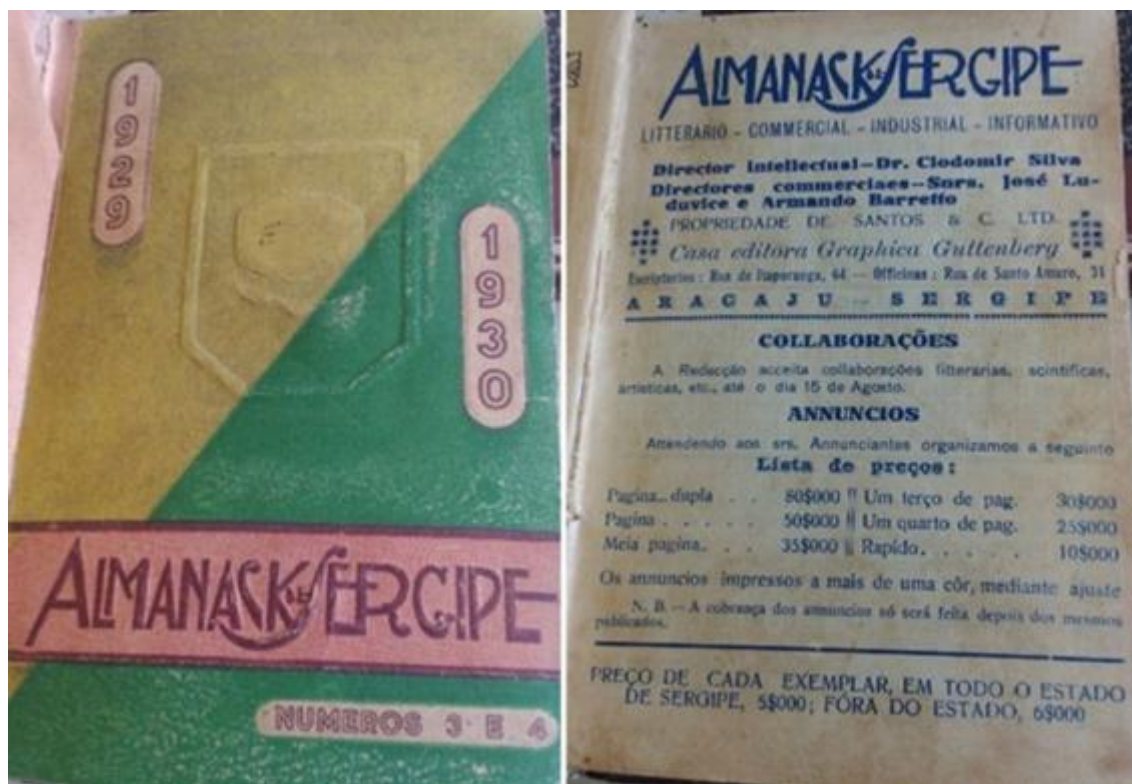


Figura 26 – Capa e folha de rosto do *Almanack de Sergipe*, números 3 e 4, anos de 1929 e 1930.

Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Epifânio Dória.

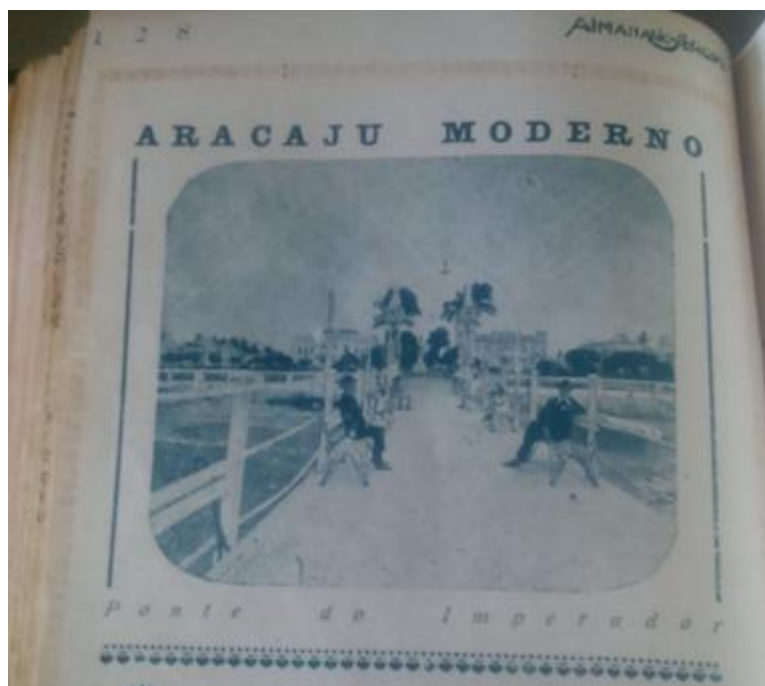


Figura 27 – Ponte do Imperador, na avenida Rio Branco.

Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Epifânio Dória.



Figura 28 – Residência da tradicional família Dantas em Aracaju, na rua de Estância. *Almanack de Sergipe*, 1927, p. 68.

Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Epifânio Dória.



Figura 29 - Propaganda do Cine Universal. Divulgação do filme *Palácio de Coral*, no Almanack de Sergipe, 1927, p. 105.

Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Epifânio Dória.

### 4.3 As revistas e seus múltiplos formatos e objetivos

De circulação antiga, em pelo menos dois países europeus, o formato revista já era uma realidade na França com o *Jornal des Savants* (1665-1795), e na Inglaterra com a *New Letters* (1638). Nascida entre uma associação com os jornais, esse modelo de periódico ganhou notoriedade e passou a compor mais uma área, em que os intelectuais passaram a publicar seus textos, nos mais variados formatos (Martins, 2008). Por definição, o termo revista, segundo Clara Rocha (1985, p. 25),

É um tipo de publicação que, depois de re-vista, se abandona, amarelece esquecida, ou se deita fora. Enquanto objeto material, a revista distingue-se do livro por ser mais efêmera: só os bibliófilos, os estudiosos e certos interessados pelas letras e pelas artes guardam a revista. Essa efemeridade tem a ver com a sua solidez material. Enquanto o livro dura [porque é mais

resistente, tem uma capa sólida protegê-lo], a revista é [pode ser] mais frágil em termos de duração material. É normal que o livro tenha reedições, e já não o é tanto que apareça uma segunda edição duma revista. Ainda outra característica: uma revista é em geral menos volumosa do que um livro. E, last but not least, uma revista é quase sempre a manifestação duma criação de grupo: ao contrário do livro que, salvo algumas excepções, costuma ser produzido por um só autor.

Pelo seu carácter fragmentário e sua publicação ter uma periodicidade variável, o gênero revista representa como poucas fontes históricas a época em que ela foi publicada, demonstrando, portanto, um teor documental significativo. Como uma das suas características mais acentuadas, a revista se consagrou por compor os seus quadros de colaboradores por meio dos intelectuais com projecção no cenário cultural do Rio de Janeiro e nas capitais dos estados, onde também ganharam espaço.

Um dos exemplos paradigmáticos da revista literária é a *Revista Brasileira*<sup>71</sup>, cujas fases vivenciadas ao longo de algumas décadas sofreram algumas interrupções e posteriores retomadas de sua publicação. Este periódico trouxe uma gama de colaborações do mais alto nível da literatura nacional, seja antecipando trechos de obras que seriam posteriormente publicadas, ou reflexões em artigos sobre os mais variados temas, ali abordados. João Ribeiro,

---

<sup>71</sup> Exemplo de publicação periódica com diversas fases na sua trajetória de êxito editorial. Ao todo passou por sete fase com distintos diretores a lhe conferir uma fisionomia inicialmente leve e despretensiosa, até advogar as questões de causas nacionais, como a defesa da língua brasileira em detrimento dos estrangeirismos, tão em voga naquele momento.

foi um desses colaboradores, no período em que José Veríssimo (1895-1899) foi o seu diretor.

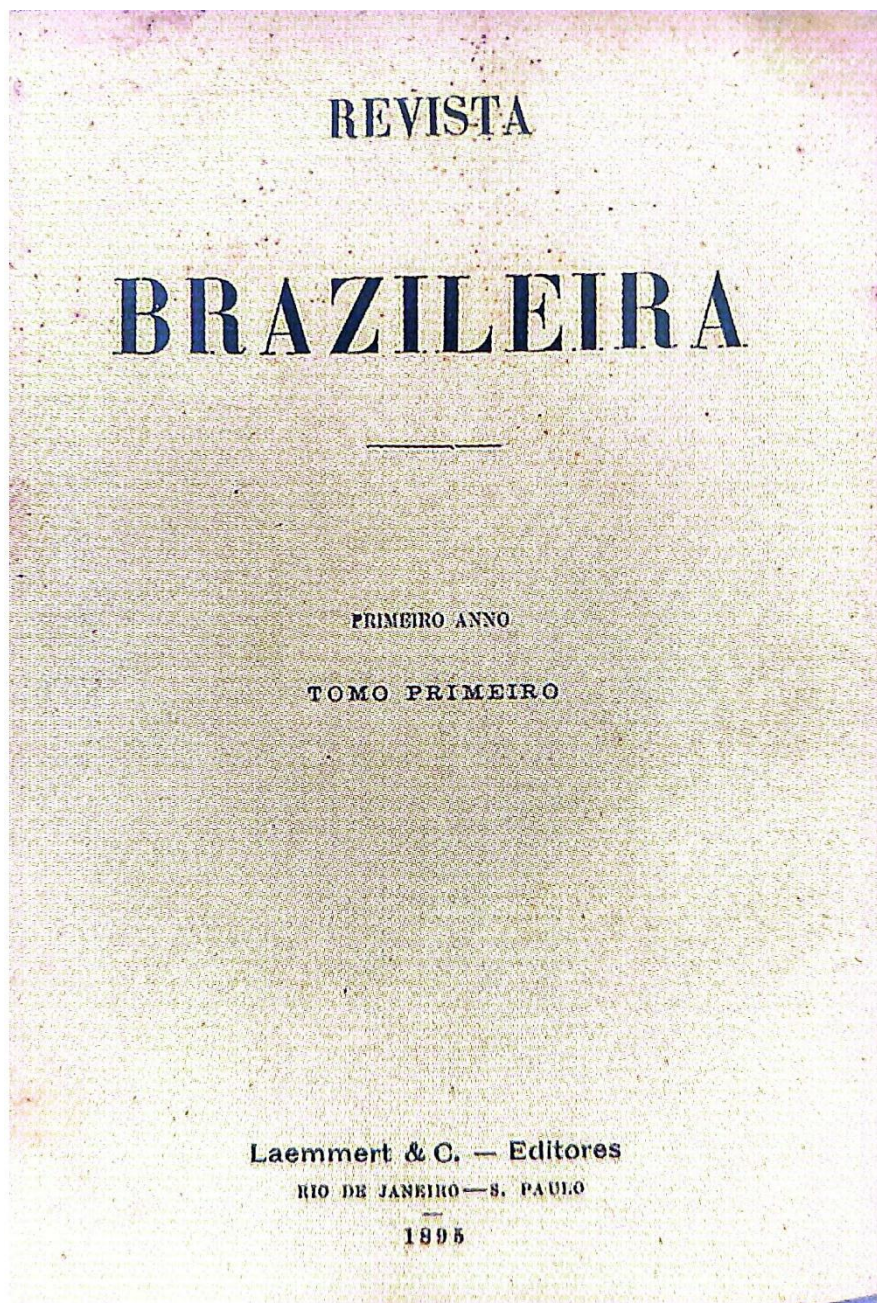


Figura 30 – Capa da primeira edição da Revista Brasileira.

Fonte: Revista Brasileira. “Revista Brasileira” Tomo I, Rio de Janeiro: N. Midosi Editor, 1879:5 6. Anno 1, nº 1, junho a setembro.

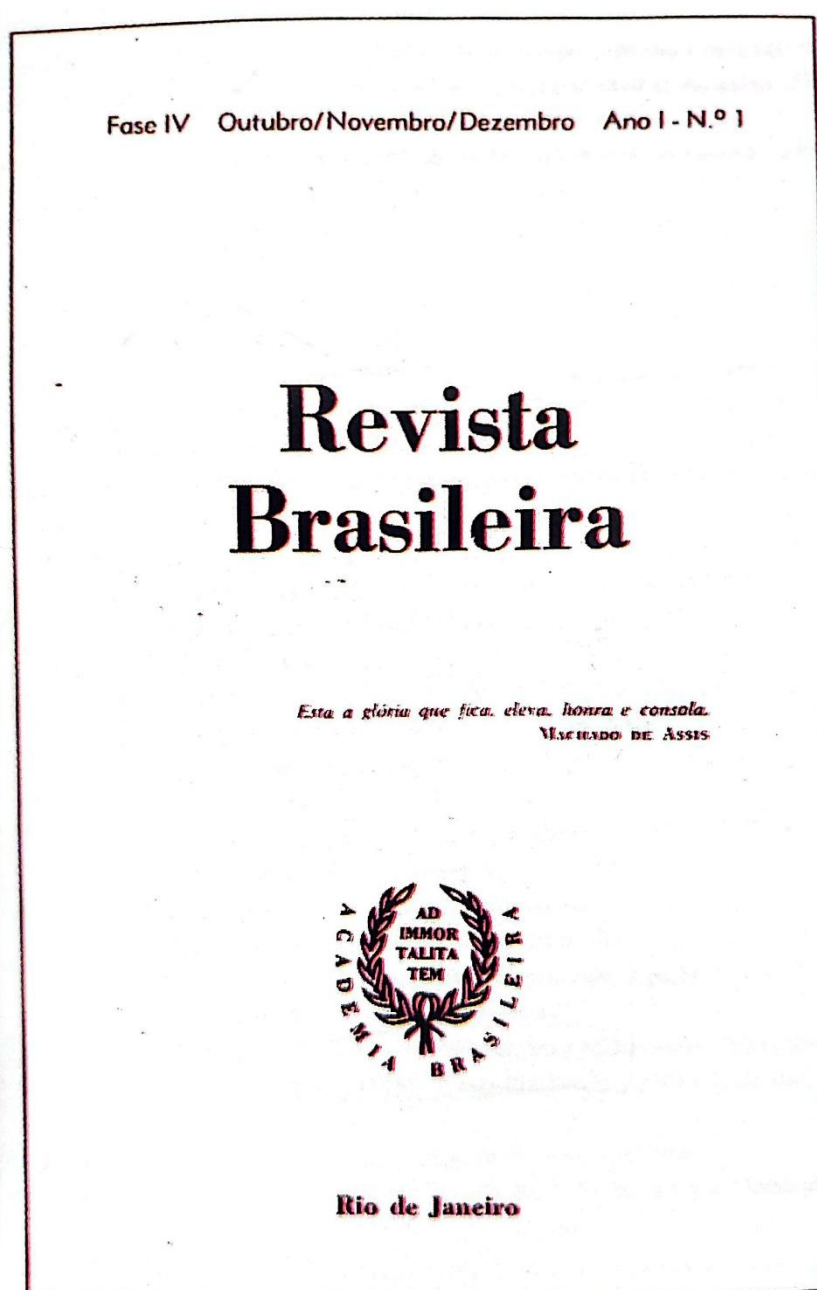


Figura 31 – Contracapa da primeira edição da Revista Brasileira.

Fonte: Revista Brasileira. “Revista Brasileira” Tomo I, Rio de Janeiro: N. Midosi Editor, 1879:5-6. Anno 1, n° 1, junho a setembro.

Os organizadores da *Revista Brasileira* (1879, pp. 5-6) assim definiam o seu perfil no segundo ano da sua publicação, tendo em mente que o referido periódico teve um total de sete fases de publicações, sob diversas direções e com intervalos de tempo variados entre as suas retomadas:

Nos domínios das letras não podem preencher sinão mediano encargo os povos que, semelhantes ao brasileiro, ainda que entrados nas lutas do

espírito, não attingiram, por muito novos ou por desajudados de certas condições favoráveis ao progresso, o elevado escopo, a que chegaram as nações, ora na primeira linha da humanidade, e que constitue o orgulho dellas e ao mesmo tempo representa o patrimonio de muitas épocas, desenvolvimentos e civilizações. Cobrar de taes povos o grandioso imposto que somente poderão pagar ao cabo de muitos annos, e depois de ganhas muitas quadras do terreno onde deixa colher seus fructos a arvore do saber humano, fora perder tempo, commetter violencia e desconhecer a acção natural de impreteriveis leis. O povo brasileiro – não é sem magoa que o dizemos – posto que deva desempenhar em periodo talvez não muito remoto papel importante no theatro do mundo, não está ainda preparado para consumir livro, substancial alimento das organizações viris e fortemente caracterizados. Faltam-lhe as condições de gosto, instrução, meios, saudavel direcção de espirito, sem as quaes não se pode cumprir a livre obrigação que equipara o artesão ao capitalista, o operario ao literato, o pobre ao milionario – a de comprar, ler e entender verdades ou ideas coligidas em um volume, cuja leitura demanda largo folego e cujo estudo requer tempo de que o povo em geral não dispoe. A revista, transição recional do jornal para o livro, ou antes laço que prende esses dois generos de publicação, afigura-se-nos por isso a forma natural de dar ao nosso povo conhecimentos que lhe são necessarios para ascender a superior esfera, no vasto sistema das luzes humanas. Na revista dão-se a ler sem risco de cansaço, artigos sobre todos os conhecidos assumptos por onde anda o pensamento, a imaginação, a Analyse, o ensino do homem. Não se trata ahi de uma só materia, como de ordinario no livro singular, ou de muitas materias em rapido percurso, como no jornal, mas de todas com a conveniente demora, em forma e extensão proporcionadas aos espiritos, qualquer que seja o grau de instrucção de cada um, a intensidade da sua convicção, a tendencia do seu gosto, a ordem de seu interesse.

O jornalista João Ribeiro foi um dos homens de letras que deram a sua contribuição para o desenvolvimento de um sentimento de brasilidade presente em seus artigos abordando os mais variados temas, como era usual naquele período. Seus artigos sobre “A exposição de Bellas Artes, “As impressões sobre a Alemanha – Democracia e Socialismo” e “Exposição de Arte Retrospectiva”<sup>72</sup> nos colocam diante do polígrafo que exercia sua verve intelectual em assuntos distintos. Apesar, dos prognósticos acerca da realidade da leitura no Brasil, não serem os mais favoráveis nesse período em que João Ribeiro colaborou com a revista, a

---

<sup>72</sup> Sobre a participação de João Ribeiro na *Revista Brasileira*, foi possível localizar na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional as seguintes contribuições: *Revisata Brasileira. A Exposição de Bellas Artes*. Rio de Janeiro, Terceiro Anno, Tomo XI, Período julho a setembro, 1898:182-191. *Revista Brasileira. Impressões da Alemanha – Democracia e Socialismo*. Rio de Janeiro, Tomo XV, período abril a junho, 1898:182-191. *Revista Brasileira. Exposição de Arte Retrospectiva*. Rio de Janeiro. Quarto Anno. Tomo XV, Período julho a agosto, 1898:221-227.

produção desse tipo de periódico só cresceu, principalmente na primeira década do século XX.

O jornalista também colaborou escrevendo para a *Gazeta Literária* (1883-1884) e foi um assíduo articulista na *Revista Sul-Americana*, em que ocorreu um verdadeiro encontro de sergipanidade, na medida em que seus principais organizadores eram sergipanos estabelecidos no Rio de Janeiro: João Ribeiro e Sílvio Romero. Tais nomes já consagrados no meio intelectual carioca e o neófito Felisbello Freire, recém-chegado do Norte e já ambientado com figuras proeminentes do meio intelectual.

A constante colaboração de João Ribeiro nos principais periódicos surgidos no Rio de Janeiro, no final do século XIX e primeira década do XX, demonstra a sua consagração enquanto homem de letras. Além das revistas mencionadas, também colaborou nos seguintes periódicos: *A Semana* (1902), de Valentim Magalhães, ali publicou artigos que iriam compor o livro *Estudos filológicos* (1902); *Kosmos* (1904), representou o

grupo e veículo de propaganda da administração Rodrigues Alves/Pereira Passos. A revista não havia sido pensada para questionar mas para afirmar a nova urbanidade, suas mudanças e costumes importados. Apostando no impacto visual, já que seu conteúdo era arte com suas vertentes literárias, gráficas ou plásticas<sup>73</sup>.

Segundo Martins (2008, p.137):

As publicações passaram a ser definidas por uma teia de novas relações, ditadas não apenas pelas preferências das comunidades consumidoras e pela incorporação de avanços técnicos, mas pela busca do lucro, numa sociedade em que o capital comercial dava o tom. Vender e lucrar eram ações prioritárias, ainda que em terreno tão avesso a pecúnia, como propalavam os pálidos poetas, de rotas vestimentas, que estranhamente transitavam nesses novos tempos. Ou, melhor, no período balizado entre 1890 e 1905 poderia denominar-se a República das Confeitarias, ao que seguiu a República das Letras, em que o literato profissionalizou-se, sobretudo via jornalismo.

---

<sup>73</sup> Para maiores informações sobre as revistas publicadas no Rio de Janeiro no início do século XX, verificar: Ana Luiza Martins. *Revista em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República (1890-1922)*. 1ª ed. (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008). Marta E. G. Scherer. *Imprensa e Belle Époque: Olavo Bilac, o jornalismo e suas histórias*. Palhoça: Ed. Unisul, 2012.

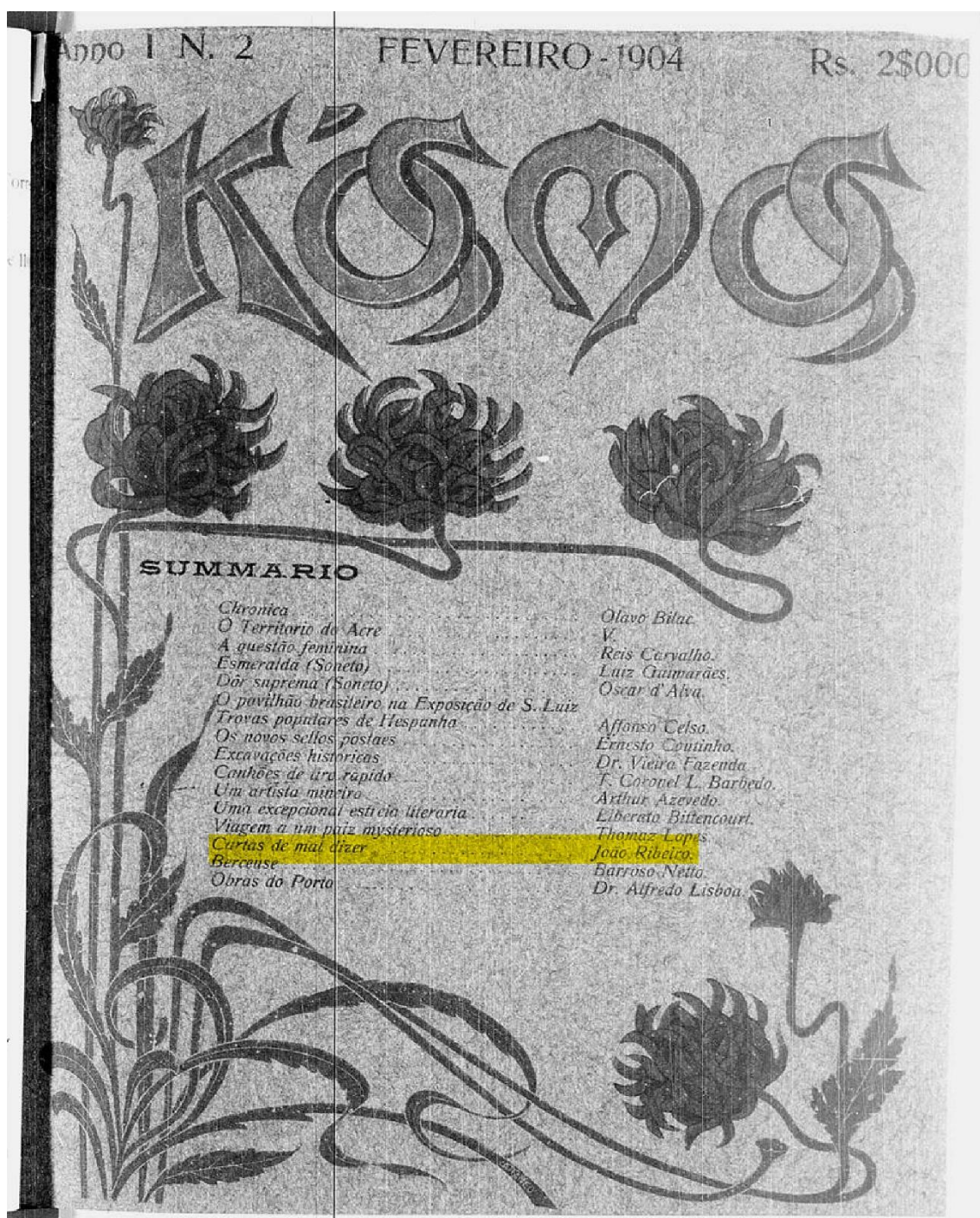


Figura 32 – Revista Kosmos. Capa da segunda edição de fevereiro de 1904, ano 1.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=146420&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=53>. Acesso em: 5 ago. 2025.

A dinâmica editorial vivenciada no Rio de Janeiro na década de 1910 se destacava em intensidade e prodigalidade de publicações, enquanto no estado de Sergipe, no mesmo período, o cenário era um pouco diferente. No estado natal de João Ribeiro surgiram inúmeras revistas de caráter efêmero, com uma diagramação simplista, quantidade de páginas

pequenas, além de seu aspecto quase ingênuos, isso por falta de um parque gráfico mais avançado. No início do século XX, houve um progresso associado à produção de jornais, com ele, as revistas também passam a contar com um melhor aspecto gráfico.

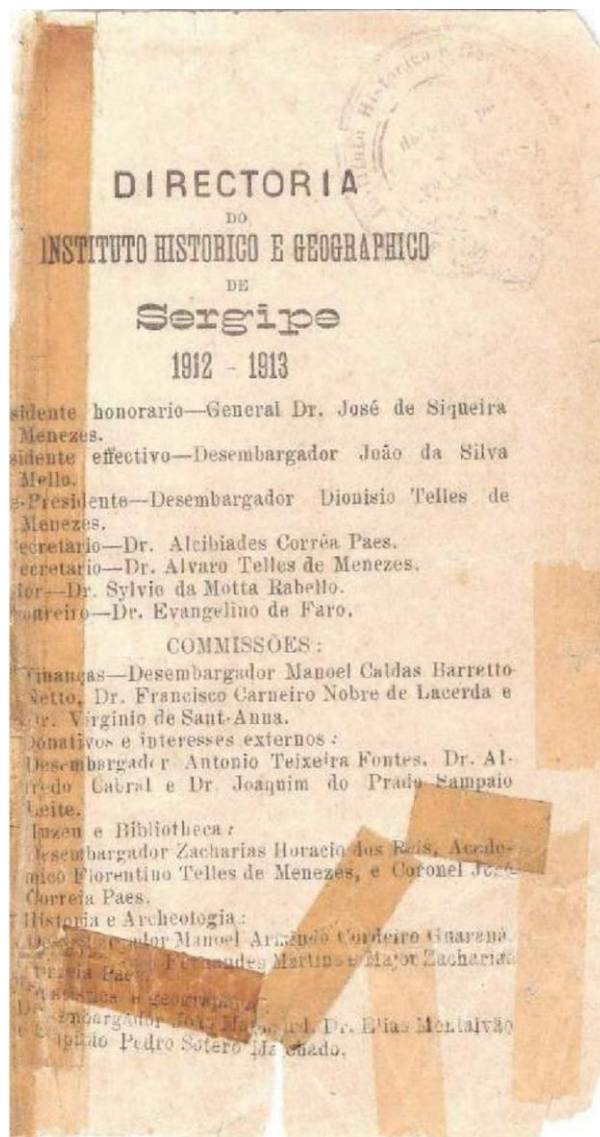


Figura 33 – Capa da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/rihgse/issue/view/869>. Acesso em: 6 ago. 2025.

O jornalista Clodomir Silva também atuou na esfera da colaboração em algumas revistas. Tais registros nesse tipo de periódico hoje têm sua existência comprometida pela falta de conservação de muitas dessas revistas. Apesar disso, autores coevos atestam sua participação nesse tipo de publicação. Segundo Guaraná (1925, p. 103-104), Clodomir Silva

escreveu para *Vida Sergipana* (1912), *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe* (1913-2025), *Helianto* (1924), para citarmos algumas de suas colaborações.

## 5 Os intelectuais João Ribeiro e Clodomir Silva e seus campos de atuação: uma abordagem comparada

### 5.1 Aspectos da biografia de João Ribeiro e Clodomir Silva em tempos de mudança (1900-1932)

A primeira década do século XX trouxe perspectivas distintas para os dois biografados. João Ribeiro já era um nome consagrado na imprensa carioca como um homem de letras, que semanalmente publicava artigos e críticas, com temas e interesses os mais variados<sup>74</sup>. Era também um renomado professor de História Universal no Colégio Pedro II, além de ser conhecido em todo o Brasil por suas publicações didáticas, fundamentalmente, suas gramáticas e livros de História. Já Clodomir Silva estava ensaiando a sua futura carreira jornalística, fazendo parte do jornal estudantil do Atheneu Sergipense: o *Necydalus*, semanário publicado aos domingos pelos alunos daquela instituição. Assim, em 1910, “tornou-se redator do jornal em substituição a Gentil Tavares<sup>75</sup>.”

As perspectivas temporais dos dois biografados evidenciam diferenças marcantes em relação às suas realizações. Considerando-se que João Ribeiro nasceu em 1860 e Clodomir Silva em 1892, essa diferença etária insere ambos em contextos distintos das práticas jornalísticas exercidas, bem como de suas participações nos eventos culturais e políticos de suas respectivas cidades. Para uma compreensão mais aprofundada desse período na trajetória de ambos, é imprescindível considerar os cenários em que esses sergipanos atuaram, o que permite uma análise detalhada de suas carreiras e contribuições profissionais.

Começemos essa contextualização pela cidade do Rio de Janeiro na primeira década do século XX, para compreendermos as transformações pelas quais a capital do Brasil à

---

<sup>74</sup> Sobre uma das facetas de João Ribeiro como jornalista, verificar: Filipe Silva de Oliveira. *A ciência do século XIX na visão do jornalista João Ribeiro em artigos de divulgação científica (1895-1934)*. Orientador - Edson José Wartha. (São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2017). João Ribeiro. *Crítica: Historiadores e biógrafos. v. VI*. (Rio de Janeiro: ABL, 1961). João Ribeiro. *Crítica: Poetas Parnasianos. v. II*. (Rio de Janeiro: ABL, 1957). João Ribeiro. *Crítica: clássicos e românticos brasileiros. v. I*. (Rio de Janeiro: ABL, 1952).

<sup>75</sup> Jornal *Necydalus*. Aracaju, nº 43, 28 de agosto, 1910, p 1-2.

época passou na sua configuração urbana e cultural, com a chegada do novo século e as reformas empreendidas pelo prefeito Francisco Pereira Passos<sup>76</sup> (1903-1906), cuja gestão foi marcada por um conjunto de demolições, numa cidade com fisionomia colonial. Para que tenhamos em vista o que foi a reforma levada a cabo pelo prefeito, observaremos, mesmo que de forma condensada as mudanças experimentadas em Paris, pois serviram de exemplo para o remodelamento urbano praticado no Rio de Janeiro. Modernizar era a máxima introjetada pela elite dirigente e por um grupo de intelectuais que ansiavam tornar a capital federal “civilizada”, semelhante aos grandes centros europeus. O modelo a ser seguido era a cidade de Londres e a de Paris reformada pelo Barão Georges-Eugène Haussmann (1853-1870), responsável por dotar a capital francesa de uma infraestrutura condizente com as demandas do Segundo Império e as exigências de uma classe burguesa fortalecida.

Promover uma melhor circulação, favorecer uma higienização efetiva, alargar as vias públicas, demolir antigas residências do período medieval, prover a cidade com parques e bulevares constituíram as suas prioridades. Para dotar Paris com uma infraestrutura moderna e condizente com as demandas de uma cidade industrializada, o prefeito Haussmann colocou em curso um arrojado projeto de remodelamento urbano. Essa empreitada atingiu majoritariamente a população pobre, residente em antigas e insalubres habitações na região central, obrigando-a a se deslocar para áreas periféricas menos valorizadas, graças a uma severa política de desapropriação (Needell, 1993; Picon, 2001; Pinheiro, 2011).

---

<sup>76</sup> Francisco Pereira Passos nasceu em São João do Príncipe, na então província do Rio de Janeiro, em 29 de agosto de 1836, filho de Antônio Pereira Passos, barão de Mangaratiba, e de Clara Oliveira Passos. Em 1852 ingressou na Escola Militar, que oferecia um curso de engenharia voltado para as técnicas de construção de estradas, pontes e edifícios, e ministrado para os civis que frequentavam as aulas. Graduiu-se em dezembro de 1856 e, no ano seguinte, foi nomeado adido à legação brasileira em Paris, ocasião em que teve a oportunidade de frequentar os cursos da École de Ponts et Chaussées e de se dedicar a estudos sobre hidráulica, construção de portos, canais e estradas de ferro. Presenciou a monumental reforma urbana empreendida em Paris por Eugène Georges Haussmann, prefeito do departamento do Sena desde 1853. Após o retorno ao Brasil se inseriu na construção de ferrovias, foi diretor do estaleiro Ponta de Areia, tornou-se empresário da construção civil e foi o prefeito da reforma urbana iniciada em 1903, que ficou conhecida como “bota abaixo”. Reforma que promoveu uma verdadeira reconstrução do centro da cidade com a abertura da Avenida Central, inaugurada em 15 de novembro de 1905, por ocasião da comemoração dos 16 anos da Proclamação da República. Alzira Alves de Abreu. Christiane Jalles de Paula. *Dicionário de política republicana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV, Cpdoc, 2014, pp. 979-981.

Para colocar em ação o plano de reestruturação urbana foi preciso contar com a participação de “projetistas e executores ligados a setores diferentes: engenheiros civis e viários, especialistas em hidráulica e no desenho de edifícios públicos, arquitetos de fachadas e paisagistas” (Zuconni, 2009, p. 50). O modelo de reforma haussmanniano foi tomado como referência para as transformações urbanas realizadas em outras capitais mundo afora: Viena, Antuérpia, Lisboa, Bruxelas, Buenos Aires e Rio de Janeiro, são os exemplos mais expressivos.

A referência parisiense trouxe a conformação desejada pelo governo do Presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902-1906)<sup>77</sup>, para a realização das mudanças urbanas a muito ansiadas para o Rio de Janeiro, que desde o final do século XIX, “passa a ditar não só os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima” (Sevcenko, 1998, p. 522). A capital federal era uma cidade com características coloniais ainda em voga no início do século XX, seja no seu aspecto arquitetônico, seja em alguns hábitos de higiene e o tipo de moradia comum à maioria dos cariocas. A implementação das mudanças na estrutura urbana dessa cidade, demandou uma conjunção de forças significativas para levar a cabo os planos do recém nomeado Prefeito Francisco Pereira Passos<sup>78</sup>. O projeto reformador contou com duas frentes de ação: à primeira “cabia ao

---

<sup>77</sup> Nasceu em Guaratingueta (SP), em 7-7-1848, e faleceu no Rio de Janeiro em 16-01-1919. Fez os estudos primários em sua cidade natal e os secundários no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, ingressando na Faculdade de Direito de S. Paulo em 1866, onde se diplomou em ciências jurídicas e sociais. Ingressou na política e, em 1872, foi eleito deputado provincial, sendo reeleito até 1875. Nomeado presidente da Província em 08-11-1887, exercendo o governo até 27-04-1888. Proclamada a República, teve o nome incluído pelos republicanos de S. Paulo em sua chapa de deputados à Constituinte. Ministro da fazenda nos governos de Floriano Peixoto e Prudente de Morães. Eleito presidente do Estado pelo Partido Republicano Paulista, assumiu, após brilhante gestão que o credenciou a ocupar o elevado cargo de presidente da República de 15-11-1902 a 15-11-1906. Antônio Barreto do Amaral. *Dicionário de história de São Paulo*. São Paulo: Governo do Estado, 1980, pp. 29-30.

<sup>78</sup> Sobre o Prefeito Francisco Pereira Passos, consultar: Alzira Alves de Abreu. Christiane Jalles de Paula, *Dicionário de política republicana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV; Cpdoc, 2014, p. 979-980. Eloisa Petti Pinheiro, *Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)*. Salvador: EDUFBA, 2011, pp.121-153. Mayara Grazielle Consentino Ferreira da Silva. *Algumas considerações sobre a reforma*

governo federal, que contava com uma equipe comandada pelos engenheiros Lauro Müller, Paulo de Frontin e Francisco Bicalho intensificar as obras de modernização do Porto e a abertura das avenidas que lhe auxiliassem, para os fins da circulação de suas mercadorias<sup>79</sup>. A segunda frente foi conduzida pelo Prefeito Pereira Passos, responsável por instaurar uma larga e moderna avenida no centro do Rio de Janeiro, nomeada inicialmente de Avenida Central e posteriormente de Avenida Rio Branco, uma das principais artérias desse projeto reformista.



Figura 34 – Construção da Avenida Central, em 1912, foi denominada Avenida Rio Branco.

Fonte: George Ermakoff. Augusto Malta e o Rio de Janeiro (1903-1936). Rio de Janeiro: George Ermakoff Casa Editorial, 2009, p. 55.

---

urbana Pereira Passos. *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana* [online]. 2019, v.11 [Acessado 10 novembro 2021]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-3369.011.e20180179>>. Epub 03 Out 2019. ISSN 2175-3369. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.011.e20180179>.

<sup>79</sup> Suelem Demuner Teixeira. *O Rio de Janeiro pelo Brasil: a Grande Reforma Urbana nos jornais do país (1903-1906)*. Orientadora: Moema de Rezende Vergara. Dissertação Mestrado. (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História. Rio de Janeiro, 2020):76.



Figura 35 – Rua da Carioca (1905), demolições na reforma Pereira Passos.

Fonte: Fonte: George Ermakoff. Augusto Malta e o Rio de Janeiro (1903-1936). Rio de Janeiro: George Emarkoff Casa Editorial, 2009, p. 52.

Tornar o Rio de Janeiro “semelhante” a Paris de Haussmann foi um projeto que não passou alheio aos brasileiros, tendo em vista o constante noticiar daquela obra “civilizadora,” ansiada por uns e odiada por outros. Os jornais e revistas cariocas e de outros estados brasileiros passaram a divulgar regularmente o andamento da reforma urbana então em curso (1903-1906). Os homens de letras expunham os motivos para defender e ou condenar a política do “bota abaixo”. Esses pontos de vistas estavam relacionados com a maneira como aqueles homens de letras viam e lidavam com o mundo ao seu redor, não significando que tais posicionamentos fossem um testemunho inquestionável da realidade, mas uma leitura dos fatos transcorridos. Assim, concordamos com a análise de Robert Darnton (2009, p.37)

sobre a história da leitura e dos circuitos de comunicação. Segundo o autor, “notícias não são o que aconteceu, mas uma história sobre o que aconteceu.”<sup>80</sup>

Diante do volume de acontecimentos relacionados à reforma de Pereira Passos, ficaram evidentes os posicionamentos de alguns intelectuais/jornalistas quanto aquilo foi a mais ousada reestruturação urbana presenciada no Brasil até aquele momento. Um dos seus maiores defensores foi o poeta, cronista, orador e jornalista Olavo Bilac<sup>81</sup>, que conduziu uma verdadeira cruzada em defesa da modernização do Rio de Janeiro, por meio dos jornais e revistas da época, aludindo a um caráter civilizador ao empreendimento, dados os benefícios que a população teria. A visão defendida por alguns desses jornalistas era eminentemente excludente e elitista, tendo em vista a não valorização das solicitações dos que foram expulsos de suas casas e cortiços, passando a ocupar de forma mais expressiva os morros próximos ao centro e as zonas periféricas daquela capital. Além do gerenciamento na estrutura urbana, Pereira Passos também legislou sobre os costumes mais prosaicos dos trabalhadores, visando disciplinar e ordenar o seu modo de agir e trabalhar na nova região central. Assim, Abreu (2014, p. 980) definiu as incursões do prefeito no cotidiano da capital federal reformada:

Ficavam proibidos: O exercício de qualquer forma de comércio ambulante; a venda de bilhetes de loteria; a ordenha de vacas leiteiras nas ruas; a prática da medicina pública; os atos de urinar fora dos mictórios, cuspir nas ruas, de soltar fogos de artifício; a existência de cães soltos pela cidade. Todo esse esforço convergia para o objetivo de tornar a capital republicana uma “cidade civilizada”, condição indispensável para a inserção do Brasil no mundo do progresso, bem ao gosto do século que se iniciava.

Tal legislação fazia parte de um corolário de medidas que visavam alterar as práticas cotidianas de uma população não sintonizada com os “novos tempos”, preconizados por

---

<sup>80</sup> Robert Darnton. *A questão do livro. Passado, presente e futuro*. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 37.

<sup>81</sup> Sobre a atuação de Olavo Bilac como jornalista consultar: Marta E. G. Scherer. *Imprensa e Belle Époque: Olavo Bilac, o jornalismo e suas histórias*. (Palhoça, Ed. Unisul, 2012). George Ermakoff. *Rio de Janeiro (1900-1930), uma crônica fotográfica*. Rio de Janeiro: Ipsis Gráfica e Editora, 2003.

uma elite branca e voltada para um padrão cultural europeu, absolutamente distinto daqueles trabalhadores que tiravam o seu sustento nas ruas e que até o início do “bota abaixo”, viviam no centro do Rio de Janeiro em cortiços<sup>82</sup>, morros e em seus arrabaldes.

Na contramão da maioria dos intelectuais que louvavam as reformas urbanas, encontramos um personagem que vai de encontro a tais propostas, denunciando a forma como elas se davam e a falta de atenção com o patrimônio histórico e a dimensão elitista das medidas tomadas para mudar hábitos e práticas consideradas primitivas e insalubres.

Referimo-nos ao cronista, jornalista e romancista Afonso Henriques de Lima Barreto<sup>83</sup>, cuja obra é um misto de realismo cotidiano com as reflexões do autor sobre discriminação racial, elitismo do mundo intelectual e as preocupações com as demandas do seu tempo. Segundo Bosi (2017, p. 340), “Nos romances de Lima Barreto há, sem dúvida, muito de crônica: ambientes, cenas quotidianas, tipos de café, de jornal, da vida burocrática, naquela linguagem fluente e desambiciosa que se sói atribuir ao gênero.” Lima Barreto utilizou de forma usual como outros intelectuais, a imprensa para defender pontos de vistas

---

<sup>82</sup> Segundo o Dicionário da Arquitetura Brasileira: CORTIÇO – “Pátio agrupando várias moradias. Casa que serve de habitação coletiva, para os pobres. O mesmo que cabeça de porco”. Eduardo Corona, Carlos Alberto Cerqueira Lemos. *Dicionário da arquitetura brasileira*. (São Paulo: Artshow Books, 1989): 150. Ainda sobre o significado da palavra, Maria Paula Albernaz assim o define: “Habitação coletiva em geral formada por unidades habitacionais constituídas por um único compartimento, voltadas para o pátio ou rua interna, tendo acesso comum à via pública. Possui instalações sanitárias coletivas. Foi uma das principais alternativas de moradia para a população pobre em São Paulo e Rio de Janeiro na última metade do século XIX e início do XX. A partir de fins do século retrasado tornou-se alvo de críticas e perseguições pelas autoridades, acusado de propagar epidemias que assolavam a cidade, por insalubridade. Sua construção foi proibida por legislação em fins do século XIX no Rio de Janeiro”. Maria Paula Albernaz. Cecília Modesto Lima. *Dicionário ilustrado de arquitetura*. São Paulo: ProEditores, 2000, p. 196.

<sup>83</sup> Filho de tipógrafo e de uma professora primária, ambos mestiços. Aos sete anos, ficou órfão de mãe. Proclamada a República, seu pai é demitido da Imprensa Nacional pelo fato de lá ter entrado pela mão do Visconde de Ouro Preto. Vão pai e filho, morar na Ilha do Governador em cuja Colônia de Alienados o ex-tipógrafo trabalhará como almoxarife. Graças a proteção do Visconde, seu padrinho, Lima Barreto pôde completar o curso secundário e matricular-se na Escola Politécnica (1897). Nesse meio tempo seu pai enlouquece e é recolhido à Colônia. O escritor passa a viver como pequeno funcionário da Secretaria da Guerra e a colaborar com a imprensa. Lendo avidamente a literatura de ficção europeia do século XIX, L. Barreto familiarizou-se com o melhor da tradição realista e social e foi dos raros intelectuais brasileiros que conheceram, na época, os grandes romancistas russos. Vivendo constantes crises de depressão e entregando-se amiúde à bebida, teve que internar-se por duas vezes no Hospício Nacional (1914-1919). Lima Barreto morreu de colapso cardíaco, aos quarenta e um anos de idade. Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*. (São Paulo: Cultrix, 2017): 338.

distintos da maioria, quanto ao posicionamento em relação às reformas urbanísticas em curso naquele período. Nessa época o jornalismo funcionava como um espaço propício para

autores que lhe prestavam serviços com a produção de reportagens, críticas literárias, crônicas e contos. Além disso, nesse início de século XX, teve papel importante na divulgação de novos hábitos de consumo, novas práticas de diversão bem como veículo de apoio ou oposição política (Martins e Luca, 2006, p. 85).

Verificamos que nesse contexto, o intelectual João Ribeiro estava imerso no frenesi do remodelamento urbano do Rio de Janeiro, tendo em vista, morar no bairro de Santa Tereza na rua Uruguai e trabalhar no Colégio Nacional, hoje o Colégio Pedro II, ambas as localidades próximas às obras em curso naquele período. Se João Ribeiro não se posicionou de forma mais propositiva quanto ao que estava ocorrendo, acreditamos ser por conta da sua “nova” forma de encarar as ações da política nacional naquele início do século XX.

Para que possamos compreender melhor esse estado de pouco envolvimento com os assuntos da política nacional nos últimos anos do século XIX e início do XX, precisamos destacar um evento relevante para a vida e as ambições de João Ribeiro: a sua primeira viagem para a Europa em 1895. Esse fato moldou a “nova” maneira do intelectual perceber e se posicionar quanto ao modelo de República instalado no Brasil. Tal redimensionamento se delineou a partir do contato direto com a cultura alemã, durante os dois anos em que ele viveu e pôde avaliar a Monarquia na Alemanha em seus meandros. Além dessa aproximação com o cotidiano alemão, ele também era um conhecedor dos autores germânicos, tendo em vista tê-los estudado por meio de suas traduções, de seus ensaios e de seus textos de crítica literária. Dentre esses autores alemães, destacam-se Wilhelm Riehl, Gustav Freytag, Jacob Burckhardt, Karl Lamprecht e Friedrich Nietzsche.

Diversos autores asseveram que João Ribeiro foi comissionado pelo governo brasileiro durante dois anos em alguns países da Europa, com o objetivo de estudar os sistemas de ensino do velho continente (Santos, 2009; Gasparello, 2004; Bittencourt, 2008), essa premissa está embasada numa tradição encontrada nos textos clássicos sobre o

intelectual, como algumas de suas biografias. Porém, Barchi (2019, p. 35) demonstra em sua tese que

João Ribeiro não produziu nenhum relatório, livro ou artigo acerca dos tais sistemas de ensino como seria de se esperar de uma “missão de estudos”. Caracterizando essa viagem, como de caráter pessoal e o termo “instrução pública só é invocado para que se faça jus a uma comissão. A correspondência de João Ribeiro sugere que o pleito foi acatado a posteriori e a viagem pessoal tomou caráter oficial de modo retroativo.

De qualquer maneira, a experiência vivenciada entre a França, Inglaterra, Itália e principalmente Alemanha deu-lhe a convicção necessária para realizar o seu maior intento: viver com sua família na Europa. Para atingir esse objetivo, João Ribeiro deveria usar todo o conhecimento pessoal, notadamente com outros intelectuais, que faziam parte da diplomacia brasileira, como seu amigo Graça Aranha, para conseguir um cargo, que oportunizasse a sua mudança definitiva para o Velho Mundo. Apesar dos esforços empreendidos, não logrou êxito, fator que desencadeou uma decepção com as engrenagens da República, pois era preciso ter contato com autoridades mais expressivas e o sergipano em questão nunca foi um homem dado ao cortejo nas relações sociais. Mesmo que tenha sido um republicano histórico e frequentador das livrarias cariocas, onde alguns homens de letras com cargos relevantes na República trocavam ideias e confraternizavam-se com regularidade, após o término de seus expedientes.

Ante a recusa das autoridades constituídas em conceder alguma função no corpo diplomático brasileiro no Velho Continente, percebemos a frustração de João Ribeiro na correspondência ao amigo Graça Aranha, após o seu retorno em 1897: “Depois que vim de lá, bem o sabes, nunca me pude curar da nostalgia da Europa. Achei logo na volta esse Brasil irrespirável. [...] Minha maior alegria seria atravessar o oceano.”<sup>84</sup> Desse momento em diante, verificamos ainda duas outras tentativas de se estabelecer no Velho Mundo. O grande sonho

---

<sup>84</sup> Carta de João Ribeiro para Graça Aranha, Rio de Janeiro 17 de janeiro de 1900. Arquivo da ABL

acalentado teve mais uma oportunidade de ser experimentado, na segunda viagem realizada por ele em 1901, João Ribeiro realiza mais uma incursão ao continente onde pretendia se fixar, o motivo dessa viagem foi uma espécie de compensação conseguida pelo amigo Joaquim Nabuco<sup>85</sup>, naquele momento exercendo a função de chefe da legação brasileira em Londres.

As inúmeras solicitações feitas anteriormente aos intelectuais do seu círculo de amizade e confiança como Max Fleuiss, Lúcio de Mendonça, Graça Aranha e Joaquim Nabuco, renderam as duas viagens para a Europa (1895 a 1897 e 1901). A segunda viagem, que deveria durar quatro meses e tinha por finalidade a resolução das questões fronteiriças entre o Brasil e a Guiana Britânica, tornou-se, no final das contas, uma espécie de compensação, já que os intelectuais citados não concretizaram o desejo do insistente sergipano em ser nomeado para um cargo de vice-cônsul na Europa ou em outra localidade. Porém, a presença de João Ribeiro nessa comitiva, segundo Barchi (2019, p.50), teve um caráter meramente figurativo, pois:

o sergipano excursionou por algum tempo com a legação, todavia a natureza de sua participação é incerta. Até mesmo a permanência com o grupo não foi integral. Em uma carta enviada de Marselha a Graça Aranha, ele avisa que terá que partir ao Brasil por não se sentir bem de saúde. Na ocasião ainda noticia o amigo sobre suas viagens a Berlim, Viena e Veneza e aproveita para informar que conheceu pessoalmente o Barão do Rio Branco na capital alemã. [...] Ao que tudo indica, esse tipo de favor – viagens e comissões na Europa – aos letrados de alto gabarito era de praxe no Itamaraty.

---

<sup>85</sup> Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo nasceu em 1849, no Recife, filho do estadista do Império, José Tomaz Nabuco de Araújo e Ana Benigna de Sá Barreto. Iniciou seus estudos com o barão de Tautphoeus, primeiro em Friburgo e depois no internato do Colégio Pedro II, onde completou o bacharelato em letras em 1865. No ano seguinte entrou para a Faculdade de Direito de São Paulo, graduou-se em 1870, no Recife para onde havia se transferido anos antes. Logo começou a colaborar com o jornal liberal *Reforma*, começando a manifestar interesse pelo combate a escravidão. No ano de 1873 viajando pela Europa, ocupou os cargos de adido de legação em Washington e Londres. Só voltou ao Brasil 1878, quando se elegeu deputado pela província de Pernambuco. Após a Proclamação da República aceitou um cargo no governo – concordou em integrar comissão para defender o Brasil em litígio contra a Inglaterra -, mudou-se para Londres em 1900, dessa vez como chefe da legação brasileira e dali para Washington, onde foi nomeado embaixador. Seu retorno definitivo ao Brasil só ocorreu após a sua morte, em 1910, quando seu corpo foi trasladado para o país. Ronaldo Vainfas, *Dicionário do Brasil imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, pp. 411-413.

Diante do que foi exposto, evidenciou-se a necessidade de relações pessoais com autoridades com algum poder de influência para indicar alguém na ocupação de um cargo na diplomacia brasileira, não bastava a demonstração da capacidade intelectual, era preciso o convívio e os contatos com as figuras proeminentes da República. Assim, verificamos as tentativas desse homem de letras ao buscar o seu maior intento: **viver com sua família na Europa**. Esse projeto foi lentamente desconstruído mediante o silêncio dos seus amigos diplomatas Graça Aranha e Joaquim Nabuco em fazer os esforços cabíveis para a tão almejada nomeação para um vice-consulado. O cargo em questão não era um sonho estapafúrdio de João Ribeiro, tendo em vista a realidade brasileira que exigia a “alavanca da política e da proteção”<sup>86</sup>.

Mesmo com a fixa ideia de morar na Europa em seu horizonte de realizações, o período correspondente à primeira década do século XX foi produtivo para João Ribeiro, se levarmos em consideração o lançamento do seu mais destacado livro para o ensino médio, *História do Brasil, Curso Superior* (1900), que acabou sendo utilizado por muitas décadas, reeditado inúmeras vezes até 1966. A obra em questão foi recebida pelos profissionais que atuavam no ensino de história como sendo uma obra inovadora em alguns dos seus aspectos constitutivos, a saber: A dupla configuração tipográfica num mesmo livro – empregava o uso de tipos maiores quando se destinava aos alunos e trazia aspectos factuais sob um viés descritivo; e os tipos menores, para serem utilizados pelos professores como um texto crítico e interpretativo. Um segundo aspecto a ser destacado nessa obra foi a sua estruturação ideológica se comparada aos manuais de história anteriores a 1900. Um terceiro aspecto a ser considerado nessa publicação didática foi o seu alinhamento com o que havia de moderno na teoria e metodologia históricas na Europa no início do século XX, de modo particular as

---

<sup>86</sup> Patrícia Santos Hansen. *Feições & fisionomia: a História do Brasil de João Ribeiro*. Rio de Janeiro: Access, 2000, p. 32.

ideias de Burckhardt<sup>87</sup> e Freytag<sup>88</sup>, autores germânicos apreciados por João Ribeiro. (Freitas, 2006; Hansen, 2000).

O primeiro decênio do século XX, foi rico na produção de algumas obras que marcaram a trajetória do escritor sergipano. Dentre elas *Páginas de Estética* (1905) e o *Fabordão* (1910) podem ser elencadas como frutos da experiência dos anos vividos na Europa e que acabaram por reverberar nas obras produzidas por João Ribeiro nesse período. Segundo Rodrigues (2015, p. 243),

O Fabordão, o autor incluiu um capítulo sobre Gustav Freytag, aparentemente um texto de crítica publicado na imprensa brasileira por ocasião da tradução portuguesa de Soll und Haben, editado pela Laemmert, em 1899, com o título Dever e Haver. Nesse texto, Ribeiro (1899), faz uma breve biografia de Freytag e demonstra o conhecimento de diversos escritos do autor, passando por livros de recordações, obras literárias, além de outras publicações não disponíveis em português e, aparentemente, pouco conhecidas no Brasil.

---

<sup>87</sup> Jacob Burckhardt nasceu em 1818, na cidade de Basileia, local propício para a formação de um homem de espírito liberal já que a cidade era uma república que mantinha as tradições alemãs burguesas. Essa formação se ampliou por conta do ambiente familiar. O pai cuidava com atenção e carinho de sua formação, passando-lhe a importância da erudição como forma de manutenção das tradições e dando-lhe a chance de aprender, desde cedo, o ofício de colecionador. Mas o gosto do pai pela pesquisa da história da cidade que lhe rendeu um livro foi o que mais impulsionou o gosto de Burckhardt para os estudos. A presença constante da religião em sua casa e as pressões familiares levam-no aos estudos teológicos na Universidade de Berlim, entre 1839 e 1842. Por sorte nesse período realiza uma viagem à Itália e teve o seu primeiro grande choque ao visitar Roma e as demais cidades italianas. Essa viagem foi decisiva na vida do historiador porque abriu-lhe os olhos para os temas da arte e da cultura. Quando retorna a universidade se aproxima de Franz Kugler e com ele desenvolve sua atenção para os mundos clássico e renascentista. Daí para a frente sua atenção concentra-se nos estudos culturais, embora parte de sua produção ainda reflita os contatos e os conhecimentos providos de sua experiência com Leopold von Ranke, pois em 1853 escreve *A era de Constantino o Grande*. Mas já nesse livro é possível notar a atenção do autor para as ideias formadoras das ações e mesmo discutindo as ações políticas, esmera-se em destacar o ambiente cultural como decisivo para os resultados obtidos. Política e cultura se tornaram os temas de interesse do historiador, mas não tomadas em separado, e sim relacionadas de tal modo que são acrescidas de outra “potência” como fixará mais tarde Burckhardt que é a religião. Antônio Edmilson Martins Rodrigues. Jacob Burckhardt (1818-1897). In: *Os historiadores: clássicos da história, vol 2: de Tocqueville a Thompson*. (Petrópolis, RJ, Vozes, PUC-Rio, 2013): 95-96.

<sup>88</sup> Nascido em Kreuzburg, Silésia, em 13 de julho de 1816, Gustav Freytag lia vorazmente quando menino. Em Breslau e Berlim estudou filologia germânica. Ele abandonou a carreira de professor depois de vários anos para dedicar suas energias à escrita. Gustav Freytag (1816-1895) foi talvez o autor mais popular da Alemanha de 1850 a 1870. Ele retratou as lutas e triunfos da classe média em ascensão com realismo envolvente. A realização mais duradoura de Freytag provavelmente é sua história cultural, *Bilder aus der Deutschen Vergangenheit* (5 vol., 1859-1862), um retrato incomparável de todo o passado da Alemanha. Esta obra combina um estudo histórico cuidadoso com um estilo quase poético. Em 1879 Freytag mudou-se para Wiesbaden, onde viveu em sua aposentadoria confortável, regada com honras, até sua morte em 30 de abril de 1895. GUSTAV FREYTAG. In: Your dictionary. Disponível em: <https://biography.yourdictionary.com/gustav-freytag>. Acesso em: 10 fev. 2022.

Ainda na primeira década do século passado, um dos modismos mais eficazes na sua propagação e experimentado por um contingente da sociedade carioca que se avolumou com o passar dos anos, foram as conferências ministradas pelos mais diversos intelectuais e jornalistas residentes na capital do país. O formato como tantas outras “febres” que chegavam ao Brasil tinha sua origem na França e gradualmente ganhou espaço e um público ávido por aqueles encontros marcados, momento oportuno para a socialização entre ambos os sexos. O espaço do Instituto Nacional de Música oportunizou a realização desses eventos, em que “enchia-se o recinto de senhoras e de homens para ouvir Coelho Neto sobre as grandes figuras da Bíblia”; Bilac, sobre a “tristeza dos nossos poetas”; Bonfim sobre o “cinema”; Nepomuceno sobre “música popular desta terra”; Medeiros e Albuquerque sobre o “pé e a mão” (Broca, 1975, p.137).

O sergipano João Ribeiro também colaborou com essa mania carioca, quando foi convidado pelo dirigente da Biblioteca Nacional, o Dr. Manuel Cícero Peregrino, para realizar um curso sobre o folclore brasileiro e universal. Um dos seus biógrafos assim comenta essa experiência:

Dera o seu curso, que constara em várias conferências, socorrendo-se de notas, simples notas ligeiras, meros apontamentos, que ia consultando à proporção que a matéria ia surgindo ao seu espírito. A essas notas é que deu depois a forma de livro, produzindo um estudo sobre o folclore brasileiro cheio de pontos de vista novos, marcando novos rumos a esse ramo da cultura. A essas notas é que deu depois a forma de livro, produzindo um estudo sobre o folclore brasileiro cheio de pontos de vista novos, marcando novos rumos a esse ramo da cultura. (Leão, 1960,13).

A palestra apresentada por João Ribeiro teve a participação de um público expressivo, tendo ocorrido entre 16 de julho a 3 de setembro de 1913 e contou com o seguinte programa:

O folclore. Métodos de pesquisa. A língua e a literatura popular. A novelística nas suas formas literárias. Os contos populares. Fabulas e histórias de animais. Apólogos. Os mitos. O folclore infantil. Crendices, superstições. Ideias práticas e religiosas. O romance. A poesia popular e a sua técnica. Síntese geral do folclore. Conclusão. (Leão, 1934, p. 148).

Esse período na vida do referido conferencista foi marcado pela organização dos aspectos ligados à sua vida profissional, financeira e familiar para colocar em marcha o seu maior objetivo até aquele momento.

As conferências literárias que tanto atraíram o público carioca no final do século XIX e primeira década do XX acabaram sendo substituídas por uma novidade tecnológica que agradou não só aos frequentadores daqueles eventos, como o público em geral. O cinematógrafo<sup>89</sup> passou a ocupar o tempo livre daqueles que buscavam algo para se divertir, o próprio João Ribeiro tornou-se um frequentador assíduo dessa nova modalidade de entretenimento, compartilhada por muitos. Assim, Broca (1975, pp.138-139) apresenta-nos o cinematógrafo em 1907 no Rio de Janeiro:

A presença nas conferências literárias foi a moda e como toda moda caiu. Veio-lhe como sucedâneo o cinematógrafo. Este entrou com mais afoitamento, aparece por todos os cantos, a todas as horas, nos amplos salões da Avenida Central e nas saletas acanhadas dos subúrbios. É mais barato, mais divertido e tem ainda a vantagem de se poder levar as crianças. Nem por haverem surgido as dúzias, qualquer cinematógrafo é menos frequentado que as antigas conferências do Instituto Nacional de Música; o nosso público é muito mais inteligente do que se supõe: aqui, se muitas vezes paga 2\$000 (Dois mil réis), para sair com ouvidos saturados de baboseiras decoradas, quase sempre catadas em almanaques e folhinhas de larga distribuição, ali no cinematógrafo entra apenas com dez tostões para assistir episódios que o divertem e que lhe dão muitos minutos de distração agradável e instrutiva.

No ano de 1913, João Ribeiro se desfez de sua casa no bairro de Santa Tereza e da sua coleção de livros raros e pôde, enfim, com sua esposa e seus filhos mais jovens fixarem residência na Suíça. A eclosão da Primeira Guerra Mundial e as implicações decorrentes de

---

<sup>89</sup> “O engenhoso cinematógrafo dos irmãos Lumière foi fruto do contexto de mudanças e progressos e pode ser considerado a tentativa que logrou o maior êxito na tarefa de captar imagens em movimento, o grande desafio a ser superado após a invenção da máquina fotográfica, isto é, da captação das imagens tal como elas se apresentavam ao olhar humano. O cinematógrafo chegou ao Brasil em meados de 1896. No ano seguinte, a grande novidade originária da França foi apresentada na cidade do Rio de Janeiro, a capital da República e o grande centro irradiador da Belle Époque nacional.” Sidney Ferreira Leite. *Cinema Brasileiro: das origens a Retomada*. 1º ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 19.

um cenário em beligerância no continente europeu, frustraram de forma definitiva os planos desse aficionado pela cultura germânica.

A opção que lhe restou foi com algum custo e dificuldade retornar para o Brasil e para a realidade, que ele mesmo havia dito ser “irrespirável.” A retomada da sua vida de outrora e daqueles elementos formadores da sua estrutura enquanto homem de letras, não deve ter sido fácil, porém, a Guerra tomou uma proporção inviável para manter a família em território europeu. O filho Joaquim Ribeiro (1934, p.17) relata o indesejado regresso para o Brasil: “1914. Veio a guerra e nós tivemos de voltar. Pela França em “wagon” de segunda-classe. Pela Espanha. Por Portugal. Até o Brasil. Até aquele morro em que nasci. A casa antiga e acachapada despertou toda uma série de recordações obliteradas.”

Assim que retornou ao seu país, João Ribeiro reassume a sua função como crítico literário no jornal *O Imparcial*, em que deu continuidade à carreira de jornalista por mais de dez anos nesse órgão da imprensa carioca; prosseguiu também com a função de professor no Colégio Nacional e ameculhou alguns outros reconhecimentos na sua trajetória de homem de letras. Verificamos que em 12 de maio de 1914, foi eleito membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro<sup>90</sup>, honraria que chegou com algum atraso, tendo em vista a sua relevante produção historiográfica.

Ao iniciar a segunda década do século XX, o irrequieto escritor dá vazão a sua capacidade produtiva e realiza algumas obras que se tornaram emblemáticas em sua trajetória. Dentre elas *História Universal* (1918), *O Folk-lore* (1919), *A Língua Nacional* (1921), *Cartas Devolvidas* (1926), *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1926), *Curiosidades Verbais* (1927), *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (1928), em parceria com Coelho Neto, Augusto de Lima, Laudelino Freire, Medeiros e Albuquerque, Carlos de Laet, entre outros. (Barchi, 2019).

---

<sup>90</sup> *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. “Cadastro” Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1916, 678. Tomo LXXVII, Parte II.

Diante dessa produção significativa e diversificada, podemos inferir que a frustração de não ter conseguido se fixar na Suíça com a família não levou aquele homem de letras a uma letargia que o impedisse de ser produtivo no seu cotidiano, devido ao seu amor ao conhecimento e às diversas áreas das ciências humanas. João Ribeiro foi filólogo, professor, jornalista, historiador, poeta, crítico literário, citando apenas algumas das áreas onde se notabilizou. Buscou o que havia de mais atual nas discussões nesses campos do saber. A sua facilidade em falar e ler alemão, francês, inglês, italiano, lhe assegurou o contato com intelectuais dessas nacionalidades e de outras, compondo um mosaico cultural, presente na pluralidade temática de seus escritos.

A década de vinte foi para esse polígrafo um período de renovação, pois o seu pioneirismo, que muitos denominam de pré-modernismo, coloca-o numa espécie de vanguarda. Segundo Bosi (2017, p.337), “Pela independência e, até mesmo, irreverência dos seus juízos, João Ribeiro já foi considerado, e com razão, o profeta do nosso Modernismo. Fazendo *tabula rasa* das poéticas vigentes no primeiro vitênio do século, contribuiu para o descrédito dos medalhões”. O homem de letras, já em 1917, por meio de sua tribuna, o jornal *Imparcial*, fez uma crítica contundente aos autores parnasianos e simbolistas, apontando a caducidade de seus temas e forma de escrita fossilizadas. Ainda sobre esse posicionamento em prol do novo e da vanguarda, João Ribeiro foi uma espécie de defensor de novas propostas no campo da língua e das artes, naqueles anos de rupturas estéticas. Segundo Coutinho (2023, p.63),

Como acentua ainda Cassiano Ricardo, assim concebendo a poesia, João Ribeiro foi um crítico lúcido dos poetas parnasianos e simbolistas e, depois, soube compreender os modernistas. Seus estudos sobre Raimundo Correia, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira ainda são válidos, máxime o seu juízo acerca da superioridade de Raimundo sobre Bilac. Mas, teve ele liberdade suficiente para mostrar a exaustão do Parnasianismo, ao iniciar-se a reação modernista. Em artigo de 1917, já aponta aos poetas parnasianos o caminho do silêncio, advogando uma reforma radical na literatura, com uma poesia nova, diversa da anterior. Com esse espírito aberto e essa tolerância para com o novo, soube ele compreender e saudar

o aparecimento da equipe de poetas jovens que surgiram sob a égide do futurismo, do Modernismo.

A filóloga Luciana Stegagno Picchio (2024, p. 383) definiu de forma sutil a concepção de João Ribeiro sobre a literatura e a poesia:

A sua é uma lição de estilo, no sentido mais literário da palavra, de um filólogo que, ao lado de Emerson, definia a linguagem como poesia fossilizada e, como Novalis, dizia que os versos eram como a poesia da poesia, porque eram poesia em relação a linguagem comum que é, já por si mesma, poesia constituída e mineralizada.

Portanto, verificar o trânsito de João Ribeiro pela década de 1920 é perceber um crítico literário, filólogo e historiador se adaptando às novidades que aquele período trouxe consigo, de modo particular o Modernismo<sup>91</sup>. O decênio de 1920, como os períodos anteriores na vida de João Ribeiro, configurou-se como um misto de necessidade e urgência de comunicação, levou aquele trabalhador das letras a publicar uma dezena de livros. Dentre eles *A Língua Nacional* (1921); *Colmeia* (1923); *Novo Dicionário Enciclopédico da Língua Portuguesa* (1926); *Cartas Devolvidas* (1926); *Curiosidades Verbaes* (1927); *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (1928); *As Nossas Fronteiras* (1930); *Floresta de Exemplos* (1931); *História da Civilização* (1933); *O Elemento Negro* (1936 – Obra póstuma organizada pelo filho Joaquim Ribeiro). Os referidos títulos em sua maioria foram produções nos jornais, por meio de uma das funções mais longevas da sua vida, a crítica literária, exercida nesse fase em dois jornais o *Imparcial* e o *Jornal do Brasil*.

---

<sup>91</sup> Segundo o Dicionário de Literatura Brasileira, o termo Modernismo pode ser compreendido como: Rejeição à dependência da Europa e afirmação radical da brasilidade: são esses os dois princípios do Modernismo, movimento que assinala uma ruptura fundamental na história da cultura brasileira. A revolta se afirma na Semana de Arte Moderna de São Paulo, organizada em 1922 por ocasião do centenário da Independência. Um século depois da independência política, trata-se de conquistar – projeto muito mais difícil – a independência intelectual. Sobre esse tema verificar as seguintes obras: Paul Teyssier. *Dicionário de literatura brasileira*. (São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 88). Gênese Andrade (Org). *Modernismos (1922-2022)*. 1ªed. (São Paulo: Companhia das Letras, 2022). Gilberto Mendonça Telles. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. 21ª ed. (Rio de Janeiro: José Olympio, 2022).



Figura 36 – João Ribeiro. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/da/Jo%C3%A3o\\_Ribeiro.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/da/Jo%C3%A3o_Ribeiro.jpg). Acesso em: 12 set. 2025.

Ao entrar nos anos 1930, com o peso da experiência, os longos anos no desempenho de uma tarefa considerada transitória, aparentemente, começaram a demonstrar o peso de uma vida: muitas formas de trabalho para sustentar uma família numerosa. Escrever quase diariamente críticas sobre os mais variados assuntos, manter um ritmo de vida intenso, levou João Ribeiro a um agravamento de problemas decorrentes da bexiga. Atrelado a esse quadro de saúde, um certo cansaço físico e mental leva-o a contar com a ajuda da filha nas suas críticas. Mesmo contando com uma idade que, para a época, era sinônimo de prostração e pouca atividade profissional, João Ribeiro trabalhou até pouco antes de sua morte. Tinha 73 anos no dia 13 de abril de 1934, quando faleceu na Casa de Saúde Estelita Lins, onde tinha sido internado para a realização de uma cirurgia. Em decorrência da sua idade avançada, não

resistiu ao procedimento. Todos os jornais cariocas<sup>92</sup> daquele período deram com muito pesar a notícia de sua morte, comunicando a todos o local onde o corpo estava sendo velado, na rua Corrêa Dantas, 36, residência da família Ribeiro. Desse endereço, saiu um expressivo cortejo fúnebre em direção ao cemitério São João Batista, onde foi sepultado às 17h.



Figura 37 – Túmulo de João Ribeiro, S. João Batista. Fonte: Acervo fotográfico da Casa João Ribeiro em Laranjeiras, Sergipe.

O número de homenagens recebidas pela família foi significativo, desde instituições por onde João Ribeiro atuou, como a Academia Brasileira de Letras, o Colégio Pedro II, os diversos jornais em que trabalhou. Em função dessa trajetória de vida marcada por um intenso ritmo de trabalho, os discursos proferidos no momento do sepultamento foram de representantes de tais instituições: O Barão Ramiz Galvão (ABL), o Professor Pedro do Couto (Colégio Pedro II) e Múcio Leão (Jornal do Brasil).

---

<sup>92</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1934, Anno XXXIII, nº12.079, p. 3. *A Noite*. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1934, Anno XXIV, nº8038, p.2. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1934. Anno XLIV, nº88, p. 5. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1934. Anno XLVIII, nº16.949, p.2.

As homenagens vieram de diversas partes do Brasil e do exterior, seja por meio de telegramas, coroas de flores, sentimentos de pesar, toda sorte de condolência para a família enlutada. A consternação pela perda daquele homem de letras, fez inúmeras pessoas destacarem a sua relevância em algum momento de suas vidas. A sua cidade natal se fez representar pelo envio de uma coroa de flores, como inúmeros outros segmentos da sociedade carioca também o fizeram. De forma honrosa se despede do meio carioca, um sergipano que marcou com seus textos a capital da República por 53 anos, exercendo a função de crítico literário, professor, filólogo, escritor de livros didáticos, dentre outras funções desempenhadas pelo mestre João Ribeiro.

Como mencionado, o ambiente onde os biografados exerceram suas múltiplas funções passaram por transformações de ordem urbanística, cultural e política. No caso de Clodomir Silva a experiência de vida numa cidade como Aracaju nas décadas de 1910, 1920 e primeiros anos de 1930, coloca-nos diante de um homem em consonância com seu tempo. Atuante nas manifestações culturais daquele período e um entusiasta das transformações experimentadas em Aracaju. Seja pelo alinhamento político com as lideranças estaduais que promoveram algum tipo de reforma, seja pela possibilidade de se inserir no quadro social hegemônico, por meio da colaboração em palestras, artigos jornalísticos e na atuação propriamente dita no campo político. Não vamos encontrar em Aracaju do referido período, obras tão significativas quanto aquelas do Rio de Janeiro. Na capital sergipana, verificamos uma sequência de Presidentes de província (governadores), no qual, cada um a seu modo colaborou para uma estruturação da capital sergipana. Podemos elencar de forma segura, as principais obras realizadas nas administrações governamentais, notadamente com

Guilherme de Souza Campos (1905-1908), ao construir o cais beirando o Rio Sergipe, a contratação dos serviços de distribuição de água encanada e implantação do serviço de carris urbanos, puxados por tração animal.

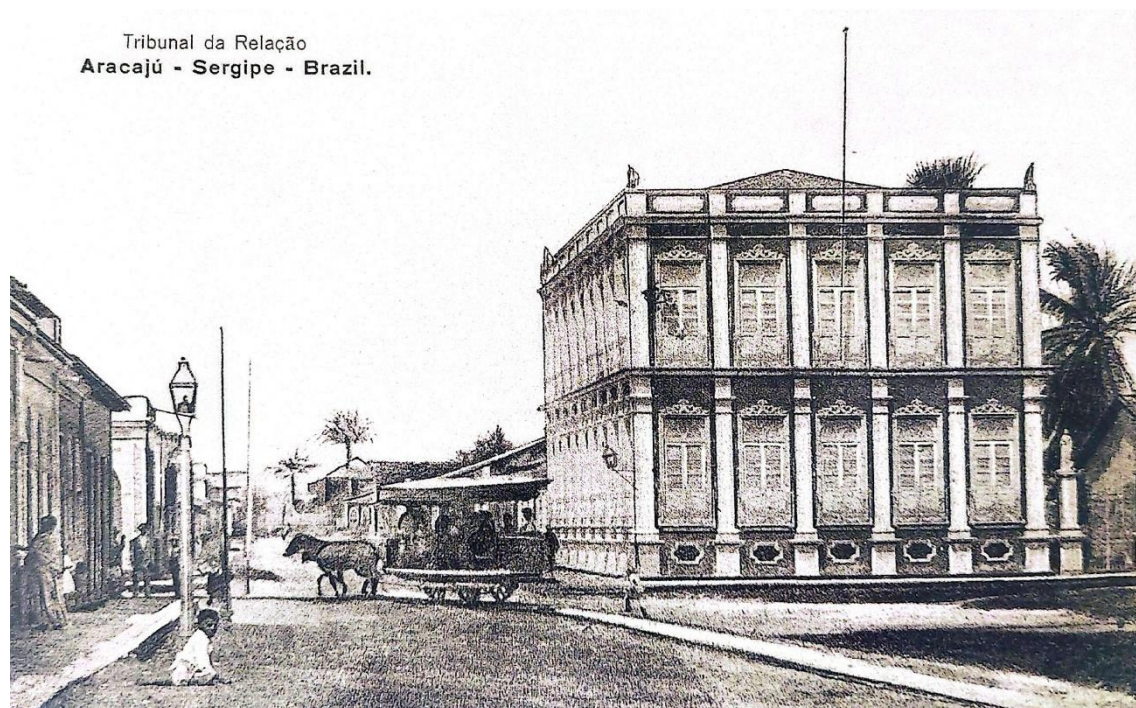


Figura 38 – Palacete do Tribunal da Relação no cruzamento das ruas Itaporanga com a rua Araújo. Em destaque um bonde à tração animal.

Fonte: Gerodetti, João Emílio; Cornejo, Carlos. *Lembranças do Brasil: as capitais brasileiras nos cartões postais e álbuns de Lembranças*. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2004, p. 158.

Um outro governante que promoveu ações estruturantes foi o General José Siqueira de Menezes (1911-1914), combatendo o forte surto de varíola (1911-1912), realizou obras de saneamento (esgoto e drenagem), iluminação elétrica em Aracaju, além da construção de prédios públicos, açudes e represas e inauguração do trecho da estrada de ferro que chegava até Aracaju (1913). O seu substituto na governadoria do estado foi o General Manoel Prisciliano Oliveira Valadão (1914-1918), responsável pela inauguração do segundo trecho da ferrovia, ligando a capital a cidade de Propriá no norte do estado. No campo da educação realizou a construção de dois grupos escolares, introduzindo cursos noturnos destinados aos operários. O próximo dirigente de Sergipe, foi José Joaquim Pereira Lobo (1918-1922), cujo primeiro embate se deu em 1918, com a epidemia da Gripe Espanhola, que vitimou 997 pessoas no estado de Sergipe. Apesar do clima de medo deixado após aquela pandemia, em 1920, Sergipe comemorou os 100 anos da emancipação política da Bahia, quando foi

realizado uma série de festejos comemorativos<sup>93</sup>. Ampliou os já existentes serviços de saneamento, água, luz, calçamento de ruas, dotando a capital sergipana de um aspecto urbanístico agradável para os padrões da época. No governo de Pereira Lobo, Clodomir Silva, não só ingressou na política como deputado estadual (1920-1922 / 1923-1925), como deu continuidade às suas múltiplas funções: advogado provisionado do Centro Operário, onde intermediou questões trabalhistas entre a classe patronal e os operários da fábrica de tecidos Confiança, além de ministrar palestras na Liga Sergipense Contra o Analfabetismo, dentre outras práticas de ordem cultural.

No governo de Maurício Graccho Cardoso (1922-1926) as transformações urbanísticas ganharam um incremento maior graças: A realização de diversos aterros na capital, o calçamento de ruas a paralelepípedos, a reconstrução da rede de abastecimento de água ampliando seu alcance. Criou o Instituto Parreiras Horta, importante centro de pesquisa e produção de conhecimento sanitário e epidemiológico de Sergipe, construiu o Hospital de Cirurgia (com uma abordagem clínica mais moderna). Implementou o Instituto de Química, construiu 9 grupos escolares, ampliou a possibilidade de estudo técnico com a construção da Escola do Comércio Conselheiro Orlando (1923- Instituição onde Clodomir Silva trabalhou como professor), além do Liceu Profissional Coelho e Campos (1923). Edificou o prédio da Nova Penitenciária, o matadouro e o mercado público. Fez uma substituição dos bondes movidos a tração animal por bondes elétricos, dentre outras medidas de relevância para o estado como um todo. (Wynne, 1970; Dantas, 2004; Cruz, 2022).

---

<sup>93</sup> Sobre os festejos dos 100 anos de emancipação da Bahia, consultar o artigo: Renaldo Ribeiro Rocha. A grande festa do centenário da Independência de Sergipe. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE. Nº 48. Vol. 1: Dossiê Os arquivos e a construção do conhecimento histórico. Vol. 2: Dossiê Universidade Federal de Sergipe: meio século de histórias. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2018:159-176.



Figura 39 – Instituto Parreiras Horta em Aracaju- SE, 1931.

Fonte: Álbum Photographico de Aracaju. Aracaju: Casa Amador, 1931.

Seguindo os governos que se sucederam a Graccho Cardoso, temos a breve administração de 31 dias do Dr. Ciro Azevedo, que recebeu o governo com problemas de ordem financeira, em virtude de dívidas, o que leva a uma administração centrada em suprimir repartições e realizar uma política austera em gastos públicos. Contou com alguma desventura de ordem natural, como a seca de 1926, responsável por levar os produtos exportáveis de Sergipe a uma queda significativa de seus preços (Açúcar, algodão e tecidos). Veio a falecer no dia 17 de janeiro de 1927, abrindo caminho para o seu sucessor, o proprietário de terras Manoel Corrêa Dantas (1927-1930), naquele momento ocupando a presidência da Assembleia Legislativa. Conseguiu por meio de acordos políticos com o chefe

do Executivo nacional sua indicação ao cargo de dirigente de Sergipe, assim que novas eleições fossem convocadas. Diante da certeza da vitória do grupo que ocupava o poder, Manoel Dantas foi eleito e deu continuidade a uma política marcada pelos cortes de despesas, fechamento de instituições públicas e eliminação de cargos. A sua administração foi marcada por medidas autoritárias, incluindo ações de seus filhos ao atacar pessoas que eram seus adversários políticos (Presidente do Tribunal da Relação, Clodomir Silva e seu Irmão Álvaro Silva). As ações estruturantes de sua administração vieram com obras no setor rodoviário, com abertura de estradas.



Figura 40 – Penitenciária Modelo na cidade de Aracaju.  
Fonte: Álbum Photographico de Aracaju. Aracaju: Casa Amador, 1931.

Entre 1929 e 1930, o movimento de contestação do *status quo* da política brasileira, também se fez sentir em Aracaju, com comícios cada vez mais insufladores da necessidade de mudanças, capitaneadas pela Aliança Liberal responsável por mobilizar o Brasil contra o governo de Washington Luis. Em Sergipe, Clodomir Silva era um dos seus arautos e tornou-se uma das figuras de proa desse movimento, chegando a assumir o cargo de Secretário Geral

do governo do General José Calazans, quando assumiu o poder com o golpe realizado pelos militares em 1930. De curta duração foi a sua ascensão ao primeiro escalão do executivo estadual, devido à renúncia de José Calazans e a nomeação do seu desafeto político Augusto Maynard Gomes, como novo dirigente de Sergipe. A partir de 16 de novembro de 1930, Clodomir Silva passa a exercer uma constante oposição, cobrando por meio dos jornais *A República* e o *Sergipe Journal* um posicionamento e ações mais coerentes com a democracia, esquecida e vilipendiada pelos militares no poder (Em anexo alguns textos jornalísticos de Clodomir Silva exemplificam a sua postura diante do governo Augusto Maynard Gomes).

## 5.2 João Ribeiro e Clodomir Silva: similaridades

Definir os pontos de convergências entre pessoas de gerações e com propostas de vidas distintas, constitui um desafio instigante, na medida que o tempo, o lugar, os valores e as trajetórias de cada um dos biografados têm suas peculiaridades. Porém, ao longo desta tese as semelhanças entre estes dois sergipanos podem e devem ser explicitadas. Na medida em que suas diferenças constituem elementos enriquecedores nas duas personalidades distintas, mas o que nos interessa são os pontos de convergência entre eles. Podemos iniciar esse processo, por meio da definição do termo intelectual, buscando situá-los no que Bobbio (1997) definiu como conjunto de indivíduos pertencentes a um grupo fluído, não sendo a sua categorização estabelecida pela condição econômica ou pelo segmento social determinado. As inúmeras categorizações a que os intelectuais podem se enquadrar, leva-os a atuarem em esferas mais ligadas ao mundo da cultura como humanistas, literatos, historiadores, filósofos, ou seja, pessoas que advogam e agem num espectro das ideias. A terminologia intelectual ganhou notoriedade quando em 1898, em Paris, o “Manifesto dos Intelectuais”, assinado por ilustres escritores como Zola, Anatole France, Proust, por ocasião do caso Dreyfus, tornou-se corriqueira e incorporada ao vocabulário comum.

Pensar o papel que os intelectuais desempenharam em seus respectivos espaços de atuação coloca-nos diante de homens que buscaram defender ideias em consonância com a maioria, ou estarem no extremo oposto do *status quo* dominante. João Ribeiro e Clodomir Silva, apesar de serem sergipanos, viveram em cenários distintos, em condições econômicas com alguma semelhança, enquanto filhos de uma classe trabalhadora ávida por melhores condições sociais. Apesar das lutas pessoais pelo reconhecimento profissional, ambos tiveram notoriedade nas áreas em que atuaram, como mencionado nos capítulos anteriores. Um elemento comum desde a tenra infância de ambos, foi o gosto pela leitura, pelo conhecimento, o que os colocou em contato com as duas áreas, que serão suas marcas mais evidentes: o jornalismo e o magistério. As duas profissões ocuparam um tempo expressivo e na maioria das vezes concomitante na vida dos biografados. João Ribeiro, dando os seus primeiros voos nos jornais aracajuano no período em que estudava no Atheneu Sergipense, marca evidente, também com Clodomir Silva, ao dirigir e escrever no jornal *Necydalus* do mesmo colégio aracajuano. Em função das similaridades em suas trajetórias de vida, concordamos com Sirinelli (2003, p. 242) quando afirma sobre as acepções do intelectual, “uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os mediadores culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto jornalistas como o escritor, o professor secundário como o erudito”. Desse modo, verificamos como os dois sergipanos enquadram-se na categoria de intelectual com suas diversas possibilidades e campos de atuação.

Para compor esse perfil que caracteriza o intelectual, se fazia necessário o convívio nos espaços de sociabilização, cuja expressão maior eram as entidades culturais a que muitos estavam filiados. No caso de João Ribeiro, apesar de não ser o intelectual padrão no quesito sociabilidade, as reuniões da ABL e do IHGB cumpriram a função de colocá-lo diante de seus pares e invariavelmente interagir com eles. Quando nos referimos a Clodomir Silva, essa nunca foi uma questão, na sua trajetória, na medida em que, conseguiu notoriedade estadual,

realizando inúmeras palestras, nos mais variados espaços culturais, com as mais diversas finalidades. Um outro caminho percorrido por João Ribeiro foi a sua constante presença nas livrarias cariocas e sebos, lugares por excelência fontes de garimpagem de obras raras, como o Sebo do Quaresma, além das livrarias Garnier e José Alves. Nesses locais os mais variados assuntos eram tratados, as conversas atualizadas, as fofocas reproduzidas, a extroversão era a marca desses ambientes. Em Aracaju, mesmo com a presença de algumas livrarias, foi somente com a criação da Livraria Regina (1948) é que teremos uma maior circulação da intelectualidade local, encontrando-se em seus corredores e mantendo animadas conversas. No período em que Clodomir Silva circulou pelos espaços culturais aracajuano, eles estavam circulando no IHGSE, na Biblioteca Pública, na Academia Sergipana de Letras (ASL), nos cafés, nas reuniões em casa de políticos, nas casas de cultura. Os locais de sociabilização eram variados e atendiam as demandas de quem tinha uma verve de maior comunicação, como era o caso de Clodomir Silva. Enquanto João Ribeiro não possuía essa característica tão acentuada, gostava de ficar horas em sua biblioteca particular, lendo e pesquisando para dar conta das suas incumbências quase diárias nos jornais cariocas.

Entre esses homens de letras que deram o tom da produção cultural no final do século XIX e primeiras décadas do XX, vamos encontrar o convívio intergeracional, formado por aqueles que foram consagrados no final dos oitocentos, e por aqueles que chegaram a um maior brilho na *Belle Époque* tropical. Podemos evidenciar essa realidade com João Ribeiro e Clodomir Silva, apesar de não ter sido possível nessa tese, confirmar algum tipo de proximidade entre os dois biografados. Há uma grande probabilidade que ambos conhecessem as suas respectivas obras publicadas, tendo em vista que João Ribeiro já era um nome consagrado em todo o Brasil, graças às suas gramáticas e livros didáticos de história e outras publicações de grande abrangência. Não podemos afirmar o mesmo em relação às publicações de Clodomir Silva terem chegado até seu colega das letras. Não foi por falta de possibilidade que os dois sergipanos não mantiveram algum tipo de contato intelectual, pois

Clodomir Silva viajou diversas vezes para o Rio de Janeiro, notadamente como presidente da comissão de jogadores da Associação Athletica de Sergipe. Essa instituição esportiva competiu no 5º Campeonato Brasileiro de Football (1927), sem conseguir realizar uma campanha minimamente exitosa (*Correio de Aracaju*, 29 de setembro 1927, p. 1). A frente desse grupo de atletas estava o professor licenciado do Atheneu Sergipense Clodomir Silva.

No âmbito pessoal, vamos encontrar algumas semelhanças entre os dois sergipanos, no que tange ao casamento, tiveram pródigas famílias. João Ribeiro com 16 filhos dos quais oito morreram na infância e oito sobreviveram as intempéries da tenra idade no Brasil: João Ribeiro Filho, Manoel Ribeiro, Joaquim Braz Ribeiro, Antonio João Ribeiro, D. Xavieria, D. Betty, D. Vera e D. Ema. Clodomir Silva também constituiu uma família, com 6 filhos: Argemira, Antonio, Airai, Agnes, Ana Marcionília e Maria. Números de filhos comum para a época (Jornal *A Noite*, Rio de Janeiro, 14 de abril de 1934, p. 1; Jornal *A República*, Aracaju 13 de agosto de 1932, p. 2).

Seguindo a linha de aproximação entre os dois sergipanos em foco, podemos mencionar a atuação de ambos na direção e elaboração de almanaques no Rio de Janeiro (*Almanaque Brasileiro Garnier* 1907-1913) e em Aracaju (*Almanack de Sergipe* 1927-1930). Esta incursão pelo mundo de um tipo de literatura considerada muito popular, em nada diminuiu suas carreiras, na medida em que trabalharam como difusores dos valores nacionais e regionais respectivamente. Enaltecendo por meio de um meio de comunicação muito acessível e repleto de ilustrações, jogos, piadas, saberes úteis, textos informativos e uma gama expressiva de elementos que valorizavam o que era tipicamente nosso. Ao utilizarem esse expediente de comunicação, prestaram um serviço de reconhecimento dos nossos valores culturais, expandindo-os para lugares inimagináveis, onde esse tipo de publicação se presta a chegar.

As publicações periódicas também foram uma seara na qual estes dois homens de letras atuaram com vigor. Quando observamos os múltiplos trabalhos desenvolvidos ao

longo dos 30 primeiros anos do século XX, poderíamos ter a impressão de que esses homens eram ambiciosos, porém o que fica evidente é a baixa remuneração nas profissões escolhidas por eles. Manter uma família numerosa numa capital brasileira no início dos anos 1900 não era uma tarefa fácil, exigia disciplina, alguma austeridade e muito fôlego intelectual para suprir as demandas dessas casas. No caso de João Ribeiro, sua esposa D. Maria Luiza da Fonseca Ramos cumpriu o papel de muitas mulheres da segunda metade do século XIX: ser esposa, mãe e dona de casa. A mulher de Clodomir Silva, D. Ana de Araujo de Souza e Silva, desde os 17 anos (03/7/1913), já exercia função remunerada como professora, função que não deixou de exercer, mesmo quando o marido foi eleito para a Assembleia Legislativa de Sergipe como deputado estadual. Perfis diferentes de mulheres chamadas a desempenharem funções predeterminadas por uma sociedade eminentemente patriarcal.

Uma outra área de aproximação entre os intelectuais sergipanos foi a importância que ambos deram às manifestações culturais de caráter popular. João Ribeiro, desde sua palestra sobre folclore na Biblioteca Nacional (1913), passou a ter uma maior reverência com a obra de Silvio Romero, por ser um pioneiro na coleta, divulgação e valorização das manifestações da cultura popular (lendas, versos, danças, canções e toda sorte de elementos que revelavam um Brasil ancestral). Segundo o historiador José Calazans (2007, p. 196),

Nos idos de 1920, a fase mais intensa do labor intelectual de Clodomir Silva, o ilustrado sergipano trabalhou sozinho, desacompanhado, na seara do folclore. Não encontramos memória de outro conterrâneo, na época mencionada, que houvesse igualmente manifestado tendência de investigar a paranduba sergipana. Anteriormente, de modo não sistemático, Manuel dos Passos de Oliveira Teles (1859-1835) e Joaquim do Prado Sampaio Leite (1865-1932), dois representantes da Escola de Recife, certamente influenciados pelas obras de Silvio Romero, escreveram alguma coisa referente a aspectos da cultura folk em Sergipe.

A afirmação de Calazans sobre a relativa precariedade na pesquisa folclórica em Sergipe é endossada por Clodomir Silva em sua obra *Minha Gente* (1926, p.10) ao afirmar:

Dessa poesia do povo, tão apreciada desde as gestas dos mais antigos rapsodos e trovadores, de que herdaram por explicável ativismo, os nossos

cantadores de colcheia e desafios, suas tendências de descrever feitos e façanhas, tanto em décimas vibrantes como curtos versos incisivos – nada se tem recopilado em Sergipe, depois de Sílvia Romero, o maior de todos, no culto a nosso berço e a seus costumes.

Assim, construiu-se tanto no Rio de Janeiro quanto em Sergipe uma valoração do que é nosso, mesmo que para isso fosse buscar o amparo teórico em terras estrangeiras como a Alemanha ou simplesmente arraigar-se ao torrão local.

### 5.3 João Ribeiro, o germanófilo X Clodomir Silva, o regionalista

Duas formas distintas de entenderem o mundo em que viveram, poderia ser uma definição apropriada para este modo de valorar o que João Ribeiro prezava no campo das ideias, notadamente sobre a língua portuguesa, e o que Clodomir Silva buscou destacar em suas palestras e no livro *Minha Gente* (1926).

Cedo ao chegar no Rio de Janeiro em 1881, João Ribeiro relacionou-se com Sílvia Romero um germanista convicto, dessa relação, surge um homem afeito as influências europeias, de modo particular aquelas advindas da Alemanha. Para compreendermos melhor essa influência romeriana em João Ribeiro e em Clodomir Silva, se faz necessário algumas considerações sobre este intelectual sergipano nascido na vila de Lagarto em 21 de abril de 1851. Segundo Vainfas (2002, p. 674):

Uma de suas maiores preocupações, ao longo da vida, foi a defesa e a divulgação dos estudos de folclore no Brasil. Para Romero, a “poesia popular” devia constituir a base para a construção de uma literatura original e representativa da identidade nacional, sendo de grande interesse para a ciência, pois permitia o estudo do pensamento primitivo e revelava o caráter dos povos. O folclore seria fundamental para o conhecimento dos homens e, conseqüentemente, para sua transformação. Segundo Câmara Cascudo, em termos do resgate do folclore brasileiro, Romero conseguiu salvar o essencial, o característico, o indispensável, como quem tenta salvar a informação dentro de uma garrafa na hora do naufrágio. Em suas primeiras publicações sobre folclore, em Portugal, nos anos 1880, Romero foi apresentado como o primeiro a debruçar-se sobre a constituição da identidade nacional brasileira. Romero pretendia encontrar respostas para um país a caminho do progresso e da civilização sobre a possibilidade de os brasileiros formarem uma nação, uma única

comunidade de sangue e espírito. Como a grande maioria dos intelectuais de seu período, defendeu os modernos postulados do pensamento europeu, como a valorização da ciência e o método científico, e combateu todo trabalho intelectual que não seguisse as suas premissas. Nesse sentido tornou-se um dos maiores críticos do romantismo, da filosofia metafísica, do catolicismo, da monarquia, ancorado em correntes de pensamento ligadas ao evolucionismo, naturalismo, positivismo e republicanismo.

O intelectual Sílvio Romero tem associado à sua produção escrita, seja em livros, jornais, almanaques ou revistas, uma marca indelével: ser um dos membros da geração de 1870, formada em grande medida por jovens estudantes na Faculdade de Direito em Recife (1873), de modo particular, o também sergipano Tobias Barreto<sup>94</sup>. Aquela instituição presenciou o surgimento dos “culturalistas brasileiros” proponentes de um debate sistemático e aberto a todas as correntes filosóficas. De acordo com Nascimento (2020, pp. 185-186):

Das características do pensamento da Escola do Recife é possível afirmar que tanto Tobias Barreto e Sílvio Romero, quanto aos demais nomes do movimento mantiveram uma posição de defesa das ideias materialistas. Um materialismo difuso, é certo. Um materialismo no qual não era possível perceber uma direção política bem definida, mas que abrigava todas as posições anticlericais e de críticas ao catolicismo de todos aqueles que, no Brasil do século XIX, julgavam estar descobrindo novos rumos da humanidade, com o firme convencimento de serem os verdadeiros “missionários” do século da ciência. Eram animados com esse espírito que os autores passaram a vida a discutir e criticar as filosofias e os filósofos do seu tempo, ao invés de simplesmente repeti-los como era a prática no Brasil até então.

Os dois sergipanos estudantes de Direito em Recife eram amantes da cultura alemã, e viam nos autores germânicos os elementos necessários para demonstrar a possibilidade de uma cultura brasileira autêntica, por meio da peculiaridade de sua língua, da cultura popular,

---

<sup>94</sup> Nasceu ele em 1839, na vila de Campos, hoje cidade que tem seu nome, e faleceu em 1889 em Recife. Formou-se em Direito em 1869, após um período de grande esforço para manter-se e estudar. Antes frequentara aulas de latim e Filosofia com eclesiásticos. Formado dedicou-se ao jornalismo e à política. Em 1882, ingressou, por concurso, na Faculdade de Direito do Recife. Inicialmente adepto do Ecletismo de Victor Cousin, sofreu, por curto período, a influência do Positivismo para, finalmente, aderir ao Monismo, de Haeckel e de Kant iria levá-lo a descobrir a peculiaridade do social e da cultura frente à natureza obrigando-o à revisão de seu monismo, sem jamais abandoná-lo. José Silvério Leite Fontes. *O pensamento jurídico sergipano: o ciclo de Recife*. São Cristóvão: Editora da Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2003, pp. 15-16.

das manifestações espontâneas do folclore. Sílvio Romero, em particular, dará vazão a esse último elemento, em grande medida, pelos primeiros anos de sua infância na fazenda de seu avô, onde travou contato com uma negra ama de leite, contadora de inúmeras histórias populares, que marcou profundamente o menino Romero.

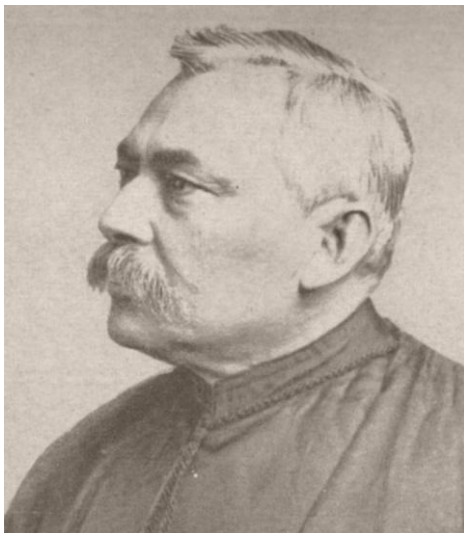


Figura 41 – Sílvio Romero. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/145>. Acesso em: 30 set. 2025.



Figura 42 – Tobias Barreto. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tobias\\_Barreto](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tobias_Barreto). Acesso em: 30 set. 2025.

A obra prolífica de Sílvio Romero, pioneira no estudo do folclore, teve uma parceria exitosa, segundo Chacom (2008, p. 188-189):

Sílvia Romero, sozinho ou em companhia de João Ribeiro, no *Compêndio de História da Literatura*, (1906), beirou a antropologia cultural, em inúmeros momentos chegou a ser dela um dos pioneirismos no Brasil, ao descrever objetivamente costumes dos ameríndios e muitos dos conhecimentos e instrumentos da caça e da pesca, várias plantas alimentares e medicinais, muitas palavras da linguagem corrente, bem como seu imaginário só muito depois aprofundado por europeus na mítica popular, com certo influxo na poesia anônima, além de chamara atenção para as músicas e danças, antes das pesquisas de Mário de Andrade no bojo do modernismo brasileiro mais nacionalista que cosmopolita.

Diante do convívio na Academia Brasileira de Letras e da Livraria Garnier, pudemos observar que a predileção de João Ribeiro em entender a cultura alemã por meio de seus intelectuais sofreu a influência, em alguma medida, do modelo teórico com o qual Sílvio Romero entendia as questões culturais do Brasil. Foi fundamental para o amadurecimento teórico de João Ribeiro sua viagem para a Europa (1895-1897). Essa experiência colocou-o diante do que ele já tinha lido, porém a vivência daquele universo lhe afirmou alguns preceitos e o removeu de outros. Segundo Gally (2015, p.115),

O afã de tornar o Brasil um país independente no aspecto intelectual, incentivado não só por sua formação alemã, conquistada nos dois anos em que por lá ficou, pesquisando, estudando pintura, visitando museus e bibliotecas, lugares de sua preferência, como fez questão de lembrar, como também por ideias disseminadas por seu amigo Sílvio Romero.

Ao findar a experiência alemã, João Ribeiro trabalhou com maior afinco no projeto de nacionalismo, presente nas ações e obras, que posteriormente realizaria. O seu nacionalismo tinha um caráter de ordem cultural visando definir e propagar a identidade do país, como de fato o fez, ao escrever seus livros didáticos, o Almanaque Garnier, além das suas constantes colaborações nos jornais e revistas do início do século XX.

Se a língua era uma expressão genuína da cultura brasileira, foi por meio dos estudos filológicos que

João Ribeiro fez questão de disseminar os ensinamentos de Herman Paul, Oskar Weise, O. Jespersen, Meyer-Lübke, Leo Spitzer e outros, demonstrando seu interesse em buscar novos métodos de análise da própria língua que o levassem a lugares menos radicais situados entre a legitimidade do puritanismo - e assim, subjugado à cultura portuguesa - e

a defesa da dialetologia<sup>95</sup>- contribuindo, dessa forma, para o reconhecimento da nação brasileira, culturalmente independente. (Gally, 2015, p.127).

Esta aproximação com a cultura alemã lhe rendeu muitas críticas de seus pares, principalmente no período da Primeira Guerra Mundial, quando João Ribeiro manteve seus “valores germânicos” em detrimento da maioria dos intelectuais, que cerraram fileiras em favor da Entente. Apesar das intempéries intelectuais das primeiras décadas do século XX, ele buscou por meio da arte, da literatura e da ciência os elementos que pudessem compor esse espírito de brasilidade. Ainda, segundo Gally (2015, p.131),

Era então na cultura que ele buscava a alma do brasileiro, seu caráter, sua essência, daí os estudos de fraseologia brasileira. Diferentemente do que acreditavam alguns de seus críticos, João Ribeiro não acompanhava todas as novidades linguísticas, pelo menos, relativizava-as. Embora estivesse João Ribeiro aderido ao naturalismo científico, com algumas ressalvas, era no romantismo alemão que ele encontrava as bases para sustentar sua pretensão de fomentar a ideia de nação, tão cara aos republicanos, naquele momento.

Se o germanismo está presente no pensamento e obras ribeirianas, vamos encontrar em Clodomir Silva também o eco da influência de Sílvio Romero, naquilo que pulsa a identidade sergipana, suas danças, seus versos e rimas, seu folclore, sua mais forte característica popular. O próprio Clodomir utilizava o termo *povismo*, para se referir às diversas manifestações vindas das periferias, cidades interioranas, geralmente associadas às pessoas de menor poder econômico. Essa cultura popular sergipana apresentava-se diversa e rica em suas manifestações, desde a capital sergipana, até as cidades do interior do estado de Sergipe. Com o crescimento de Aracaju os festejos populares deixaram de existir, sendo mantidos em alguns municípios, como Laranjeiras, uma cidade rica, culta e negra, em seu passado voltado para a produção da cana de açúcar. Numa sociedade profundamente

---

<sup>95</sup> Estudo da variação dialetal cuja meta é o estabelecimento das fronteiras geográficas para os usos linguísticos, e que tem como fonte de dados as zonas rurais, vistas como áreas não contaminadas pelo contato com outras variedades. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 676.

desigual era preciso encontrar formas de ludicidade e o escravizado mesmo proibido de realizar seus sambas e vozerios à noite, facultavam-lhes a realização de seus reisados e outras manifestações de caráter profano ou religioso (Dantas, 2007).

A dança do São Gonçalo constitui um exemplo paradigmático desses festejos de caráter popular. Segundo Beatriz Gois Dantas (2022, p. 31),

A Dança do São Gonçalo é, talvez, um dos ritos mais difundidos do catolicismo rural brasileiro. Fazendo parte da bagagem cultural do colonizador lusitano, a dança, que integrava o culto a São Gonçalo de Amarante, popular em Portugal, foi introduzido no Brasil, sendo aqui registrada pela primeira vez por Gentil de la Barbinais, viajante francês que a presenciou na Bahia em 1718. Apresentada inicialmente no interior das igrejas, foi mais tarde proibida pelas autoridades e, desaparecendo gradativamente das cidades, persistiu nas áreas rurais, onde até hoje continua sendo realizada. As descrições da dança nas diferentes regiões do país mostram, ao lado de um esquema básico fundamental que faz da Dança de São Gonçalo um ritual religioso destinado especialmente a pagar promessas, variações diversas abrangendo os diferentes aspectos da forma folclórica.

Laranjeiras com seu rico passado cultural nos legou uma das mais pródigas regiões de grupos folclóricos com mais de cem anos de existência, cujo patrimônio é repassado por meio de seus brincantes ao longo de gerações. Se Clodomir Silva pudesse presenciar como a cultura popular sergipana ainda viceja, provavelmente faria uma bela palestra para enfatizar a riqueza das nossas festas, lendas, versos, cantigas e toda sorte de expressão, contida no seu amado *povismo*, expressão utilizada por Clodomir Silva ao longo de sua breve existência para exemplificar as manifestações culturais genuinamente populares.

## 6 Considerações finais

Ao realizar a primeira etapa da pesquisa que culminou com a realização desta tese, deparei-me com o livro de Eliana de Freitas Dutra, sobre os literatos brasileiros no início do século XX, nas suas múltiplas funções. Naquele cenário carioca traçado pela autora, um nome se destacou pela sua diversidade no campo da palavra escrita. João Ribeiro, como era popularmente conhecido, um sergipano como outros do seu tempo, um migrante no Rio de Janeiro em busca do seu espaço junto à intelectualidade nas duas últimas décadas do século XIX.

Compreender a trajetória desse homem de letras foi um duplo desafio, na medida em que muito já havia sido escrito sobre ele. Buscar um enfoque com alguma originalidade constituiu o maior desafio dessa tese. Lançar luzes sobre pontos obscuros ou pouco explorados por outros autores foi o caminho escolhido na realização desta tarefa. Outro elemento definidor foi a proximidade com o estilo de vida de um outro intelectual sergipano que representou um tipo de homem de letras distinto de outros que seguiram uma certa tendência do seu tempo: buscar um grande centro urbano para projetar-se culturalmente. Clodomir Silva ao optar por permanecer em Aracaju nas três primeiras décadas do século XX, afirma seu sentimento de pertencimento e valorização a sua terra e a sua cultura. Buscar a realização profissional e pessoal em um ambiente provinciano, como a Aracaju daquele período, reforçou em Clodomir Silva o desejo de dinamizar o espaço em que vivia.

A partir do contato com esses dois sergipanos, foi elaborada a proposta de identificar aproximações entre ambos, ainda que oriundos de períodos e contextos distintos. Durante o decorrer da pesquisa, foram evidenciados diversos pontos de convergência, destacando-se o espectro comum de atuação de João Ribeiro e Clodomir Silva. As atividades profissionais que exerceram, como jornalismo e magistério, constituíram a base de suas trajetórias no campo das letras.

A decisão de destacar a cidade natal de João Ribeiro, bem como o local onde residiu até o início de sua vida adulta, resultou da constatação da escassa abordagem desse período pelos demais biógrafos dedicados à trajetória do ilustre cidadão de Laranjeiras.

Analisar as contribuições, mudanças de perspectivas e eventuais equívocos pessoais de dois intelectuais exigiu considerável dedicação, especialmente considerando que parte da pesquisa foi realizada durante o período desafiador da pandemia. Esse processo demandou o distanciamento necessário para a construção de uma narrativa que retratasse com precisão os objetos em estudo.

Assim, por meio dos quatro capítulos desta tese, considera-se que foi possível agregar informações relevantes sobre esses dois sergipanos e seus legados. Destaca-se sua atuação significativa em diferentes contextos históricos, na crítica literária, no jornalismo e nos estudos do folclore, contribuindo para o avanço das discussões acerca da brasilidade.

Dessa forma, ao destacar a trajetória de João Ribeiro e Clodomir Silva, foi possível promover uma aproximação entre ambos por meio do texto acadêmico, o que não ocorreu durante suas respectivas vidas.

## Fontes

Álbum Photographico de Aracaju. Aracaju- SE: Casa Amador, 1931.

Almanaque Brasileiro Garnier. A Livraria Garnier. Typographia H. Garnier. Bazar de Paris, M. PONTES & Cia. – SANTOS. Anno I, 1903:7-8.

Almanaque Brasileiro Garnier. Geographia Estatistica - Sergipe. Typographia H. Garnier. Paris. Anno IV, 1906: 119.

Almanack de Sergipe – Litterario-Commercial- Industrial-Informativo. Aracaju: Graphica Guttenberg, Anno 1, Número 1, 1927. BPED.

Guttenberg, Anno II, 1928, p. 65. BPED.

Guttenberg, Anno III, 1929-1930. BPED.

A Noite. Rio de Janeiro, nº8038, ano XXIV, 14 de abril de 1934, p.2. Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.

A Noite. Rio de Janeiro, ano XXIV, nº8038, 14 de abril de 1934, p. 1. Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.

A República. “Quem não sabe a arte...” Aracaju, nº 80, 14 de abril, 1932: 1. BPED.

A República. “Prof. Dr. Clodomir Silva” Aracaju, anno I, nº175, 13 de agosto de 1932, p. 2.

Carta de João Ribeiro para o amigo José Lino, Rio de Janeiro, 24/03/1895. Arquivo Pessoal – João Ribeiro, ABL

Carta de João Ribeiro para o amigo José Lino, Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 1891. Arquivo da ABL.

Carta de João Ribeiro para Graça Aranha, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1900. Arquivo da ABL.

Carta de João Ribeiro para Graça Aranha, Rio de Janeiro, 6 de junho de 1900. Arquivo da ABL.

Catálogo Comercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe. “Administração Estadual: Histórico do Período Revolucionário”. Aracaju, 1933, p. 42.

Correio de Aracaju. Aracaju, Sergipe, Editorial, nº 1, ano I, 24 de outubro 1906. BPED.

Correio de Aracaju. Aracaju, Sergipe, nº 1717, ano IX, 30 de janeiro 1916. BPED.

Correio de Aracaju. Aracaju, Sergipe, nº 1799, ano IX, 20 de maio de 1916. BPED.

Correio de Aracaju. Aracaju, Sergipe, nº 1800, ano IX, 21 de maio de 1916. BPED.

Correio de Aracaju. Aracaju, Sergipe, nº 1801, ano IX, 23 de maio de 1916. BPED.

Correio de Aracaju. Aracaju, Sergipe, nº 1802, ano IX, 24 de maio de 1916. BPED.

Correio de Aracaju. Aracaju, Sergipe, nº 1803, ano IX, 25 de maio de 1916. BPED.

Correio de Aracaju. Aracaju, Sergipe, nº 2595, ano XIII, 13 de maio de 1919. BPED.

Correio de Aracaju. Aracaju, Sergipe, nº 2854, ano XIII, 17 de abril de 1920. BPED.

Correio de Aracaju. Aracaju, Sergipe, nº 2854, ano XIII, 17 de abril de 1920. (sobre a ação de Clodomir na Liga Sergipense contra o analfabetismo – verificar título). BPED.

Correio de Aracaju. Entrevista “SUCCO” Fala o Dr. Clodomir Silva. Aracaju, Quinta-feira, 29 de setembro de 1927:1a. BPED.

- Correio de Aracaju. “Pelo Correio”. Aracaju, Segunda-feira, 19 de setembro de 1927: 1b. BPED.
- Correio de Aracaju. “O Jubileu do Gabinete de Leitura de Maroim foi ontem brilhantemente comemorado”. Aracaju, segunda-feira, 22 de agosto de 1927:1c. BPED.
- Diário da Manhã. Aracaju, Sergipe, nº1633, ano VI, 07 de novembro de 1916. BPED.
- Correio da Manhã. Rio de Janeiro, nº 12.079, ano XXXIII, 14 de abril de 1934, p. 3. Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.
- Diário de Sergipe. “Perdidas: Versos”. 9 de junho de 1877: 3. BPED.
- Estado de Sergipe. Aracaju, Sergipe, nº 5410, ano XIX, 27 de fevereiro de 1918. BPED.
- Estado de Sergipe. Aracaju, Sergipe, nº 5434, ano XIX, 31 de março de 1918. BPED.
- Fundo Epifânio Dória, Doc. 12.887, Caixa: 457, Pacote: 080. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.
- Fundo Epifânio Dória, Lista Geral dos Estudantes Matriculados na Faculdade de Direito do Recife. Caixa:459, Pacote: 086. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.
- Jornal da Região. “Lameira de Andrade”. Terça-feira, 05 de abril de 2022: 1.
- Jornal do Aracaju. “Mario e as ruínas de Cartago”. Quarta-feira, 30 de maio de 1877: 3. BPED.
- Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. Ano XLIV, nº88, 14 de abril de 1934, p. 5. Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.
- Jornal do Brasil. “Doutor Bragança”. Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1934: 4, ano XLIV. Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.
- Jornal do Comercio. “Deus o artista e a liberdade”. 15 de setembro de 1877: 3. BPED.
- Jornal do Comércio. “À memória de Francisco Alberto, inocente filhinho da Exma. Sra. D. Posidônia de Santa Cruz Bragança. 31 de outubro de 1877: 3. BPED.
- Jornal do Comércio. “À Virgem de Lamartine (Tradução)”. 4 de novembro de 1877: 3. BPED.
- Jornal do Comércio. “Carta a Manuel dos Passos de Oliveira Teles: Sobre a sua poesia “Tiradentes”. 29 de novembro de 1877: 3. BPED.
- Jornal Século XX, Ano IX, nº 194, 20 de agosto de 1927 (Número especial -In Memoriam- Acervo do IHGSE).
- Jornal de Sergipe. “Anúncio”. Aracaju, 15 de janeiro de 1881: 04, nº 02, ano XV. Hemeroteca Digital- Biblioteca Nacional.
- Jornal de Sergipe. “Literatura - Discurso”. Aracaju, 1 de fevereiro de 1880: 04, nº 10, ano XV. Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.
- Livro de Registro de Diplomas (1925-1931), p. 77-78. Arquivo Histórico do Centro de Ciências Jurídicas da Faculdade de Direito de Recife.
- O Imparcial. “Uma recordação pessoal”. Rio de Janeiro, 2 de julho de 1917: 04, nº 1641, ano VI. Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.
- O Liberal. “Na Peleja”. Aracaju, 3 de dezembro de 1929:01, nº 01. Hemeroteca da BPED.
- O Laranjeirense. “Companhia Lirica”. Laranjeiras, 24 de julho de 1887: 02, nº 29, ano I. Hemeroteca da Biblioteca Pública Epifânio Dória.
- O Paiz. Rio de Janeiro. Ano XLVIII, nº 16.949, 14 de abril de 1934, p.2. Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.

O Riso. Futuro “A minha mãe”. Aracaju, 16 de setembro de 1906: 02, nº 7, ano I. Hemeroteca da Biblioteca Pública Epifânio Dória.

Necydalus. “O Necydalus”. Aracaju, nº 43, 28 de agosto. 1910: 1-2. BPED.

Revista da Academia Brasileira de Letras: ABL, I a, 173, vol. Ia 66, 1910 a 1943.

## Bibliografia

“Discurso do Sr. João Ribeiro” in. **Academia Brasileira de Letras: Discursos acadêmicos (1897-1919)**. Rio de Janeiro: Publicações da ABL, 2005, Tomo I, vols. I- II- III-IV, p. 29-45.

Abreu, Alzira Alves de. Paula, Christiane Jalles de. **Dicionário de política republicana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV; Cpdoc, 2014: 979-980.

ABREU, M. de A. “Pensando a cidade no Brasil do passado”. In Silva, J.B. da (org). **A cidade e o urbano**. Fortaleza: EUFC, 1997.

ALBERNAZ, Maria Paula. LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário ilustrado de arquitetura**. São Paulo: ProEditores, 2000, p. 196.

ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. **Nordeste açucareiro: Desafios num Processo de vir- a -ser capitalista**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe. Secretaria de Estado de Planejamento; Banco do Estado de Sergipe. 1993.

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense: traços de uma história**. Aracaju: ADGRAF Gráfica e Editora, 2005.

ALVES, Eva Maria Siqueira; OLIVEIRA, João Paulo Gama; COSTA, Rosemeire Marcedo (orgs.) **Álbum do Atheneu Sergipense**. Disponível em: [https://issuu.com/educacao/se/docs/album\\_atheneu\\_2021](https://issuu.com/educacao/se/docs/album_atheneu_2021). Acesso em: 11 maio 2022.

ALVES, Francisco José. **Dicionário da Província de Sergipe**. São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2000: 41.

ANDRADE, Gênesis (Org). **Modernismos (1922-2022)**. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

AZEVEDO, Camerino Bragança de. **Doutor Bragança, esse varão laranjeirense**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1971.

AZEVEDO, Silvana Santos; CHOU, José Walter Teles; SANTOS, Elias. (Org). **Dois séculos de artes visuais em Sergipe**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura – Sociedade Semeat, 2008.

BARBUY, Heloisa. **A cidade exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

BARCHI, Felipe Yera. **Boemundo Brasileiro: João Ribeiro, Cultura Cosmopolita, Identidade Nacional e Escrita da História na Primeira República**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista (Unesp): Assis. Orientadora: Fabiana Lopes da Cunha. 2019.

BARMAN, Roderick. “Biography as History”. **Jornal of the Canadian Historical Association**. Ottawa, 21 (2), 2010, pp. 61-75.

BARRETO, Luiz Antônio. **Personalidades Sergipanas**. Aracaju: Typografia Editorial, 2007: 15-34.

BARROS, José D’Assunção. **História Comparada**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BASILE, Marcello Otávio N. de C. “Consolidação e crise do Império”. In: **História Geral do Brasil**. 9 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990, pp. 277-285.

BITTENCOURT, Circe. **Livro Didático e Saber Escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BITTENCOURT, João Fábio. **A vida literária no Brasil - Época modernista: um projeto de BROCA, Brito; EULÁLIO, Alexandre**. Campinas, SP, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2017.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos – O caráter sobrenatural do poder régio: França e Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras [original: 1924].

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2017: 338.

BROCA, José Brito. **A Vida Literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BURGUIÈRE, André. **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1993: 446-452.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; THEML, Neyde. **História Comparada: Olhares Plurais**. *Revista de História Comparada*, volume 1, número 1, jun./2007, 8.

CALAZANS, José. “Conferência proferida no I Encontro Cultural de Laranjeiras”. In: BARRETO, Luiz Antônio. **Personalidades Sergipanas**. Aracaju: Typografia Editorial, 2007, 196.

CALDEIRA, Jorge. **101 brasileiros que fizeram história**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2016.

CARDOSO, Amâncio. “A estrada nova do açúcar: Notas histórico-toponímicas sobre um projeto viário na Cotinguiba sergipana no século XIX”. **Revista Geonordeste**, São Cristóvão, Ano XXXIV, nº 1, Janeiro-junho, 2023. p. 225-243

CASA NOVA, Vera. **Lições de almanaque: um estudo semiótico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CHACON, Vamirch. **Formação das ciências sociais no Brasil (Da Escola do Recife ao Código Civil)**. 2ª ed. Brasília: Paralelo15; Brasília: LGE Editora; São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2008, p.188-189.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: Artshow Books, 1989: 150.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: era realista de transição**. volume 4, 8. Ed. São Paulo: Global Editora, 2023.

CRUZ, Jeferson Augusto da. **Uma mão de verniz sobre o Tabuleiro de Pirro: ecos da Belle Époque em Aracaju (1918-1926)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Alagoas, 2016.

CURY, Constantino. **Dicionário de artistas plásticos brasileiros**. 1 ed. São Paulo: Cury Arte Brasil, 2005: 334.

DA SILVA, Roberto Candido. **O Polígrafo Interessado – João Ribeiro e a construção da brasilidade**. São Paulo: Dissertação de Mestrado – FFLCH, 2008.

DANTAS, Beatriz Góis. **Devotos dançantes: estudos de etnografia e folclore: dança de São Gonçalo, Chegança e Taieira**. 2ª ed. Aracaju: Editora SEDUC, 2022, p. 31.

\_\_\_\_\_. **Laranjeiras: entre o passado e o presente: aula inaugural do Campus de Laranjeiras Universidade Federal de Sergipe**. Aracaju: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2007.

DANTAS, Ibarê Costa. 2ª ed. **O tenentismo em Sergipe: da revolta de 1924 à revolução de 1930**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 1999.

\_\_\_\_\_. **História de Sergipe República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

\_\_\_\_\_. **Os partidos políticos em Sergipe**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989: 15-97.

DANTAS, Orlando Vieira. **A Vida Patriarcal de Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

DARNTON, Robert. **A questão do livro. Passado, presente e futuro**. Tradução de Daniel Pellizzari, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DO RIO, João. **O momento literário**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1994.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DUTRA, Eliana de Freitas. **Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)**. Belo Horizonte: Editora Humanitas, 2005.

\_\_\_\_\_. “O Almanaque Garnier, 1903-1914: Ensinando a ler o Brasil, ensinando o Brasil a ler”. In: **Leitura, História e história da leitura**. Campinas- SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 477-504.

ERMAKOFF, George. **Augusto Malta e o Rio de Janeiro (1903-1936)**. Rio de Janeiro: Casa Editorial, 2009, p. 52-55.

\_\_\_\_\_. **Rio de Janeiro (1900-1930), uma crônica fotográfica**. Rio de Janeiro: Ispis Gráfica e Editora, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999: 1122.

FLORINDO, Glauber Miranda. **O método comparado na História: das problemáticas às novas propostas**. Revista de C. Humanas, Viçosa, v. 13, n. 2, 379-390, jul./dez. 2013: 378.

FONSECA, Helder Adegar. “Agostinho Neto e a Historiografia Biográfica”, **Revista de Teoria de História**, Goiás, Universidade Federal de Goiás, vol 19, nº1, 2018: 137-192.

FONTES, José Silvério Leite. **O pensamento jurídico sergipano: O ciclo de Recife**. São Cristóvão: Editora da Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2003, 15-16.

FONTES, Martins. **Nós, as abelhas: Reminiscências da época de Bilac**. São Paulo: Editora J. Fagundes, 1908.

FONTES, Nilton de Araújo; E BRAVO, Maria Auxiliadora. **Algodão em Sergipe; apogeu e crises**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 1984.

FRANCO, Josevanda Mendonça. **Atheneu “Pedro II”: Memória e Restauro**. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe- EDISE, 2015.

FREIRE, Laudelino de Oliveira. **Quadro Chorographico de Sergipe**. Paris: H. Garnier, 1902.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas do. Nascimento, e Jorge Carvalho. **Pernambuco, Sergipe, São Paulo: Os caminhos do Colégio Inglês na educação feminina**. Horizontes, Bragança Paulista, v. 20, jan/dez, 2002: 1-8.

FREITAS, Itamar. “Fragmentos de João Ribeiro: Primeiras e últimas impressões”. In: **Catálogo do acervo documental do Museu da Casa de Cultura João Ribeiro**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Dep. De História. Laranjeiras. SE: Centro de Cultura João Ribeiro, 1999: 23.

\_\_\_\_\_. “O Álbum de Clodomir Silva”. In: **Historiografia Sergipana**. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2007: 168-72.

\_\_\_\_\_. **A escrita da História na “Casa de Sergipe”**. São Cristóvão: Editora UFS; Fundação Oviêdo Teixeira, 2002.

\_\_\_\_\_. **História do ensino de história no Brasil (1890-1945)**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.

FREYTAG, Gustav. In: **Your dictionary**. Disponível em: <https://biography.yourdictionary.com/gustav-freytag>. Acesso em: 10 fev 2022.

GALLY, Cristianne. **Brício Cardoso no cenário das humanidades do Atheneu Sergipense (1870-1874)**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2020.

GASPARELLO, Arlette. **Invenção e Continuidade: A história do Brasil de João Ribeiro**. I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. FCRB/UFF: Rio de Janeiro, 2004.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: Ginzburg, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-181.

GOMES, Angela de Castro. **A República, a história e o IHGB**. Belo Horizonte: MG: Argvmentvm, 2009.

\_\_\_\_\_. Hansen, Patricia Santos. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Org. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Danilo. **Antigos cafés do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos, 1989.

GOODWIN JUNIOR, James William. **Cidades de Papel: imprensa, progresso e tradição: Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914)**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

GUARANÁ, Manoel A. C. **Dicionário bio-bibliographico sergipano**. Rio de Janeiro: Pongetti & C, 1925.

\_\_\_\_\_. Jornaes, revistas e outras publicações periódicas de 1832 a 1908. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, 1908: 775-817.

HENRIQUES, Cláudio César. **Atas da Academia Brasileira de Letras: Presidência Machado de Assis (1896-1908)**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

HUMBERT, Ana Carolina. “Abundância de Alma: As aventuras plásticas de João Ribeiro em seu contexto nacional”. In: **Nos Desvão da História: João Ribeiro**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015:137-166.

LAPA, Dayse Araujo. **Cidade de Aracaju 1870-1926: o lugar do Atheneu Sergipense**. Aracaju: Editora SEDUC, 2021.

LEAL, Dora Neuza. **Aracaju: A construção da Imagem da cidade**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2009.

LEÃO, Cotrim Carneiro. **O espaço livre público e a visão cotidiana da paisagem: o caso do centro histórico de Laranjeiras-SE**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2011.

LEÃO, Mucio. **João Ribeiro: Estudos Críticos**. Rio de Janeiro: Editorial Alba Limitada, 1934.

\_\_\_\_\_. **João Ribeiro: Trechos Escolhidos**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1960.

LEITE, Sidney Ferreira. **Cinema Brasileiro: das origens a Retomada**. 1º ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005: 19.

LEVILLAIN, Philippe. “Os Protagonistas: Da Biografia”. In: RÉMOND, René. **POR UMA HISTÓRIA POLÍTICA**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003: 141-184.

LIMA, Solange Ferraz. **Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo: Álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954**. Campinas: Mercado das letras/Fapesp, 1997.

LORIGA, Sabina. **O Pequeno X: Da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LUZO, João. “A sublime porta”. In: **Kosmos- Revista Artística, Científica e Litteraria**. Ano V, nº 11. Rio de Janeiro. Novembro de 1908: 12-13.

MACHADO, Ubiratan. **História das Livrarias Cariocas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012: 120.

\_\_\_\_\_. **Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

MALABAN, Marcelo. **Bastos Tigre: Instantâneos do Rio antigo**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Cecult: São Paulo: Fapesp, 2003: 47.

MALERBA, Jurandir. **História & narrativa: A ciência e a arte da escrita histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MARINGONI, Gilberto de Oliveira. **Angelo Agostini: A imprensa ilustrada da Corte à Capital Federal, 1864-1910**. São Paulo: Devir Livraria, 2011: 157.

MARQUES, Núbia. **João Ribeiro Sempre**. Aracaju: UFS, 1996.

MARTINS, Ana Luiza & Luca, Tânia Regina de. **História da imprensa no Brasil**. 2ed., São Paulo: Contexto, 2020.

\_\_\_\_\_. **Imprensa e Cidade**. São Paulo: UNESP, 2006: 37.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – FAPESP, 2008.

MATTA, Ana Beatriz Simões da; OLIVEIRA, Allan Philip Conceição de. A constituição da “Philologia” em “O Vulgarizador: Uma análise discursiva”. In: **Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Vol. XV, n 5, t.2. (Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2011: 1105-1114).

MAUAD, Ana Maria. “A vida das crianças de elite durante o império”. In: **História das crianças no Brasil**. Mary Del Priore (Org), 7 ed. São Paulo: Contexto, 2018, 137-176.

MELO FILHO, Murilo. **Mucio Leão: Centenário**. Rio de Janeiro. Academia Brasileira de Letras, 2001.

MENEZES, Virgínia Lúcia da Fonseca. **Levantamento das manifestações teatrais em Laranjeiras- SE**. Aracaju: FUNDESC, 1986.

MICELI, Sergio. **Poder, Sexo e Letras na República Velha [1977]**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

MOISÉS, Massud. **História da Literatura Brasileira**. v. II: Do Realismo à Belle Époque. São Paulo: Cultrix, 2016, p. 464.

MONIZ, Edmundo. **Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)**. Rio de Janeiro: ABL (Coleção Afrânio Peixoto, 88):24-30.

MONTELLO, Josué. **A Academia Brasileira de Letras: 100 anos**. São Paulo: Bei Comunicação, 1997.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Imprensa e poder**. (org). Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 24-25.

MURAKIMI, Ana Maria Brandão. **A Revolução de 1930 e seus antecedentes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A Cultura Ocultada: ou a influência alemã na cultura brasileira durante a segunda metade do século XIX**. 2 ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2020.

NASCIMENTO, José Anderson. **Perfis Acadêmicos**. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise, 2017: 255-257.

NEEDEL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEGREIRO, Carmem. Et ali. **Belle Époque: crítica, arte e cultura**. Rio de Janeiro: Labelle; São Paulo: Intermeios, Faperj, 2006.

NEVES, Margarida de Souza. “Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX”. In: **O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008: 15-44.

NORONHA, Carlos Alberto Machado. **Lima Barreto e a “reconstrução” da cidade do Rio de Janeiro: uma análise histórica do romance Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho, 2011, p. 4.

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 1984.

\_\_\_\_\_. Horácio Hora, o esquecido pintor romântico sergipano. In. **Álbum Horácio Hora**. Aracaju: Governo de Sergipe – Secretaria de Estado da Cultura, 2004, P 26.

\_\_\_\_\_. **Sergipe Provincial II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro**. Aracaju: Banco do Estado de Sergipe, 2006, p. 222.

OLIVEIRA, Filipe Silva de. **A ciência do século XIX na visão do jornalista João Ribeiro em artigos de divulgação científica (1895-1934)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2017.

PANDOLFI, Dulce Chaves. “Os anos 1930: as incertezas do regime”. In: **O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007: 16-17.

PASSOS SUBRINHO, Josué Modesto dos. **Reordenamento do trabalho: trabalho escravo e trabalho livre no Nordeste açucareiro; Sergipe 1850-1930**. Aracaju: Funcaju, 2000.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **História da Literatura Brasileira**. 1ªed. Campinas, SP: Editora Sétimo Selo, 2024, p.383.

PICON, Antoine. “Racionalidade técnica e utopia: A gênese da Haussmannização”. In: **Cidades Capitais do Século XIX: Racionalidade, Cosmopolitismo e Transferência de Modelos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001: 65-101.

PINHEIRO, Eloisa Petti. **Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)**. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2011.

Plano Urbanístico de Laranjeiras. Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas do Nordeste. **Governo do Estado de Sergipe- SUDOPE/ENSETUR**. Universidade Federal da Bahia- GRAU/ Grupo de Restauração e Renovação Arquitetônica e Urbana. Salvador, vol. 1, a região e sua ocupação, 1975.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social, 1860-1930**. 4ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.

PORTA, Frederico. **Dicionário de Artes Gráficas**. Porto Alegre: Editora Globo S. A., 1958: 394-395.

PORTO, Fernando de Figueiredo. **Alguns nomes antigos de Aracaju**. Aracaju: Gráfica J. Andrade Ltda, 2011.

RAMOS, Alessandra. “Arranjos Possíveis de uma vida privada: João Ribeiro e os desafios de compor sua trajetória pessoal”. In: RODRIGUES, Rogério Rosa. **Nos desvãos da história**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

Revisata Brasileira. **A Exposição de Bellas Artes**. Rio de Janeiro, Terceiro Anno, Tomo XI, Período julho a setembro, 1898:182-191.

**Revista Brasileira**. “Revista Brasileira” Tomo I, Rio de Janeiro: N. Midosi Editor, 1879:5-6. Anno 1, nº 1, junho a setembro.

Revista Brasileira. **Exposição de Arte Retrospectiva**. Rio de Janeiro. Quarto Anno. Tomo XV, Período julho a agosto, 1898:221-227.

Revista Brasileira. **Impressões da Alemanha – Democracia e Socialismo**. Rio de Janeiro, Tomo XV, período abril a junho, 1898:182-191.

**Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. “Cadastro”, Tomo LXXVII, Parte II, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1916: 678.

**Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. “João Ribeiro”. Edição especial, Aracaju, 1960. nº 24, v. XIX.

**Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Joaquim dos Santos Pereira. “Dados biográficos do Almirante Amintas José Jorge”. Aracaju, 1945-1948:81-97, nº19, v. 14.

**Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Parecer nº 2: a Cotinguiba. Aracaju, 1925:41-81, nº10, v 6.

**Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.** Recepção do sócio correspondente Dr. Augusto César Lopes Gonçalves. Aracaju, 1925:18-30, nº 10, v 6.

Revista Sul Americana. **Bibliografia Brasileira – Ciências, Letras e Artes.** “Os Quinze Dias”. Rio de Janeiro: Publicado pelo Centro Bibliografico Vulgarizador. 1889: 13-14. Ano 1, nº 1, 15 de janeiro.

**Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.** Edição especial consagrada ao “Centenário de Tobias Barreto (1839-1939)”, Aracaju: Imprensa Oficial, 1939. v. 15.

RIBEIRO, João. **A Língua Nacional.** São Paulo: Revista do Brasil, 1921.

\_\_\_\_\_. **Cartas Devolvidas.** Porto: Livraria Chardron, 1926.

\_\_\_\_\_. **Crítica: Clássicos e românticos brasileiros.** v. I. (Organização, prefácio e notas de Múcio Leão). Rio de Janeiro: ABL, 1952.

\_\_\_\_\_. **Crítica: Historiadores e biógrafos.** v. VI. (Organização de Múcio Leão). Rio de Janeiro: ABL, 1961.

\_\_\_\_\_. **Crítica: Poetas Parnasianismo e Simbolismo.** v. II. (Organização, prefácio e notas de Múcio Leão). Rio de Janeiro: ABL, 1957.

\_\_\_\_\_. **Curiosidades Verbais.** São Paulo: Melhoramentos, 1927.

\_\_\_\_\_. **Dicionário da Língua Portuguesa.** Et ali. Rio de Janeiro: Gráfica Sauer, 1928.

\_\_\_\_\_. **Estudo Crítico e Anotações na “Arte de Furtar”.** Rio de Janeiro: H Garnier, 1907.

\_\_\_\_\_. **História Universal.** Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1918.

\_\_\_\_\_. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1926.

\_\_\_\_\_. **O Fabordão.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.

\_\_\_\_\_. **O Folclore.** Rio de Janeiro: Organizações Simões Editora, 1969.

\_\_\_\_\_. **Obras poéticas de Claudio Manuel da Costa.** Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro Editor, 1903.

\_\_\_\_\_. **Páginas de Estética.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.

\_\_\_\_\_. **Satíricos Portugueses.** Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro Editor, 1910.

\_\_\_\_\_. **Teatro de Antônio José (O Judeu).** Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910-1911.

RIBEIRO, Joaquim. **9 Mil Dias com João Ribeiro.** Rio de Janeiro. Cia. Editora Record, 1934.

RIBEIRO, Manuela Tavares. “Intelectuais e ideia de Europa - Séculos XIX/XX”. In: **Europa Globalização e Multiculturalismo**. Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão – Museu Bernardino Machado, 2006.

ROCHA, Clara. **Revistas Literárias do Século XX em Portugal**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 25.

ROCHA, Renaldo Ribeiro. “A grande festa do centenário da Independência de Sergipe”. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE**. Nº 48. Vol. 1: Dossiê Os arquivos e a construção do conhecimento histórico. Vol. 2: Dossiê Universidade Federal de Sergipe: meio século de histórias. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2018, p.159-176.

\_\_\_\_\_. **O engenho sergipano na sua materialidade: Escurial, um estudo de caso (1850-1930)**. São Cristovão, Dissertação - Núcleo e Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Sergipe, 2004.

RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. Jacob Burckhardt (1818-1897). In: **Os historiadores: clássicos da história**. vol 2: de Tocqueville a Thompson. Petrópolis, RJ: Vozes: PUC-Rio, 2013: 95-96.

RODRIGUES, João Paulo de Souza. **A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2001:90.

RODRIGUES, Rogerio Rosa. “Traços biográficos de João Ribeiro ou as muitas faces de João Viva a São João”. **História**. São Paulo. V. 32, n. 1, jan/jun, 2013: 377-400.

\_\_\_\_\_. **Nos Anais Eternos da História: João Ribeiro e a Historiografia Nacional**. In: Nos Desvãos da História: João Ribeiro. Jundiaí: Paco Editorial, 2015:234

ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**. 4ª Ed. Tomo V. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1949, p. 319.

SAMPAIO, Prado. **Sergipe, artístico, literário e científico**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1928.

SANTOS, Beatriz B. M. **O currículo da disciplina escolar História no Colégio Pedro II – a década de 70 – entre a tradição acadêmica e a tradição pedagógica: a História e os Estudos Sociais**. Tese de Doutorado em Educação – UFRJ. Orientadora: Ana Maria Monteiro. Rio de Janeiro, 2009.

SCHERER, Marta E. G. **Imprensa e Belle Époque: Olavo Bilac, o jornalismo e suas histórias**. Palhoça: Ed. Unisul, 2012.

SCHNAIDERMAN, Boris. João Ribeiro atual. In: **Revista do Livro**. Rio de Janeiro. Ano V, vol. 19, 1960: 65-93.

SCHWARCZ, Lília Moritz. 2021. “Jornalismo como avesso: Lima Barreto e a imprensa carioca”. In: **Imprensa, história e literatura: o jornalista escritor**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: 167-186.

\_\_\_\_\_. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998: 445-464.

SEGAWA, Hugo. **Prelúdio da metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

SERGIPE. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Número especial comemorativo do sesquicentenário de nascimento e do centenário de morte de Tobias Barreto de Menezes (1988-1989). Aracaju: Fundação Augusto Franco, v. 26, n. 30, 1989: 7-117.

SERGIPE. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Edição especial consagrada ao centenário de Tobias Barreto (1839-1939). Aracaju: Imprensa Oficial, 1939.

SERGIPE. Universidade Federal de – Departamento de Geografia. **Atlas Escolar de Sergipe: Nossa Terra Nossa Gente**. Aracaju: Departamento de Geografia e Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 1982.

SEVCENKO, Nicolau. **A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio**. In: *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998: 514-619.

\_\_\_\_\_. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, 25-77.

SILVA, Ana Lícia de Melo. **Imprensa oficial do estado de Sergipe: 123 anos**. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise, 2018: 67-73.

SILVA, Clodomir de Souza e. **Álbum de Sergipe – 1820/1920**. São Paulo, 1920.

SILVA, Lúcia. “A Paris dos trópicos e a Pequena África na época do Haussmann tropical”. In: **História urbana: memória, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013: 201-223.

SILVA, Mayara Grazielle Consentino Ferreira da. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**. “Algumas considerações sobre a reforma urbana Pereira Passos”. *Urbe*. [online]. 2019, v.1, 11. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.011.e20180179>.

SILVA, Shayenne Schneider. **Em terras alheias: a viagem de João Ribeiro à Alemanha como estratégia de legitimação na educação (1895 1897)**. Tese (Doutorado na Área de História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOUZA, Cristiane Vítório de. **A República das Letras em Sergipe (1889-1930)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Sergipe, 2001.

SOUZA, Terezinha Oliva de. **Impasses do Federalismo Brasileiro (Sergipe e a Revolta Fausto Cardoso)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, UFS, 1985: 190-201.

TEIXEIRA, Suelem Demuner. **O Rio de Janeiro pelo Brasil: a Grande Reforma Urbana nos jornais do país (1903-1906)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História. Rio de Janeiro, 2020.

TELLES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

TEYSSIER, Paul. **Dicionário de literatura brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2003: 88.

TIGRE, Bastos. **Organização, apresentação, e notas Marcelo Balaban. Instantâneos do Rio antigo**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Cecult: São Paulo: Fapesp, 2003: 47.

TORRES, Acrísio. **Imprensa em Sergipe**. Vol. 1. Brasília, DF, 1993.

TRAVASSOS, Alda Rosa; DIAS, Elizabeth de Mattos. **Confeitaria Colombo**. Coleção Retratos Cariocas, vol. 1. (Rio de Janeiro: E. de M. Dias, 2002).

VAINFAS, Ronaldo (org). **Dicionário do Brasil imperial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, 544.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade negada. In. **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (Org), Carla Bassanezi (Coord. de textos). 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006, 212.

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991: 11.

VIDAL, Valdevania Freitas dos Santos. **O Necydalus: um jornal estudantil do Atheneu Sergipense (1909-1911)**. São Cristóvão, 2009.

VIEIRA, Maria Izabel Cerregosa de Carvalho. **Clodomir Silva: um polígrafo na Belle Époque sergipana**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Sergipe, 2004.

WYNNE, João Pires. **História de Sergipe (1575-1930)**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1970.

ZUCOCONI, Guido. **A cidade do século XIX**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

## **Anexos**

### **Anexo 1 – Textos publicados em periódicos por João Ribeiro**

#### CLÁSSICOS BRASILEIRO

Tenho buscado, quanto posso, responder aos leitores do Estado e igualmente meus, quando me fazem consultas ou me arguem de injustiças que só cometo por omissão ou inadvertência.

Nesse último caso está a reclamação que recebi a propósito dos "livros clássicos" reeditados ultimamente com o fim de vulgarizar trabalhos raros que hoje custam centenas de mil réis em qualquer das nossas livrarias.

É uma espécie de caridade original e proveitosa. Não era intenção minha esgotar o assunto. Apontei alguns exemplos característicos.

Mas, não é menos verdade que na informação que escrevi deixei de referir-me à casa Weiszflog daí, uma das poucas que só poderia esquecer por momentânea e culposa omissão.

A casa Weiszflog tem feito a reimpressão de vários livros antigos, que seria inútil ou difícil encontrar em suas primeiras edições.

Lembremos, para o comprovar, o livro curiosíssimo de Antonil, Cultura e opulência do Brasil, atribuído ao padre Andreoni por Capistrano de Abreu: conjectura ousada.

Ainda as interessantes Memórias para a história da Capitania de São Vicente, muito discutidas em seus conceitos, mas indispensáveis à história de São Paulo, é um número importante.

Ambas estas obras foram prefaciadas e enriquecidas de informações biobibliográficas por Afonso de Taunay.

## JOÃO RIBEIRO

A História da Província de Santa Cruz de Gandavo com os comentários do professor Assis Cintra. realmente não a conheço, mas tem lugar conspícuo nessa relação.

A História do Brasil de Frei Vicente do Salvador, magnífica edição comentada em preciosos prolegómenos por Capistrano de Abreu, não é muito rara, pois teve já duas edições recentes, a da Biblioteca Nacional e outra, (incompleta) da coleção dos "Materiais e Achegas".

Rara, mas ainda acessível, é a grande obra de Varnhagen, agora ilustrada com as anotações de Capistrano e de Rodolfo Garcia; está, todavia, no seu primeiro volume, que representa mais ou menos a terça parte do livro.

Não sei se poderia eu classificar essas publicações de "Biblioteca de clássicos". Creio que não obedecem ao mesmo formato e ainda menos a um preço convencional e uniforme. Como quer que seja, os livros que a compõem realizam a desejada aspiração de tornar acessíveis esses curiosos documentos da nossa história.

Se a casa Weiszflog quisesse, poderia editar as Cartas dos Jesuítas, que não seria muito difícil reunir, tão preciosas parecem ser para o nosso histórico-cultural. E convinha também não esquecer a literatura colonial, e os admiráveis livros de viagens de autores estrangeiros.

Enfim, nessa espécie os temas são quase infinitos.

Evidentemente, bem se percebe, a minha omissão outra dos trabalhos de Weiszflog. Explica-se por circunstância. E é que eu escrevia, como sempre, para os leitores paulistas, que não podem ignorar o que ai se tem feito, a benefício dessa ressurreição das nossas antiguidades

## CRÍTICA

Em todo caso, faço a retificação ainda a tempo, e tenho a esperança de que a casa Weiszflog alargue cada vez mais esse programa.

Ainda há poucos dias um livreiro do Rio pedia “um conto de réis” pelo primeiro volume, e único publicado no século XVIII, do Peregrino da América. O livro custa em terras portuguesas entre quarenta e cinquenta escudos nos mais famintos alfarrabistas. É serviço policial acabar com essa ladroeira.

(Estado de S. Paulo, 22-12-928)

## MANOEL DA NÓBREGA

CARTAS DO BRASIL (1549-1560), publicação da Academia Brasileira.

Um grande livro esse das Cartas dos Jesuítas, o nosso primeiro documento da história nacional, depois do descobrimento.

O Padre Nóbrega veio com os primeiros jesuítas no momento da fundação da Capital, e do governo geral, que veio dar remédio ao fracasso das capitanias. Chegando com Tomé de Souza, aqui encontraram eles a arruinada povoação de Vila-Velha, remanescente das ruínas do primeiro povoamento. E ele é também, o Padre Nóbrega, o primeiro que nos dá notícia de um homem que veio ainda moço à nova terra (é o Caramuru) e do seu genro Paulo Dias Adorno, preciosos auxiliares de Tomé de Souza.

A essa primeira leva de jesuítas seguiu-se outra em que vinha Anchieta, no governo seguinte de Duarte da Costa.

O Padre Nóbrega faleceu em 1570; as suas cartas abrangem o período de 1549 a 1560; o que deixa prever que existem outras, entre os anos de 60 a 70, que não se acham neste volume e nunca foram publicadas, ao que presumimos, pois que antes disso não estaria estancada a sua atividade epistolar.

Esse volume, presente, todavia, é um grande e precioso manancial de história e de etnografia do Novo Mundo, como se pode respigar dessas páginas memoráveis de tão admirável informação.

O livro de agora é uma reimpressão da coletânea já publicada por Vale Cabral, em edição hoje raríssima e só conhecida de alguns bibliógrafos.

No prefácio desta edição diz Afrânio Peixoto (a quem devemos a iniciativa desta e de outras reimpressões):

"Reproduzimos neste volume a modesta edição de 1886 da Imprensa Nacional, fielmente, com as sábias notas de Vale Cabral, aqui e ali alguma outra, de atualização de Rodolfo Garcia, melhor apresentada a edição. Juntamos os Diálogos do Padre Nóbrega sobre a conversão do gentio, que publicou a Revista do Instituto Histórico (tomo 43, parte II), sem aludir à cópia que possui de um apógrafo de Évora. Aliás, a eles alude no seu prefácio Vale Cabral".

Afrânio Peixoto dá-nos a grata notícia que prosseguirá no seu intento de editar as Cartas avulsas, hoje, mais do que raras, inacessíveis, e as Cartas de Anchieta.

Com essas publicações teremos uma informação cabal dos primeiros governos do Brasil, quanto se pode deduzir da obra, que foi sempre fundamental, dos jesuítas, em todos os acontecimentos daquele período.

Neste volume são dignos de nota o prefácio de Vale Cabral, o primeiro editor das Cartas, e a Vida do Padre Nóbrega, como a escreveu o imaginoso Padre Antônio Franco, que é preciso ler sempre com alguma reserva. Sem dúvida alguma, a conversão do gentio e os deveres da religião preponderam no texto das Cartas, mas outros aspectos do tempo e do lugar despertam curiosidade, interesse e o ensinamento.

No vasto programa que a Academia Brasileira vai realizando, vejo anunciados, além da obra de Anchieta e das Cartas avulsas, mais quatro volumes: o das Obras, de Euzébio de Matos; as Obras, de Antônio de Sá; o Peregrino da América, em grande parte inédito; e a Semana, de Machado de Assis.

Isto bastaria para justificar a benemerência da Academia, principalmente devido à iniciativa e atividade de Afrânio Peixoto, que iniciou e tem prosseguido na criação da Biblioteca de Cultura Nacional.

O presente volume das Cartas de Nóbrega prima pela excelência da apresentação tipográfica da Oficina Gráfica Industrial.

O texto do padre jesuíta foi todo modernizado desde a primeira edição, o que torna fácil a leitura do livro que deve andar em todas as mãos.

(Jornal do Brasil, 2-4-931)

## CRITICA III

## A PSICOLOGIA MÓRBIDA NOS ROMANCES DE MACHADO DE ASSIS

O sr. dr. Luís Ribeiro do Vale escreveu, a propósito de seu doutoramento, uma dissertação de especial valia para a literatura nacional pela escolha do assunto Psicologia mórbida nos romances de Machado de Assis.

Crescem e avultam, cada vez mais, na consideração dos pósteros, a imagem, a vida e a obra de Machado de Assis.

A todos os instantes, aparece uma contribuição nova, um aspecto singular ou inédito, fragmentos da admiração por aquele espírito, o mais delicado e sutil do nosso tempo.

A Psicologia mórbida, de Ribeiro do Vale, é uma larga apreciação, talvez mais superficial que profunda. em todo o caso, porém, muito curiosa e de indiscutível mérito intencional para um estreante.

Sobejam-lhe qualidades essenciais para transformar esse longo ensaio num livro mais primoroso e completo. A tentativa é brilhante e esconde em seus refolhos a profunda simpatia, que é condição indispensável e cimento seguro ao edifício que quiséramos ver erguido pelas mesmas mãos que abriram esse pórtico.

O livro de maior tomo e valor nessa espécie, temo-lo nas admiráveis leituras de Alfredo Pujol, obra em que o crítico foge à eiva de crítico, e dissimula, em vão, a própria personalidade, clara e poderosa. Mas, ainda que sejam raros os trabalhos à feição do de A. Pujol, que abrange toda a obra do genial escritor e nô-la ilumina nos seus mais encobertos recantos, não é para somenos apreço a contribuição de Ribeiro do Vale, que ajuda a compreender os personagens de Machado de Assis, ou, pelo menos, sugere o interesse e estímulo de os estudar no teatro da vida e da sociedade em que se moveram.

Muitas das pessoas do drama, naquela obra literária, vivem, reproduzem-se e talvez apareçam agora que é do instinto dos grandes observadores antecipar o futuro nos germens equívocos e indecisos do presente.

A "psychologia morbida" estuda-a R. do Vale principalmente em Rubião, Braz Cubas, o doutor Felix, Luís Garcia e Simão Bacamarte e em outros poucos. A galeria de "doidos" e "meios doidos" é inumerável na obra de Machado de Assis. A simpatia do romancista pelos anormais ainda é mais profunda que a de Sterne e de Dickens, com quem tanto se parece. Valia a pena que os sábios, doutores e psiquiatras, embora mais materialistas e menos inteligentes e inferiores, na capacidade de observação, aos grandes romancistas, trouxessem alguma luz a tão desconhecidos mistérios.

Uma das desforras mais curiosas da estéril e presumida ciência dos sábios é a que dá por loucos todos os homens de gênio e, atribui à meia estupidez as excelências da normalidade.

Não há dúvida que o meio termo, isto é, a mediocridade, deve ser normal, "In medio virtus", agora "in medio judicium".

Podemos escolher, entre a idiotez e o gênio, um lugar razoável. Reservemos a admiração e a lástima para os extremos da cadeia.

(Imparcial, 17-6-918)

## PAGINAS ESCOLHIDAS DE MACHADO DE ASSIS

Alberto de Oliveira, o grande poeta, e Jorge Jobim (também poeta de mérito não vulgar) compuseram as Páginas escolhidas de Machado Assis, agora editadas, em formosa e nítida edição, pela Casa Garnier.

Um excelente prefácio, escrito por Jorge Jobim, exalta os méritos do querido mestre da geração atual, do inimitável romancista. Assim conclui por estas palavras verdadeiras acerca da contida e moderada descrição do prosador, falando da sua tão discutida indiferença: "Alguns gestos de misericórdia, se os tivesse, não saíam fora das leis da eurytmia.

Mas, sob aquela aparente indiferença lhe pulsava o coração compassivo e terno, que ele apenas fez timbre em não querer revelar. Nada obstante, a sua piedade pela dor humana, que teve tanto cuidado em emboçar nas ironias que derramou pela sua obra, nela se trai de quando em quando, tal como uma flor que o jardineiro ciosamente escondesse entre os tufos da folhagem, temeroso de que alguém fosse magoá-la, mas cujo perfume esvaído e melancólico a denunciase...". Machado de Assis foi um grande, um profundo e nobre escritor.

A escolha dos trechos é sempre bem-feita e caracteriza todas as faces do talento de Machado de Assis, no conto e no romance, na poesia ou na prosa ocasional dos comentários de folhetinista.

Falta, porém, a este volume uma bibliografia. E ninguém poderia fazê-la melhor que Alberto de Oliveira, que é também notável bibliógrafo e bibliômano de entranhado amor dos livros.

Dar-nos-ia, em breves páginas, a cronologia, a crítica e a notícia das edições do nosso grande romancista, com aquela escrupulosa exatidão que se havia de confiadamente esperar das suas informações, sempre seguras e completas. Julgamos que será provisória esta lacuna. Em qualquer caso, as Páginas escolhidas de Machado de Assis, que parecem abrir a série de

uma coleção nova e interessante, não só honram o bom gosto dos seus coletores, mas ainda ajudam a vulgarizar a obra do genial escritor, que é já um dos grandes clássicos da nossa literatura.

(Imparcial, 30-5-1922)

## OS CEM MELHORES SONETOS

Carolina Michaelis organizou uma coleção — As cem melhores poesias líricas da língua portuguesa — livro para nós defeituosíssimo, porque em Portugal pouco se sabe do Brasil, e essa lacuna é sempre um defeito deplorável em todas as seleções de origem portuguesa.

De qualquer maneira — Os cem melhores sonetos brasileiros — vem resgatar a falta, proporcionando-nos a leitura de produções da literatura americana em algumas obras-primas dignas de admiração ou, pelo menos, de estima.

Alberto de Oliveira estava admiravelmente indicado para essa tarefa. O seu aprimorado gosto e a sua arte inimitável no soneto, em que produziu muitos dos melhores espécimens que possuímos, eram garantia suprema da excelência da escolha.

É certo que o grande poeta infelizmente não figura nessa coletânea, mas não devemos questionar sobre o princípio que adotou de excluir os vivos da presente seleção.

Cem sonetos parecem muitos para a nossa minguada contribuição nacional, e o autor confessa que realmente, se tivesse de consultar as suas predileções pessoais, não figurariam no livro senão Gonçalves Crespo, Luís Guimarães Júnior, Luís Delfino, Machado de Assis, Artur Azevedo, Raimundo Correia e Olavo Bilac.

São estes quase do nosso tempo e poderiam quase todos viver ainda, o que parece indicar que na realidade os melhores sonetos brasileiros são de data recente e recentíssima. Lamentamos, todavia, que não desse do esquecido B. Lopes mais que um exemplo único.

Mas em trabalho de natureza tal, o bom gosto do autor deve exercer absoluto império.

O soneto é um "componimento ântico e misterioso", diz Borgognoni, em excelente monografia sobre essa espécie métrica. Vindo da Idade Média Italiana (ou provençal, como outros querem) só na Itália ganhou a beleza definitiva de expressão, e com tal ímpeto que

logo conquistou todas as literaturas modernas. Bastariam para exaltá-lo os nomes de Dante, Petrarca, Tasso, Camões, Garcilaso e entre os últimos italianos Carduci, Pascoli e Guerrini.

A poetas grandiloquos, como Byron ou Victor Hugo, o soneto pareceu-lhes um leito de Procusto.

Macauley não sabia explicar o segredo dos quatorze versos desses pequeninos poemas. Musaffie, de Viena, estabeleceu a teoria de que o soneto resulta de uma estrofe bipartida, a frente e a sirina (esta composta por dois tercetos). É matéria difícil e própria para os arqueólogos da poesia.

Como quer que seja, o soneto agradou e venceu.

De vez em quando cai na sombra e em aparente morte, e logo depois ressurgue com estranha vida e vigor.

No momento, no Brasil, o soneto diminuiu de prestígio. Poucos poetas escrevem sonetos agora, mas certamente a geração próxima porá em moda aquela forma, que foi de muito preferida pelos nossos parnasianos.

É uma ressurreição perfeitamente normal, e o soneto, se ainda não tem tido a antiga continuidade, é que dele houve grande e desastrado abuso. Os maus sonetistas foram os que mais o prejudicaram, como sucede sempre, quando não se guarda a medida do bom uso, sempre raro e difícil.

## OBRAS DE JOÃO RIBEIRO

Para exemplificar um dos numerosos, quase todos muito conhecidos dos leitores, como os de Raimundo, Bilac e poucos outros, aí vai o de um poeta que não é muito familiar, o de Alceu Wamosy:

— Oh! tu que vens de longe oh! tu que vens cansada.

Entra, e sob o meu teto encontrarás carinho:

Eu nunca fui amado e vivo tão sozinho.  
Vives sozinha sempre e nunca foste amada...  
A neve anda a branquear lividamente a estrada  
E a minha alcova tem a tepidez de um ninho.  
Entra, ao menos até que as curvas do caminho  
Se dourem no esplendor nascente da alvorada.  
E amanhã, quando a luz do sol dourar radiosa  
Essa estrada sem fim, deserta, horrenda e nua,  
Podes partir de novo, ó nômade formosa!  
Já não serei tão só, nem serás tão sozinha:  
Há de ficar comigo uma saudade tua...  
Hás de levar contigo uma saudade minha...

Esse livro de ouro dos melhores sonetos brasileiros será acolhido como lembrança feliz que é da recordação das nossas letras, tão escassas de boas seleções com tanto carinho organizadas.

("Jornal do Brasil" – 31-8-932)

## RAIMUNDO CORREIA

### I

#### POESIA

Não escrevo as linhas que começam este pequeno artigo senão para servirem de moldura aos versos que se vão ler.

São versos de Raimundo Correia, e para todo o elogio bastaria o nome do poeta. Não é sobre o nome do autor, mas sobre o gênero da poesia, que desejo chamar a atenção. São raros entre nós tais versos, que não sejam puramente pessoais e subjetivos. A verdadeira poesia deve ter, como esta, alguma substância dramática e épica e não, segundo os cânones do estreito egoísmo, consistir em meras amplificações retóricas.

O povo, donde tudo e a mesma poesia provém, não cultiva outro gênero que não seja este; basta repassar na memória os romances e as xácaras de composição anônima e coletiva.

## PEREGRINA

### I

Zagais do monte que um lindo

Rebanho estais a guardar,

— Essa em pós da qual vou indo,

Acaso a vistes passar?

Fonte entre seixos filtrada,

- Não veio ela aqui beber?

Florinhas que orlais a estrada,

- Não vos pelo ela colher?

ó vós, peregrino bando

De andorinhas a emigrar,

Essa em cujo encalço eu ando,  
Não na vistes vós passar?

## II

Sem responderem, lá se iam  
As andorinhas pelo ar:  
E as florinhas não sabiam  
Resposta nenhuma dar;  
E a água corrente da fonte  
Corria sem responder;  
E os pobres zagais do monte  
Nada sabiam dizer.  
Mas, no fim da estrada, havia  
Uma pedra tumular:  
Esta, ai! sim, responderia,  
Caso pudesse falar.

Dos nossos onde se encontram alguns espécimens dessa verdadeira e genuína poesia,  
além de Raimundo Correia, há Afonso Celso (na Alma Vária e em outras composições suas)  
e Artur Azevedo e talvez poucos outros.

("Correio da Manhã" - 10-6-903)

## IN MEMORIAM

Quinze anos passaram sobre a morte de Raimundo Correia; a Academia celebrou a 13 de maio a data do seu aniversário natalício; teria hoje o poeta sessenta e seis anos, como eu e o Afonso Celso, e o Silva Jardim, se vivesse ainda.

Fui amigo do poeta e gozei de sua intimidade, todos os dias, durante dez anos, os últimos da sua vida.

Era ele então juiz, o bom juiz, nesta fervente metrópole.

A intimidade não diminuiu, e antes acrescentou a admiração que lhe consagrava antes de o conhecer. Sua simplicidade cativava-me tanto quanto o seu gênio, despido de vaidade ou de ênfase, que bem podia ter neste ambiente frívolo, cheio de invejas e de importâncias fúteis.

Não sei se era eu que o prendia ou ele a mim horas inteiras da tarde até à noite.

- Foi o João Ribeiro, dizia dona Zinha, ao vê-lo regressar mais tarde que de costume.

Devia ser eu, pois que não me cansava de tê-lo junto a mim.

E, entretanto, pouco falávamos de letras e de literatos, salvo uma ou outra ocasião em que Raimundo Queiroz empenhava em recitar páginas inteiras de Eça de Queiroz. Sabia de cor toda a Relíquia ou o Primo Basílio, nos seus melhores trechos. Encantava-o o conselheiro Acácio ou o bacharel Raposo.

O delírio de Brás Cubas, de Machado, ou a página

– “Ao vencedor, as batatas” – do Quincas Borba, dizia-os com a graça e a fidelidade excepcional de sua feliz memória.

Sendo um espírito grave e severo, pouco inclinado à facécia e à alegria, dos seus anos juvenis conservou até o fim da vida a predileção pelo “humour”, pela chalaça mesma das anedotas.

Li há muito tempo que Tennyson gostava a mais não poder de três anedotas populares, que costumava repetir.

Uma delas era a de um camponês de extraordinária aparência com o Rei da Inglaterra e a quem o Rei dizia:

- Sua mãe teria vindo à corte alguma vez?
- Nunca. Mas, Senhor, meu pai veio muitas vezes.

Essa história tão do agrado de Tennyson revelava o seu orgulho.

Raimundo também tinha suas anedotas preferidas, três ou quatro, que pareciam as melhores do anedotário popular.

Uma delas era de certa apresentação de dois sujeitos.

- O sr. José de Souza...
- Conheço-o já. Foi com o senhor que se deu a história de um roubo de vinte contos, não é verdade? O que eu não sei bem é se o senhor foi o roubado ou se foi o ladrão. Não me lembra agora.

Essa ingenuidade indiscreta fazia-o rir; e da mesma espécie era a outra anedota, um pouco difícil de contar com os termos próprios. Era um diálogo:

Nesta rua, meu amigo, há vinte e quatro sujeitos que são enganados pelas mulheres, sem contar com você.

- Sem contar comigo? Que desaforo!
- Pois bem. Não é preciso brigar. Contando com você há vinte e quatro.
- Vê-se que o espírito dessas histórias consiste na ingenuidade dos interlocutores.

Dizer coisas graves sem ter o ar de as dizer, parecia-lhe a expressão mais completa do espírito.

Na mocidade, Raimundo escreveu sátiras e epigramas terríveis, que teve o cuidado de expurgar das suas obras.

Irreverências tais passaram com a juventude, e nenhuma peça lhe podiam pregar que mais o incomodasse, como de publicar triolés ou versos eróticos e apaixonados do outro tempo.

Raimundo havia imprudentemente escrito um "recitativo", que os jornais de província não se cansaram de reproduzir, com grande escândalo do poeta.

Àfinal, apareceu um larápio daquela versalhada, que então começou a correr mundo sob outro nome.

Não se imagina a sua alegria! Tão grande que suponho indiscretamente ter sido ele o ladrão desconhecido.

Não pude na Academia assistir à sessão que comemorava o seu gênio, dos mais fulgurantes das nossas letras. Aqui fica essa página de saudade.

("Jornal do Basil" – 1-6-926)

## A MORTE DE OLAVO BILAC

A morte de Olavo Bilac despertou numerosas comemorações dos seus amigos e admiradores, daquém e além-mar

Merece aqui menção especial o elogio de Fernandes da Costa, na Academia das Ciências de Lisboa, que temos, num opúsculo distribuído pela nossa Academia.

E um elogio acadêmico que, ao mesmo tempo, revela a perspicácia do crítico.

Registemos a conferência de Gomes Leite, em São Paulo, menos crítica e analítica que a precedente, mas inspirada de sincera admiração pelo poeta.

A nossa Academia celebrou, na sessão de saudades, a memória de Olavo Bilac, e pena é que se perdessem no ar as vozes que então se fizeram ouvir. Mais tarde, em erudita conferência na Biblioteca Nacional, falou um intelectual. Adrien Delpech, que, em língua francesa, fez o elogio do poeta, e interpretou, com brilhante elegância e fidelidade, alguns dos seus mais notáveis poemas.

Por último, na Ode a um poeta morto, o jovem poeta Raul de Leoni glorifica, com grande beleza de ritmo, a peregrinação do poeta - intérprete da alma humana e viajor de todos os países e de todas as idades:

"Semeador de harmonia e de beleza

Que num glorioso túmulo repousas,

Tua alma foi um cântico diverso.

Cheio da eterna música das cousas:

Uma voz superior da Natureza

E uma ideia sonora do Universo!"

Onde passaste, ao longo das estradas.

Linhas de imagens rútilas e vivas,

Em filigrana

Foram tecendo, como o olhar das fadas

Nas mais nobres e belas perspectivas

O panorama dos ideais da Terra

E a ondulante paisagem da alma humana".

O culto pelo poeta, cedo roubado às nossas letras, ainda mais se reavivará, quando sair à luz o seu livro póstumo, tão ansiosamente esperado.

("Imparcial" - 23-6-919)

HANDELMANN

UM VELHO E NOVO HISTORIADOR

Temos agora naturalizada em nosso idioma mais uma história do Brasil, a que escreveu Handelmann há pouco menos de um século.

O original, em língua alemã, não tinha nem podia ter a vulgarização merecida. A língua alemã é cultivada por poucos brasileiros e os que a cultivam preferem outros gêneros de ciência e de literatura.

Conheci-a. Li com grande interesse o livro de Handelmann, como li os de Southey e Varnhagen, por prazer e gosto, mas também por imediato proveito.

Professor de história nacional, preparava-me para escrever um compêndio da nossa história. E achei neste substancioso trabalho de Handelmann muitos "pontos de vista" que necessitava para compreender a nossa história.

O principal de todos eles era o do "particularismo" do desenvolvimento do Brasil. A nossa pátria não se originou de um núcleo central que se multiplicasse ou se expandisse como Roma. Handelmann notou esse particularismo que era o mesmo da Alemanha, com a diferença que nós lhe dávamos o exemplo selvagem e bravio desse gênero de formação nacional.

O Brasil, de fato, desde os meados do século XVI, começou a nascer ao mesmo tempo em diferentes pontos, incomunicáveis quase. As distâncias e o sistema colonial favoreciam esse crescimento e a independência dos núcleos criadores mais o agravava.

O sistema colonial ligou esses núcleos à metrópole, mas não os ligava entre si. A unidade existia na religião e na raça, mas definhava ou estava ausente na administração.

O resultado foi que só se começaram a entender quando a expansão de um colidia com a de outro. Às vezes a guerra os aproximava ou fazia nascer outro núcleo povoador, como no caso do Maranhão e das povoações do sul. As grandes indústrias da criação e da

mineração formaram o contacto do interior com a zona litorânea e foram os fatores decisivos da unidade territorial e nacional.

Essas ideias, que eram as de Martius e depois de Handelmann, instruíram-me a respeito do método que havia de seguir.

Eis o que devo a Handelmann e mais nada.

O livro de Handelmann pode agora ser lido por todos, na magnífica edição em vulgar feita pelo Instituto Histórico. A tradução foi feita por três distintos conhecedores da língua, Rafael de Mayrink, que começou a versão, a Sra. Lahmeyer, que a concluiu, e Bertoldo Klinger, que a reviu cuidadosamente.

A edição do Instituto acresceu ao texto as excelentes notas de Basílio de Magalhães, as quais é pena que não fossem mais numerosas como seria desejável.

O ministro Hubert Knipping obteve dados bio-bibliográficos e o retrato de Handelmann, que foi em sua pátria diretor de um museu de antiguidades e professor da Universidade de Kiel.

A versão brasileira demorou, assaz, porque há mais de setenta anos foi escrita e era de mister que fosse conhecida imediatamente. Afinal, temos ao lado de Southey esse grande escritor que amou o Brasil de longe, sem outro conhecimento que o da erudição literária.

("Jornal do Brasil", 3-11-1931)

Da última das suas formosas e sempre notáveis notas literárias desce Medeiros e Albuquerque para honrar uma frase do meu registro de livros, onde afirmei que a República precisava mais de Joaquim Nabuco, do que Joaquim Nabuco precisava da República.

E ajunta uma anotação, que não me parece persuasiva, quando informa que na ocasião Joaquim Nabuco estava pessoalmente em condições precárias. Não sei... Isso poderia facilitar o movimento de aproximação e nunca determiná-lo, tratando-se de pessoa honestíssima, como ele o era sem dúvida.

Nabuco dava uma impressão falsa de egoísmo, e ele próprio o reconhecia, ao dizer, como me disse muitas vezes, que só saberia escrever, escrevendo de si próprio. Era uma fraqueza, na sua própria opinião.

Mas, não era egoísmo. Talvez fosse um pouco do narcisismo ou de vaidade pessoal.

Enfim, por defeitos de tão pequena monta não será que havemos de julgar o escritor, o abolicionista, o político e o diplomata.

Não estranhei que ele perdesse a questão da Guiana inglesa - mas não insinuo a parcialidade da Itália. A sentença dividia o território contestado. Os nossos direitos nessa competência não eram muito líquidos nem muito seguros. Pude ler em Londres, em 1901, um documento secreto, escrito pelo Barão do Rio Branco, em que se apontava a debilidade de vários dos nossos argumentos. Havia, mesmo razões de ordem histórica e geográfica, que Rio Branco aconselhava a não as apresentar, por conhecer de antemão os argumentos ingleses, de maior valia e autenticidade.

O folheto, ou antes a Memória, de Rio Branco, foi impressa, mas nunca divulgada, e não convinha naturalmente que o fosse. Entretanto, deve existir no Itamarati. Desde que li esse documento, convenci-me de que não seria fácil obter a vitória que todos desejávamos.

O trabalho de Joaquim Nabuco foi enormíssimo, juntando peças históricas raras e de difícil aquisição e preciosos mapas, que um seu colaborador francês copiava em vários arquivos europeus, como também pude ver pessoalmente.

A solução do contestado inglês não diminui a afirmativa de que a República dele precisava.

É possível imaginar que Rio Branco ganharia a questão. Mas, Rio Branco era monarquista ostensivamente (o que Nabuco não fez nunca) e a República continuaria a sair das suas fileiras para achar o homem necessário.

Um regime novo não tem as vantagens da experiência, como a França de 70 teve na República a necessidade de Thiers, velho monarquista. Washington era um soldado da Inglaterra na guerra dos sete anos, como von Hindenburgo, soldado do Kaiser.

É um fato geral que de tão repetido, não tem importância.

("Jornal do Brasil", 17-4-1929)

## CAPISTRANO DE ABREU

## O DESCOBRIMENTO DO BRASIL (1)

Capistrano de Abreu foi e é considerado o maior historiador brasileiro. Na realidade, não escreveu ele uma história do Brasil como todos esperavam por um erro fácil de compreender.

Capistrano de Abreu não tinha o espírito de coordenação essencial a um plano geral da nossa história. Escreveu fragmentos, prefácios, excursos e dissertações incompletas. Sabia começar e começou muitas vezes, mas não sabia acabar e de fato não acabou nunca o que havia magistralmente começado. Era uma das fraquezas desse homem forte.

Como certos artistas (e havia alguma coisa de artístico no seu temperamento literário) fazia manchas e maquettes e dava por findo o trabalho quando lograva alcançar a primeira impressão. Um impressionista, dévêras, em muita coisa ele o foi, como o foi um pouquinho nômade na sua inconstância e modo de viver. Um dia perguntaram a Ferreira de Araujo onde podiam encontrar o Capistrano.

Não sei precisamente, respondeu Ferreira de Araujo. Mas sei onde o senhor (a pessoa que fazia a pergunta) não pode encontrá-lo. Não o encontrará aqui na Gazeta onde ele escreve; não o encontrará na casa, rua tal, onde ele mora; e nem o encontrará no Colégio Pedro II onde ele ensina. A resposta de Ferreira de Araujo era apenas uma boutade do humorista. A verdade, porém, é que Capistrano morava mais nas bibliotecas que em outra parte qualquer.

Míope, extremamente míope, mergulhava a cabeça nos infólios e manuscritos e daí não era possível tirá-lo, senão quando o guarda ou vigia vinha adverti-lo de que ia fechar o estabelecimento e em alguns desses tinha a permissão de ir além das horas regulamentares.

Mais tarde conseguira modificar esses hábitos. A mania de ler matava-lhe a faculdade de produzir; e, quando produzia por acaso, as interrupções eram frequentes e longas. Daí o seu eterno principiar um grande número de coisas que não chegava à última de mão.

Seria julgá-lo mal, dando-o por incapaz de trabalho de longo fôlego.

Era versátil, volúvel em tudo quanto empreendia.

Era, sob esse aspecto, um homem tímido e ao mesmo tempo um epicurista. Pouco lhe importava escrever ou ensinar, o que queria era o prazer de aprender e estudar e como estudar; era de fato o mestre a cujas luzes todos recorriam com seguro proveito, não somente na história mas ainda em variados assuntos direta ou indiretamente relacionados ao Brasil.

Gastou toda a vida no seu *Lehrjahre* e nunca alcançou o *Wanderjahre*, que seria consolação da posteridade. Toda a sua atividade estava em revelar documentos, reuni-los como o fez nos *Materiais e Achegas*; traduziu várias obras, mormente alemãs, mas enriquecendo-as de notas e mesmo refazendo-as como a de *Wappœus*, que quase nada tomou do original, e a do Cônsul *Sellin*.

De tudo resultou que escreveu apenas capítulos magníficos, dissertações de inestimável preço, artigos de revista que a Sociedade Capistrano de Abreu vai reunindo em preciosos mosaicos que bem representam aquele grande espírito.

Na vida, Capistrano dava a impressão de um indivíduo descuidoso de si próprio, de um filósofo, como é costume dizer, o que lhe valia dissabores inevitáveis. Contudo, grangeiou a amizade e afeição de homens eminentes na política que êle julgava com mais paixão que justiça, mostrando-se por vezes ferino, malévolo e até ingrato.

Essas falhas desapareciam ou eram esquecidas diante do seu mérito.

Para a história do Brasil deixou contribuições fragmentárias, principalmente dos primeiros séculos, excetuada, todavia, a porção que lhe não inspirava simpatia por motivos fortuitos ou difíceis de explicar.

Não gostava da Guerra holandesa como não gostava de Tiradentes nem de outros fatos e vultos que não sabia julgar com inteireza. O século XIX era para o nosso historiador um livro fechado a sete selos. Em rigor, só o primeiro século da nossa história inflamava o seu interesse de pesquisador.

Era, pois, um arqueólogo da nossa história: índios, capitanias, jesuítas, primeiros governadores, primeiro povoamento e primeiras migrações constituíam o melhor das suas preocupações. E embora conhecesse profundamente muito da nossa história colonial, é certo que pouco ele conhecia da Independência em diante.

Não lhe interessava o primeiro nem o segundo reinado, nem a guerra do Paraguai e muito, muitíssimo menos a República.

Por isso, escrevemos acima que ele não poderia escrever a história geral que se esperaria do seu saber.

E, ainda, por isso, resolveu anotar a História, de Varnhagen que deixou nos dois primeiros fascículos e é provável, não iria muito adiante.

Nada, todavia, diminui a absoluta admiração por Capistrano de Abreu, só com reserva quanto ao juízo que fazia dos seus contemporâneos.

Ao registrar esse primeiro volume o descobrimento do Brasil exaltamos sinceramente os grandes serviços que está prestando a Sociedade que colocou o nome do grande sábio brasileiro no plano em que figuram Rio Branco, Caetano, Candido Mendes e outros eruditos da nossa história.

Essa parte agora publicada no Descobrimento merecia uma revisão do próprio Capistrano, se vivo fosse, quanto ao progresso e à bibliografia nova e recente do período inicial.

Bastaria para excitar a discussão o que tem escrito Duarte Leite a respeito dos primeiros navegadores que tocaram o litoral sul-americano.

Estudos mais recentes reclamariam a revisão da parte referente ao povoamento do sertão. Os admiráveis prolegômenos à obra do Frei V. do Salvador, representam já uma revisão.

Muito sugestivas são as sínteses históricas editadas pela revista Kosmos, de 1905, que em parte modificam e completam as contribuições anteriores do mesmo livro.

É inútil encarecer a importância de tudo quanto escreveu o mais afamado mestre da nossa história e este primeiro volume justifica o esforço e a diligência que pôs a Sociedade em vulgarizar semelhantes trabalhos, hoje raros e mesmo inacessíveis.

Não há uma só página que não ofereça úteis ensinamentos ainda hoje para os mais versados no assunto. Capistrano de Abreu sempre descontente e desconfiado dos seus próprios méritos recusaria a ideia de reimprimir esses estudos, pois, estava sempre a pensar em documentos novos que necessitava ler para assentar as conclusões definitivas em qualquer ponto da nossa história; por tal a sua tese de concurso, raríssima, só agora foi reimpressa. Esses escrúpulos, sem dúvida excessivos, deixavam em hesitação perene aquele espírito sequioso de saber. Por isso, não escreveu mais que fragmentos e capítulos quando ninguém mais e melhor do que ele podia lançar os fundamentos da história brasileira, integral e harmoniosa, que não possuímos ainda.

A vida de Capistrano presta-se a um verdadeiro romance como esses que estão em moda na biografia. O largo anedotário que lhe não falta, bastaria para incutir o interesse do leitor comum.

("Jornal do Brasil", 1-1-1930)

OSÓRIO DUQUE ESTRADA

HISTÓRIA DO BRASIL

Tivemos aqui mesmo a oportunidade de dizer que o livro da Abolição, do sr. Osório Duque Estrada, fora um perfeito desastre.

Não era e nem é possível escrever, rapidamente, uma história que não está inventariada, cujos documentos, avulsos ou inéditos, não foram sequer ordenados, e cuja extensão, quanto ao seu interesse geral, avulta além das nossas fronteiras.

Tenho, felizmente, sem quebra da minha imparcialidade, a ocasião propícia de elogiar a História do Brasil, que acaba de publicar o mesmo autor.

É um livro bem-feito e que corresponde amplamente aos seus fins; abrange, em síntese bem escrita é adaptada às necessidades didáticas, toda a nossa história desde os seus primórdios até o momento que atravessamos.

Foi esta obra concebida e levada a termo, em dois meses, diz o autor, e não duvidamos que o fosse; mas da história pátria existem já numerosas sínteses menos más e a do sr. Osódio Duque Estrada deve ser contada entre as melhores.

A brevidade do tempo aí nada significa, pois deve atender-se ao cabedal de experiência de quem é professor da matéria, há vinte anos pelo menos, e soube extrair desse longo tirocínio as qualidades magistrais que se revelam nessas páginas.

Sem dúvida seria fácil e detestável crítica esmiuçar uma ou outra inadvertência, entre a multidão numerosa de fatos ali contemplados.

Nenhum dos livros nesta espécie escaparia a uma inquisição de tais vulgaridades.

A clareza de estilo, a correção e o método, auguram a este livro, podemos dizê-lo, com franqueza, numerosas edições, e conseqüentemente o ensejo de progressiva revisão do texto, desde já excelente.

Em apêndice há uma nota interessante sobre José Bonifácio (D. Pedro e o Patriarca) e no texto outra, acerca dos jesuítas. Discordamos de ambas, mas reconhecemos o interesse que despertam.

Também deu proveitosamente o sr. Osório Duque Estrada maior desenvolvimento (do que é costume nos livros congêneres) às questões e guerras platinas, do Uruguai e de Oribe e Rosas. Na segunda edição dará o autor maior e mais proporcionado desenvolvimento à guerra do Paraguai; esperamos.

Tenho passado por juiz demasiado severo, propenso a iniquidades e ressentimentos inexplicáveis. Quando escrevi que a Abolição era um desastre e escrevo agora que a História do Brasil terá seguro êxito, espero apenas do tempo o melhor testemunho da minha imparcialidade.

("Imparcial", 8-4-1918)

## Anexo 2 – Textos publicados em periódicos por Clodomir Silva

### O 1º ANIVERSÁRIO

Passa hoje o 1º aniversário do nosso jornalzinho e, felizmente, nada de mal temos a lamentar.

Quando a criança expõe à luz diáfana do sol o seu porte imáculo e seu corpinho delicado, ainda muito lhe falta para chegar a ser perfeita – o que o tempo gradualmente vai fazendo.

Idêntico nos acontece: apareceu o nosso jornal e de há muito caminha em procura da perfeição, ao que esperamos, o tempo nos há de fazer chegar.

A senda do futuro da vida é extensa e termina na morte física; mas o futuro no ponto de vista moral é a eternidade; para este é que a passos lentos nos encaminhamos. Passos lentos, porque não é dado avançar quando são trôpegas as pernas, embora o pensamento seja fixo, e ao principiante sempre, mesmo progredindo, segue a opinião de que ele será para toda a vida o indivíduo do primeiro dia.

Talvez que a norma traçada pela natureza não nos tenha como exceção; havemos de evoluir, e se não faltar o necessário meio de publicidade chegaremos, sem dúvida, ao ponto almejado.

Das poucas vezes que foi “O Necydalus” armado em combate coube-lhe a glória, e suas ideias e opiniões triunfaram; e estas vezes foram o projeto do norte-americano Gordon Moore e a construção do Riachuelo.

Da primeira coube-nos o triunfo total, e da segunda, parcial. A primeira foi resolvida a favor do pretendente pela nossa ex-assembléa (1909) e vetada pelo Presidente da República; e a segunda foi, desde que começamos a propagar, secundada pelo Dr. Presidente do Estado.

E estamos no primeiro aniversário do “O Necydalus” sem o menor ardor da vida pôr à parte o estudo a que nos dedicamos.

Que ele avance e que os nossos companheiros de trabalho nunca se descuidem da posição tomada na luta pela vida do nosso querido jornalzinho.

O Necydalus. Aracaju, n.º 32, 08 maio 1910, p.2

## O NOVO ATHENEU

Em agosto do ano de 1908, quando o Estado estava sob a presidência do desembargador Guilherme Campos, foram desapropriados uns terrenos e uma casa na praça Mendes de Moraes, para ser construído um edifício para o funcionamento do Atheneu Sergipense.

Depois de efetuados os necessários preparos, teve lugar o lançamento da pedra fundamental do edifício, com todas as cerimônias, com que se costumam realizar estes atos.

Algum tempo depois, deixou o governo o dr. Guilherme Campos, assumindo o dr. José Rodrigues da Costa Dória; e algumas esperanças ainda restavam de pé; alguma crença em que fosse erguido o tão sonhado edifício, que tanto embelezaria a encharcada praça Mendes de Moraes, habitava ainda o coração daqueles que amam as coisas justas e direitas e estimam o progresso de sua terra. A noite escura e fria do esquecimento porém, caiu sobre os começados alicerces do futuro estabelecimento de ensino superior e hei-lo abandonado e estacionário.

Agora, que novos horizontes se descortinam para a instrução sergipana; agora que o estudo começou a ser um fato, é justo, é de direito mesmo, que se recomece a construção do prédio referido, já que o Tesouro do Estado possui os suficientes recursos monetários.

O prédio que agora serve de Atheneu e que é situado numa praça deserta, no fundo do Quartel de Polícia, ausente do convívio da cidade, como uma coisa desprezível que se atira a um canto afastado dos outros estabelecimentos, defronte de um areal imenso, que é bem um Saara pequenino, foi construído há muito tempo já para nele funcionar uma fábrica de vidros.

Atualmente se conjectura que no local onde deve ser erguido o palácio para o Atheneu Sergipense vai ser construído um par sede da “Escola Modelo” que pretendem aqui

estabelecer. É lastimável de veras, isto é, caso aconteça, resta-nos o gosto de ver, qualquer dia, desabar o velho salão do atual Atheneu, o qual nada tem de seguro nem de cômodo.

Sergipe nas condições em que se acha não pode manter uma Escola Modelo, que além de muito despende, não terá frequência, caso lhe aconteça o mesmo que a Escola de Artífices – não ser instalada, e nem se saber onde funciona.

Ajuntar mais um benefício aos demais feitos, dar mais um sopro de vida à instrução pública não é de certa coisa demasiada difícil, e o Atheneu Sergipense no prédio em que funciona não tem a aparência de um estabelecimento de ensino e sim de um hospital.

Aqueles consertos feitos, aqueles compartimentos construídos ao pé do salão velho, não parecem outra coisa mais que uma casaca velha com duas bonitas mangas, de pano forte e diferente.

Aqui fica um pedido justo, uma obra de misericórdia feita ao velho estabelecimento de ensino, por cujos bancos passou toda a geração intelectual de Sergipe, geração esta que enche de orgulho a pequenina Pátria de que todos nós somos filhos.

Seremos atendidos?...

O Necydalus, Aracaju, nº 44, 07 set. 1910. p.1.

## O NOVO ATHENEU

Conhecêssemos nós diversos tópicos da Mensagem Presidencial referentes à Instrução Pública, e não nos teríamos ocupado, em o número passado, do terreno para a construção do novo prédio para o Atheneu Sergipense.

Dos vários capítulos em se acha dividida a mensagem, alguns nos passaram despercebidos, já por encerrarem períodos sobre política, já por conterem dados sobre finanças e vários assuntos alheios ao nosso interesse; prenderam-nos, porém, a atenção os tópicos referentes ao Atheneu Sergipense.

Em alguns números passados analisamos, também, a deficiência de tempo para a distribuição das cadeiras, o atropelo das matérias, e a opressão do tempo das aulas, do mesmo modo que lembramos a nomeação de lentes substitutos para diversas matérias do curso.

A Mensagem Presidencial deu-nos algumas e fagueiras esperanças sobre ambos os assuntos de que nos ocupamos quando, se referindo a aterros, disse:

– “A extensa lagoa, ocupando o centro da quadra formada pelas ruas de Itabaianinha, S. Amaro, Laranjeiras e Praça Mendes de Moraes, e cuja parte mais funda se encontrava entre os alicerces do projetado edifício para o Atheneu e o Talho público, está aterrada, restando apenas completar o nivelamento.

Não era possível que permanecesse junto ao Talho e a um projetado edifício para o ensino, tão perigoso foco de infecção, para cujo desaparecimento, tem sido empregados alguns milhares de metros cúbicos de areia”.

– E quando se referindo ao tempo:

– “A multiplicidade de cadeiras do Atheneu, lecionada em diversos anos cada uma, está a exigir a criação de auxiliares do ensino, provido nos lugares pelo processo de provimento das cadeiras, sendo distribuídos por seções”.

É isto que nos dá mostra da vontade de construir o prédio, é mais um louvável passo para o progresso da instrução, cujo nome vem já desde os tempos de exames de preparatórios mutilado e mal acatado.

Quando dispusermos de todos os materiais, quando possuírmos os meios necessários a todos os ramos da instrução, então Sergipe poderá dizer que possui o que de há tempos aspira, que o ensino não é mais uma quimera, e que os sergipanos já não precisam procurar fora os recursos suficientes para o progresso e para a vida do cidadão.

Continue o Dr. Dória a obra de salvação do ensino desta pobre terra, e verá que seus filhos serão cultores das letras como têm sido Sylvio Romero, João Ribeiro, Manoel Curvelo, Manoel Bonfim e tantos outros homens ilustres.

Avante! porque o futuro de Sergipe depende da instrução de que todos carecemos e que até hoje tem sido tão deficiente!...

O Necydalus, Aracaju, nº 46, 16 set 1910, p.1.

## ÁLBUM DESCRITIVO SERGIPANO

É digna dos maiores entusiasmos a ideia da publicação do Álbum Descritivo Sergipano.

Conhecido como é este sistema de publicação, e sabidas as vantagens que oferece ao desenvolvimento de um Estado, certo não se furtarão os sergipanos de contribuir com grande cópia de contingentes riquíssimos de que dispõe o nosso pequenino Estado.

Um álbum é um livro que compõem fotografias de grande número dos melhores pontos do Estado, dados estatísticos que permitirão calcular sua situação econômica, resenha histórica de sua vida política, de seus filhos ilustres, extintos e vivos, noções de sua Constituição, e produções de poetas e escritores contemporâneos, e não no Estado cuja descrição contém, mas em todos os lugares onde tem pouco conhecimento da vida das outras partes da Federação, e no estrangeiro, é que ele produzirá seus efeitos, benefícios e propagadores, resumindo o que acerca de sua identidade se pode pensar, de progresso e de vida regulada.

Sergipe nunca teve suas riquezas, sua cultura e seu modo de viver propagados em parte alguma. Fora daqui nada se conhece do seu passado histórico, e a não serem nomes destacados de filhos ilustrados, a literatura sergipana é conhecida somente dentro do Estado.

Portanto, prestaremos os esforços de que dispomos a tão útil e patriótica ideia.

O Necydalus, Aracaju, nº 47, 21 set 1910, p.1 e 2.

## INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE

Discurso pronunciado no Instituto Histórico e Geográfico, na sessão extraordinária de 3 de maio, comemorativa do descobrimento do Brasil.

Ex.mo Presidente do Estado; ilustres consócios; auditório:

Não me arrojo aqui, porque possível não me seria mesmo, a vir dizer-vos grandes cousas a respeito da descoberta da terra do Cruzeiro, fato grandioso e altamente eloquente não só no seu tempo, como em todos os tempos.

Dissertação, conferência, não é isto que aqui me traz senão aceder a um pedido amigo, a que não me pareceu lícito fugir, sócio que também sou deste Instituto Histórico.

Em se tratando de História, como também de assuntos mais positivos, o brasileiro não é forte, e raras exceções se manifestam consciente e sabiamente a respeito das dúvidas que se levantam e das controvérsias que se estabelecem.

Nós todos que agora nos reunimos nesta sociedade onde se cultuam as letras da Geografia, da História e da ciência, não é senão por uma convenção um pouco injustificável que estamos comemorando hoje a descoberta do Brasil.

Afastada por agora a circunstância de terem Ojeda e Vespúcio tocado o extremo norte do futuro Brasil em 1499, de terem Diego de Leppe e Vicente Yanes Pinzon no seu território estado em Janeiro, Fevereiro e Março de 1500, vamos crer que a Pedro Álvares Cabral coubesse mesmo a glória de tocar primeiramente a areia de suas praias.

Em que dia, porém, nos diz a História unanimemente, que isso aconteceu? – a 22 de Abril do ano de 1500.

Todos os outros pontos da descoberta, a visita de navegantes anteriores, locais onde estiveram, vestígios que deixaram, tudo tem sido discutido, afirmado, negado e reafirmado às vezes. A data, porém, em que foi visto o Monte Pascoal, primeiro ponto em que se fitaram

os olhos da política de Cabral, essa não houve dúvida, que dúvida não consentiram permanecesse as crônicas de bordo, concordes todas neste tocante.

A mudança da comemoração da descoberta portuguesa do Brasil de 22 de Abril para 3 de Maio é crível que se alie mais à circunstância de ser este dia o da invenção da cruz e, portanto, escolhido pelos reformadores para que se fizesse a fusão dos dois acontecimentos: a invenção da cruz e a descoberta da terra do Cruzeiro.

Opiniões surgiram depois e se mantém ainda de que a adaptação do calendário Juliano ao gregoriano, diferentes de 10 dias então, foi a determinante de tal procedimento.

Pena é, porém, que não, fossem muito versados na ciência dos números tais justificadores, pois que, ao momento em que procuraram apoio assim esqueceram-se que se juntassem 10 dias ao 22 de Abril, teriam como resultado 2 de Maio e nunca como se estabeleceu.

Ademais essa mudança não poderia ser uma coisa fixa, estável que durasse nos tempos com caráter matemático.

Giravam os acontecimentos tendo como eixo o ano de 1500 e este ano segundo o calendário Juliano, dada uma reforma, teria que sofrer o acréscimo de 10 dias, e julgaram os responsáveis que uma data célebre é intransferível por questões astronômicas. Dado que assim fosse razoável proceder, que o critério mais judicioso tal determinasse, teriam os astrônomos um computo para que, anos avante, se registrassem as alterações que fossem sofrendo os calendários e pudessem todos os povos ter ao certo o dia positivo de seus heroicos feitos.

Coerente embora, isso não deixaria de ser irrisório. Andarem os bravos e os heroicos, espada flamejante ou leme à mão adstritos aos algarismos dos astrônomos abstraídos e cismadores!

Os assinalados fatos, notáveis que são, não se subordinam a leis posteriores e ninguém poderá compativelmente reformar as eras e os tempos já idos.

Por outro lado, não devemos continuar no dia marcado pela primeira reforma.

O que mais lícito me parece é cultuar o descobrimento do Brasil a 22 de Abril não a 3 de Maio pois que fazendo a adaptação do calendário Juliano ao gregoriano, atualmente no século XX, a distância andaria por 13 dias, isto é, a data comemorativa do descobrimento seria, tomada a verdadeira ampliação para 2 de Maio, rigorosamente 4 de Maio!

No grande rol das nações reconhecidas somos o povo que ainda não sabe ao certo como deve escrever o nome de sua pátria e o único que tem denominação verdadeiramente desrazoada.

Por esse ou aquele motivo, aquela ou aquela outra hipótese, dos diversos nomes que fomos tendo desde que Cabral descobriu oficialmente o país, o que se fixou e se afirmou foi o nome simpático de – Brasil.

Em aceitá-lo não houve dúvida; houve, porém, em saber escrever a palavrinha e daí por diante Brasil se grafou ao léu do momento, ora com s (eu não uso chamar essa letrinha esse) ora com z, sem determinante nem orientação. Após o nascimento da filologia, procurou-se estudar a grafia exata e discussões

se travaram qual mais engraçada e despropositadamente mantidas. Homens de vulto, porém, foram ao norte verdadeiro e elucidaram a questão.

Os desafeiçoados ao Brasil com s se apegaram com um ardor de náufragos à rama salvadora de que o Brasil derivado de brasa só poderia, segundo esse étimo, escrever-se com z e nunca com s.

O critério melhor provou seguidamente que sim, que Brasil é termo derivado do termo brasa, mas que isto vem justamente falar que brasa derivação que é do verbo “brassein”, do antigo alemão aquecer, ferver, escrever-se com s porque aquele dito verbo é grafado com essa letra dobrada, sendo que a simplificação se faz para uma das mesmas letras

e nunca para o mesmo z. Todos os seus derivados, portanto, são escritos com s e nunca com z.

Afora isso, só o Inglês é a língua em que se escreve a palavra Brasil com z;  
todas as demais o fazem com s.

O sufixo designativo de nossa individualidade como povo, é também passível de censura porque é quase pejorativo.

A terminação eiro indicativa de produtor, fabricante, traficante não é própria para significar o caráter gentílico. Todos os povos têm seu nome coerente com as regras de sua língua; todos eles, mesmo dentro do Português são reconhecidos com designação direta.

Os filhos da terra de nosso berço têm seu nome perfeitamente equívoco e inexpressivo.

Não somos brasileiros mas sim brasileiros, como é marceneiro o homem que trabalha na marcenaria, sapateiro o que lida na sapataria, marinho aquele que marinha, e trapaceiro o que faz trapaça.

Somos, portanto, Nação que cultiva em menor e imperceptível escala. Não sabemos das vantagens auferidas do trabalho, não sabemos dar importância ao meio em que isso decorre, pois que todos os esforços têm passado infrutíferos. Politicamente somos vítimas do mesmo mal.

O Norte, a terra promissora do grande futuro, a região das várzeas, das matriculosas Amazonas regado pela bacia do maior dos rios, onde se agitam riquezas inumeráveis de província na província ao grande sol dos trópicos.

Do cearense — limão do seu inexplicável vigor; o Norte, onde labuta a família ingente da raça do sol e animada pela visão poética nas atividades — ajusta pela inteligência sua tenacidade de esforço; na atividade escorpião das veias brancas da sociedade das Alagoas; o Norte, onde se centrava sempre a ciência do Brasil comprimindo dum lado pelo São

Francisco gigante e doutro pelo largo espelho do Rio Real, ao fundo pela ambição do vizinho maior e poderoso, com florestas imensas, com produtos agrícolas e industriais para cooperar à forma progressa na civilização, e em alude-se pela vastidão do Atlântico à presidência da Nação.

Estabelecida a regularidade constitucional do regime republicano, nenhum estadista do Norte ocupou ainda a presidência.

Somos um povo negligente, força é confessá-lo.

Dotado de tudo quanto constitui a felicidade, não conhecemos, entretanto a felicidade. Temos o solo fértil onde levada grão crescem erva, arbustos, arvore e o arvoredos; onde florescem e se ostentam o bosque e a selva; onde se ocultam os fólhos de ouro, os negros carbúnculos, as jazidas colossais do carvão. Rios maravilhosos sulcam terras sem conto, fertilizando-as sem cessar e facultando que as populações pelo seu veículo se comuniquem; belezas naturais, temos-lhes imensas; portos vastos, enseadas, baías e ilhas.

De outro lado, não nos faltam estadistas e homens públicos.

Provados em lances difíceis se apontam para falar nos mais novos somente, arrojados como Floriano; sábios como Rio Branco, o gênio tutelar de nossa diplomacia; hábeis como Pinheiro Machado, o maior político do Brasil, ponderados como Wenceslau Braz. Patriotismo temos. Conhecidos nossos são Barroso, Marcílio Dias, Camerino, Ozório e tantos mais, e notório está frisante mente no espírito público o movimento da mocidade nacional no presente momento de nossa História.

Leis não nos faltam. São em grandes cópias as que temos, tudo visando, tudo prevendo.

Possuímos capacidade para assimilar e a prova está em que não deixamos que o estranho produza melhor quando o incentivo nos impele.

Somos nação rica: doura nossos campos férteis onde o camponês ara e semeia o gérmen da nova ceara uma primavera contínua; o azul do nosso céu só é que ao céu se põe

limite é constantemente belo; contamos estadistas e temos patriotismo; legem habemus; talento possuímos.

Que nos falta, pois para que atinjam a ventura e a perfectibilidade? – Falta-nos orientação, falta-nos cuidado pela infância, que é a base do futuro, falta-nos desprendimento e a união de vistas.

Para que subamos na escala da perfeição não carecemos de reformas de regime nem de leis; não precisamos mesmo de comoções nem de sangue.

Legisla o parlamentar com as vistas na unidade da Pátria, docente o governante mirando uma síntese da vida nacional; trabalhe o educador para a formação dum cidadão brasileiro e duma mulher capaz de fazer brasileiros, conhecendo-se a conhecendo sua terra, fazendo ponto de apoio na educação e no conhecimento das necessidades gerais e teremos tudo resolvido não para muitos séculos mais.

A nossa dispersão de forças tem-nos sido terrivelmente maléfica. O Brasil é um gigante com experiência de criança. Educar, que a Escola é a sementeira do Bem, o adito da verdade. Brasil pátria de heróis; Brasil colosso miraculoso! A tua extensão territorial as tuas infinitas belezas, a tua incalculável riqueza constitui uma sedução para os que sonham ainda as conquistas no tempo civilizado.

Possam os teus filhos, movidos de bravura leonina, tornar intransponíveis as tuas fronteiras e os teus portos; possam ressurgir nos moços guerreiros de hoje as indômitas bravuras dos seus aborígenes selvagens, e cantando os hinos altivos, partam eles para lutar pela liberdade de sua terra nativa.

Oxalá, assim seja, porque o teu dia de glória não estará longe e este será quando da populosa artéria carioca ao rincão bravio do Mato Grosso, do paludoso arraial amazonense à cidade valorosa da campanha gaúcha, erguerem-se escolas e o manejo do arado for companheiro do livro e ambos cessem ao rufar do tambor.

Eu creio no teu futuro, Brasil querido!

Estado de Sergipe. Aracaju, n° 5.180, 05 maio 1917, p1-2.

## NATAL

Natal será sempre, para meu espírito de admirado apreciador da tradição, uma festa gloriosa e bela.

Quero-o como as mais queridas adorações da minha vida!

Pelo seu prisma docemente majestoso vejo em retrospecto fulgurante seus dias de outrora aos e contemplo com tristonho respeito à lenta mas visível transformação que nele, no seu modo de festejar se vai operando.

Decerto o Natal de hoje não é o de alguns anos antes.

A população de estranhos aos costumes aracajuanos, leva a meu modo de entender ao regredimento os hábitos próprios nossos.

O Estado contribui com um avultado número de habitantes para a capital, e esses não cultuando suas tradições locais, nem assimilando as nossas da praia repousam num lamentável descuido por tudo o que constitui o costume e o hábito.

É conhecido que o sergipano não se dá mesmo ao cultivo de suas lendas nem ama o conservar o uso dos seus maiores. Ansioso por progredir, põe de parte o que lhe possa comprometer o foro de civilizado; estranhas circunstâncias o afastam daquilo que a todos os povos do mundo fala mais ao coração e a crença – a tradição. Que fazem os aracajuanos para cultivar a legenda? Nada e nada.

Não temos reisados; a chegança desaparecendo aos poucos, se exclui das nossas ruas centrais, para relegada à rua-de-canto, celebrar os feitos gloriosos da tomada pelos cristãos das cidades moiriscas; cucumbis, parafusos, as modas os repele, e até o lambe-sujo, o brinquedo rememorador do célebre feito do Quilombo dos Palmares vai descaindo de se fazer, pois que nem mesmo aos traços da História Pátria respeitam as incursões demolidoras.

Quem é o homem senão uma série de antecedentes? Que somos todos senão continuadores do passado em meio às condições do presente e entre as possibilidades do futuro?

O reisado era, em melhores tempos para a legenda a nota característica dos festejos do Natal, e por ele aspiravam as crianças, os velhos se esforçavam, e toda a gente vibrava quando ao som dos pandeiros renitentes e ao alarido das violas se agrupavam à porta fechada da família festeira. As “figuras” fantasiadas, clamando em toadas dolentes, porque a música brasileira herança de raças oprimidas e sofredoras é triste, entoavam o célebre “Abre a porta, rei de França” ...

De todos os povos que diretamente descendem de nações selvagens, guerreiras que elas eram e por isso mesmo cultivadores do seu passado e das suas lendas – o sergipano é o que se afasta mais de brusco do apreço à tradição.

De nada valeu amar tanto o forte Boipeba as terras que continham os restos dos seus guerreiros; em nada vingou vibrar o destro Siriry a núbia sonora conclamando os valentes de suas tribos ao culto do solo e do antepassado. A gente que deles derivou não ouve já – séculos adiante – o som belicoso e convidativo, nem procura saber que eles morreram por defender a tradição: - volta-se para o mercantilismo e não quer ser “selvagem”.

Hoje, dia de Natal, vibram os sinos e nas alvas naves o incenso sobe em espiras densas em procura do mais alto. O misticismo católico, embora não me dominem os dogmas e os preceitos de credo algum, eleva-me o espírito aos alcandores do sonho purificador, não só pelo aparato do rito como também porque o que na igreja se pratica não é nada além duma veneração profunda à tradição religiosa.

Ninguém de nós moços poderá por de lado o império que a legenda religiosa tem, que não o faça ferindo suas recordações e seus gratos momentos do passado.

A crença que santifica, segundo seu entendimento a paixão terrena, não poderia fugir a dar-lhe asilo também.

De mim sei dizer que no espírito me falam sempre amoravelmente os dias de Natal com suas festas especiais, com seu cortejo de grandiosos júbilos; o tempo em que até o esplendor da Natureza contribui, no nosso país e sob o nosso vibrante sol, para a alegria dos homens.

Pelo tempo formoso, mais vividas são as evocações e mais fulgurante seu esplendor.

E porque evocar seja um bem, pois “recordar é viver” lá o diz Júlio Dantas, evoco ao findar estas toscas nôtulas – doces e gratas:

Matinas... Havia festa  
na vetusta catedral  
vibravam sinos em festa  
e alegria viva e nesta  
irradiava... Natal!!!

E ao forte tumultuar  
na grande nave festiva  
alguém quedava a pensar  
em paixão constante e esquiva.

Ditoso quem se esvaece  
a meditar em seu bem  
embora o Amor, sol que aquece  
creste a ventura também.

É, ao sublime pensamento  
de amor, que tanto a empolgava,  
ligava-se em vivo acento,  
a paixão que o dominava...

Afinal a vida nos seus mistérios e nas suas grandes positivizações nada é mais do que uma infinita cadeia. Todos os elos se prendem: o passado alia-se ao presente, as lembranças se prendem, os hábitos se jungem.

Cultivemos a tradição; demos vulto ao prestígio dos nossos hábitos para que não se venha radicar a afirmação hoje, já muito razoável de que Aracaju é uma cidade que mata a legenda.

Estado de Sergipe. Aracaju, nº 5.637, 25 dez. 1918, p.2.

## MEU SERTÃO

O pobre sertanejo só tem a entusiasmá-lo na exigüidade de seu meio, os efeitos guerreiros dos cangaceiros. G. Barroso, (Heróis e Bandidos).

A nascente literatura regional, menos cuidada e mais bela que sua rival – a literatura herdada da metrópole de Portugal – acaba de ser enriquecida com um livro apreciabilíssimo, que tal é a obra “Meu Sertão” do já conhecido e festejado cantor Catulo da Paixão Cearense. Não enfeixa a brochura recém-vinda a lume, uma historia romanceada de lances duradouros e extensos, em que o bacamarte arranque as vidas e o sangue enrubesça as terras acidentadas do legendário Ceará. Não é uma serie de contos traçados à moda sertaneja com a forma e o costume precisamente delineados, e em que vêm a pelo, não a bravura forte e severa do sertanejo, mas episódios mais ou menos calmos onde vibra o Amor e donde irrompem, de momento a momento, os feitos Jaimes "da pió surucujuba que Deus criou: - a muié". Catulo, dizem os que fazem referencias a seu estro, que são Afrânio Peixoto, ministro Alberto de Oliveira, Humberto de Campos e Roquete Pinto – é o mais legitimo representante da poesia genuinamente patrícia.

Não é um poeta piegas, de versos forçados em que façam as honras de cortesia cloróticas Julietas e languorosos Romeus. Ama a Natureza, tira dela seu material, e escreve para a viola - instrumento que faz as delícias das noites agrestes em que se cantam as louvações às primitida; a alma de pau e corda.

O homem é um produto do meio: nasceu dele e para ele. O poeta cinge-se a esta formula. Conhece o sertão, conviveu com o sertanejo de sua terra e vem para o público fazer o grato papel de dar a conhecer sua índole e seus costumes, suas tradições e seu talento.

Nada mais louvável neste vasto país de trovadores e de empregados públicos.

A naturalidade no dizer, o pensamento, a selvagem beleza da concepção, tudo encanta.

Pelo correr do livro destacam-se, com toda sua brilhante nitidez, os atos do sertanejo, misto de pundonor e de fereza, mescla de argúcia e de ingenuidade, tão notória nos pobres homens que não conhecem ainda, bem, os esplendores da civilização. Dão exemplos dessas afirmativas estas singelas linhas, do conto "Quinca Micuá", quando a jovem namorada The pede um beijo:

"Depois me disse no uvido

Micuã: uma boquinha!...

Apois juro a vasmincê!..

Eu num sabia o sentido

da palavra...Pode crê!

Quando ela me disse o que era,

gritei: Dona Conceição!!!

Não quero saber de nada,

Eu amo vancê, sá dona

de todo este coração,

qui bate aqui no peito! Não tire paluxo, não!...

Nom me farte cum o arrrespeito!"

an enraizallo

O homem do sertão por força dos componentes éticos que concorreram para sua formação, audaz umas vezes, esquivo outras, tem efetivamente, em alguns tipos, se bem que não em todos, indivíduos deste espécie: pundonorosos e quietos, receosos e tímidos.

Catulo revela, no seu livro de estudo da alma do sertanejo, um poder de expressão tão forte, uma tal riqueza de forma, embora a limitação que a linguagem lhe impõe, que uma vez começada a leitura de qualquer dos contos, difícil será, mesmo ao indiferente nela não insistir.

Há trechos em que a descrição é tão bem pincelada, os aspectos tão claramente traçados são, que se retratam aos olhos de quem já viu a Natureza de perto, com adorações de crente, a alma cantante dos pássaros e dos regatos, a riqueza das matas, o esbanjamento de adustão.

São prova disto os versos, que reproduzimos plenos da maior naturalidade, qualidade que é caracterizadora dos versos de Catulo.

São do poema “O Marroeiro”, produção em que se estuda a traição duma mulher a um cantador de desafio que era "marroeiro"\* e que ainda não havia amado, vivendo calmo, e que, em lamentando sua sorte, dizia:

"Lá pras banda aonde eu vivia já se falava no amô: todas as boca dizia que era farço e matador!

São naturalíssimas as quadras a que nos referimos e merecem apreciação:

"O canto alegre do galo

no sertão amiudava!..

Nos taquara das lagoa

as saracura cantava!..

Cantando passava um bando

de verde maracanã!..

Formosa cumo a cabôca

vinha rompendo a minhã!..

O vento manso da serra

vinha acordando os caminhol!..

Vinha das mata chêrosa

um chêro de passarinho!..

Lá no fundo duma grôta,

adonde um corgo gemia

gargaiava as siriema  
cum o fresco nascê do dia  
Uma araponga atrepada  
nos braço do mato em frôdo  
gritava como si fosse  
os grito da minha dô!...  
E o sabiá lá nos gaio  
da larangêra serena  
cantava como si fosse  
uma viola de penna!"

Ninguém foge à sugestão que produzem tão formosas quadras em que a forma matuta é rigorosa na sua simplicidade, e a paisagem, artística e impecavelmente pintada.

Nestes tempos em que os poetas são tão comuns como grãos de areia, é de admirar o talento de Catulo, principalmente moldando seu poetar no cadinho selvagem destas rimas peculiares a um povo encravado, como diz Gustavo Barroso no século XVII, enquanto do litoral o século XX espreita, espantado da presença de tão estranho hóspede.

Há nesta poesia, bem caracterizada e positiva, o traço da índole sentimental de um povo forte e sensível, gente a quem o sofrimento se sobrepõe aos casos da vida, povo que tem amor à honra como a entende e cultiva. A filosofia de sua vida, ensinada pelos revezes de todas as épocas, causados pelos homens e pela Natureza, em tudo se reflete e transparece, já nos desafios em honra de alguma “cabôca”, de um valentão, de um boi indomável ou de um cavalo excepcional, já nas toadas melancólicas dos boiadeiros estrada à fora conduzindo o gado.

Por efeito desta filosofia sempre bela e vigorosa é que Quinca Micuá ainda discreteia sentenciosamente:

A vida é um samba patrão!  
 Apois quem é qui na vida  
 Samba mais? É o coração!  
 Leva a cabeça assuntando  
 todo o dia, mas porém,  
 de noite vai descansá!  
 Somente o coração  
 ante da gente nacê,  
 inté a gente morrê,  
 leva a sambá...a sambá...  
 O coração é fié  
 A cabeça, ai a cabeça  
 é que é marvada e crué!

Anda nestes versos uma grande verdade, assunto para massudas tiradas de poetas prolixos. Fecha a serie magnífica do "Meu Sertão" o "Terra caida" poema amazônico, simples e belo, e em cujo final sentencia o poeta:

"Sodade é terra caída  
 num coração que sonhou".

As comparações rústicas e significativas, girando em torno de elementos de "meio" são originalíssimas e duma franqueza rude. O amor é comparado a um marruá, é assim que o Marroeiro, acabrunhado e zangado declara: Mais porens, o que é mais grande, maió do que Deus inté, é uma cornada dos chifre dos óio duma muié!...

A poesia regionalista lucrou imenso com o livro de Catulo.

De obras assim, que estimulam o gosto pelo que é nosso, muito nosso, é que carecemos, para acabar de vez com o cântico dos rouxinóis e das toutinegras, com os amores frios da Europa descritos em muitos dos livros dos poetas do Brasil. Vibre o sol do nosso trópico enquanto se fale da Natureza patricia.

Correio de Aracaju. Aracaju, nº 2.500, 11 jan.1919, p.1-2. CEARENSE, Catulo da Paixão. Meu Sertão.

## ÀS VEZES

As luzes me deslumbravam.

De bordo, tudo visto para o lado de terra, era uma conflagração de clarões: um escândalo de luz.

Desci pela manhã, e vi logo, numa rápida inspeção a escumalhada cidade lançada ao porto: o maltrapilho e o mendigo, o carregador maldizente e a criança descalça. Depois, a onda de povo e as artérias soberbas de movimento.

Logo em seguida, a maior via pública ostentava a imponência da edificação e do luxo. O movimento era colossal.

Não me custou encontrar os tipos mais afamados da terra: - o almofadinha e a transparente, que no meu entender, se deve chamá-la - investida.

Depontei-os (sic) logo, eles que passaram calmos, indiferentes, despreocupados, acastelados na sua profunda preocupação de parecerem despreocupados.

Como todos os mortais, eles e elas têm pensamentos predominantes, poderosos e fundamentais.

Amam o cinema. Que seria o almofadinha, que seria a transparente sem o cinema... Nada, nada mesmo.

Aquilo é alma e vida. Aquilo é modelo de gestos, de andar, de formas. O cinema é a escola prática onde o almofadinha vai beber o jeito mimoso de dizer as credenciais do "flirt" à deliciosa senhorinha, formosa como um anjo, colorida de carmim, de olhos listrados e de face delicada, onde pompeia um sinalzinho, movediço como os baixios do Rio Sergipe, o belo rio de minha terra natal.

Eu ia vendo rapidamente tudo, traindo de vez em vez o meu bairrismo radicado, diante dum qualquer hábito exagerado do carioca.

Os elétricos badalavam cruzando as ruas; os vendedores de jornais diziam em italiano o nome de jornais brasileiros; caminhões giravam pesadamente repletos de mercadorias, carroças tiradas a animais chocalhantes rodavam ligeiras; s. exa. a Morte falava rouquenha atrás dos passantes, representadas por seus ministros – os motoreiros dos automóveis; soldados marchavam em formatura cantando o "Pé-de-Anjo", e como um termo a todo este horror de ruídos, o homem da motocicleta corria como um demônio, aos estouros da máquina neurastenizante.

Um amigo e patricio me tomou de braço e depois da saudação e do espanto de me ver na "síntese do Brasil" exalçou o valor do carioca como civilizado em oposição ao "jecatatuísmo" do provinciano.

Pedi-me opinião e eu manifestei-a Disse que Jeca era ignorante e trabalhador e o almofadinha com o esmalte do meio, com o "traquejo" é ocioso. E que as filhas do Jeca gostam de roupa decente e que são vermelhas sem pintura.

Depois de animada troca de opiniões, ele me perguntou ao fim: “E que achas, as melindrosas vestem?”

A melindrosa, respondi, leu a História Bíblica e o Guarany de José de Alencar ao mesmo tempo, e daí querer adaptar a roupa da mãe Eva à veste da "chininha”, filha gentil do nosso avô caboclo.

Mas, inquiria ele, responde-me por moçosílabo: a carioca veste?

Os homens, concluí eu, os homens vestem.

## O VERDADEIRO NACIONALISMO

Deve ser aquele que cuida dos interesses do país sob o ponto de vista do açambarcamento estrangeiro.

A voz dos que pretendem a remodelação da Pátria, promovendo o entusiasmo pela farda e pela defesa do país, deve clamar, também, pela reação dos brasileiros contra a expansão do estrangeiro nos negócios internos do Brasil.

Somos um povo que se inicia na vida; uma nação somente há pouco tempo descoberta pelo olho arguto do explorador. Disto procede a corrente estrangeira que impõe ao local para onde se dirigiu e em que se firmou os seus hábitos, as tendências de suas nações de origem. É certo que se poderá opor que o imigrante vem pelo médium de seu governo, regulada a sua situação por leis especiais. Govezom que os tais porém se verifica no país donde emigram as levas, e não no nosso recebe sem apreensões dentro da sua excelente boa-fé, desatento a que o amor da Pátria de que procedem não arrefece no ânimo a ideia de engrandecerem-na e elevarem-na.

De outro lado, pelo ponto de vista comercial, são de temer as condições em que nos encontramos. O Brasil, país criança, sempre necessitou de um tutor para movimentá-lo.

De princípio era seu fetiche o produto "made in England", agora, merece suas considerações o que provém dos Estados Unidos da América do Norte.

Das nações que mantém estreitas relações com o Brasil, nenhuma é mais apavorante que esta formidável terra que coça o céu e que pretende impor ao mundo o valor do dólar.

Grande nação de grande povo, não se faz conhecida por uma denominação que sintetize as lindas geográficas de sua superfície.

É toda uma legenda de expansão o nome com que se apresenta ao mundo, expansão esta que a guerra européia veio proteger dum modo excepcional.

Nação apavorante quer pela capacidade de seus filhos, quer pelas doutrinas professadas pela política comercial.

A legenda – América para os americanos... do Norte – encontrou seu mais franco meio de propulsão na grande catástrofe da guerra.

Iromperam da intervenção Yankee no prélio tremendo a preponderância do dólar e a imposição da indústria e da produção dos protetores do México.

Aumentou extremamente o brilho das estrelas da flâmula azul-alvi-rubra, e esta que drapejava triunfantemente já em diversos postos da América, tornou-se, por estas razões, a guia de outras nações do continente.

Cada dia traz-me a convicção de que precisamos agir na vida por conta própria, livre da tutela estrangeira, valendo-nos de nossas riquezas para produzir e para crescer.

O exemplo argentino é muito de ver. A caprichosa república do Prata não faz medidas, nem aprecia os rasgos de “civildade” dos vizinhos, e por isso mesmo, não lhes merece “considerações”.

O movimento atual presta-se a um ponto de partida para uma reação por parte do nacionalismo brasileiro. Nós, filhos da parte prodigiosa que possui flora de todos os trópicos, gradações de todos os climas, riquezas de todos os países, terra dotada de filhos operosos e capazes, não devemos prestar mão forte aos estrangeiros que se vêm fixar no solo da Pátria para manter suas tradições de origem, seus costumes. Venham, mas também se adaptem às nossas tendências, sigam as leis que temos, trabalhem para a grandeza do Brasil. Sejam colonos e não colonizadores.

O comércio, que sabe da situação da borracha e que conhece o manejo para a baixa do café; manejo que nos forçará mais tarde, a ir comprar a famosa rubiácea a homem de negócios da terra do sr. Wilson - reconheça sua capacidade e se movimente para não ser dirigido e manietado.

Um país como o Brasil, faz vergonha dizer, não se conduz sozinho na vida das

nações: não tem moeda com valor próprio, e os gêneros de sua produção bons e apreciados são vendidos pelos preços taxados pelos estrangeiros. São verdades difíceis de dizer, mas é preciso que as digam os que amam a sua Pátria. Reajamos!

Correio de Aracaju. Aracaju, nº 2.964, 19 set. 1920, p.1. (Do Jornal da Noite de Santos, de 31 ago. 1920).

## BOLETIM DA ASSEMBLÉIA

Discurso pronunciado no expediente da Assembléia no dia 13 de Julho de 1922.

Sr. Presidente:

O sentimento que nos impulsiona a todos nós brasileiros num momento em que a instabilidade das instituições se compromete aos embates da indisciplina e da rebelião, não é somente o de vir de pronto em socorro dos princípios regeneradores e das normas regulares de ordem, desenvolvidos pela forma republicana. Não senhores. Impele-nos também um grande sentimento de piedade e quiçá de admiração pelo heroísmo de todos, mesmo daqueles que, embora sob o ascendente de um mau entendimento que os dirige para a rebeldia e para o desconhecimento da nobre movem-se, contudo, tão superiormente, tão instituição que juraram defender decididamente, que merecem o preito de comovido apreço dos que nasceram nas plagas prodigiosas do mesmo país. Quero referir-me não somente aos que se bateram pela legalidade, mas, senhores, ao pugilo de soldados que, olhando a miragem de uma reforma de normas que não se faz precisa, encontram-se, quando lançados ao campo cruento da luta, abandonados e atraíçoados pelos mesmos superiores que insidiosamente os levaram ao desvairio e à indisciplina. Porque todos somos brasileiros, penalizamos o derramar-se ingloriamente o sangue de nossos patrícios mocidade valorosa e ávida de galardão, bravos galuchos destinados naturalmente às epopéias formosas da defesa do amado Brasil. Penaliza-nos mais ainda, porque essa mocidade que, sublevada, assim se bateu até a morte, em defensiva, é verdade, de um mau interesse, de um intento reprovado e ambicioso que não era intento nem interesse dessa mocidade boa e forte - porque esta mocidade, com sua bravura e valor, foi forçada a escrever nos anais da vida política do Brasil um lance triste de ação daqueles que embora a idade e a posição social, têm o horror das responsabilidades e o medo dos próprios atos. Por esses cavaleiros aguerridos da má sorte, por todos os que

caíram vitimados nos lamentáveis fatos que enlutaram o país ultimamente, o nosso grande sentimento.

E por isso, Sr. Presidente, é que eu requeiro se insira na ata da sessão de hoje um voto de pesar pelas vítimas dos últimos movimentos subversivos da capital da Nação.

Tanto pelos que se bateram pela segurança da República, como pelos transviados e iludidos.

(Posto a voto este requerimento do deputado Clodomir Silva, foi o mesmo unanimemente aprovado)

Correio de Aracaju. Aracaju, nº 3.459, 14 jul 1922. Boletim da Assembleia. p. 1.

## VONTADE DE TRABALHAR

Para o homem público que pretenda dar à sua passagem pela cadeira governamental o aspecto verdadeiro de uma administração cuidadosa e trabalhadora, o cenário político de Sergipe oferece as melhores e as mais vastas proporções.

Estado pequeno, em que tudo quase está por fazer, o nosso, onde a iniciativa particular merece animada para que não desapareça de todo, vem como criança frágil, tateando para o futuro, sem outra asseguarção de êxito que a boa vontade de seus filhos e o renome inapagável de suas tradições.

Estas sugestões empolgam-nos a mente ao encararmos animados do interesse com que nos preocupa a prosperidade da terra natal – o norte largo que nos está esquiando (sic) de sua obra o homem de governo que se encontra à frente dos destinos de Sergipe.

Os sergipanos, mercê dos fado que os tem afeito o simplório papel de contemplar boquiaberto o progresso dos outros Estados do Brasil, nutrem um certo quê de desconfiança e incredulidade pelas afirmações de prosperidade que se lhes façam em nome do futuro. Não crêm porque já não possuem a esperança dócil, e, força é confessar, porque nos mais dos casos, a messe prometida tem sido falha. E isto é repetido ao começo de muitos períodos governamentais.

Se, esta era a expectativa geral, ou quase geral, quando assumiu o timão da nau o Sr. Graccho Cardoso, se o povo não acreditava entusiasticamente em que se pudessem traduzir em verdades tangíveis, iniciadoras de uma nova época, os pontos de seu programa, que ele mesmo, rompendo a pragmática que intenta sequestrar o presidente ao contato do povo, fora ler perante a melhor representação da gente sergipana, e isso porque todos sabem que, em regra, as plataformas são documentos políticos mais ou menos falazes, visando principalmente o efeito da ocasião que as traça duma possível realização; se assim era, houve, porém, que acreditar, logo que os primeiros atos presidenciais demonstraram que o chefe do

Estado, com o espírito de energia com que se anunciava disposto a remodelar aspectos da vida de Sergipe, tinha a visão própria do efeito de suas medidas, e que as proposições enfeixadas em sua fala política eram, de fato, o resultado da maturação de ideias geradas pela longa e trabalhada experiência do homem público, exercitada uma vez ainda, em confronto com as necessidades da terra em que nascemos.

Necessidades estas são assunto de tanta preocupação, que nenhuma fica entregue ao seu próprio desenvolvimento.

A mirada imediata do administrador vai de uma à outra e, com a solução que a afirmada experiência dita, contorna-as e as remove de pronto e solicitamente.

Todas estas realizações que são a expressão qual de mais valioso serviço, qual o mais digno de apreço, vem significar que ao dr. Graccho Cardoso é, título de rápido reconhecível a possibilidade de realizar, tão preciosa e tão útil aos governantes.

Porque, é preciso convir com que sobre o que administra reflete, melhor que outrem, o senso prático do apotegma latino: - res, non verba.

Não basta dizer que fará. É essencialmente preciso aos que a ambição de progredir empolga o conhecer que se traduzem em verazes fatos o desejo contido nas formas retóricas e persuasivas.

Diante de todas essas preocupações remodeladoras, que tal é o surto de desenvolvimento que se auspícia, estamos a crer, com a mais firme das crenças, que não estará longe o dia em que possamos ver o clarão de novos horizontes dos destinos da terra sergipana, cumprida, como um notável feito de vitória, a efetivação das aspirações registradas no promissor documento com que o governo de Sergipe falou pela primeira vez aos seus concidadãos as palavras profundas de sua sinceridade e da sua confiança.

## NAS ESPIRAIS DE UM SONHO

Quem quer que, ao mirar as águas atlânticas de Cabedelo, pense na existência, naquele lugar de rochas consideráveis, ao invés de pequenos recifes à flor d'água, longe estará de supor que a cadeia que ali começa a surgir segue, de nordeste a sudoeste, emergindo com estranhas reticências aqui e ali nas vagas esmeraldinas das nossas águas territoriais.

De feito, irrompendo naquele trecho da costa paraibana, a cadeia marítima da costa do Brasil aponta, de onde em onde, para os céus azulados a crista negra e obriga a afastar de terra a nave aventureira.

Aflora em frente à cidade de Recife, torna seguir adiante de Jaraguá, parte-se provavelmente, em meio à costa de Sergipe e aparece pela última vez nas ilhas gnaisses e isoladas de Abrolhos.

A filiação morfológica entre essas apontadas elevações é tão pronunciada e tão notória, que ressalta, de logo, a convicção como inultrável verdade.

O observador de posse desse conhecimento, que embora não especializado pela ciência, está contudo, obediente às suas regras, é lícito perguntar se, descendo de nordeste para sudoeste esta cadeia marítima, não será crível que o terraço da parte litoral de Sergipe seja por ele formado?

Isso acontecendo, como deve invariavelmente acontecer, há de o ponto em que está situada a barra por onde o Rio Sergipe se lança no Atlântico, estar compreendido no dito trecho a que serve de terraço a longa cordilheira marinha a que nos vimos referindo.

Embora sua forma estuária, o rio tem a calha ou canal inflectindo de noroeste para sueste e, em razão do ciclo vital dessa artéria fluvial encontrar-se em franca abertura a vasa é carregada continuamente, motivo pelo qual está sendo de espaço a espaço mudada a série de baixios que impedem o acesso ao canal, e dificultada a entrada para o porto de Aracaju.

Tal tem sido sempre, o motivo por que, em períodos diversos da vida de Sergipe, como província e como Estado, a abertura da barra da Cotinguiba, por qual desemboca no Atlântico o Sergipe, preocupou a atenção de administradores e de parlamentares, constituindo um dos chamados magnos problemas econômicos de nossa terra.

Em face das noções de ordem geológica antes apontadas, que tal sejam a impossibilidade de impedir o crescimento da vasa sobre o terraço de pedra, e a falta de meios para alcançar a rocha subaquática, não será justa a interrogativa de se seria ou não melhor a adaptação de um trecho de praia além do antigo farol da barra, para a feitura das obras do porto de Aracaju, podendo, destarte, a formosa capital de Sergipe ser servida por um ancoradouro em que se pudessem observar obras artísticas mais acentuadas em virtude de maior espaço, e em que chegassem a tocar paquetes de qualquer calado, como acontece em Cabedelo.

Fosse assim, e Aracaju ligada por estrada de ferro e bonde elétrico ao seu porto, estaria em condições de prosperar, muito ao contrário do que, agora acontece, sendo preciso fortes empenhos, por parte do Governo, para que um chorado vapor venha aumentar as poucas linhas de navegação que nos visitam o porto, criando a desanimadora convicção de que Sergipe é contramão na viação do País.

O sonho aí fica registrado, e possam os que amam a terra berço tentar traduzi-lo na verdade magnífica de um feito.

A era de progresso que se rasgaria para a vida econômica de Sergipe, seria assombrosa, e os que se batessem por essa cruzada de prosperidade, fariam direito aos melhores agradecimentos das gentes.

Aracaju, dotada de um porto a que pudessem chegar grandes vapores com um movimento comercial intenso, servido por considerável número de linhas, constituindo-se escala certa de todas as embarcações que fazem o serviço de cabotagem do País, colocar-se-ia seguramente no número das melhores capitais dos pequenos Estados do Norte.

Possa a sugestão que aí fica atirada ao raciocínio dos que se interessam pela terra natal, lograr atendida.

Ecoe essa ideia no espírito realizador do operoso Presidente de Sergipe, de cujo interesse pelos problemas vitais do Estado tudo é lícito esperar, e teremos empreendida a esperançosa providência que virá significar o mais possante passo para a avançada de nossa terra na senda do futuro.

Sergipe Jornal. Aracaju, nº 506, 28 abr 1923, p.1.

## NOTICIÁRIO

Discurso proferido em nome do povo em homenagem à visita dos aviadores navais a Sergipe, em 26 jul. 1923.

“Aguerridos soldados do espaço”:

A multidão que hora vos defronta vem trazer-vos com a sinceridade que lhe é própria, porque traduz uma vibrante espontaneidade, a demonstração indizível do seu apreço.

A alma sergipana simples e modesta, sente com frêmito os grandes momentos que dignificam e exaltam sua terra.

E o povo dessa gleba fecunda, trabalhador e bom, costuma tomar parte nas manifestações de carinho que se votam a aqueles que conquistam os nobres feitos pelo seu esforço e pela sua operosidade.

E assim é que a alma popular dessa gente afetuosa e amiga que sofreu com Tobias e com Fausto, que lutou com Camerino nos plainos sangrentos de Curuzu e que se corporizou na figura varonil de Aurélio Garcindo, quando da terrível abordagem do “Parnaíba”, tem para os que lhe falam à emotividade os vivos louvores de seus aplausos.

Agrdecida ao vosso empenho de vir honrá-la com a presença ilustre, ela augura que os dias de futuro em que vossa coragem tenha de vos compelir à defesa da formosa Pátria de nosso berço, emulem as vossas iniciativas as lembranças dos céus azulinos de nossa terra, a placidez das águas quietas do Sergipe e o frêmito entusiástico deste povo tenacíssimo que constrói e trabalha, que luta e que vence.

E que sempre onde quer que drapeje o Pavilhão do Brasil na sua energética vibratibilidade, fale ao vosso coração a grandeza imensurável da amada Pátria Brasileira e vos acene com os ditíricos suaves da aurora do triunfo.

Salve, valorosos marujos!

Diário Oficial do Estado de Sergipe. Aracaju, nº 1.071, 28 jul. 1923. Noticiário, p. 2356/2357.

## NAS MARGENS DO ABISMO

Desde o momento em que a tragédia do empastelamento do "Diário Carioca" forçou a saída do elemento que amparava no governo o sr. Getúlio Vargas, o Brasil entrou a viver um período grave de sua vida.)

Políticos obedientes aos princípios defendidos pelos seus partidos, os do Rio Grande do Sul, que não praticam o condicionalismo, caracterizam-se pelo vigor com que defendem seus propósitos.

Abandonando os elevados cargos que exerciam, os companheiros de jornada do Sr. Getúlio Vargas demonstraram ao país que os não animam interesses de ordem pessoal, e sim uma questão de regularidade nos destinos nacionais.

Todo o rumor em torno do caso parecia cessado, quando ao ter conhecimento do heptálogo gaúcho, o chefe do Governo Provisório, longe de atendê-lo, entrou a contrapropor, como se fazia dantes, nos combatidos tempos da República Velha.

Dada, porém a palavra dos partidos riograndenses, a cuja iniciativa se associou todos os brasileiros independentes, entrou a ameaça em campo, afirmando-nos que a volta da Lei no Brasil encontrará oposição no seio das classes armadas por parte dos extremistas.

A propaganda anticonstitucional do sr. Juarez Távora não produzindo o esperado efeito, os interventores do Norte, que abandonaram seus Estados sem motivo explicável, pois para os interventores, política é intuito condenável – entraram a trata em conciliábulos secretos da situação criada com a crise gerada pela saída dos gaúchos.

Secretas, embora, essas reuniões não demoraram em lograr decifração pelo lado dos que se interessam pelos destinos da Pátria.

Vê-se de logo, que os militares preocupados com a manutenção da ditadura, para a qual, no dizer do sr. Pedro Ernesto, já está chegada a hora de praticar violências, vê-se que

estes militares se movimentam no sentido de uma sortida pelas armas para a afirmativa de suas vontades.

Podemos tirar rapidamente a conclusão dos telegramas dos interventores, em resposta a comunicação dos partidos gaúchos, todos encaminhados na direção de uma luta.

O que, porém, faz admirar, é que este prélio de militares interessados, contra os civis e os militares que amam a paz, é para que não se restaure no Brasil o domínio da Lei.

É o desejo de ensanguentar o solo da Pátria, de falar os campos de lavoura, de espalhar pelos lares e pelas famílias a inquietude e o pavor, tudo isso para que não se faça a regra da vida, que constitui o máximo anseio do povo e a conquista mais elevada das gentes integradas na civilização.

Triste e deplorável intento. Já os órgãos da imprensa a serviço dos interventores falam das solidariedades de legiões de "revolucionários" e corporações de polícia. Mas, para quê? Iremos à guerra civil?

Nada mais impatriótico que esses pruridos de valentia. Se estes extremistas olhassem a situação brasileira, haveriam de convencer-se de que um país sem moeda, sem crédito, cheio de homens sem trabalho, crivado de dívidas, sofrendo de todos os males que afligem o mundo e mais os seus; de uma nação e em que nada se tem feito para remodelar seus sistemas e extinguir suas desditas, não se pode entrar nos horrores de uma luta, para que não se faça a lei máxima de sua orientação.

Estamos em que o raciocínio há de chegar aos extremistas para que eles se convençam de que o Brasil se encontra em convalescença e uma recaída pode lhe ser funestíssima. povo.

Demais, a razão está com os gaúchos e com eles também está a opinião do

A força de si só nada vale, é preciso, que algum impulso nobre a oriente. Ideias de separar o Norte do Sul, de atirar irmãos contra irmãos, merecem o asco de todos e não poderão lograr êxito.

Acima de tudo, porém, está o conceito que ora já faz o país dos propósitos "revolucionários" daqueles que querem a luta: deixarão as sereias cantarem.

A República. Aracaju, nº 70, 02 abr. 1932. p.1.

## OS PLEBISCITOS DO SR. JUAREZ TÁVORA

Como um divertimento dos antigos reis de que nos fala a História anedótica, o sr. Juarez Távora ao passear pelas capitânicas de seus domínios deixou aos vassallos as perguntas que entendem orientadoras do labirinto político em que nos embarçamos cada vez mais.

Falou a diversas corporações, destacadamente às Associações Comerciais, a de Sergipe inclusive, propondo-lhe questionários que digam das condições dos interventores, do que eles possam prometer de serviços, fé se é oportuna a constitucionalização do País.

Essa forma de agir) vem justamente demonstrar o inócuo da viagem do sr. Major Juarez Távora ao Norte. Para gozar banquetes, passear em fofos automóveis, ouvir discursos laudatórios, a jornada do ex-delegado do Norte poderia ter sido própria. Para conhecer as necessidades do Norte, não.

## MÁ VEZ

Estes questionários que ora se estão estudando poderia fazê-los muito bem o sr. Getúlio Vargas da capital federal, sem necessidade de se gastar o dinheiro público com os transportes do bravo militar.

Como se fizeram, os questionários são vexatórios. Foram eles dirigidos a diversas corporações e nem todas elas, nem a metade de seus membros, talvez, possam ter a independência precisa para dizer que o interventor está governando mal.

É um processo com que o sr. Juarez conta obter elogios para os interventores, pois pela dificuldade de explicação dos motivos por que votem dessa ou daquela forma os interrogados, chegar-se-á à conclusão de, para se evitarem dissabores, achar que o Estado desfruta a melhor vida administrativa. Ora, se o sr. Juarez Távora não pode de visu examinar a situação dos Estados e se o povo está ou não satisfeito com os interventores que lhe foram outorgados, nada mais fácil que dizer, isso mesmo, ao sr. Getúlio Vargas, dando como fracassada a missão que o trouxe ao setentrião.

Conhecesse o sr. Távora o movimento político das diversas unidade federativas e não proporia à Associação Comercial de Sergipe o terceiro quesito, porque a Associação pela imprensa já disse sua opinião relativamente à constitucionalização do País.

Essas corporações a que o sr. Juarez Távora está dirigindo seu plebiscito, muito bem procederiam se deixassem de respondê-lo, pois não são elas entidades de caráter político, e demais, quando o sr. major Juarez Távora colocou seus prepostos, não as consultou.

A República. Aracaju, nº 71, 03 abr. 1932, p.1.

## Anexo 3 – Certidão de óbito de João Ribeiro

**CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL  
DO 2º OFÍCIO - TÍTULOS E DOCUMENTOS  
CAMPO DO BRITO - SE  
José Robson Ribeiro Rocha  
OFICIAL REGISTRADOR**

**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS  
CERTIDÃO DE ÓBITO**

**NOME  
JOÃO RIBEIRO**  
CPF  
**NÃO CONSTA**

**MATRÍCULA  
093252 01 55 1934 4 00103 191 0005487 14**

Data do falecimento: **treze de abril de um mil e novecentos e trinta e quatro** Dia **13** Mês **04** Ano **1934** Horário do falecimento: **16:30 horas**

Local de falecimento: **Rua Correa Dutra, 36** Município de falecimento: **Rio de Janeiro** UF: **RJ**

Sexo: **masculino** Estado civil: **casado** Nome do último cônjuge ou convivente: **MARIA LUIZA RAMOS RIBEIRO**

Idade: **73 anos** Dia **N/C** Mês **N/C** Ano **N/C** Município da naturalidade: **NÃO CONSTA** UF: **SE**

Nome do(a)s Genitor(es): **MANOEL JOAQUIM FERNANDES; GUILHERMINA RIBEIRO FERNANDES**

Causa da morte: **hipertrofia biostomatosa da próstata, toxinfecção geral**

Nome do médico que atestou o óbito ou, se for o caso, das testemunhas: **Dra. Estelita Lins** Número do documento: **NÃO CONSTA**

Local de sepultamento / Cremação: **São João Batista** Município: **Rio de Janeiro** UF: **RJ**

Data de registro: **quatorze de abril de um mil e novecentos e trinta e quatro** Dia **14** Mês **04** Ano **1934**

Nome do declarante: **NELSON MAGALHÃES FEITOSA** Existência de bens: **IGNORADO** Existência de filhos: **Não deixou filhos(as)**

Anotações/Averbapções: **Registro feito no livro C-103, folha 191V, termo 5487.**

Anotações voluntárias de cadastro: **NÃO CONSTA**

Certidão lavrada por Ricardo Coke Candido - Escrevente do Registro Civil de Pessoas Naturais de Rio de Janeiro - Ofício do 4º RCPN - RJ - 093252, o qual assinou eletronicamente esta certidão em data 21/10/2025, nos termos do artigo 19 da Lei n. 6.015/73, e do artigo 229-F do Código Nacional de Normas da Corregedoria Nacional de Justiça do Conselho Nacional de Justiça - Foro Extrajudicial (CNN/CN/CNJ-Extra).

Certifico que, em data de 22/10/2025, foi materializada esta certidão enviada pelo sistema do Operador Nacional do Registro Civil do Brasil, sendo a autenticidade do documento e da sua assinatura digital por mim conferida.

Selo digital da emissão: EFAI50474-DDD  
CNS Nº 093252  
Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais  
Rio de Janeiro - Ofício do 4º RCPN - RJ  
Priscilla Machado Soares Milhomem - Oficial

Rua Correa Dutra, nº 75 - Flamengo CEP: 22210050 - Fone: (21)25565113  
e-mail: cartorio@cartoriocatete.com.br

O Conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.  
Campo do Brito - 2º Ofício - SE - 110643  
Jose Robson Ribeiro Rocha - Oficial  
Selo digital da Materialização: Selo TJSE: 202529539006701  
Valor recebido pela certidão eletrônica: R\$ 154,47  
Valor recebido pela materialização: R\$ 21,96

**CARTÓRIO DO 2º OFÍCIO  
Antônio Luiz da Rocha Neto  
Escrevente**

Validação: <https://certidao.registrocivil.org.br/validar> Código Validador: 5jrx-wt2t  
O QR Code do selo de fiscalização dos Tribunais de Justiça Estaduais estará disponível na tabela de validação desta certidão no endereço mencionado abaixo quando não estiver presente na própria certidão.

HA 000801462

| MATRÍCULA                                                                |  | DETALHAMENTO DA MATRÍCULA                                    |  |
|--------------------------------------------------------------------------|--|--------------------------------------------------------------|--|
| PRINCIPAL                                                                |  |                                                              |  |
| DETALHAMENTO                                                             |  | ANO DO REGISTRO                                              |  |
| CÓDIGO NACIONAL DA SERVENTIA (IDENTIFICAÇÃO ÚNICA DO CARTÓRIO)           |  | TIPO DO LIVRO, SENDO:                                        |  |
| CÓDIGO DO AGERIO, SENDO:                                                 |  | 1. LIVRO A (NASCIMENTO)                                      |  |
| 01 - AGERIO PRÓPRIO                                                      |  | 2. LIVRO B (CASAMENTO)                                       |  |
| OUTROS - AGERIOS INCORPORADOS                                            |  | 3. LIVRO C (REGISTRO DE CASAMENTO RELIGIOSO PARA FINS CIVIS) |  |
| TIPO DE SERVIÇO PRESTADO, SENDO:                                         |  | 4. LIVRO D (CÓDIGO)                                          |  |
| 01 - SERVIÇO DE NOTAS                                                    |  | 5. LIVRO E (REGISTRO DE NATIMORTOS)                          |  |
| 02 - SERVIÇO DE PROTESTO DE TÍTULOS                                      |  | 6. LIVRO F (REGISTRO DE PROCLAMAÇÃO)                         |  |
| 03 - SERVIÇO DE REGISTRO DE IMÓVEIS                                      |  | 7. LIVRO G (GERADORES RELATIVOS AO REGISTRO CIVIL)           |  |
| 04 - SERVIÇO DE REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTO CIVIL DE PESSOA JURÍDICA |  | NÚMERO DO LIVRO                                              |  |
| 05 - SERVIÇO DE REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS                      |  | NÚMERO DA FOLHA                                              |  |
| 06 - SERVIÇO DE REGISTRO DE CONTRATOS MARÍTIMOS                          |  | NÚMERO DO TERMO                                              |  |
| 07 - REGISTRO DE DISTRIBUIÇÃO                                            |  | CÓDIGO VERIFICADOR                                           |  |

## Anexo 4 – Certidão de óbito de Clodomir de Souza e Silva

  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

**CERTIDÃO DE ÓBITO**

NOME  
**CLODOMIR DE SOUZA E SILVA**

CPF \_\_\_\_\_

**MATRÍCULA**  
**110742 01 55 1932 4 00044 286 0000404 - 11**

|                            |                                  |                                         |
|----------------------------|----------------------------------|-----------------------------------------|
| SEXO<br>MASCULINO          | COR<br>BRANCA                    | ESTADO CIVIL E IDADE<br>CASADO, 40 ANOS |
| NATURALIDADE<br>ARACAJU/SE | DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO<br>IG | ELEITOR<br>IGNORADO                     |

**FILIAÇÃO E RESIDÊNCIA**  
FILIAÇÃO: EUGENIO JOSÉ DA SILVA    ARGENTIRA DE SÃO PEDRO E SILVA  
RESIDÊNCIA PRAÇA 24 DE OUTUBRO, Nº 3, NESTA CIDADE

**DATA E HORA DE FALECIMENTO**  
DEZ DO MÊS DE AGOSTO DO ANO DE UM MIL, NOVECENTOS E TRINTA E DOIS ÀS 23:00

|           |           |             |
|-----------|-----------|-------------|
| DIA<br>10 | MÊS<br>08 | ANO<br>1932 |
|-----------|-----------|-------------|

**LOCAL DE FALECIMENTO**  
DOMICÍLIO

**CAUSA DA MORTE**  
INIBIÇÃO DOS CENTROS NERVOSOS, INTOXICAÇÃO TÍFICAS

**SEPULTAMENTO/CREMAÇÃO (município e cemitério, se conhecido)**  
NO CEMITÉRIO SANTA ISABEL, NESTA CIDADE

**DECLARANTE**  
MARIANO SALMERON

**NOME E NÚMERO DE DOCUMENTO DO MÉDICO QUE ATESTOU O ÓBITO**  
OSCAR NASCIMENTO

**AVERBAÇÕES/ANOTAÇÕES A ACRESCER**  
LOCAL DO FALECIMENTO: DOMICÍLIO, PRAÇA 24 DE OUTUBRO, Nº 3, NESTA CIDADE, CASADO COM A SENHORA: ANA DE ARAUJO SOUZA E SILVA, PROFISSÃO: PROFESSOR E ADVOGADO.

**NOME DO OFÍCIO:** 6º OFÍCIO DA COMARCA DE ARACAJU  
**ESCREVENTE:** ELAINE CRISTINA CASTRO DO NASCIMENTO  
**MUNICÍPIO:** ARACAJU-SE  
**ENDEREÇO:** RUA DE ITABAIANA, 177 - CENTRO  
**TELEFONE:** 79-3271-8744  
**EMAIL:** \_\_\_\_\_

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.  
ARACAJU, SE, 12 de Abril de 2018.

*Elaine Cristina Castro do Nascimento*  
Assinatura do Oficial

VALOR DOS EMOLUMENTOS: R\$: 54,12  
(Artigo 3º, §2º, da Lei nº 6.310/2007).

**2ª VIA**

**CARTÓRIO LEÔNIA GAMA**  
6º OFÍCIO  
Leônia Gama de Oliveira  
Tabelião e Oficial Titular  
Suely Gama Bilego  
Substituta Geral  
Rua Cruzeta Castro do Nascimento  
Edifício 177 - Fone: (79) 3271-8744 / 3271-8745  
Aracaju - Sergipe

 **Selo Digital de Fiscalização**  
**Tribunal de Justiça de Sergipe**  
6º Ofício da Comarca de Aracaju -  
12/04/2018 - 13:29:59  
Selo TJSE: 201829525020352  
Acesse: [www.tjse.jus.br/x/j3TFU8](http://www.tjse.jus.br/x/j3TFU8)



ARPENBRASIL AA 006647241 BRP